

LADJANE MARIA FARIAS DE SOUZA

**O MODELO DE LINGUAGEM AVALIATIVA
(APPRAISAL FRAMEWORK) COMO FERRAMENTA PARA A
ANÁLISE DESCRITIVA DO TEXTO TRADUZIDO**

FLORIANÓPOLIS, 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

LADJANE MARIA FARIAS DE SOUZA

**O MODELO DE LINGUAGEM AVALIATIVA
(APPRAISAL FRAMEWORK) COMO FERRAMENTA PARA A
ANÁLISE DESCRITIVA DO TEXTO TRADUZIDO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos da Tradução como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Universidade Federal de Santa Catarina.

Área de concentração: Teoria, Crítica e História da Tradução

Orientador: Prof. Dr. Markus J. Weininger

FLORIANÓPOLIS, 2006

LADJANE MARIA FARIAS DE SOUZA

**O MODELO DE LINGUAGEM AVALIATIVA (APPRAISAL FRAMEWORK)
COMO FERRAMENTA PARA A ANÁLISE DESCRITIVA DO TEXTO TRADUZIDO**

Área de concentração: Teoria, Crítica e História da Tradução

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Markus J. Weininger

ORIENTADOR

Prof. Dr. Lincoln Fernandes

Faculdades Barddal, Florianópolis

Prof. Dr. José Luiz Meurer

Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis – SC, 22 de fevereiro de 2006

AGRADECIMENTOS

Ao professor Markus J. Weininger, por me aceitar como orientanda e por ter me acompanhado a cada passo com grande sensibilidade e competência.

Às professoras Maria Lúcia Vasconcellos e Viviane Heberle, por me abrir as portas da Linguística Sistêmico-Funcional e da Teoria da Linguagem Avaliativa (na época 'Appraisal Theory') e pelo empréstimo de material relevante.

Ao professor Jim Martin, pela valiosa orientação e pelo incentivo durante comunicação pessoal em 24 nov, 2005, e por me ceder o seu mais recente livro, ainda inédito na época.

Ao professor Peter White, por esclarecer dúvidas quanto à terminologia.

A todos do grupo de discussão 'AppraisalAnalysis', em especial Nora Kaplan e Sook Hee Lee que gentilmente me enviaram material informativo.

À colega Silvana Polchlopeck, pelo apoio e pela amizade.

A Helena Di Bernardi pelo apoio especial.

A minha família, pelo apoio e paciência.

The [prospective] position (...) of a translation within a recipient culture (or a particular section thereof) should be regarded as a strong governing factor of the very make-up of the product, in terms of underlying models, linguistic representation, or both. After all, translations always come into being within a certain cultural environment and are designed to meet certain needs of, and/or occupy certain 'slots' in it. Consequently, translators may be said to operate first and foremost in the interest of the culture into which they are translating, however they conceive of that interest.

Gideon Toury

*O crédito concedido à palavra do outro, a acolhida fervorosa dada à palavra sacra (de autoridade), a iniciação, a busca do sentido profundo, a **concordância**, com suas infinitas graduações e matizes (sem restrições de ordem lógica ou reticências de ordem puramente factual), a estratificação de um sentido que se sobrepõe a outro sentido, de uma voz que se sobrepõe a outra voz, o fortalecimento pela fusão (mas não a identificação), a compreensão que completa, que ultrapassa os limites da coisa compreendida, etc. Estas relações específicas não podem ser resumidas a uma relação puramente lógica, ou a uma relação puramente factual. É aqui que se encontram, em toda a sua **integridade**, posições, pessoas (a pessoa prescinde de revelação extensiva: pode manifestar-se por um único som, revelar-se por uma única palavra), justamente vozes.*

Mikhail Bakhtin (grifos do autor)

RESUMO

Esta dissertação descreve e compara o uso da linguagem avaliativa em dois textos argumentativos, um sendo a tradução do outro, tomando como mapa de referência o Modelo de Linguagem Avaliativa, uma abordagem lingüística desenvolvida no âmbito da Lingüística Sistemico-Funcional para descrever o modo pelo qual a língua é usada para se adotar pontos-de-vista, construir *personae* textuais e negociar relações interpessoais. Para melhor situar a dimensão interpessoal em cada texto, a pesquisa leva em consideração não apenas diferenças de significado concernentes ao sistema de Avaliação, mas também aos sistemas de Negociação e Envolvimento, além de diferenças relativas às semânticas ideacional e textual. São realizados 3 tipos de análise: uma quantitativa, na qual as diferenças de significado são classificadas e contabilizadas; uma análise da interação dos recursos de Avaliação na produção de significados interpessoais; e uma análise da construção de *personae* textuais. Tais análises mostram que as diferenças de Avaliação entre os textos constituem a maioria das diferenças de significado Interpessoal, caracterizando-se como diferenças de Comprometimento, de Atitude e de Gradação. Mostram também que elas interagem com os outros tipos de diferença, interferindo na relação interpessoal construída em cada texto, visto que contribuem para a construção de diferentes *personae* textuais e diferentes tipos de apelo ao leitor. O TC reduz o impacto do texto sobre o leitor, dada a inconsistência do posicionamento da voz textual com relação aos valores negociados com o leitor. A pesquisa demonstra, assim, que o MLA pode ser usado de modo produtivo na análise do texto traduzido.

Palavras-chave: Modelo de Linguagem Avaliativa (The Appraisal Framework), Tradução, Lingüística Sistemico-Funcional.

ABSTRACT

The present study describes and compares the use of evaluative language in two argumentative texts, one being the translation of the other. The basis for description and comparison is the Appraisal Framework, a linguistic approach developed within Systemic-Functional Linguistics to describe how language is used to adopt stances, to construe textual *personae* and to negotiate interpersonal relations. In order to better situate the interpersonal dimension in each text, the research takes into consideration not only meaning differences concerning the system of Evaluation but also those concerning the systems of Involvement and Negotiation, as well as those concerning the Ideational and Textual semantics. Three kinds of analysis are performed - a quantitative one, in which differences are identified, classified and counted; an analysis of how different choices from the Appraisal system and the other systems interact and produce different interpersonal meanings in each text; and an analysis of how different textual *personae* are construed in each text. These analyses show that Appraisal differences, comprising Engagement, Attitude and Graduation differences, prevail among differences of interpersonal meaning and that they interact with the other types of meaning difference, interfering with the interpersonal relations established in each text, since they help producing different textual *personae* and different types of request. The personal/rhetorical investment is lower in the target text, considering the instability of the stance taken by the textual voice towards the values negotiated with the reader. Thus, the research shows that the Appraisal Framework can be profitably used for the analysis of translated texts.

Key-words: The Appraisal Framework, Translation, Systemic-Functional Linguistics.

Número de páginas: 124

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Modos de julgamento	32
Figura 2 –	Estratificação/ Realização	39
Figura 3 –	Escala de instanciação	40
Figura 4 –	Sistemas da Semântica Interpessoal	41
Figura 5 –	O Modelo da Linguagem Avaliativa	45
Figura 6 –	O Subsistema de Comprometimento	47
Figura 7 –	Esboço do sistema de Gradação	60
Figura 8 –	Tipologia de sistemas para classificação das diferenças de significado	69
Figura 9 –	Diferenças metafuncionais e suas interseções	75

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	As quatro funções primárias do discurso segundo Halliday	12
Tabela 2 –	Rede de sistemas de modalidade	29
Tabela 3 –	Exemplos de valores inter e intratextuais de Heteroglossia/Contração	49
Tabela 4a –	Exemplificação das categorias do sistema de Comprometimento – Monoglossia	49
Tabela 4b –	Exemplificação das categorias do sistema de Comprometimento: Monoglossia e Heteroglossia/Contraposição	50
Tabela 4c –	Exemplificação das categorias do sistema de Comprometimento: Heteroglossia/Pro-posição	50
Tabela 4d –	Exemplificação das categorias do sistema de Comprometimento: Heteroglossia/Ponderação	51
Tabela 4e –	Exemplificação das categorias do sistema de Comprometimento: Heteroglossia/Atribuição	52
Tabela 5a –	Afeto <i>Realis</i>	55
Tabela 5b –	Afeto <i>Irrealis</i>	56
Tabela 6 –	Atitude/Julgamento	57
Tabela 7 –	Atitude/Apreciação	59
Tabela 8 –	Gradação nos subsistemas do Modelo da Linguagem Avaliativa	61
Tabela 9 –	Gradação e Comprometimento	62

Tabela 10a –	Códigos para classificação das diferenças de significado metafuncional	71
Tabela 10b –	Códigos para classificação das diferenças de significado metafuncional	71
Tabela10c –	Códigos para classificação das diferenças de significado metafuncional	72
Tabela 11 –	Diferenças metafuncionais	76
Tabela 12 –	Diferenças Interpessoais	77
Tabela 13 –	Diferenças de Comprometimento	80
Tabela 14 –	Diferenças de Atitude	85
Tabela 15 –	Diferenças de Gradação	88

LISTA DE ABREVIACÕES

EDT	Estudos Descritivos da Tradução
ET	Estudos da Tradução
FSL	Fundação para o Software Livre
GSF	Gramática Sistêmico-Funcional
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
MLA	Modelo de Linguagem Avaliativa
SL	Software livre
TC	Texto de partida
TP	Texto de chegada

SUMÁRIO

RESUMO	iv
ABSTRACT	v
LISTA DE FIGURAS	vi
LISTA DE TABELAS	vi
LISTA DE ABREVIACÕES	vii
1 INTRODUÇÃO	10
1.1 A TRADUÇÃO SEGUNDO A PERSPECTIVA DA LSF	12
1.2 A TRADUÇÃO SEGUNDO OS ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO	15
1.3 ANÁLISE DO DISCURSO AO INVÉS DE LINGÜÍSTICA DE CORPUS	17
1.4 MOTIVAÇÃO DA PESQUISA	19
1.5 OS TEXTOS ESCOLHIDOS E SEU CONTEXTO	19
1.6 OBJETIVOS	21
1.7 RELEVÂNCIA DA PESQUISA	22
1.8 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO	24
2 O QUE É LINGUAGEM AVALIATIVA?	25
2.1 O QUE SE ENTENDE POR OPINIÃO?	26
2.1.1 Tipos de Opinião e Abordagens Teóricas da Linguagem Avaliativa	26
2.2 A MODALIDADE EM HALLIDAY	28
2.3 COMO RECONHECER A LINGUAGEM AVALIATIVA	29
2.4 OBSTÁCULOS AO MAPEAMENTO COMPLETO DA LINGUAGEM AVALIATIVA	31
2.5 O MODELO TEÓRICO COMO FERRAMENTA	35
3 A TEORIA DA LINGUAGEM AVALIATIVA (THE APPRAISAL THEORY)	36
3.1 ORIGENS	37
3.2 FILIAÇÕES TEÓRICAS	37
3.2.1 A Lingüística Sistemico-Funcional	37
3.2.2 O Dialogismo de Bakhtin	42
3.3 OS TRÊS SUBSISTEMAS DA LINGUAGEM AVALIATIVA	44
3.3.1 O Subsistema de Comprometimento (Engagement)	45
3.3.2 O Subsistema de Atitude (Attitude)	53
3.3.2.1 Atitude/Afeto	54
3.3.2.2 Atitude/Julgamento	56
3.3.2.3 Atitude/Apreciação	58
3.3.3 O Subsistema de Gradação (Graduation)	59

4 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	67
4.1 METODOLOGIA	68
5 ANÁLISES	75
5.1 CLASSIFICAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DAS DIFERENÇAS DE SIGNIFICADO	75
5.1.1 Diferenças De Significado Interpessoal	77
5.1.1.1 Diferenças de Linguagem Avaliativa	79
5.1.1.1.1 Diferenças de Comprometimento	79
5.1.1.1.2 Diferenças de Atitude	82
5.1.1.1.3 Diferenças de Gradação	85
5.2 ANÁLISE DA INTERAÇÃO DE RECURSOS DE AVALIAÇÃO NA PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS INTERPESSOAIS	89
5.3 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE <i>PERSONAE</i> TEXTUAIS	97
6 CONCLUSÕES	108
6.1 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS	116
6.2 PESQUISAS FUTURAS	118
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	120
8 ANEXOS	125

1 Introdução

A presente pesquisa constitui uma análise descritiva do texto traduzido e situa-se na interface entre os Estudos da Tradução (doravante ET) e a Linguística Sistêmico-Funcional hallidayana (doravante LSF). Mais precisamente, a pesquisa busca, através de um modelo teórico desenvolvido no âmbito da LSF – o Modelo de Linguagem Avaliativa (Appraisal Framework, doravante MLA), descrever e contrastar os investimentos¹ feitos no texto de chegada (doravante TC) e no texto de partida (doravante TP), isto é, o uso particular que o TC e o TP fazem de certos recursos lingüísticos destinados a fazer ‘avaliações’, ou seja, negociar atitudes e sentimentos, seja graduando a sua força, seja indicando o tipo de comprometimento de quem fala² com aquilo de que fala.

Em linhas gerais, a LSF considera a linguagem³ como semiótica social, isto é, como um sistema que permite a construção de realidades sociais. Este sistema se apresenta estratificado, numa escala de crescente abstração, nos níveis Fonológico, Léxico-gramatical, Semântico e Contextual. O texto é uma *instância*, isto é, concretiza uma determinada função⁴ almejada pelo usuário da língua. Para isso, o usuário faz escolhas a partir de redes

¹ “investimento” se refere aqui ao grau do investimento pessoal/retórico, isto é, o grau de envolvimento de quem fala com aquilo de que fala, enquanto estratégia que visa obter do ouvinte o compartilhamento dos valores apresentados (v. Capítulo 3).

² Neste trabalho utiliza-se o verbo ‘falar’ no sentido amplo, que inclui a linguagem oral e a escrita, para evitar o uso de expressões como: ‘falante/escritor’, ‘quem fala/escreve’.

³ Na LSF, o termo ‘linguagem’ significa um sistema semiótico *natural* (em oposição a semióticas projetadas como a matemática e as linguagens de programação de computadores), usado por humanos *adultos* (em oposição à linguagem usada por crianças), *verbal* (em oposição à música, à dança e outras linguagens da arte) (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004: 20).

⁴ Enquanto teoria da linguagem, a LSF vê a linguagem como uma ferramenta usada para realizar determinada função. Daí ela definir 3 funções básicas ou metafunções das quais se derivam todas as outras. Enquanto teoria da gramática, a LSF, ou melhor, a GSF (Gramática Sistêmico-Funcional) vê a linguagem como um sistema cuja arquitetura está organizada em componentes funcionais, daí as partes da léxico-gramática receberem rótulos de acordo com as funções por elas representadas, por exemplo, Participante, Processo, Meta, etc.

organizadas de significados⁵ disponíveis. O suporte de tais redes é o estrato semântico que se compõe de três metafunções (funções básicas da língua) – a ideacional (referente à interpretação de experiências vividas), a interpessoal (referente à negociação de relações sociais quando do compartilhamento de tais experiências) e a textual (referente ao controle do fluxo de informações durante o intercâmbio lingüístico). Assim, o texto é considerado uma unidade semântica realizada em orações (unidades centrais de processamento da léxico-gramática) que possuem ao mesmo tempo significados ideacionais, interpessoais e textuais (HALLIDAY 1978, 2004). Para a LSF, a oração põe em movimento estas três linhas metafuncionais de significação, funcionando ao mesmo tempo como *representação* de determinado processo da experiência humana, *troca*, isto é, transação entre falante e ouvinte, e *mensagem*, isto é, articulação de signos lingüísticos (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 58,168). Enquanto *troca*, a oração se caracteriza como um evento interativo que atribui papéis discursivos ao falante e ao ouvinte. Para Halliday & Matthiessen (2004), os papéis discursivos podem ser reduzidos a dois tipos básicos: (i) dar e (ii) solicitar; referentes a duas classes de bens de troca: (a) bens-e-serviços e (b) informação (v. Tabela 1). Juntas essas duas variáveis definem as quatro *funções primárias do discurso*: afirmação, interrogação, oferta e comando, sendo as duas primeiras referentes à troca de informações, chamadas por Halliday de *proposições*, e as duas últimas relativas à troca de bens-e-serviços, chamadas por Halliday de *propostas* (ibid., p.107-8, 110-111).

⁵ Para Halliday, o significado é um processo constantemente (re)criado filogeneticamente, na evolução dos seres humanos, ontogeneticamente no desenvolvimento de um indivíduo, e logogeneticamente no desenvolvimento de um texto (YAMAGUCHI, 2001).

Tabela 1: As quatro funções primárias do discurso segundo Halliday (cf. HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.107)⁶

papel desempenhado na troca	Bem de troca	
	(a) bens-&-serviços	(b) informação
(i) dar	‘oferta’ “O senhor aceita um docinho?”	‘afirmação’ “O lanche é servido à 01 hora da madrugada (...)”
(ii) pedir	‘comando’ “moço, me dá um doce!”	‘interrogação’ “O que existe de bom para tirar a vontade de comer doce?”

1.1 A TRADUÇÃO SEGUNDO A PERSPECTIVA DA LSF

Segundo Vasconcellos & Pagano (2004), a associação entre a LSF e os ET foi sinalizada algumas vezes pelo próprio Halliday: em 1962, ele propõe um modelo para tradução assistida por computador, no qual situa a tradução com relação ao estrato léxico-gramatical; em 1964, ele define a tradução como uma seleção progressiva de categorias na língua de chegada, consideradas equivalentes a categorias da língua de partida, sendo que cada categoria possui uma série de equivalências potenciais numa escala de probabilidade; e, em 1985/1994, Halliday aponta duas possíveis aplicações da LSF à tradução: no treinamento de tradutores e na produção de software de tradução (VASCONCELLOS & PAGANO, 2004, p. 161).

Em sua tese de doutorado, Vasconcellos (1997) situa a tradução a partir da perspectiva da LSF, baseando-se, entre outros em Halliday (1964), Coulthard (1992, 1994) e Costa (1992). A autora situa o texto traduzido como “informed by the situation type in which it unfolds”⁷ (p. 40), isto é, o contexto de situação do TC possui uma configuração diferente daquele do texto de partida, especialmente no que se refere ao componente das Relações

⁶ Esta e outras tabelas e figuras constantes deste trabalho foram adaptadas para o português pela autora desta dissertação, com exemplos autênticos obtidos na Internet. Os textos originais encontram-se no Anexo A.

⁷ “gerado pelo tipo de situação no qual ele emerge” (salvo indicação em contrário, todas as traduções para o português apresentadas no rodapé foram feitas pela autora da dissertação).

(Tenor)⁸ devido aos diferentes objetivos do texto traduzido e o novo público-alvo. A autora toma também a noção de tradução como *retextualização*, proposta por Coulthard (1992, 1994) e explorada por Costa (1992), considerando o texto traduzido como uma retextualização de uma realidade já textualizada em outra língua, ou seja, seu material ideacional deriva do material ideacional de um texto já existente (ibid). Quanto à noção de equivalência tomada por Halliday, a autora adverte para o fato de que “recently, theorists have used it with caution”⁹ (p. 22, nota 2), citando Lefevère (1992), para quem o termo tornou-se tão vago a ponto de não significar nada ou significar qualquer coisa para qualquer um. Ela aponta para o fato de Halliday (1964) ter definido equivalência com referência ao significado contextual e não ao formal (p. 35), isto é, nenhum item ou categoria gramatical pode ser considerado como escolha equivalente se não se tomar todo o contexto em que se insere a tradução (id., p. 41). Ela afirma também que o termo *equivalência* (materializado na questão: “(este texto) é ou não é uma tradução (daquele)?”) pode ser substituído por *relação mútua* (materializado na questão: “de que modo se dá a relação de tradução entre estes textos?”) (id., p. 57). Para responder a esta última questão Vasconcellos propõe que se *avali*e o TC, tendo em vista, por um lado, os significados selecionados e textualizados no TP, e, por outro, as variáveis em operação no ato de tradução (ibid.).

Em “Towards a theory of good Translation” (2001), Halliday mais uma vez escreve sobre tradução, continuando a usar o termo equivalência. Ele propõe que se elabore uma tipologia sistêmico-funcional de equivalências, que seria definida de acordo com 3 vetores: *estratificação* (isto é, a organização da língua em Contexto, Semântica, Lexico-gramática e Fonologia/Grafologia), *metafunção* (isto é, a distinção de 3 tipos de significado de acordo com a função em ideacional, interpessoal e textual) e *nível* (isto é, os níveis da léxico-

⁸ Halliday afirma que as diferenças entre textos podem ser explicadas com relação a três aspectos do contexto de situação: Campo (Field), Relações (Tenor) e Modo (Mode) do discurso. O primeiro se refere ao assunto que é tratado, o segundo, ao relacionamento entre os interlocutores, e o terceiro, ao tipo de texto que se constrói (HALLIDAY, 1978: 33).

⁹ “recentemente os teóricos têm usado o termo com cautela”.

gramática: períodos compostos, orações, frases, sintagmas, palavras e morfemas). Ele afirma que cada instância de tradução pode atribuir diferentes valores para a equivalência nas variáveis de cada vetor e que, em geral, a equivalência nas categorias mais altas (isto é, estrato do Contexto, metafunção ideacional e período, ou texto) é a mais valorizada. Ele admite, que tal atribuição de valores pode variar de acordo com o contexto particular da tradução, porém elege a equivalência exata ao nível da metafunção ideacional como regra geral, uma vez que a própria idéia de “equivalência na tradução” é definida em termos ideacionais (p. 16). Como diz o título do artigo, Halliday visa *avaliar* o mérito das traduções e chega à conclusão de que uma “boa tradução” é aquela que é *equivalente* quanto aos traços lingüísticos mais valorizados no contexto particular da tradução (ibid).

Este trabalho não pretende aprofundar a longa e problemática discussão do conceito de equivalência na tradução em suas facetas e implicações. A “equivalência” (seja definida como for) paradoxalmente assemelha-se ao mesmo tempo a uma estrela guia e a uma utopia inalcançável da tradução. Ainda que a teoria lingüística de Halliday tenha enorme mérito na lingüística moderna, tendo sido usada com ótimos resultados para a análise do texto traduzido (uma vez que ela serve à análise de qualquer texto), Halliday não pode ser considerado um teórico da tradução, tendo apenas tratado do assunto de modo breve e superficial. No mesmo volume em que publicou “Towards a theory of good translation” (2001), está o artigo “The Environments of Translation”, de Matthiessen, no qual este autor desenvolve as teorias de Halliday sobre tradução, inscrevendo-se na mesma abordagem prescritiva de tradução, que toma a ‘equivalência’ como algo pré-existente ao ato de tradução e a ser por ele alcançado. Daí a necessidade de buscar para a presente pesquisa, que se propõe ser um estudo descritivo, um procedimento mais sistemático compreendendo uma visão mais abrangente do fenômeno complexo que é a tradução.

1.2 A TRADUÇÃO SEGUNDO OS ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO

Partindo do conceito de tradução como algo produzido dentro de uma cultura receptora, com uma função¹⁰ prospectiva, para atender a certa necessidade da cultura e/ou nela ocupar certa posição, e baseando-se no mapeamento feito por Holmes, em 1972¹¹, para a disciplina Estudos da Tradução, Toury (1995) propõe a sistematização do ramo dos Estudos Descritivos da Tradução (doravante EDT).

Com relação ao uso do termo ‘equivalência’, pode-se dizer que o ponto de chegada de Halliday é o ponto de partida de Toury, ainda que eles partam de objetivos teóricos e pontos-de-vista diferentes. Para Toury, “a descriptive study would always proceed from the assumption that equivalence does exist between an assumed translation and its assumed source”¹² (p. 86). Toury também se propõe a *avaliar* textos traduzidos, porém de um modo retrospectivo, propondo uma metodologia, descrita resumidamente por Delabattista (1997) como:

The comparative procedure starts by assuming equivalence at the textual-functional level, hence the parameter of comparison is textual-functional. When the dominant relationship between target-text *texteme*¹³ and source-text unit is found at that level, the translational relationship is one of adequacy. When there is no textual-functional correspondence, the procedure is to look for correspondence at lower textual and linguistic levels. Norms determine the position of the actual translation equivalence between adequacy and acceptability, and the establishment of individual shifts ultimately leads to the establishment of translational norms governing the text in question. When, after further generalization and expansion of the investigated corpus, shifts show a certain pattern or statistical regularities, they can be explained

¹⁰ função para Toury se refere ao valor, no sentido semiótico, que um texto traduzido assume dentro da rede de relações em que se insere (p. 12, nota 6).

¹¹ “The Name and Nature of Translation Studies” foi apresentado originalmente no Third International Congress of Applied Linguistics, realizado em Copenhagen, em 1972 e republicado, com pequenas alterações, em 1987 e em 1994.

¹² “em tese, o ponto de partida de um estudo descritivo é sempre o pressuposto de que existe, de fato, equivalência entre uma suposta tradução e sua suposta fonte”.

¹³ o *textema* se refere às relações (sintagmáticas) específicas entre as unidades do texto (EVEN-ZOHAR, 1990, p.247).

by the existence of a historically and culturally determined POETICS OF TRANSLATION or translation ideal (DELABATISTA, 1997, p. 230)¹⁴

Para o propósito de determinar as relações entre os textos, Toury lança mão da noção de “Tradução Adequada” (“Adequate Translation”)¹⁵, que é segundo Delabatista (1997), “not an actual text but a hypothetical construct, serving only methodological purposes”¹⁶ (p. 230).

A presente pesquisa, que é de natureza primordialmente descritiva, isto é, ela não se propõe a julgar a qualidade do texto traduzido (bom/ruim, adequado/inadequado), situa-se apenas no primeiro estágio do método proposto por Toury, isto é, dois textos (TP e TC) são tomados como supostamente equivalentes e busca-se descrever a relação entre eles, através do mapeamento do TC sobre o TP, adotando-se a hipótese metodológica de uma “Tradução Adequada”, que, neste caso, seria uma tradução cujos recursos avaliativos fossem compatíveis em quantidade e grau de Força e Abertura com os recursos avaliativos do TP. Adota-se como unidade de comparação, a “unidade funcional de tradução”¹⁷, isto é, qualquer extensão de texto (horizontal ou vertical) que caracterize a escolha de determinado recurso de linguagem avaliativa.

¹⁴ “o procedimento de comparação se inicia com a suposição de equivalência no nível textual-funcional. Quando a relação dominante entre o textema do texto-alvo e a unidade do texto-fonte for encontrada neste nível, a relação de tradução será de adequação. Quando não houver correspondência textual-funcional, o procedimento será se buscar correspondência em níveis textuais e lingüísticos mais restritos. As normas determinarão a posição da equivalência tradutória considerada entre adequação e aceitabilidade, e o estabelecimento de deslocamentos individuais levará, por fim, ao estabelecimento das normas de tradução que governam o texto em questão. Quando, após uma generalização e expansão adicional do corpus investigado, os deslocamentos revelarem um certo padrão ou regularidades estatísticas, eles poderão ser explicados pela existência de uma POÉTICA DA TRADUÇÃO ou ideal de tradução historicamente e culturalmente determinados”.

¹⁵ “An adequate translation is a translation which realizes in the target language the textual relationships of a source text with no breach of its own [basic] system” (“Uma tradução adequada é uma tradução que realiza na língua-alvo as relações textuais de um texto-fonte sem nenhuma infração de seu próprio sistema [básico]” (EVEN-ZOHAR, 1975:43; traduzido para o inglês e citado por TOURY, 1995, p. 56, nota 2).

¹⁶ “não um texto concreto mas um construto hipotético servindo apenas a propósitos metodológicos”.

¹⁷ Tomando emprestada a noção de ‘unidade funcional de tradução’ proposta por Nord (1998): “Las unidades de traducción que yo propongo (...) podrían caracterizarse como «unidades verticales» y no-secuenciales. Es como si al mirar el texto a vista de pájaro descubriéramos cadenas o incluso redes de relaciones entre los diferentes elementos lingüísticos que tienen la misma función comunicativa”(p. 5) .

1.3 ANÁLISE DO DISCURSO AO INVÉS DE LINGÜÍSTICA DE CORPUS

Segundo Vasconcellos & Pagano (2004), vários estudos têm sido feitos na interface ET/LSF, a maioria deles analisando o texto literário com base nas categorias hallidayanas. Alguns destes trabalhos fazem interface com uma terceira área que é a da Lingüística de Corpus, buscando analisar itens específicos em vários textos. Na presente pesquisa, que trata do texto técnico, optou-se por uma abordagem mais voltada para a análise do discurso, a fim de se investigar o uso da linguagem em apenas um par de textos. Tal opção se justifica pelo objetivo de se testar a viabilidade do MLA para a análise de textos traduzidos, e isto quer dizer do modelo no seu todo e não apenas parcialmente (uma pesquisa de corpus que visasse analisar todas as categorias do MLA levaria bem mais de um ou dois anos), bem como por não haver uma metodologia já pronta para a aplicação do MLA a vários textos: há pesquisas de corpus voltadas para alguns aspectos específicos de Avaliação¹⁸ (por exemplo, as de CHANNEL, CONRAD & BIBER e THOMPSON & ZHOU In: HUNSTON & THOMPSON (2001)), mas nenhuma baseada no MLA. Assim, a exemplo da maioria dos trabalhos em que o MLA é aplicado a textos não traduzidos (por exemplo, MARTIN (2004), HOOD (2004), WHITE (1998)), optou-se por uma abordagem menos abrangente em termos de corpus porém mais aprofundada em termos de se descrever o uso da linguagem no texto, neste caso, a interação de aspectos da Linguagem Avaliativa como o comprometimento de quem fala, a

¹⁸ Na introdução de “Evaluation in Text” (2001), Hunston & Thompson usam o termo ‘evaluation’ para definir a linguagem através da qual se expressa opiniões (p.2). Trata-se portanto de um termo sinônimo de ‘appraisal’, traduzido nesta dissertação como ‘Linguagem Avaliativa’. Estes autores apontam para a existência de vários outros termos sinônimos usados na literatura sobre o assunto (veja o capítulo 1 desta dissertação). No presente trabalho serão usadas as seguintes grafias: 1- ‘avaliação’ para designar o fenômeno de se expressar opiniões e ‘Avaliação’ para designar um dos 3 sistemas da semântica interpessoal (veja o capítulo 2); 2- ‘linguagem avaliativa’ para designar a linguagem usada para se expressar opiniões, isto é, a linguagem em sua função avaliativa, e ‘Linguagem Avaliativa’ para designar os recursos de Avaliação como mapeados no modelo proposto por Martin (2001, 2005), derivando daí as traduções ‘Teoria da Linguagem Avaliativa’ e ‘Modelo de Linguagem Avaliativa’ para ‘Appraisal Theory/Framework’; além de 3- expressões como ‘processos de Avaliação’, e ‘diferenças de Avaliação’, entre outros. Para indicar o uso do verbo *avaliar* no sentido de “julgar a qualidade de”, isto é, se bom/ruim, adequado/inadequado, será usado o itálico.

negociação de atitudes e sentimentos e a escolha de expressões que os intensificam ou atenuam.

A escolha deste tipo de abordagem implica também posicionar a análise, em termos de generalização, na instância da *leitura*, isto é, enquanto modo subjetivo de interpretação do potencial de significado do texto. Isto de modo algum diminui o valor da análise uma vez que toda e qualquer análise do discurso constitui uma leitura socialmente posicionada (MARTIN & WHITE, 2005, p. 25). Isso exige que o analista declare tanto quanto possível seus interesses e sua posição de leitor, o que é feito a seguir.

Trata-se de uma leitura “tática”, isto é, os textos são tomados por uma pesquisadora de textos em relação de tradução para serem analisados lingüisticamente, e, mais especificamente, para serem investigados quanto ao uso de certos recursos lingüísticos de Avaliação. Não se trata de uma leitura “opositora” nem “submissa” (cf. MARTIN & WHITE, 2005, p. 62). A leitora, enquanto tradutora, com vários anos de experiência na tradução de textos técnicos, pode-se dizer tradutora virtual do texto de partida; enquanto leitora do inglês e interessada em novas tecnologias, pode-se dizer leitora do texto de partida (uma vez que o público-alvo deste inclui não só programadores, mas também possíveis usuários de software livre), e, enquanto falante do português e pós-graduada em Letras, pode-se dizer leitora privilegiada do texto de chegada. A nacionalidade brasileira, a formação cristã, a pertença à classe média, e o nível de escolaridade constituem elementos básicos para sua resposta a avaliações explícitas e evocadas.

1.4 MOTIVAÇÃO DA PESQUISA

O interesse em pesquisar o assunto da presente pesquisa foi despertado pela suspeita de que a tradução/omissão/acréscimo de certos trechos do TP, efetuados pelo TC, acarretam diferenças significativas na relação interpessoal construída neste texto, especialmente quanto aos valores defendidos e sua intensidade. Paralelamente, o primeiro contato com o Modelo de Linguagem Avaliativa (Appraisal Framework) despertou o interesse em trabalhar com tal modelo na análise de textos traduzidos. Uma leitura mais detida de tal teoria mostrou que a descrição e a comparação do uso da linguagem avaliativa feita em cada texto poderia ser a base para uma comprovação ou uma rejeição da suspeita inicial quanto às diferenças de Avaliação.

1.5 OS TEXTOS ESCOLHIDOS E SEU CONTEXTO

A Filosofia do Software Livre é o conjunto de idéias expressas originalmente em textos escritos por seu mentor, Richard Stallman, e por outros autores ligados à Fundação para o Software Livre, criada por Stallman. Estes textos estão reunidos em livros publicados por Stallman e também no site do Projeto GNU, na página referente à filosofia: <http://www.gnu.org/philosophy/> . O texto inaugural, “The GNU Manifesto” (traduzido como “O Manifesto GNU”) foi escrito por Stallman em 1984, para anunciar sua decisão de iniciar o Projeto GNU e solicitar a ajuda de voluntários. Projeto GNU é o nome dado por Stallman à

concepção e desenvolvimento de um sistema operacional¹⁹ semelhante ao Unix²⁰ mas com a vantagem de ser um software livre²¹ (doravante SL). O projeto foi concluído em 1992 com a união dos módulos já desenvolvidos do sistema GNU ao chamado *kernel* ou núcleo, (responsável pelo controle de todo o hardware do computador) desenvolvido pelo finlandês Linus Torvalds. O sistema operacional livre assim composto foi chamado de GNU/Linux, mas ficou conhecido apenas por Linux.

O texto “The GNU Manifesto”, tendo sido o primeiro texto, foi escrito um tanto quanto descuidadamente, vindo a causar confusões como aquela de se entender “free” como “grátis” e não como “livre”. O próximo texto de Stallman e que também foi traduzido para o português do Brasil foi “Why Software Should Be Free”, escrito em 1992, ano da conclusão do Projeto GNU e traduzido para o português com o título “Porque o Software Deveria Ser Livre”²² (data da última atualização: jan, 2001), por Juciê Dias Andrade, voluntário do grupo coordenado por Fernando Lozano (que diz ser provavelmente o primeiro usuário de Linux no Brasil). A decisão de escolher tal texto para análise baseou-se no fato de se tratar de um texto de redação mais elaborada, que usa variados recursos lingüísticos buscando consolidar a Filosofia do Software Livre e formar uma comunidade em torno dela.

¹⁹ Um sistema operacional, também chamado de plataforma, é o programa mais importante de um computador sem o qual nenhum outro programa pode ser executado. Os sistemas operacionais mais conhecidos atualmente são o DOS, o OS/2, o Windows e o Linux

²⁰ Unix é um sistema operacional que foi desenvolvido na AT&T Bell Labs no começo dos anos 70. Sendo um dos primeiros escritos em linguagem C, praticamente ele podia ser instalado em qualquer computador. A Bell Labs distribuiu o Unix com seu código-fonte de modo que ele podia ser modificado e personalizado por qualquer um que entendesse de programação.

²¹ Software livre (Free Software) se refere ao software que dá a qualquer um que obtenha uma cópia sua a liberdade de executá-lo, estudá-lo, modificá-lo e redistribuí-lo (cobrando-se ou não por isso).

²² O TP e o TC encontram-se reproduzidos na íntegra no Anexo E

1.6 OBJETIVOS

O objetivo básico desta pesquisa é investigar a existência de diferenças no investimento pessoal/retórico feito no TP e no TC, isto é, diferenças no uso que cada texto faz de recursos de linguagem avaliativa, e sua possível interferência na relação interpessoal construída em cada texto. Para tanto, busca-se responder a seguinte pergunta:

Pergunta 1: Há diferenças relativas às opções do sistema de Avaliação entre os textos do corpus? De que tipos são?

Para responder tal pergunta, será utilizado o Modelo de Linguagem Avaliativa (Appraisal Framework), uma abordagem lingüística desenvolvida no âmbito da LSF com o propósito de descrever e explicar o modo pelo qual a língua é usada para se fazer ‘avaliações’, isto é, juízos sobre as pessoas em geral, outros falantes e seus enunciados, objetos materiais, acontecimentos e situações, para se adotar pontos-de-vista valorativos, para se construir *personae* textuais e para se negociar posicionamentos e relações interpessoais²³.

A escassez de trabalhos baseados em tal modelo escritos em português e a ausência de um consenso quanto à tradução de sua terminologia gerou a necessidade de se traduzir e adaptar tal modelo para o português, de modo que este tornou-se mais um objetivo desta pesquisa.

Caso a resposta à pergunta 1 seja afirmativa, a pesquisa buscará identificar uma possível ação das diferenças de Avaliação sobre a relação interpessoal construída em cada texto, respondendo a pergunta:

Pergunta 2: As diferenças relativas às opções do sistema de Avaliação acarretam diferenças na relação interpessoal construída em cada texto?

²³ relações entre, de um lado, quem fala/escreve e as outras vozes por ele/ela inseridas no texto, e, de outro, quem ouve/lê.

Além disso, para melhor situar a dimensão interpessoal em cada texto, a pesquisa buscará identificar também diferenças de significado concernentes às outras opções do sistema de significados interpessoais – Envolvimento e Negociação, além de diferenças relativas às semânticas ideacional, interpessoal e textual. Assim sendo, a pesquisa buscará também responder às seguintes perguntas específicas:

Pergunta 3: Há diferenças relativas às outras opções do sistema de significados interpessoais – Envolvimento e Negociação?

Pergunta 4: As diferenças relativas aos sistemas de Envolvimento e Negociação acarretam diferenças na relação interpessoal construída em cada texto?

Uma vez respondidas tais perguntas, a pesquisa responderá a pergunta geral:

Pergunta 5: Qual a relação de tradução entre os textos estudados em termos de investimento pessoal/retórico? Ou, em outras palavras: que comparação se pode fazer, em termos de investimento pessoal/retórico, entre os TP e o TC?

Dado o caráter inédito do uso do MLA como ferramenta de análise de textos traduzidos, a presente pesquisa buscará, por fim, responder a seguinte pergunta:

Pergunta 6: O MLA pode ser usado de modo produtivo na análise de textos traduzidos?

1.7 RELEVÂNCIA DA PESQUISA

Esta dissertação oferece importantes contribuições para o entendimento do papel da linguagem avaliativa na tradução de textos, em especial de textos argumentativos. Em um nível geral, ela expande a interface entre os ET e a LSF, ao lançar mais uma possibilidade de inserção – o uso do MLA como base para a análise de textos traduzidos.

Em um nível prático, ela verifica a viabilidade do uso do MLA para a análise de textos traduzidos, ao analisar diferenças de Avaliação entre os dois textos do corpus. Ao mesmo tempo, ela contribui para a consolidação e expansão deste modelo teórico:

1. ao utilizá-lo como base para a descrição do texto traduzido;
2. ao traduzí-lo e adaptá-lo ao português;
3. ao oferecer uma tipologia de sistemas alternativa, confeccionada a partir dos trabalhos de Hood (2004, 2005), White (1998) e Martin & White (2005), que contempla tanto os tipos de inscrição de atitude (explícita/ evocada) quanto a classe léxico-gramatical usada (Isolada/ Fusionada);
4. ao acrescentar ao Modelo a categoria ‘Intensidade Extra’, sob Gradação/Força/Atitude_Evocada/Fusionada/Amplificação (v. tipologia no Anexo D);
5. ao oferecer exemplos autênticos de uso das categorias obtidos na Internet para ilustrar as categorias do Modelo;

1.8 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho está organizado da seguinte forma: neste capítulo introdutório, descreveu-se o contexto em que se insere esta pesquisa, situando-a quanto à área do conhecimento, quanto às teorias e a metodologia utilizadas, quanto a sua motivação, seus objetivos e sua relevância. No Capítulo 2, a linguagem avaliativa será definida e serão apresentadas algumas das teorias existentes sobre este aspecto da linguagem. No Capítulo 3, serão apresentados o MLA, suas origens, filiações teóricas e suas subdivisões, além de exemplos de uso dos recursos estudados em cada categoria. No Capítulo 4, será discutida a metodologia empregada, detalhando-se os passos seguidos para responder as perguntas de pesquisa. No Capítulo 5, serão apresentados 3 tipos de análises: 1) uma quantitativa, em que serão apontados os números de ocorrência de cada tipo de diferença (Ideacional, Interpessoal e Textual), de cada tipo e subtipo de diferença interpessoal, bem como de cada tipo e subtipo de diferença de Avaliação; 2) uma análise da interação dos recursos de Avaliação na produção de significados interpessoais em ambos os textos; e 3) uma análise da construção de *personae*²⁴ textuais em ambos os textos. Por fim, no capítulo 6, serão apresentadas as conclusões da pesquisa, em que as perguntas de pesquisa serão respondidas com base nos resultados das análises.

²⁴ o termo “*persona* textual” é usado, nesta pesquisa, para indicar não apenas a identidade autoral particular que o falante constroi para si mesmo no texto, que é o sentido usado por Martin & White (2005), mas também a voz para quem o texto se dirige, isto é, aquilo a que estes autores se referem como “construed reader”, “intended readership” ou “addressee”, além de outras vozes sobre quem o texto fala, isto é, as atribuições feitas no texto a vozes externas.

2 O que é linguagem avaliativa?

A linguagem avaliativa é a linguagem usada para se expressar opiniões, um aspecto importante da linguagem, que tem sido estudado por vários autores sob diferentes termos – *connotation, affect, attitude, appraisal, stance, evaluation, etc*²⁵ (HUNSTON & THOMPSON, 2001, p. 2).

Em *Evaluating Evaluative Language*, Sarangi (2003) aponta para a distinção entre dois níveis de funcionamento da linguagem – um descritivo (informativo) e um avaliativo (afetivo), também chamados, respectivamente, de “científico” e “emotivo” por Richards (1971, p. 230). Segundo Sarangi (2003), tais níveis ou funções não são vistos como excludentes mas sim como “intricately intertwined along a communication continuum, very much like a double helix” (ibid., p. 166). Linguagem avaliativa refere-se, portanto, à dimensão avaliativa da linguagem e não a uma subdivisão da linguagem com o propósito específico de *avaliar* algo.

Para Hunston & Thompson (2001), a linguagem avaliativa desempenha três funções: 1) expressar opiniões (a mais óbvia), 2) manter relações entre quem fala e quem ouve, e, 3) organizar o discurso (p. 6). A meu ver, estas seriam as versões ‘avaliativas’ das metafunções definidas por Halliday e a única diferença entre a linguagem avaliativa e a não-avaliativa (descritiva/ informativa /científica) seria, então, o fato de a primeira servir à expressão de *opiniões*. Mas, o que se entende por ‘opinião’ dentro deste contexto?

²⁵ conotação, afeto, atitude, linguagem avaliativa, postura, avaliação.

2.1 O QUE SE ENTENDE POR OPINIÃO?

Segundo o Merriam-Webster Dictionary Online, ‘opinion’ significa: “belief stronger than impression and less strong than positive knowledge”²⁶. Tal acepção encontra eco nouma das acepções do Novo Dicionário Aurélio: “atribuição do caráter de verdade ou falsidade a uma asserção sem que tal atribuição se faça acompanhar de certeza”. A partir dessas definições, pode-se afirmar que, por um lado, a opinião se distancia de uma impressão momentânea, constituindo algo que se acredita ser verdade (ou falsidade) porque se pensou sobre o assunto, levando em consideração seja um conhecimento prévio, evidências atuais, ou outros dados, e, por outro lado, a opinião está sempre aquém do conhecimento positivo, isto é, ela é sempre contestável: “OPINION implies a conclusion thought out yet open to dispute”²⁷ (Merriam-Webster Dictionary Online); “É a opinião uma forma de assentimento que é insuficiente objetiva e subjetivamente” (Novo Dicionário Aurélio). Pode-se também deduzir que, dada a impossibilidade de um conhecimento positivo universal e atemporal, todo enunciado é opinativo. Essa constatação é corroborada pela já mencionada hipótese da “dupla hélice” formada pelas funções descritiva e avaliativa da linguagem, que, na prática da comunicação, nunca se desfaz.

2.1.1 Tipos de Opinião e Abordagens Teóricas da Linguagem Avaliativa

Segundo Hunston & Thompson (2001) há dois tipos de opinião: 1) a que concerne à probabilidade de eventos, que corresponde à *modalidade* de Halliday, e 2) a que concerne ao julgamento a respeito de aspectos bons/ruins de algo, isto é, se algo é desejável ou não, que

²⁶ “crença mais forte que a impressão e menos forte que o conhecimento positivo”.

²⁷ “OPINIÃO implica uma conclusão concebida porém aberta a discussão”

corresponde aos chamados *significados atitudinais* (HUNSTON & THOMPSON, 2001, p. 1-4). Quanto à terminologia, estes autores distinguem duas abordagens da linguagem avaliativa: uma que separa os dois tipos de opinião como fenômenos distintos e uma que combina os dois tipos sob um mesmo rótulo geral. Na primeira, os autores incluem Halliday (1994), que separa *modalidade* de *significados atitudinais*, dedicando-se mais à primeira categoria, e Martin (2001), que desenvolve mais a segunda, usando o termo *appraisal* (aqui traduzido por *Linguagem Avaliativa*²⁸). Na segunda, eles incluem: a) Conrad & Biber (2001), que propõem o termo *stance* (ponto de vista, postura), distinguindo entre *epistemic stance* (aproximadamente a modalização de Halliday), *attitudinal stance* (aproximadamente a valoração de Martin) e *style stance*, que corresponde ao comentário do falante sobre o modo como a informação está sendo apresentada; b) Stubbs (1996), que usa o termo *modalidade*, mas inclui nesta categoria outros fenômenos além dos estudados por Halliday; e, c) Hunston & Thompson (2001), que propõem o termo *evaluation* (*avaliação*) (ibid., p. 4-5).

Em 2003, Martin definitivamente migra de uma abordagem que separa para uma abordagem que combina os dois tipos de opinião, continuando a usar o termo *Linguagem Avaliativa* (*Appraisal*) mas agora distinguindo entre três grandes subsistemas: a) Atitude, referente aos tipos de atitude negociados no texto, b) Gradação, referente à intensidade dos sentimentos envolvidos e, c) Comprometimento, referente aos modos de atribuição dos valores a suas fontes (MARTIN, 2003, p. 22, 53-54). Neste último, ele inclui a *modalidade* de Halliday como uma das maneiras de se introduzir outras vozes em um texto (ibid., p. 48). O modelo proposto por Martin (2001, 2003) será discutido em maiores detalhes no capítulo seguinte.

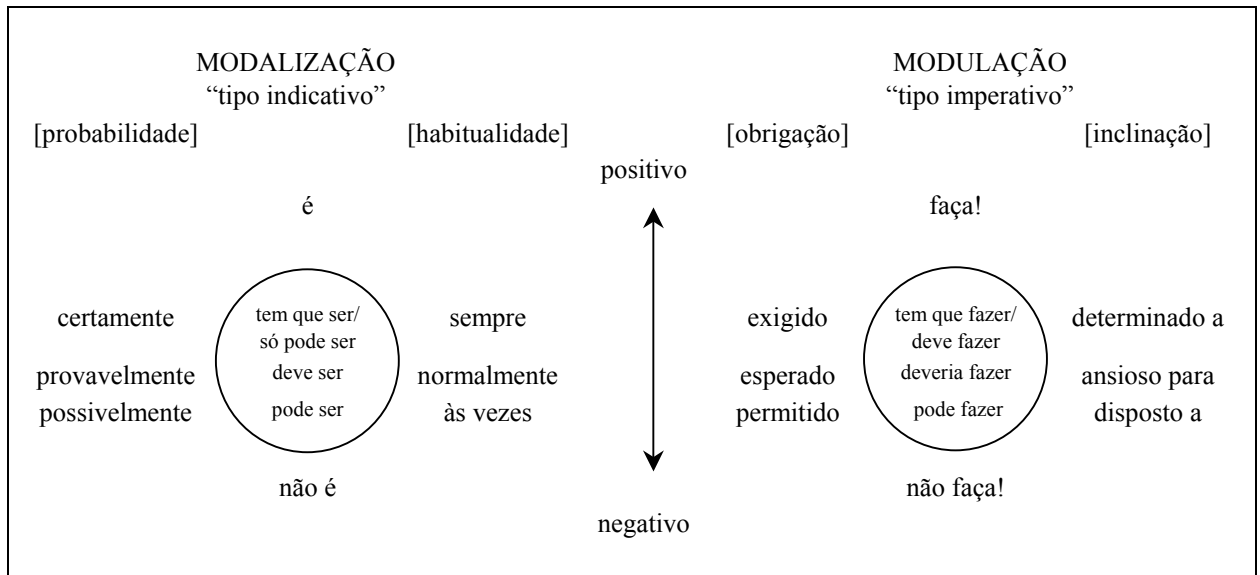
²⁸ Tanto ‘appraisal’ quanto ‘evaluation’ podem ser traduzidos por ‘avaliação’. A tradução de ‘appraisal’ por ‘Linguagem Avaliativa’ visa distinguir o termo de ‘evaluation’, neste texto, já que são termos usados por autores diferentes, e evitar confusões numa possível tradução de ‘appraisal framework’ por ‘modelo de avaliação’, dada a proliferação de ‘modelos de avaliação’ em diversas áreas: modelos de avaliação de cursos à distância, modelos de avaliação de riscos de crédito, modelos de avaliação de software, etc.

2.2 A MODALIDADE EM HALLIDAY

Halliday afirma que “A good way to make something **arguable** is to give it a point of reference in the here and now (...)”²⁹ (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 115, grifo dos autores). Para ele, isto pode ser feito, incluindo-se uma referência ao momento da fala ou ao julgamento feito pelo falante (ibid., p. 116). O primeiro caso se refere ao que ele chama de ‘tempo primário’ (‘primary tense’) e o segundo ao que ele chama de *modalidade* (v. Tabela 2). Neste segundo caso, uma grande rede de sistemas dispõe ao falante não apenas as possibilidades de afirmar ou negar algo (proposições), e de prescrever ou proscreever algo (propostas), mas toda uma gama de possibilidades intermediárias: graus de probabilidade ou de habitualidade, no caso das proposições, e graus de obrigação ou de inclinação, no caso das propostas. Halliday chama o primeiro tipo de modalidade (referente às proposições e seu grau de probabilidade/usualidade) de *modalização*, e o segundo tipo (referente às propostas e seu grau de obrigação/inclinação) de *modulação*. Além de tais opções, a rede de sistemas de modalidade também inclui a Orientação do julgamento do falante, que pode ser subjetiva ou objetiva, explícita ou implícita, o Valor do julgamento, isto é, o grau de probabilidade/habitualidade ou de obrigação/inclinação, que pode ser alto, médio ou baixo, e a Polaridade do julgamento, isto é, seu posicionamento com relação ao “é” / “não é” (proposições) e ao “faça!” / “não faça!” (propostas) (ibid., p. 150, 619-622).

²⁹ “uma boa maneira de tornar algo questionável é situá-lo com referência ao aqui e agora”.

Tabela 2: Rede de sistemas de modalidade (cf. HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 619)



2.3 COMO RECONHECER A LINGUAGEM AVALIATIVA?

Classificações e terminologias à parte, a questão mais relevante a se responder no momento é: como reconhecer a linguagem avaliativa? Hunston & Thompson (2001) apontam algumas respostas que foram apresentadas, tanto do ponto de vista conceptual, quanto do lingüístico. No primeiro caso, os critérios para se reconhecer a linguagem avaliativa seriam: comparação, subjetividade e valoração (HUNSTON & THOMPSON, 2001, p.13), isto é, a linguagem avaliativa é comparativa, com relação a determinado padrão, além de ser subjetiva e de possuir carga valorativa. Para a resposta lingüística, os autores consideram três aspectos: o léxico, a gramática e o texto. Quanto ao primeiro, eles apontam a existência de itens lexicais cuja função principal é a de *avaliar* algo: é o caso de adjetivos como *splendid*, *terrible*, *surprising* e *obvious*; advérbios como *happily*, *unfortunately*, *plainly* e *necessarily*; substantivos como *success*, *failure*, *tragedy*, e *triumph*; e verbos como *succeed*, *fail*, *win*, e

*lose*³⁰. Eles fazem, porém, logo em seguida, a ressalva de que: “although there is a considerable degree of consensus concerning the evaluative meaning of words such as this [sic], it is by no means easy to establish criteria for distinguishing evaluative from non-evaluative items”³¹ (ibid., p.14-15). Isto porque mesmo palavras que aparentemente representam uma categoria objetiva, como *estudante*, podem ser associadas por diferentes falantes a valores positivos ou negativos. Os autores se referem então à possibilidade de se obter informações úteis a respeito da força avaliativa de determinados itens lexicais a partir da investigação de seu uso nos textos de um corpus tomado como amostra do discurso de uma comunidade.

Quanto ao aspecto gramatical da linguagem avaliativa, Hunston & Thompson (2001, p. 18-19) apontam alguns trabalhos onde se associa certos aspectos da gramática à linguagem avaliativa - Labov (1972), Stubbs (1986) e Biber & Finegan (1989), mas esclarecem, ao tratar do aspecto textual de tal linguagem, que “evaluation tends to be found throughout a text rather than being confined to one particular part of it”³² (ibid., p. 19).

Hunston & Thompson (2001) afirmam que dos dois tipos de uso da linguagem avaliativa – modalidade e expressão de significados atitudinais – o primeiro é mais facilmente associado a elementos da gramática do que o outro, uma vez que

“a proposition without modality is simply one where the inherent option of signalling intermediate degrees of commitment has not been taken up. Our evaluation of goodness or desirability, on the other hand, is construed as an accidental quality of the entity that need not be expressed in referring to it: the use of an overtly evaluative label (e.g. *fleabag* as opposed to *cat*) is felt to be a marked

³⁰ adjetivos - esplêndido, terrível, surpreendente e óbvio; advérbios – alegremente, infelizmente, claramente e necessariamente; substantivos – sucesso, fracasso, tragédia e triunfo; verbos – ter sucesso, fracassar, vencer e perder.

³¹ “embora haja um grau considerável de consenso a respeito do significado avaliativo de palavras como esta (sic), não é de modo algum fácil se estabelecer critérios para se distinguir itens avaliativos de itens não avaliativos”.

³² “a avaliação tende a ser encontrada através de um texto ao invés de estar confinada a uma parte específica deste”.

choice that adds an optional overlay of emotion to the basic referential meaning” (ibid., p. 20)³³.

É por essa razão que a gramática da *modalidade* já foi, segundo estes autores, explorada por completo, enquanto a gramática da avaliação afetiva é uma área onde ainda há muito a se fazer (ibid., p. 20-21).

2.4 OBSTÁCULOS AO MAPEAMENTO COMPLETO DA LINGUAGEM AVALIATIVA

Pode-se dizer que alguns dos aspectos que dificultam um mapeamento completo da linguagem avaliativa, isto é, incluindo os significados atitudinais são: 1) o caráter disseminativo de tal linguagem, 2) a opção do falante de tornar sua opinião explícita ou implícita, 3) o viés interpretativo de quem recebe (comunidade cultural) um texto escrito ou falado, e 4) o fato de que a avaliação de algo poder ser feita segundo diferentes parâmetros. Quanto ao primeiro aspecto, Halliday afirma que o tipo de estrutura privilegiado na realização da metafunção interpessoal é o prosódico, isto é, aquele composto por “continuous forms of expression, often with indeterminate boundaries” (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 61), que se distingue do tipo segmental, isto é, baseado na estrutura gramatical e com limites bem definidos, privilegiado na realização da metafunção ideacional. Ou seja, a opinião do falante na maioria das vezes não se resume em um adjetivo ou em um advérbio, mas tende a se espalhar pelo texto, cabendo ao falante captar as marcas de tal julgamento ao longo do texto.

³³ “uma proposição sem modalidade é simplesmente aquela em que a opção inerente de sinalizar graus intermediários de comprometimento não foi escolhida. Nossa avaliação do que é bom ou desejável, por outro lado, é construída como uma qualidade accidental da coisa avaliada, não precisando ser expressa ao se referir a ela: o uso de um termo explicitamente avaliativo (por exemplo *saco de pulgas* ao invés de *gato*) é percebido como uma escolha marcada que acrescenta uma camada de opcional de emoção ao significado referencial básico”.

A esse caráter disseminativo da linguagem avaliativa alia-se o fato de que o falante tem à sua disposição modos de tornar sua opinião mais ou menos *explícita*. White (1998) distingue três tipos de julgamento³⁴: a) explícito ou inscrito, b) implícito provocado e c) implícito evocado (v. Figura 1).

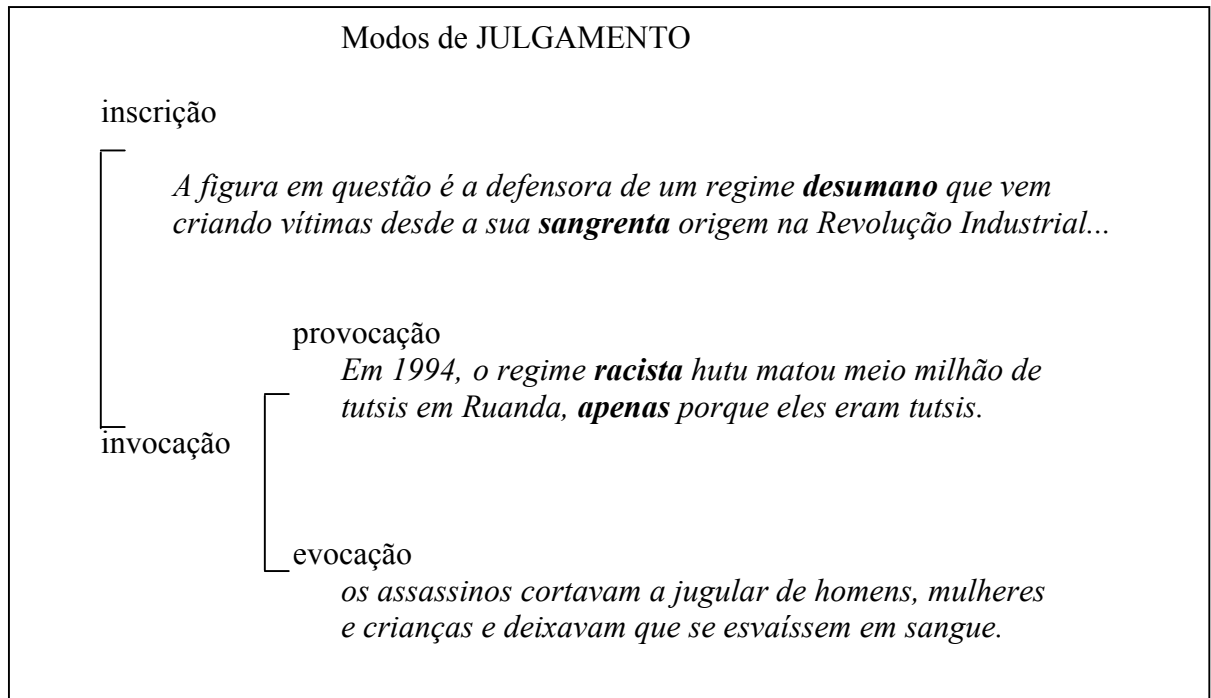


Figura 1: Modos de julgamento (baseado em White, 1998, p. 106).

No primeiro tipo são usados elementos lingüísticos explicitamente avaliativos (*desumano, sangrento*); no segundo, o julgamento implícito provocado, há expressões que “though not explicitly coding values of judgement, necessarily are loaded with JUDGEMENTAL connotations”³⁵ (ibid., p. 105, grifo do autor). É o caso de *racista* e *apenas* no exemplo acima. Por fim, no julgamento implícito evocado, “values are triggered by superficially neutral, ideational meanings which nevertheless have the capacity in the culture to evoke judgemental

³⁴ Julgamento é neste contexto uma das três categorias do subsistema de Atitude, na qual estão incluídos os enunciados que expressam a opinião do falante com relação ao comportamento humano (v. Capítulo 3).

³⁵ “embora não codifiquem valores de julgamento explícito, são necessariamente repletas de conotações judicativas”.

responses (depending upon the reader's social/cultural/ ideological reader position)"³⁶ (WHITE, 1998, p. 35). Na minha posição de leitora, o exemplo acima evoca condenação por crime hediondo.

Além disso, seja no caso do julgamento explícito seja no do implícito, não se pode deixar de levar em conta o *viés interpretativo* de quem recebe o texto. Não se trata simplesmente de escolher entre diversos graus de “transparência” da linguagem avaliativa: entre estruturas que espelhem claramente a posição de quem fala ou que a deixem menos perceptível. A carga avaliativa que se atribui a determinada expressão pode variar conforme seu uso em um dado contexto de uma dada língua/cultura.

White (AppraisalAnalysis email list, 14 jan, 2005) sugere a noção de “saturação avaliativa” para explicar as diferentes contribuições de termos como *crowd*, *mob* e *rabble* para o significado interpessoal dos enunciados abaixo.

- a) 'The CROWD forced its way into the debating chamber';
- b) 'The MOB forced its way into the debating chamber';
- c) 'The RABBLE forced its way into the debating chamber'.³⁷

Para ele, na primeira opção, ‘crowd’, não há indicação de aprovação ou desaprovação, enquanto na terceira, ‘rabble’, há uma indicação clara de desaprovação que se explica pelo uso consistente de ‘rabble’ em outros textos com esse sentido de desaprovação. No segundo caso, ‘mob’, apesar de frequentemente usado com valor negativo, não é tão consistente em seu uso quanto ‘rabble’. Haveria aí, segundo o autor, a “sliding scale of 'evaluative saturation' according to the frequency/consistency across texts/contexts with which

³⁶ “os valores são ativados por significados ideacionais superficiais neutros que, não obstante têm a capacidade de evocar na cultura respostas judicativas (dependendo da posição de leitura do leitor em termos sociais, culturais e ideológicos)”.

³⁷ a) ‘A MULTIDÃO invadiu a câmara dos deputados’ / b) ‘A TURBA invadiu a câmara dos deputados’ / c) ‘A CORJA invadiu a câmara dos deputados’.

a locution is used to convey a particular attitudinal orientation”³⁸ (ibid). Assim, ‘mob’ seria um termo menos avaliativamente saturado do que ‘rabble’ porém mais saturado do que ‘crowd’.

Tal classificação, em termos de maior ou menor saturação avaliativa depende, então, do perfil de uso do item lexical (estudo de suas colocações em um corpus), no sentido de este apresentar mais consistentemente uma polaridade positiva/ negativa ou neutra. White reconhece que “different speakers' experiences of the use of a given locution may vary and accordingly their sense of the evaluative 'saturation' of that locution will vary”³⁹ (ibid).

Para Hunston & Thompson (2001), uma das razões para a existência de diferentes terminologias referentes à linguagem avaliativa é o fato de que a avaliação de algo pode ser feita segundo diferentes parâmetros: bom-ruim, certo-incerto, esperado/ não esperado, relevante/ irrelevante. Existiria, segundo os autores, uma correlação entre gênero textual e parâmetro de avaliação: gêneros que elaboram hipóteses de conhecimento, por exemplo, artigos acadêmicos, privilegiam o parâmetro certo/ incerto enquanto gêneros cuja função central é *avaliar* algo, por exemplo, comentário sobre restaurantes, privilegiam o parâmetro bom/ ruim. Os outros dois parâmetros mencionados estariam relacionados à organização do texto, por exemplo, a parte introdutória do artigo acadêmico privilegia o parâmetro relevante/ irrelevante, e a exposição de um argumento, o esperado/ não esperado (cf., HUNSTON & THOMPSON 2001, p. 24). Os autores defendem porém, a idéia de que “the most basic parameter, the one to which the others can be seen to relate, is the good-bad parameter”⁴⁰ (ibid., p. 25). Eles mostram através de exemplos que é possível se correlacionar o certo, o esperado e o relevante ao bom, e o incerto, o não esperado e o irrelevante ao ruim.

³⁸ “uma escala móvel de ‘saturação avaliativa’ de acordo com a consistência/frequência com que uma locução é usada em certos textos/contextos para comunicar uma determinada orientação avaliativa”.

³⁹ “as experiências dos falantes com relação ao uso de uma certa locução podem variar, e, de modo análogo, suas percepções da ‘saturação’ avaliativa de tal locução serão diferentes”.

⁴⁰ “o parâmetro mais básico, aquele aos quais os outros podem ser relacionados, é o parâmetro bom/ruim”.

2.5 O MODELO TEÓRICO COMO FERRAMENTA

Se, então, a linguagem avaliativa tem esse caráter complexo e multifacetado, como identificá-la, como trabalhar com ela? Partindo da hipótese de que é possível se teorizar sobre a contribuição do componente avaliativo de determinado texto para a negociação que se estabelece em determinado ato comunicativo, vários modelos teóricos foram propostos com o objetivo de interpretar o fenômeno da linguagem avaliativa e de disponibilizar uma teoria a esse respeito. Entre eles está o Modelo da Linguagem Avaliativa (Appraisal Framework), que será examinado no capítulo seguinte. É importante lembrar, entretanto, que um tal modelo, sendo um produto de uma determinada época e cultura, não deve ser encarado como um classificador universal da linguagem avaliativa (se não haveria apenas um), mas como uma ferramenta de auxílio para a classificação e articulação dos recursos avaliativos de determinado texto em determinado contexto cultural.

3 A Teoria da Linguagem Avaliativa (Appraisal Theory)

A Teoria da Linguagem Avaliativa (Appraisal Theory, doravante TLA) e o Modelo a ela associado, o Modelo de Linguagem Avaliativa (Appraisal Framework), foi concebida, em meados dos anos 90 pelo professor James Martin do Departamento de Lingüística da Universidade de Sidney, a partir da Lingüística sistêmico-funcional de M. A. K. Halliday, e vem sendo desenvolvida desde então por pesquisadores de vários centros na Austrália e em outros países (por exemplo, Peter White e Susan Hood, na Austrália, Susan Hunston, no Reino Unido, e Donna Miller, na Itália). Trata-se de uma abordagem lingüística voltada para a investigação dos modos pelos quais a língua é usada para se fazer ‘avaliações’, para se adotar pontos de vista valorativos, para se construir *personae* textuais⁴¹ e para se negociar posicionamentos e relações interpessoais. Ela busca, através do Modelo, estudar como quem fala ou escreve deixa marcado em seu texto, explícita ou implicitamente, os juízos que faz sobre as pessoas em geral, sobre outros falantes/escritores e seus enunciados, sobre objetos materiais, acontecimentos e situações, alinhando-se com aqueles que compartilham de suas visões e distanciando-se dos que delas discordam. Além disso, o Modelo procura também levar em conta o modo pelo qual tais avaliações são manipuladas a fim de se antecipar prováveis contra-argumentos daqueles que adotam posturas divergentes.

⁴¹ Martin & White (2005) utilizam os termos “persona”, “discursive persona” e “textual voice” como sendo a identidade autoral particular que o falante constroi para si mesmo no texto.

3.1 ORIGENS

O impulso inicial para o desenvolvimento da TLA foi a pesquisa feita nos anos 80 e 90 para o projeto *Write it Right* do New South Wales Disadvantaged Schools Program. O objetivo principal da pesquisa era definir os requisitos de leitura e escrita necessários para a compreensão dos discursos da ciência, da tecnologia, da mídia, da história, da literatura de língua inglesa, da geografia e das artes visuais, em nível de segundo grau. Tal estudo revelou a necessidade de se entender em que contextos, através de que recursos lingüísticos e para que fins retóricos os falantes emitem juízos de valor, atribuem suas proposições a fontes externas e modalizam seus enunciados. Ou seja, a semântica das relações interpessoais mostrou ser crucial para se atingir os objetivos da pesquisa. Foi, pois, na tentativa de alcançar uma maior compreensão da semântica discursiva no que se refere ao aspecto contextual das RELAÇÕES (TENOR) que se desenvolveu a TLA.

3.2 FILIAÇÕES TEÓRICAS

3.2.1 A Lingüística Sistêmico-Funcional

A TLA foi gerada no âmbito da LSF. A LSF vê a língua ao mesmo tempo como um *sistema*, isto é, um conjunto de opções de significados, e como um recurso cuja arquitetura pressupõe a execução de uma *função*. Estes dois conceitos-chave foram desenvolvidos, especialmente pelo linguista inglês John Firth, a partir das teorias do antropólogo polonês Bronislaw Malinowski. Foi também Malinowski quem primeiro sugeriu o conceito de “contexto de situação” ao observar que “we do not experience language in isolation (...) but

always in relation to a scenario, some background of persons and actions and events from which the things which are said derive their meaning”⁴² (HALLIDAY, 1978, p. 28).

Halliday aponta para a dificuldade de se especificar o conjunto de *usos* possíveis para uma língua, pois cada falante a emprega de modos diferentes e com propósitos variados. Justifica, porém a adoção dos conceitos de sistema e função como possibilitadores de uma descrição das variações encontradas dentro de uma língua, especialmente aquelas referentes a diferenças de estilo e de níveis de formalidade (ibid.). Ele afirma que as diferenças entre textos podem ser explicadas com relação a três aspectos do contexto de situação: Campo (Field), Relações (Tenor) e Modo (Mode) do discurso. O primeiro se refere ao assunto que é tratado, o segundo, ao relacionamento entre os interlocutores, e o terceiro, ao tipo de texto que se constrói (ibid., p.33).

Segundo Martin & White (2005), a LSF é um modelo que fornece ao analista lentes complementares para a interpretação da linguagem em uso (p. 7). A primeira lente é a idéia de tipos de significado. A LSF considera o texto um fenômeno social produzido através de escolhas feitas pelo usuário da língua, a partir de redes organizadas de significados disponíveis, para alcançar determinado objetivo de comunicação. E é o objetivo ou função almejada pelo falante que vai levá-lo a eleger recursos, dentre os disponíveis no sistema da língua, de acordo com o tipo de significado. Halliday distingue 3 tipos de significado ou *Metafunções* (funções da e realizadas através da língua): a Ideacional (ou Experiencial), referente à interpretação de experiências vividas; a Interpessoal, referente à negociação de relações sociais quando do compartilhamento de tais experiências; e a Textual, referente ao controle do fluxo de informações durante o intercâmbio linguístico. Estas metafunções realizam, respectivamente, ao nível do estrato semântico, os aspectos do contexto de situação vistos no parágrafo anterior. Isto será melhor explicado no parágrafo seguinte.

⁴² “nós não experienciamos a linguagem em isolamento (...) mas sempre com relação a um cenário, um pano de fundo formado por pessoas, ações e eventos dos quais as coisas que são ditas derivam seu significado”.

A segunda lente que a LSF empresta para a interpretação da linguagem em uso é a noção de *Realização*. A LSF considera a linguagem como um sistema estratificado (Figura 2), que compreende níveis gradualmente mais abstratos – o da Fonologia/Grafologia, o da Léxico-gramática, o da Semântica e o do Contexto⁴³.

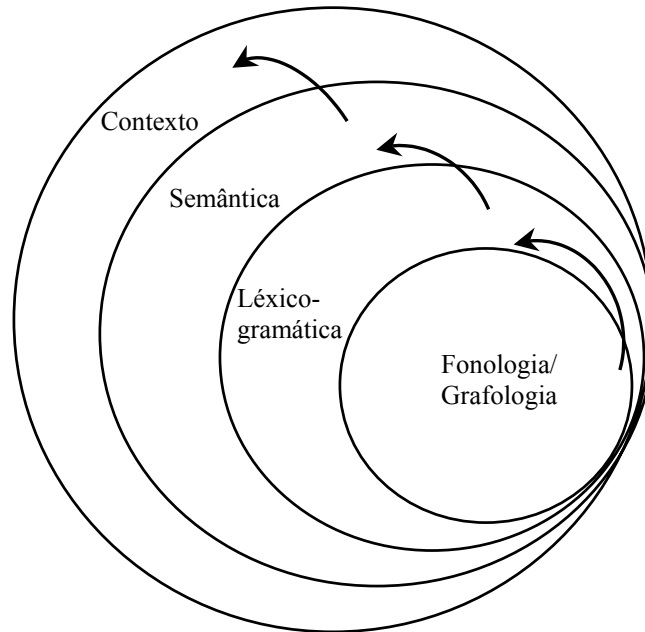


Figura 2: Estratificação/ Realização

Cada estrato é *realizado*, isto é, é recodificado a partir do nível precedente – não se trata simplesmente de uma soma das partes escolhidas no nível anterior, mas da composição de um novo padrão a partir dos padrões do nível anterior.

A terceira lente é a noção de Eixo (Axis), isto é, a complementaridade entre sistema (eixo das escolhas) e estrutura (eixo do encadeamento), o primeiro apontando para a linguagem enquanto fonte de recursos, e, o segundo apontando para o caráter temporal dos processos semióticos. A última lente citada por Martin & White (2005) é a noção de *Instanciação*. Ela se refere ao posicionamento da análise da linguagem em termos de nível de

⁴³ Também chamado de Registro, o Contexto abrange o contexto cultural, isto é, crenças, práticas sociais, valores, relações sociais, etc, e o contexto de situação, isto é, a situação em que as palavras são ditas. (McANDREW & McANDREW, 2002, p. 120-121)

generalização, isto é, o foco pode estar mais próximo do *sistema*, (ponto extremo inicial) ou da leitura (ponto extremo final) (Figura 3).

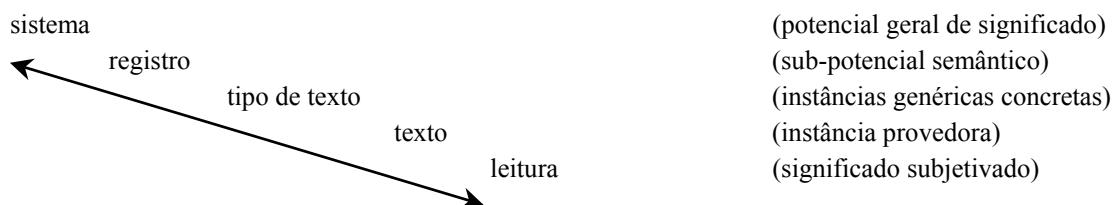


Figura 3: Escala de instanciação

Considerando estas lentes, os recursos de linguagem avaliativa encontram-se organizados em um sistema chamado Linguagem Avaliativa ('Appraisal'), no âmbito do estrato Semântico, realizando a metafunção interpessoal, através de um tipo de estrutura dita 'prosódica' (v. próxima página). Ao lado do sistema de Avaliação estão dois outros sistemas (Figura 4): o de Negociação ("Negotiation"), que compreende as funções do discurso, isto é, as opções entre proposição (dar/buscar informação), e proposta – (dar/buscar bens-e-serviços), além das tomadas de turno; e o de Envolvimento ("Involvement"), que compreende recursos não graduáveis pelos quais o falante expressa diferentes graus de proximidade com relação ao interlocutor, significados esses que indicam intimidade ou o compartilhamento de uma filiação a determinada comunidade discursiva, por exemplo, o uso de termos técnicos, palavrões, gíria, etc (WHITE, 1998, p. 37-8, MARTIN & WHITE, 2005, p. 33-4).

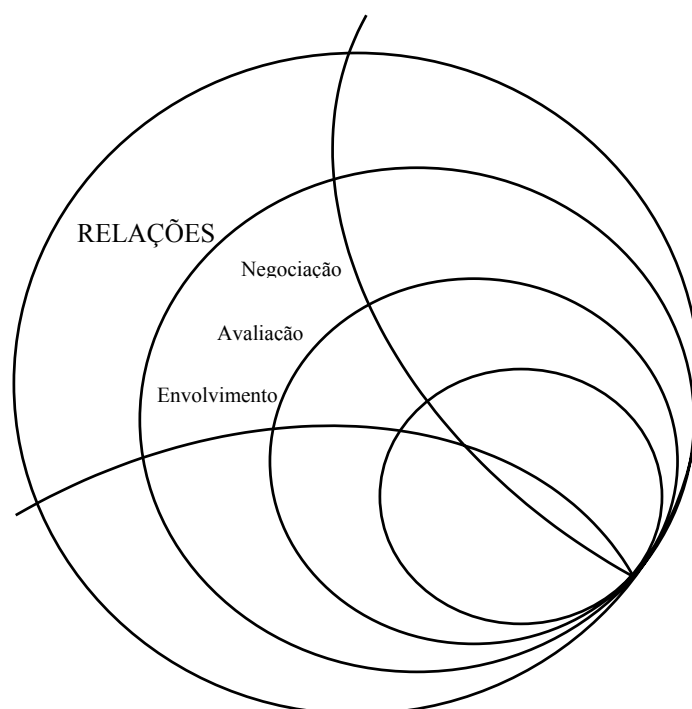


Figura 4: Sistemas da Semântica Interpessoal

Quanto à lente do Eixo, por um lado, os significados interpessoais são organizados em redes de sistemas interdependentes contendo um número variável de escolhas, que podem ser representadas em tipologias nas quais as chaves indicam o operador lógico ‘e’, e os colchetes indicam o operador lógico ‘ou’. Por outro lado, os significados interpessoais não se realizam em uma estrutura segmentada, mas sim em uma estrutura dita *prosódica*, isto é, tais significados se realizam no texto como se fossem um motivo recorrente ou um colorido, à semelhança da prosódia como definida por Firth nos estudos de fonologia (MARTIN & WHITE, 2005, p. 19-24).

Quanto à lente instanciação, a maioria dos estudos baseados no MLA, inclusive este, se situa no nível do texto, isto é, da leitura ou leituras que o texto proporciona, daí a necessidade de o analista declarar seus interesses e sua posição de leitor.

3.2.2 O Dialogismo de Bakhtin

O interesse da TLA em esclarecer como a língua é usada para se construir *personae* textuais e para se negociar posicionamentos e relações interpessoais, levou-a a recusar a “perspectiva funcional de veracidade” das abordagens tradicionais da linguagem avaliativa, nas quais recursos lingüísticos como ‘modalidade’, ‘evidencialidade’ (‘evidentiality’), ‘ressalva’ (‘hedging’), ‘realce’ (‘boosters’) e ‘metadiscursividade’ (‘metadiscursives’) são considerados como indicadores do compromisso do falante com a veracidade de seus enunciados ou da possibilidade de o falante os caracterizar como enunciados de confiabilidade epistêmica reduzida. Esta perspectiva da função de veracidade (‘truth function’) se baseia numa visão de comunicação em que “either speaker or speaker and listener are constructed in individualised terms, rather than as social subjects dealing with meanings informed by and reflecting social structures and conditions” (WHITE, 2002). Ela considera, portanto, que o falante só adota uma posição interpessoal quando não é capaz de alcançar um compromisso absoluto e honesto com a veracidade de seus enunciados.

Considerando, pois, como objetivo principal da comunicação, a negociação de significados com um público real ou potencial, ao invés do intercâmbio de valores de verdade, a TLA encontrou nas teorias de Bakhtin e seu círculo uma perspectiva alternativa mais adequada à busca de seus objetivos. Na “perspectiva bakhtiniana”, a linguagem supostamente originada de um falante individual que produz seus significados em seu discurso particular é considerada uma ‘linguagem monológica’. E a ela Bakhtin opõe a idéia de *Heteroglossia*, isto é a idéia de uma multiplicidade de linguagens operando no interior de uma mesma língua/cultura. E tal confluência de linguagens dá origem ao que Bakhtin chamou de *dialogismo*, isto é, o diálogo que se dá entre as diversas vozes e é claro entre os textos

(falados ou escritos) produzidos por tais vozes. Bakhtin concebe assim a existência de uma enorme rede de diálogos entre os textos, e a essa idéia Kristeva rebatizou de intertextualidade. Nada mais adequado aos objetivos da TLA do que um modelo dialogístico em que “all texts necessarily reference, respond to, and to greater or lesser extent incorporate other texts both actual and prospective”⁴⁴ (WHITE, 2002). Dentro desse modelo, os recursos estudados no âmbito da TLA são também 'dialogísticos', pois,

“they are all means by which speakers/writers represent themselves as engaging in a ‘dialogue’ to the extent that they present themselves as taking up, acknowledging, responding to, challenging or rejecting actual or imagined prior utterances from other speakers/writers or as anticipating likely or possible responses from other speakers/writers”⁴⁵ (WHITE, 2002).

Nesse contexto, a TLA considera o texto ‘monoglóssico’, ou seja, aquele que emprega apenas ‘afirmações simples’ (‘bare assertions’) não como um fenômeno que escape a esse imperativo dialogístico, mas como uma opção estratégica do falante de negar o dialogismo inerente ao processo comunicativo, adotando uma postura sócio-semiótica ‘não-dialogizada’ (‘non-dialogized’) que dá origem a uma tensão na relação interpessoal ao buscar suprimir quaisquer enunciados alternativos ou contraditórios (WHITE, 2002).

Tal tensão, ou carga interpessoal também se observa, de um nível máximo a um nível mínimo, nas categorias de Heteroglossia. E ela está diretamente relacionada ao grau do investimento pessoal/retórico feito pelo falante em seu enunciado. Ao construir um enunciado, o falante faz um investimento “pessoal”: ele se apresenta como estando de acordo ou contrário à opinião apresentada, isto é, ele age no sentido de promovê-la ou de rejeitá-la (a

⁴⁴ “todos os textos necessariamente citam, respondem a, e, em maior ou menor grau, incorporam outros textos, sejam eles concretos ou prospectivos”.

⁴⁵ “eles são todos meios pelos quais os falantes/escritores representam a si mesmos como participando de um ‘diálogo’ ao ponto de eles se apresentarem como fazendo uso de, reconhecendo, respondendo, questionando ou rejeitando enunciados anteriores reais ou imaginários de outros falantes/escritores ou como antecipando prováveis ou possíveis respostas de outros falantes/escritores”.

posição 'neutra' constituindo uma minoria dos casos e sendo atípica em textos argumentativos [MARTIN & WHITE, 2005, p. 115]). O investimento do falante é também “retórico” no sentido de que seu posicionamento é estratégico com relação à argumentação feita e ao posicionamento do destinatário (WHITE, AppraisalAnalysis email list, 8 fev, 2005.). Segundo White, tais investimentos constituem os dois lados da mesma moeda que é usada no intercâmbio lingüístico (ibid). Para o autor, “The more strongly the speaker presents him/herself as 'invested', the more interpersonally charged will be any rejections or questionings of that proposition” (ibid).

Para fazer tal investimento, o falante tem à sua disposição, uma rede de sistemas de significados interpessoais, dentre os quais o sistema de Avaliação, que, segundo a TLA, se subdivide em três grandes subsistemas: Comprometimento, Atitude, e Gradação. Ao abranger recursos pelos quais o falante gradua os valores apresentados, este último subsistema atua sobre todo o sistema de Avaliação, e é principalmente através dele que diferentes investimentos são construídos em cada texto. No capítulo seguinte, cada um destes subsistemas será tratado mais detalhadamente e serão dados exemplos do uso dos recursos neles compreendidos.

3.3 OS TRÊS SUBSISTEMAS DA LINGUAGEM AVALIATIVA

Como foi dito acima, segundo o modelo proposto por Martin (2004), os recursos lingüísticos de Avaliação podem ser estudados com referência a três subsistemas: Comprometimento (Engagement), Atitude (Attitude) e Gradação (Graduation) (v. Figura 5). O primeiro se refere ao posicionamento dialogístico, isto é, os elementos textuais indicam uma reutilização de e uma resposta a enunciados anteriores, bem como uma antecipação da

reação de futuros interlocutores e as devidas ressalvas e argumentações; o segundo se refere ao posicionamento atitudinal, isto é, as expressões indicam julgamentos positivos ou negativos de pessoas, lugares, coisas, acontecimentos e situações; e o terceiro se refere ao aumento ou diminuição da Força dos enunciados e à maior ou menor clareza do Foco pelo qual são projetadas as categorizações semânticas.

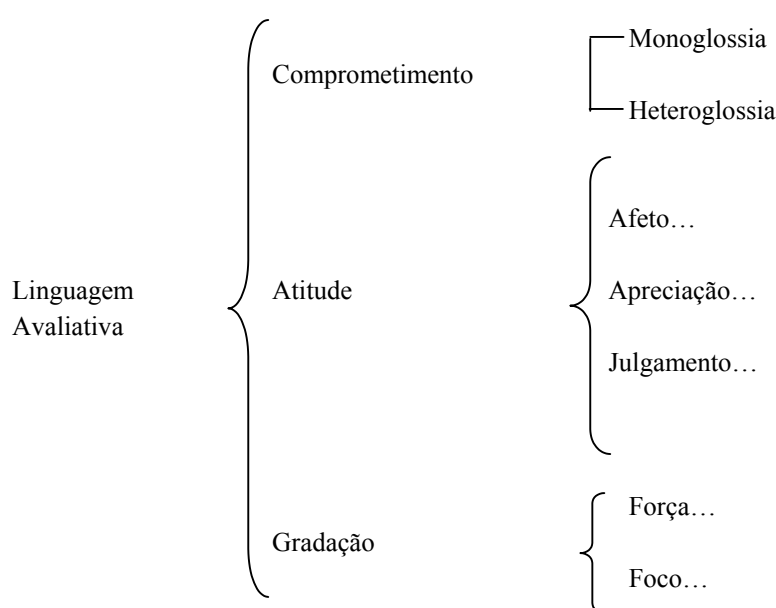


Figura 5: O Modelo da Linguagem Avaliativa

3.3.1 O Subsistema de Comprometimento (Engagement)

Neste subsistema, são estudados os recursos pelos quais o falante negocia a sustentabilidade de seus enunciados, assumindo ou não determinado grau de responsabilidade com relação a processos de intercâmbio lingüístico do passado, do presente e do futuro⁴⁶.

⁴⁶ Aqui entram elementos que têm sido estudados sob rótulos como: 'modalidade' ('modality'), 'evidencialidade' ('evidentiality'), 'atenuadores' ('hedge'), 'ênfatisadores' ('boosting') e 'metadiscursividade' ('metadiscursives'). Porém, o subsistema de Comprometimento abrange, por um lado, recursos que extrapolam

White (1998), aponta o fato de que, antes mesmo de se poder optar por este ou aquele recurso dentro do subsistema de Comprometimento, a escolha entre proposição ou proposta, pertencente ao sistema de Negociação ocasiona também a escolha entre duas variedades de Comprometimento: o *informacional*, no qual o falante busca uma concordância de opinião da parte de quem ouve/lê, e o *interacional*, no qual ele busca uma concordância comportamental (WHITE, 1998, p. 78).

No âmbito do subsistema de Comprometimento, entretanto, as opções serão as mesmas independentemente da variedade de Comprometimento fixada no nível do sistema de Negociação. Aqui, o falante, num primeiro plano, dispõe de duas opções (Figura 6): utilizar uma linguagem *monoglóssica* ou uma linguagem *heteroglóssica*. Segundo Martin & White (2005), a primeira corresponde ao uso da afirmação simples ('bare assertion'), que caracteriza um enunciado de "voz única", dialogicamente inerte, que não reconhece alternativas dialógicas (pp. 98-102). Já a linguagem *heteroglóssica* corresponde a uma rede de recursos através da qual o falante indica seu reconhecimento do caráter dialogístico da comunicação.

Os recursos da opção linguagem *heteroglóssica* classificam-se como de *Intravocalização*, quando a voz textual se posiciona com relação a pontos de vista divergentes integrando-os em seus próprios enunciados, isto é, referindo-se a tais outras vozes de modo implícito, ou de *Extravocalização*, quando vozes externas são explicitamente introduzidas no texto através do discurso direto ou indireto. Os recursos de *Intravocalização* dividem-se então conforme contribuam para a 'contração dialógica' do texto, isto é, para torná-lo 'fechado' a posições heterologicamente diversas (Contração), ou para a 'expansão dialógica' do texto, isto é, para torná-lo 'aberto' a tais alternativas (Expansão). Assim, a categoria 'Contração'

categorias como 'modalidade' e 'evidencialidade', e, por outro, uma gama menor de recursos do que estudado na categoria 'metadiscursividade' (WHITE, 2002).

abrange duas subcategorias: Contraposição ('Disclaim') e Pro-posição ('Proclamation'), que representam a contração dialógica máxima. Na primeira, uma proposição é evocada a fim de ser rejeitada ou descartada, através da Negação ('Denial'), ou para ser apresentada como subs-

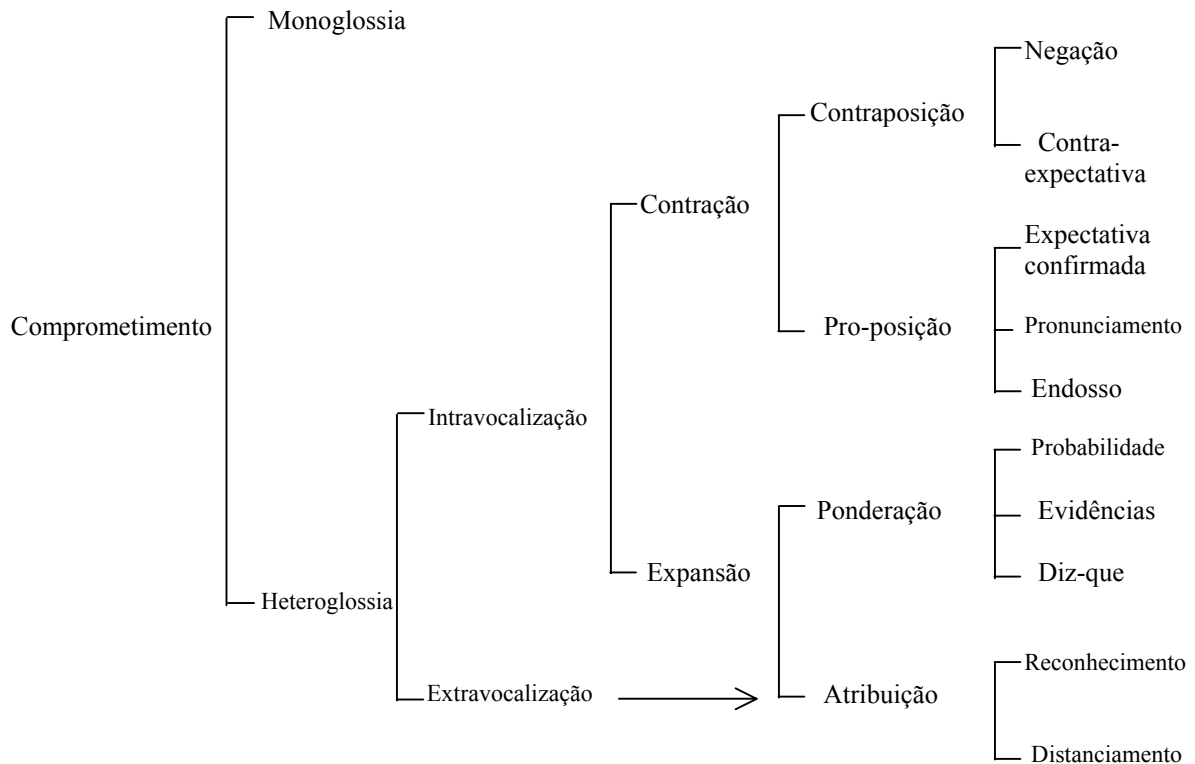


Figura 6: O Subsistema de Comprometimento⁴⁷

tituindo uma outra proposição que era esperada em seu lugar, caracterizando uma Contra-Expectativa ('Counter-expectation'). Na segunda, uma proposição é apresentada como indiscutível por corresponder àquilo que é sabido ou esperado pela comunidade, isto é, por constituir uma Expectativa confirmada ('Expectation'), ou porque o falante interpola sua opinião, seu Pronunciamento ('Pronouncement') sobre a questão, assumindo responsabilidade

⁴⁷ Tipologia baseada em White, 1998, p. 100 e Martin & White, 2005, p. 102-104.

pelo que diz, ou ainda porque o falante traz para o texto uma ‘voz de autoridade’, um Endosso (‘Endorsement’) como reforço para o que diz⁴⁸.

A categoria Expansão compreende recursos que indicam, por um lado, uma posição de Ponderação (‘Entertainment’), na qual o falante apresenta a proposição como apenas uma dentre várias proposições possíveis, referindo-se ao seu grau de Probabilidade (‘Probability’), a Evidências (‘Evidence’), ou ao fato de que a proposição constitui um Diz-que (‘Hearsay’); e, por outro lado, a categoria Expansão inclui recursos que indicam explicitamente um Distanciamento (‘Distance’) ou um Reconhecimento (‘Acknowledge’) da voz textual com relação à opinião atribuída a outrem (daí tais recursos corresponderem à categoria “Extravocalização/Atribuição”). Os recursos de *Extravocalização* são introduzidos no texto de duas formas: por ‘Inserção’, isto é, as palavras do discurso alheio são reiteradas e atribuídas à fonte através do discurso direto; ou por ‘Assimilação’, i.e, a voz externa se sobrepõe até certo ponto à voz do texto (discurso indireto, expressões como *segundo X* e equivalentes).

Além dessas categorias de Comprometimento, White (1998) distingue também, no Comprometimento *informacional*, as categorias ‘intertextual’ e ‘intratextual’. A distinção se baseia no tipo de relação estabelecido: se a relação se dá entre o enunciado do texto e uma série de textos alternativos (intertextual) ou se ela se dá entre o enunciado do texto e outros enunciados do próprio texto (intratextual). Neste segundo caso, estabelece-se um diálogo interno (no sentido bakhtiniano). O autor aponta 3 categorias de comprometimento intratextual correlacionadas a 3 categorias intertextuais que já foram discutidas acima (cf. WHITE, 1998, p. 95-99):

⁴⁸ Aqui, a rigor, trata-se de uma Extravocalização, mas o posicionamento do Endosso entre as categorias de Intravocalização se justifica pelo fato de que, através deste recurso, a voz textual faz suas as palavras da ‘voz de autoridade’, ao invés de se distanciar da opinião relatada.

Tabela 3: Exemplos de valores inter e intratextuais de Heteroglossia/Contração.

	Valor Intertextual	Valor Intratextual
Negação	“(…)o tradutor não fez mais que sua obrigação, (…)”	“(…) nesse caso o tradutor, ao invés de tentar a saída literal, resolveu recriar o poema (…)”
Contra-expectativa	“(…) por mais incrível que pareça , a legendagem tinha erros !”	“Com seu trabalho, ele age, mesmo estando ausente”
Expectativa confirmada	“É claro que é bom conhecer bem a língua de que se traduz”	“O pobre do tradutor, ao adaptar os malabarismos lingüísticos desses textos, é massacrado porque as tais palavras “não estão no Aurélio”.”

A seguir são apresentadas tabelas exemplificando cada uma das categorias descritas acima (sem levar em consideração as categorias inter e intratextual). As categorias de Heteroglossia são apresentadas como se estivessem sobre um continuum que vai da contração dialógica máxima à expansão dialógica máxima.

Tabela 4a: Exemplificação das categorias do sistema de Comprometimento – Monoglossia

Funções do discurso → Vozes no texto ↓	Proposição (informação)	Proposta (bens-e-serviços)
Monoglossia enunciado de “voz única”, dialogicamente inerte, que considera o ‘outro’ (ouvinte) como solidário e submisso.	e.g: <i>É fácil aprender português.</i>	ex.: <i>Traduza seu currículo já!</i>

Tabela 4b: Exemplificação das categorias do sistema de Comprometimento: Heteroglossia/Contraposição

Funções do discurso → Vozes no texto ↓		Subtipos ↓		Proposição (informação)	Proposta (bens-e-serviços)
Heteroglossia enunciado dialogicamente ativo, que considera outras vozes (anteri- ores e pos-teriores) como pontos-de-vista alternativos e não necessariamente solidários ou sub- missos.	Contraposição	Negação		ex.: Traduzir não é tarefa fácil (...)	ex.: (...) não tente traduzir todas as palavras desconhecidas.
			Contra- expectativa (Concessão) re-alinhamento da expectativa do leitor	ex.: Traduzir é muito difícil. Mas para mim às vezes dá até mais prazer que escrever.	ex.: É preciso ser fiel ao sentido, porém o estilo tem de ser pessoal.

Tabela 4c: Exemplificação das categorias do sistema de Comprometimento: Heteroglossia/Pro-posição

Funções do discurso → Vozes no texto ↓		Subtipos ↓		Proposição (informação)	Proposta (bens-e-serviços)
	Pro-posição	<u>Expectativa confirmada</u>		ex.: <i>É claro que todo tradutor é uma espécie de escritor.</i>	ex.: <i>É claro que na hora da tradução é necessário estabilizar o texto de algum modo, por mais que se tenha consciência de que a ambigüidade e a instabilidade são precisamente o que tornam o texto belo.</i>
			alinhamento das posições do leitor e da voz textual (pressuposto)	De fato, a visão mais aceita hoje em dia é aquela que considera a tradução não apenas uma mera cópia da obra em outro idioma, mas um novo trabalho de criação (...)	
		<u>Pronunciamento</u>		ex.: <i>Quanto à tradução no Brasil de hoje, eu diria que a qualidade média do texto traduzido tem melhorado progressivamente.</i>	ex.: <i>(...) no meu ponto de vista, no que se refere à [sic] termos técnicos, em hipótese alguma deve-se traduzir as palavras.</i>

continua

<u>Endosso</u>	<p>ex.: “É certo que a tradução técnica não é de modo algum um exercício literário, mas, sendo o estilo na verdade a maneira de exprimir o pensamento com o auxílio dos recursos da língua, os mesmos problemas hão de surgir sempre, qualquer que seja o domínio no qual se exerce a atividade do tradutor”, afirma com toda a razão Jean Maillot.</p>	<p>ex.: John Stott teólogo inglês declarou acertadamente: “Não podemos servir de instrumento à arrogância intelectual do homem, mas cumpre-nos prover o necessário para a sua integridade intelectual.</p>
----------------	---	--

Tabela 4d: Exemplificação das categorias do sistema de Comprometimento: Heteroglossia/Ponderação

Funções do discurso → Vozes no texto ↓			Proposição (informação)	Proposta (bens-e-serviços)
		Subtipos ↓		
Heteroglossia	Ponderação	<u>Probabilidade</u>	<p>ex.: O título do terceiro capítulo <i>Boom & Bust</i> in <i>Modern Times</i> é difícil de ser traduzido, porque a palavra <i>bust</i> pode significar <i>quebra</i>, e pode significar <i>ilegalidade</i>. Talvez seja esse o duplo sentido desejado pelos autores, mas de difícil tradução. A melhor aproximação talvez seja "Apogeu e queda nos tempos modernos".</p>	<p>ex.: Seu ensaio 'A Tarefa do Tradutor' (que talvez mais acertadamente devesse ser traduzido - preservando a densa ambigüidade do termo alemão <i>Aufgabe</i>(...)</p>
		<u>Evidências</u>	<p>ex.: Parece que o eu-poeta e o eu-tradutor viveram em mim vidas independentes embora paralelas. (...)</p>	<p>ex.: No que se refere à gestão do contrato, parece-me que uma das principais preocupações deve ser com a definição clara das atribuições e competências.</p>

continua

<u>Diz-que</u>	<i>ex.: Já ouvi dizer que revisor não se forma; ou a pessoa é ou não é. Ou então que só se aprende na prática.</i>	<i>ex.: Sempre ouvi dizer que quem sabe inglês pode ler, em traduções, tudo que existe de importante na literatura mundial.</i>
----------------	--	---

Tabela 4e: Exemplificação das categorias do sistema de Comprometimento: Heteroglossia/Atribuição

Funções do discurso → Vozes no texto ↓		Subtipos ↓		Proposição (informação)	Proposta (bens-e-serviços)
Heteroglossia	Atribuição	<u>Reconhecimento</u>		<p><i>ex.: Segundo José Rubens Jardimino, (...), o curso de tradutor e intérprete tem-se adequado às demandas do mercado nos últimos anos.</i></p> <p><i>ex.: "Prefiro contratar um médico e formá-lo como tradutor a contratar um tradutor e formá-lo como tradutor de medicina", diz Fuad Azzam, (...)</i></p>	<p><i>ex.: Seguindo os conselhos de Bassnet, para se chegar a uma boa tradução, o tradutor precisa, antes de qualquer coisa, conhecer o objeto com o qual trabalha: o objeto literário.</i></p> <p><i>ex.: "Essa é uma habilidade que requer condições psicológicas específicas. A pessoa trabalha em tempo real e tem que ter técnicas de anotação e recursos de memória bem desenvolvidos", afirma João Azenha Júnior, (...)</i></p>
		<u>Distanciamento</u>		<p><i>ex.: A partir dessa visão essencialista, a tarefa do tradutor teria sido apenas "transportar" o significado supostamente inerente ao original, sem inferir nele, sem "interpretar" o texto de partida (...)</i></p> <p><i>ex.: "Fugi para não morrer", alegou.</i></p>	<p><i>ex.: (...) Traduz-se seguindo a idéia equivocada que o texto traduzido deve parecer "como se tivesse sido escrito na língua de chegada".</i></p>

3.3.2 O Subsistema de Atitude

Neste subsistema são considerados os enunciados que oferecem explícita ou implicitamente uma visão positiva ou negativa de pessoas, coisas, situações, ações, eventos ou conjuntos de situações. O posicionamento atitudinal pode ser expresso claramente através de simples palavras ou frases, como nestes exemplos: “Ela **adora** auto-propaganda de ser uma mulher liberada (...)”, “Ele é um homem **corajoso**”, “Dono de um estilo **inovador**, o [Jornal] Hoje contava com a **delicadeza** e a **suavidade** das crônicas de Rubem Braga (...)”. Porém, na maioria das vezes, trata-se de um processo mais complexo em que ele é expresso pela interação de múltiplos elementos de um enunciado. É o que o modelo chama de Atitude implícita ou evocada (em contraste com a Atitude explícita ou inscrita), cuja sustentação depende totalmente do ‘ponto-de-vista do leitor’. Por exemplo, em “Houve queima de fogos e festas regadas a cerveja em fazendas e nos arredores de Anapu quando a notícia do assassinato se espalhou”, um leitor que reprove o ato de se tirar a vida de alguém lerá o trecho como implicando uma séria reprovação, enquanto um leitor que aprove tal ato ‘de acordo com a necessidade’ (como aqueles que comemoraram), lerá tal trecho como implicando uma atitude de neutralidade ou mesmo de aprovação.

No subsistema de Atitude, os significados são classificados, segundo o referencial e o objeto da avaliação, em: Afeto, Julgamento e Apreciação.

3.3.2.1 Atitude/Afeto

Este subtipo compreende os elementos que indicam a disposição emocional do falante para com a pessoa, coisa, acontecimento ou situação avaliada, por exemplo, ‘querida’, ‘intranquilo’, ‘morosidade”.

A avaliação emocional reflete a subjetividade do falante. Trata-se de um ‘afeto autoral’, pelo qual o autor projeta sua presença enquanto sujeito do processo de comunicação. E é através dele que o falante busca estabelecer uma relação interpessoal com seu interlocutor de modo que este possa com ele concordar, entender ou pelo menos se solidarizar com a reação emocional apresentada. O falante convida o ouvinte a ver sua resposta emocional como adequada e, uma vez que tal convite seja aceito, estabelece-se uma empatia entre falante e ouvinte que possivelmente tornará o ouvinte mais aberto aos aspectos ideológicos do ponto de vista adotado pelo falante. Por outro lado, caso o convite não seja aceito, o valor afetivo é visto como inapropriado e isto diminui a chance de um acordo entre falante e ouvinte quanto ao posicionamento do primeiro. O falante pode também fazer uma avaliação indireta, referindo-se à avaliação feita por outros. Neste caso, de uso de avaliações de 2^a e 3^a pessoas, o falante indicará sua concordância ou discordância de tal avaliação.

Uma primeira subdivisão do Afeto distingue entre Afeto *Realis*, quando o alvo da avaliação é algo presente, existente, e Afeto *Irrealis*, quando se trata de algo ainda não realizado mas projetado no futuro. Assim sendo, Martin (2001, 2003) propõe, para a categoria *Realis*, três eixos de variação das respostas emocionais dos falantes: Felicidade/Infelicidade, Segurança/ Insegurança, e Satisfação/ Insatisfação (v. Tabela 5a). Quanto à categoria *Irrealis*, há apenas um eixo de variação: Inclinação / Desinclinação (v. Tabela 5b).

Tabela 5a: Afeto Realis (cf. Martin, 2001, p. 151-2)

	VARIAÇÃO (do comportamento)	Disposição de ânimo
IN/FELICIDADE <i>infelicidade</i> tristeza (estado do 'eu')	choramingar chorar estar aos prantos	desanimado (baixa intensidade) triste (média intensidade) inconsolável/arruinado (alta intensidade)
antipatia (sentimento dirigido a 'você')	antipatizar/repelir/rejeitar dar as costas xingar	avesso desdenhoso insolente
<i>felicidade</i> alegria	sorrir rir gargalhar	contente animado radiante
afeição	aperto de mão carinho abraço apertado	afetuoso apaixonado devotado
IN/SEGURANÇA <i>insegurança</i> preocupação	inquieto nervoso trêmulo	inseguro ansioso em pânico
surpresa	sobressalto grito desmaio	surpreso abalado pasma/perplexo
<i>segurança</i> autoconfiança	mencionar	tranquilo
crédito	afirmar assegurar delegar incumbir confiar	confiante convicto despreocupado com confiante em pôr a mão no fogo por

continua

IN/SATISFAÇÃO <i>insatisfação</i> aborrecimento	tamborilar com os dedos bocejar dar as costas	entediado impaciente fulo da vida
desprazer	resmungar ralhar/reclamar execrar	insatisfeito com irritado com botando fogo pelas ventas
satisfação interesse	prestar atenção concentrar-se abstrair-se/extasiar-se	curioso atento absorto
admiração	tapinha nas costas elogio recompensa	satisfeito impressionado orgulhoso

Tabela 5b: Afeto Irrealis (cf. Martin, 2001, p. 150)

	VARIAÇÃO (do comportamento)	Disposição de ânimo
DES/INCLINAÇÃO medo	roer as unhas ir para debaixo da cama gritar	Apreensivo Assustadiço Apavorado
desejo	sugerir solicitar exigir	Inclinado Desejoso Morrendo de desejo/saudades

3.3.2.2 Atitude/Julgamento

Neste subtipo incluem-se elementos que indicam uma avaliação normativa do *comportamento humano* geralmente referindo-se a convenções ou normas de conduta, como por exemplo aquelas que se referem a aspectos como legalidade, moralidade e cortesia. Exemplos: “Lugar de **corrupto** é na cadeia”, “O presidente Lula **traiu** seus eleitores”.

As avaliações da categoria Atitude/Julgamento implicam a elevação ou a diminuição da estima que a comunidade dedica à pessoa que é alvo da avaliação atitudinal judicativa. Assim, este subtipo se subdivide em ‘Estima Social’ (‘Social Esteem’) e ‘Sanção Social’ (‘Social Sanction’) (v. Tabela 6). Na categoria Estima Social estão elementos relacionados ao posicionamento da pessoa julgada dentro da comunidade (Destaque), numa escala que vai de valores como ‘privilegiado’/ ‘sortudo’ (Destaque positivo), passando pelo ‘comum’ (sem Destaque), até chegar ao ‘desgraçado’ (Destaque negativo). Além destes valores que indicam o caráter comum ou incomum da pessoa, isto é, sua ‘Sina’, a categoria Estima Social também abrange elementos relacionados à *capacidade* e à *persistência* da pessoa julgada. Na categoria Sanção Social estão elementos relacionados à *honestidade* da pessoa e à sua *conduta*, isto é, o quão ética é a pessoa julgada. Os valores negativos da categoria Estima Social são considerados ‘veniais’, ou seja, implicam apenas a diminuição da estima que a comunidade dedica à pessoa. Já os da categoria Sanção Social são ‘mortais’, isto é, têm implicações legais.

Tabela 6: Atitude/Julgamento (Martin, 2001, p. 156)

Estima Social	Positivo (admiração)	Negativo (crítica) ‘venial’
destaque (sina)	sortudo, privilegiado/abençoado, toque de Midas...	desgraçado, pobre diabo, flagelado...
‘trata-se de alguém especial ou não?’	normal, comum, mediano...	diferente, peculiar, excêntrico...
	na moda, moderno, avançado...	cafona, antiquado, retrógrado...
capacidade ‘trata-se de alguém capaz/competente?’	forte, poderoso, robusto...	débil, fraco, inapto...
	criteroso, inteligente, talentoso...	lerdo, estúpido, bronco...
	firme, tranquilo, sensato...	inexperiente, neurótico, demente...
persistência (determinação) ‘trata-se de alguém com firmeza de propósito?’	corajoso, bravo, valente...	imprudente, covarde, pessimista...
	confiável, incansável, perseverante, decidido...	indigno de confiança, vacilão, fraco, desatento, vagabundo...

continua

Sanção Social	Positivo (elogio)	Negativo (condenação) 'mortal'
honestidade (verdade) 'trata-se de alguém honesto?'	sincero, honesto, fidedigno... real, autêntico, verdadeiro... franco, sem meias palavras...	desonesto, corrupto... fingido, cara-de-pau, falso... enganador, manipulador...
conduta (ética) 'trata-se de alguém irrepreensível?'	bom, moral, ético... cumpridor da lei, justo, imparcial... sensível, gentil, atencioso...	mau, imoral, um demônio... corrupto, desleal, injusto... insensível, mesquinho, cruel...

Já apontei antes o caráter cultural do sistema de posicionamento atitudinal. E tal caráter se reflete especialmente aqui no subtipo Atitude/Julgamento, onde um mesmo evento pode ser julgado de modos totalmente diferentes de acordo com a posição ideológica de quem julga. Daí a possibilidade de se ter um 'juízo explícito' (ou 'inscrito') ou um 'juízo implícito', que pode ser 'provocado' ou 'evocado' (v. Capítulo 2). White (2002) chama a atenção para o fato de que os elementos avaliativos pertencentes ao sistema de Afeto são potencialmente capazes de 'provocar' julgamentos, por exemplo, "Eles **odeiam** os pobres (...)", "Tiago **ama** os filhos e eles também o **amam**".

3.3.2.3 Atitude/Apreciação

Neste subtipo encontram-se os elementos que indicam a avaliação da forma, aparência, composição, impacto e significado de artefatos, textos, objetos naturais concretos ou abstratos como processos, planos e políticas. O ser humano também pode ser objeto de apreciação estética ou segundo algum sistema de avaliação social que não os referentes ao seu comportamento, ou seja, excetuando-se aqueles estudados no subtipo de julgamento. Como nos outros dois subtipos, a categoria de apreciação possui uma dimensão positiva e uma negativa. São três os eixos de variação: Reação ('Reaction'), Composição ('Composition') e

Valor Social ('Valuation'). O primeiro se refere, por um lado, à capacidade do item avaliado de chamar a atenção por causa de determinada qualidade ('quality') e, por outro, ao impacto emocional ('impact') por ele causado. O segundo eixo se refere à percepção da proporcionalidade ('balance') e do nível de detalhamento ('complexity') do item. E o último diz respeito à avaliação do significado social do item (v. Tabela 7).

	Positivo	Negativo
<i>Reação: impacto</i> 'X chamou minha atenção?'	interessante, atraente, impressionante... fascinante, sugestivo, emocionante...	enfadonho, maçante, tedioso, monótono... sem imaginação, repetitivo, chato...
<i>Reação: qualidade</i> 'X me agradou?'	lindo, maravilhoso, perfeito... simpático, encantador, excelente...	sem graça, feio... repugnante, revoltante...
<i>Composição: proporção</i> 'X mostrou-se harmonioso?'	equilibrado, harmonioso, uniforme... simétrico, proporcional...	em desequilíbrio, destoante... disforme, distorcido...
<i>Composição: complexidade</i> 'X mostrou ser de difícil compreensão?'	simples, elegante... complexo, rico em detalhes, preciso...	cosmético, extravagante... monolítico, simplório...
<i>Valor social</i> 'X valeu a pena?' X = o objeto/processo	desafiador, profundo, enriquecedor... inovador, original, sui generis...	superficial, insignificante... conservador, reacionário...

Tabela 7: Atitude/Apreciação (cf. Martin, 2001: 160)

3.3.3 O Subsistema de Gradação

Neste subsistema, são estudados os elementos textuais que indicam, por um lado, o grau do impacto ou Força ('Force') do caráter interpessoal do enunciado, numa escala de variação que vai de alta a baixa intensidade, e, por outro, a precisão ou a clareza do Foco ('Focus'), isto é, dos contornos das categorizações semânticas do enunciado, as quais variam de uma posição central a uma posição periférica dentro de determinado campo semântico

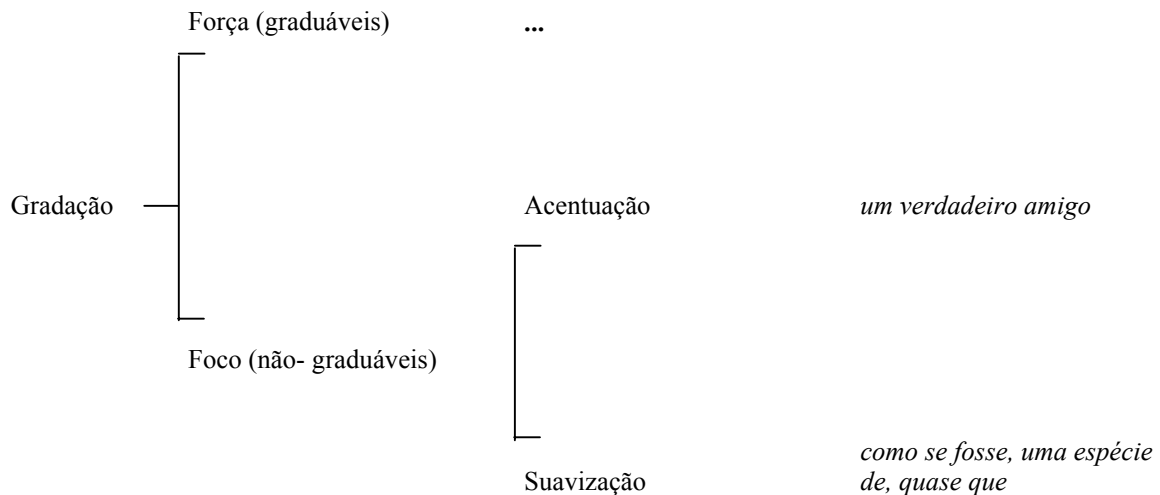


Figura 7: Esboço do sistema de Gradação (cf. MARTIN & WHITE, 2005, p. 138)

(Figura 7). O subsistema de Gradação é considerado um espaço semântico de progressão que ocupa uma posição central no sistema de Linguagem Avaliativa, os sistemas de Comprometimento e Atitude sendo considerados como domínios seus que se distinguem pela natureza dos significados que são graduados (MARTIN & WHITE, 2005, p. 136). No caso do Comprometimento, é a ‘força’ que o falante investe em seu enunciado que é graduada, enquanto no sistema de Atitude o que é graduado é a positividade ou a negatividade dos valores (ibid, p. 135). Exemplos de tal ‘semântica da progressão’ em ação através do sistema da Linguagem Avaliativa encontram-se na Tabela 8 a seguir.

Tabela 8: Gradação nos subsistemas do Modelo da Linguagem Avaliativa⁴⁹

		Baixa INTENSIDADE	Alta INTENSIDADE
Comprometimento	Probabilização	Esta talvez seja a historinha mais sem graça, apesar do final emocionante.	Definitivamente , ele é o personagem preferido dos internautas humoristas.
	Evidências	Ele parece ser o primeiro anão a poder fazer boa carreira no cinema (...)	Tá na cara que ele é um canalha, que não tem respeito por ninguém!. (81)
	Pronunciamento	Eu diria que este ano foi bastante atípico (...)	Eu afirmo com todas as letras, que a democracia sairia arranhada desse episódio vergonhoso, se concretizado.
	Atribuição	Ela diz que já contou tudo que havia para contar.	Ela insiste em dizer que está solteiríssima e que o único homem de sua vida é o filho de 3 anos, Maddox.
Atitude	Afeto	Eu gosto de trabalhar.	Os meninos adoram jogar futebol, (...)
	Julgamento	Sempre achei Jim Carrey razoável , mas neste filme ele é simplesmente demais.	"O filme é muito bom, com a participação do Luigi ficou melhor ainda, ele é um ator maravilhoso . O filme teve um final lindo."
	Apreciação	É um trabalho interessante , que possibilita aos alunos e professores uma maior consciência sobre os direitos e deveres do cidadão. Quadrinho é uma arte menor .	As 24 Bienais realizadas até hoje reuniram obras de valor inestimável . Muita gente considera <i>Quem Vai Ficar com Mary?</i> uma obra-prima indiscutível, a quintessência do humor.
Gradação	Foco	Um verdadeiro amigo é quase um irmão, e não é fácil achar.	Um legítimo representante da música brasileira.

Como visto na tabela 8, o subsistema de Gradação age sobre o subsistema de Comprometimento, imprimindo diferentes graus de Força aos enunciados. Um outro aspecto do Comprometimento que pode ser considerado como uma gradação é a ‘Abertura’, isto é, o grau de contração ou de expansão dialógica do enunciado. Por isso, nesta pesquisa, tal aspecto é também considerado como uma ação do subsistema de Gradação sobre o de

⁴⁹ Baseada na Tabela exibida na página <http://www.grammatics.com/appraisal/AppraisalOutline/Framed/Frame.htm> do Appraisal Website, que se encontra no Anexo A.

Diferentes tipologias do sistema de Gradação (enquanto semântica da progressão em ação sobre o sistema de Atitude) foram propostas e utilizadas por pesquisadores como White (1998), Hood (2004, 2005) e Martin & White (2005). Estes teóricos levam em consideração em seus modelos características como ‘implícito’/ ‘explícito’ (isto é, se a Atitude é implícita ou explícita) e ‘isolado’ (isolated)/ ‘fusionado’ (fused), isto é, se a idéia de grau é acrescentado a determinado ítem lexical através outro ítem lexical isolado, ou se tal idéia já se encontra fusionada com um determinado ítem lexical. No entanto, esses teóricos não incluem tais características como opções nas tipologias propostas. O modelo proposto nesta pesquisa é uma sobreposição destes modelos e inclui estas características acima como opções (v. Anexo D).

Para cada categoria principal do subsistema de Gradação (Força e Foco) existem, em primeiro lugar, duas opções: ‘Atitude Explícita’ ou ‘Atitude Evocada’. Para cada uma destas opções, existem outras duas, referentes à construção da Avaliação em termos de lexicogramática: ‘Isolada’ ou ‘Fusionada’. A seguir são apresentadas e exemplificadas as categorias incluídas no modelo constante do Anexo D.

Na categoria Força/Atitude Explícita/Isolada, há os ‘Graduadores’ (de Medição e de Intensidade) e os ‘Amplificadores’ (de Cor e de Repetição). Na categoria ‘Graduadores’, são considerados valores relativos a quantidade e extensão, que assumem os graus: alto, médio e baixo, por exemplo, *pequeno/ médio/ grande defeito* (Medição) e *pouco/ razoavelmente/ muito persistente*. Na categoria ‘Amplificadores’, são considerados valores altos ou máximos de intensidade: por exemplo, *roxo de raiva* (Cor) e *Perfeito!Perfeito!Perfeito!* (Repetição). Quanto a este último recurso, a repetição pode ser do mesmo item lexical ou de itens que compartilham um determinado valor como *bruto, mal-educado, ignorante, pernóstico*. Na categoria Força/Atitude Explícita/Fusionada, há a ‘Gradação’ e a ‘Amplificação’. Na primeira, os valores de Afeto, Julgamento e Apreciação assumem os graus alto, médio e

baixo, podendo ser expressos por verbos: *gostar/amar/adorar*, adjetivos: *desempenho satisfatório/ bom/ brilhante*, substantivos: *receio, medo, pavor*. Na ‘Amplificação’ os valores trazem em si mesmos, isto é, fusionada a idéia de ‘muito’/ ‘grande quantidade’. Esta categoria se subdivide em: ‘Metáfora’, onde os valores (geralmente processos materiais) estabelecem uma comparação, por exemplo, em *Estou afogado de trabalho*, ‘afogado’ traz em si a idéia de ‘grande volume de água’, neste caso representando o ‘grande volume de trabalho’; ‘Realce’, onde os valores (geralmente processos materiais) trazem em si uma referência ao modo pelo qual se dá o processo ou a determinada circunstância, por exemplo, em *Os jurosp despençaram*, ‘despençaram’ traz em si a idéia de ‘cair’ + a idéia de ‘de uma grande altura’; ‘Atitude’, onde os valores à primeira vista são apenas valores de Atitude, porém seu uso na comunidade discursiva infundiu-lhes um senso de amplificação, por exemplo, *situação dramática, sérias ameaças*; ‘Universalização’, onde valores como *todos, sempre, infinitamente* são usados não para serem entendidos ao pé da letra, mas como um marcador de intensidade alta, por exemplo, *Todo mundo quer aparecer na mídia*; Medição Extra, onde os valores não podem ser antecidos de ‘muito’ pois já trazem em si essa idéia, por exemplo, *gigantesca fraude, quantidade ínfima*.

Na categoria Força/Atitude Evocada/Isolada, há os ‘Graduadores’, que se subdividem em Intensidade, Prosódia e Medição. Na primeira, valores não atitudinais são graduados de modo a evocar determinada atitude no leitor, por exemplo, *muito técnico, levemente ferido*. Na segunda, um valor não atitudinal passa a evocar uma leitura atitudinal pela proximidade a um valor atitudinal, por exemplo, em *O governo foi intransigente, unilateral e inflexível*, ‘unilateral’ evoca uma leitura atitudinal por estar próximo aos outros termos que são explicitamente atitudinais. Na terceira categoria, ‘Medição’, valores não atitudinais são quantificados através de um item lexical isolado, por exemplo, grandes corporações. Na categoria Força/ Atitude Evocada/Fusionada, há também as categorias

‘Medição’, ‘Graduação’ e ‘Amplificação’. A primeira se subdivide em ‘Quantidade’ e ‘Extensão’. Na ‘Quantidade’, valores não atitudinais trazem em si um senso de quantificação, por exemplo, *alargar os limites do conhecimento*. A categoria ‘Extensão’ compreende as opções ‘Alcance’ e ‘Distância’, cada uma se subdividindo em ‘Espaço’ e ‘Tempo’. Aqui, os valores não atitudinais são quantificados com relação a uma vigência relativa a determinado ponto de referência (alcance no espaço, por exemplo, *um conceito muito difundido*, e no tempo, por exemplo, *durante trinta anos*) e uma localização relativa a determinado ponto de referência (distância no espaço, por exemplo, *nos países capitalistas*, e no tempo, por exemplo, *a edição mais recente*). Na categoria ‘Graduação’, os valores não atitudinais são graduados do mesmo modo que os valores atitudinais, formando escalas relativas a determinado traço comum, com valores alto, médio e baixo, por exemplo, *amigo/colega/conhecido* (graus de proximidade). Na categoria ‘Amplificação’ contém a categoria ‘Realce’, onde os valores não atitudinais trazem em si um senso de intensidade que pode se referir à ‘Força’, isto é, o esforço, empenho ou energia empregado no processo, por exemplo, *considerar X investigar*; ou à ‘Frequência’ do processo, por exemplo, *encanta diariamente moradores e turistas*.

Na categoria Foco/Atitude Explícita/Isolada, há as opções ‘Acentuação’ e ‘Suavização’. Na primeira, os contornos de um valor atitudinal são intensificados, mostrando-o como situado numa posição central dentro de determinada categoria semântica, por exemplo, *um verdadeiro amigo*, e na segunda ocorre o inverso: os contornos do valor atitudinal são tornam-se menos definidos, como se o valor ocupasse um lugar periférico na categoria semântica, por exemplo, *quase um crápula*. Na categoria Foco/Atitude Evocada/Isolada, há as opções ‘Autenticidade’ e ‘Especificidade’. Na primeira, os valores são graduados quanto à autenticidade com que representam determinada categoria semântica, por exemplo, *um verdadeiro boom*, *quase um manifesto*. Na segunda, os valores são graduados

quanto à sua especificidade, por exemplo, *condições específicas, conclusão geral*. Na categoria Foco/Atitude Evocada/Fusionada, os valores, em geral processos, são graduados em termos de completude, isto é, como estando parcialmente ou completamente realizados. Assim, os processos são graduados em termos de ‘Completude’, isto é, se o processo consiste em ‘*tentar/ não tentar*’, ‘*ter sucesso/ não ter sucesso*’, por exemplo, *Vitória tenta fugir; Robô consegue andar como ser humano*; e em termos de ‘Realização’, isto é, dos estágios do processo de tornar-se algo concreto: o processo se refere a algo aparente, imaginado, irreal ou concreto, real, por exemplo, *a clonidina parece ser eficaz; a tadalafila mostrou ser eficaz*.

4 Considerações metodológicas

À semelhança da Teoria da Linguagem Avaliativa, a presente pesquisa toma de empréstimo as lentes da LSF, como descritas por Martin & White (2005), para situar os textos a analisar. Quanto à lente das *metafunções*, o foco se volta aqui para a metafunção interpessoal, isto é, o texto considerado em seu aspecto de negociação de relações sociais. Quanto à lente da *estratificação/realização*, a análise é situada no estrato Semântico, considerando, na lente complementar do *Eixo*, a estrutura prosódica, isto é, a análise não se volta para um ou vários níveis da estrutura: período, oração, ítem lexical, nem privilegia determinada classe gramatical: adjetivos, verbos, advérbios. São considerados para classificação e posterior discussão trechos do texto (sem fixar limites) que expressem determinado tipo de Atitude, de Comprometimento ou graus deles.

Quanto à lente *instanciação*, os textos são considerados como situados na confluência de dois sistemas – o da língua inglesa falada nos Estados Unidos e o da língua portuguesa falada no Brasil – que possuem uma classe de textos voltada para a argumentação. Neste contexto, o TC é visto como o resultado da tarefa de tradução de se produzir um texto voltado para persuadir o leitor-alvo tanto a aceitar o que é dito, quanto a agir de modo a se tornar membro da comunidade representada no texto. Cada texto é considerado uma *instância* de tal tipo argumentativo e a análise busca investigar em que momentos de cada processo semiótico, diferentes escolhas (a partir de cada sistema) levam a diferentes tipos ou graus de Avaliação, que representem investimentos diversos. As análises são feitas no nível da ‘leitura’ e os interesses de leitura encontram-se declarados no capítulo introdutório desta dissertação.

4.1 METODOLOGIA

Esta pesquisa adota o método proposto por Toury (1995) para o ramo dos EDT, ainda que cumpra apenas o estágio inicial de tal método e com relação a apenas um aspecto particular: o uso de recursos de linguagem avaliativa. Assim, toma-se um par de textos, um sendo a tradução do outro, pressupondo-se que tais textos são equivalentes e se mapeia o TC com relação ao TP, a partir dos sistemas de recursos disponíveis segundo o MLA, a fim de se fazer uma afirmação inicial quanto à relação de tradução entre os textos em termos de investimento pessoal/retórico.

O método concebido para o mapeamento do TC sobre o TP baseou-se, por um lado no fato de que o tempo disponível para a conclusão da pesquisa inviabilizaria uma classificação de todos os trechos contendo avaliações em ambos os textos e, por outro, no objetivo de não apenas se classificar os trechos contendo avaliações, mas também situar o componente avaliativo em cada texto com relação às outras opções do sistema de significados interpessoais, bem como com relação às semânticas ideacional e textual. Assim, optou-se por 1) considerar para as análises apenas os trechos contendo diferenças de avaliação; 2) Classificar não apenas as diferenças de avaliação, mas também diferenças relativas aos sistemas de Negociação e Envolvimento e também diferenças ideacionais e textuais.

Para concretizar tais decisões metodológicas, foram seguidos os seguintes passos:

- 1) Identificação e classificação de todas as diferenças de significado metafuncional, isto é, diferenças ideacionais, interpessoais e textuais (v. Figura 8);
- 2) Classificação das diferenças Interpessoais como diferença de Negociação, de Envolvimento ou de Avaliação (v. Figura 8);



Figura 8: Tipologia de sistemas para classificação das diferenças de significado

Na figura 8, da direita para a esquerda, o sistema de Avaliação aparece em negrito para indicar que a atenção da pesquisa se volta principalmente para a identificação e classificação de diferenças referentes às opções de tal sistema; o sistema de significados interpessoais aparece em estilo regular para indicar que tais sistemas também serão levados em consideração, e, por fim, os sistemas mais gerais aparecem em cinza para indicar que tais sistemas estão sendo considerados apenas como um quadro geral de referência para classificar as diferenças entre trechos, especialmente aquelas que não se caracterizem primordialmente como diferenças de significado interpessoal.

Para a classificação das diferenças de significado ideacional, interpessoal e/ou textual, foram observadas as seguintes definições: 1) diferença Ideacional é a alteração, acréscimo ou omissão de um Campo (Field), isto é, um assunto tratado (diferenças de Participantes, Processos e Circunstâncias); 2) diferença Textual é a alteração do seqüenciamento da informação e/ou do uso de marcadores lógicos; e 3) diferença Interpessoal são alterações: a) na opção entre proposição e proposta (Negociação), b) na sinalização de pertença a determinada comunidade discursiva, como por exemplo a mudança de registro

(Envolvimento), e c) no uso de determinada categoria ou subcategoria do sistema de Avaliação.

Para a identificação de todas as diferenças de significado metafuncional, os textos foram copiados de seu endereço na Internet e posicionados numa tabela, lado a lado, o TC na primeira coluna e o TP na segunda, já que a atenção aqui se volta para o TC enquanto produto da cultura de chegada a partir de uma necessidade desta. Os textos foram também divididos em parágrafos para facilitar a identificação das diferenças.

Após a identificação e classificação de diferenças relativas às semânticas ideacional, interpessoal e textual, e a distinção das diferenças referentes à semântica interpessoal, isto é, diferenças de Negociação, Envolvimento e Avaliação, procedeu-se à

- 3) Classificação das diferenças de Avaliação como diferença do subsistema de Gradação, enquanto semântica da progressão em ação sobre os subsistemas de Comprometimento e de Atitude e suas respectivas subcategorias.

Para a classificação das diferenças de Avaliação foram utilizadas especialmente a Tabela 9: “Gradação e Comprometimento”, onde se considera não só a ‘Força’, mas também a ‘Abertura’ dos enunciados como eixos de gradação do Comprometimento, e a tipologia de sistemas mostrada no Anexo D: “Gradação e Atitude”.

As classificações realizadas nesta etapa encontram-se reproduzidas em uma tabela no Anexo F. Tal tabela está assim organizada: os trechos analisados em cada parágrafo de cada texto estão separados por colchetes e identificados por números subscritos. Em seguida, é apresentada uma textualização alternativa em itálico e, depois dela, estão as classificações correspondentes a cada número subscrito, de acordo com os códigos apresentados nas tabelas 10a-c. Comentários foram acrescentados após muitas das classificações a fim de justificá-las.

Os códigos usados para indicar as diferenças encontradas são mostrados nas tabelas abaixo. Para a classificação dos tipos de recursos de Gradação, foram usados os nomes das categorias mais específicas, isto é, a opção final do lado direito da tipologia mostrada no Anexo D, sem abreviações.

Tabela 10a : Códigos para classificação das diferenças de significado metafuncional

Tipos de diferença de significado	Código para classificação
Diferença Ideacional	≠Ide
Diferença Textual	≠Tex
Diferença Interpessoal	≠Int
Diferença Interpessoal de Negociação	≠ Int Neg
Diferença Interpessoal de de Envolvimento	≠ Int Env
Diferença Interpessoal de de Avaliação	≠ Int AV
Diferença de Gradação	GRAD
Diferença de Força	GRAD/Força
Diferença de Foco	GRAD/Foco
Diferença de Gradação/Força sobre o Comprometimento	GRAD/Força/Comp
Diferença de Gradação/Força sobre a Atitude	GRAD/Força/Atit
Diferença de Gradação/Força sobre a Atitude Explícita	GRAD/Força/Atit Expl
Diferença de Gradação/Força sobre a Atitude Evocada	GRAD/Força/Atit Evoc

Tabela 10b: Códigos para classificação das diferenças de significado metafuncional

Tipos de grau da Força	Código para classificação
Grau da Força (Atitude/Comprometimento)	▲ (alto), ► (médio), ▼ (baixo)
Grau de Abertura (Comprometimento)	■ (Monoglossia) ◄► (Contração) ◀► (Expansão)

Tabela 10c: Códigos para classificação das diferenças de significado metafuncional

Tipos de Comprometimento	Código para classificação
Monoglossia	Monogl
Heteroglossia	Heterogl
Subtipos de Heteroglossia	
Negação, Contra-expectativa Expectativa Confirmada, Pronunciamento, Endosso Probabilidade, Evidências, Diz-que Distanciamento, Reconhecimento	idem
Tipos de Atitude	
AFETO	
Subtipos de Afeto	
Realis	Afeto R
Tristeza, Antipatia, Alegria, Afeição Preocupação, Surpresa, Autoconfiança, Crédito Aborrecimento, Desprazer, Interesse, Admiração	idem
Irrealis	Afeto Irr
Medo, Desejo	idem
JULGAMENTO	
Subtipos de Julgamento	
Destaque positivo, Destaque negativo Capacidade positiva, Capacidade negativa Persistência positiva, Persistência negativa Honestidade positiva, Honestidade negativa Conduta positiva, Conduta negativa	Dest+, Dest- Capac+, Capac- Pers+, Pers- Hon+, Hon- Cond+, Cond-
APRECIÇÃO	
Subtipos de Apreciação	
Impacto positivo, Impacto negativo Qualidade positiva, Qualidade negativa Proporção positiva, Proporção negativa Complexidade positiva, Complexidade negativa Valor Social positivo, Valor Social negativa	Imp+, Imp- Qual+, Qual- Prop+, Prop- Comp+, Comp- VS+, VS-

Uma vez realizadas todas as classificações de diferenças de significado, procedeu-se à análise dos dados obtidos. Primeiramente foi feita uma

- 5) Análise quantitativa dos resultados, isto é, contabilização das ocorrências de cada tipo de diferença em cada um dos textos;

A contabilização das ocorrências de cada tipo de diferença foi feita manualmente, isto é, observando-se as classificações feitas (v. Anexo F) e anotando-se cada ocorrência até se obter o total. Em plena era da informática e principalmente em um trabalho sobre software, tal opção parece no mínimo bizarra. Mas a justificativa para tal escolha é a inexistência de uma ferramenta de comprovada eficácia para a contabilização das ocorrências de uso das categorias da linguagem avaliativa segundo o MLA. A estrutura prosódica da linguagem avaliativa inviabilizou o uso de software como o WordSmith, e o número considerável de ramificações da tipologia adotada inviabilizou o uso do Syscoder. Só agora, na fase final da pesquisa, é se anunciou na lista de discussão AppraisalAnalysis que alguns programas como o XMLSpy, desenvolvido por uma empresa chamada Altova, estão sendo usados em projetos nos quais o MLA é usado para a análise de textos. A contabilização manual, ainda que de confiabilidade reduzida quando comparado a programas de software, foi a única opção para a realização desta pesquisa.

Depois da contabilização de cada tipo de diferença de significado metafuncional, um segundo tipo de análise foi realizado a fim de se entender o impacto de tais diferenças na relação interpessoal produzida em cada texto:

- 6) Análise da interação dos recursos avaliativos empregados em cada texto na produção de significados interpessoais.

Para essa análise, foram selecionados alguns dos trechos correspondentes, compreendendo um ou mais parágrafos.

Depois desta, um último tipo de análise foi realizado:

- 7) Análise da construção de *personae* textuais.

Para tal análise, foram consideradas a *persona* construída para o ‘proprietário’, enquanto ‘quem decide’ sobre o uso do software e a *persona* construída para ‘quem deveria decidir’, que reúne todos os membros da comunidade do SL (que o texto busca alargar) , isto é, (potenciais) desenvolvedores, programadores e usuários de SL.

Por fim, o último passo da metodologia seguida foi a elaboração de

- 8) Respostas às perguntas de pesquisa, observações, conclusões e comentários sobre o trabalho de pesquisa realizado.

5 Análises

5.1 CLASSIFICAÇÃO E QUANTIFICAÇÃO DAS DIFERENÇAS DE SIGNIFICADO

Após a contabilização manual das diferenças identificadas e classificadas, foram encontrados 264 trechos contendo diferenças de significado metafuncional. Destes, 226 contém diferenças de significado ideacional, 14, de significado textual e 149, de significado interpessoal, com as interseções indicadas no diagrama de Venn abaixo (Figura 9, v. também Tabelas 11 e 12). Em dois trechos, verificou-se a ocorrência simultânea dos três tipos de diferença (v. §§ 59 e 139 da análise no Anexo F), em 121 outros, verificou-se a ocorrência de dois tipos de diferença e, em 141 outros, verificou-se a ocorrência de apenas um tipo de diferença.

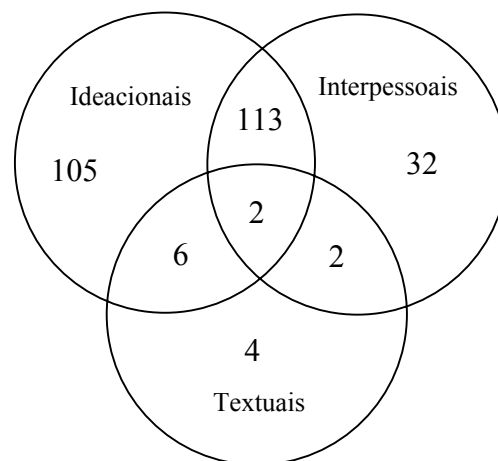


Figura 9: Diferenças metafuncionais e suas interseções

Tabela 11: Diferenças metafuncionais

Diferenças por metafunção	Número de ocorrências
Diferenças textuais em:	
Trechos correspondentes	11
Trechos acrescentados	2
Trechos omitidos	1
Total das diferenças textuais	14
Diferenças ideacionais em:	
Trechos correspondentes	211
Trechos acrescentados	2
Trechos omitidos	13
Total das diferenças ideacionais	226
Diferenças interpessoais em:	
Trechos correspondentes	97
Trechos acrescentados	10
inexistência do trecho no TP	1
ausência de Realce no TP	4
ausência de sinalização de Envolvimento no TP	5
Trechos omitidos	42
inexistência do trecho no TC	22
ausência de Atitude no TC	6
ausência de Focalização	2
ausência de Realce no TC	12
Total das diferenças interpessoais	149
Total das diferenças (ideacionais, interpessoais e textuais)	389

Em cada caso, foram consideradas diferenças geradas na tradução do trecho: quando há dois trechos correspondentes, quando há um acréscimo, isto é, um trecho no TC para o qual não existe um correspondente no TP, e quando há omissão, isto é, um trecho existente no TP para o qual não existe um correspondente no TC. No caso das diferenças interpessoais, os acréscimos e omissões incluem tanto a inexistência do trecho (simbolizado na análise por \emptyset) quanto a ‘ausência’ de determinada categoria da semântica interpessoal. As ausências encontradas referem-se a: Envolvimento (acrécimo), Atitude (omissão), Focalização (omissão) e Realce (acrécimo e omissão).

5.1.1 Diferenças de Significado Interpessoal

Entre as 149 diferenças de significado interpessoal (Tabela 12), duas se referem ao sistema de *Negociação*: o TC faz uma proposição onde o TP faz uma proposta:

§25: “Nós, que em qualquer dos casos *estaremos pagando (...)*” [• Int Negociação: proposição]
 “We who *must* in either case *pay (...)*” [• Int Negociação: proposta]

§101: “Nós *não temos medo (...)*” [• Int Negociação: proposição]
 “We *don't have to fear (...)*” [• Int Negociação: proposta]

Tabela 12: Diferenças Interpessoais

Diferenças Interpessoais	Número de ocorrências
Diferenças de Negociação em:	2
Trechos correspondentes	2
Trechos acrescentados	0
Trechos omitidos	0
Diferenças de Envolvimento em:	5
Trechos correspondentes	0
Trechos acrescentados	5
Trechos omitidos	0
Diferenças de Avaliação em:	142
Trechos correspondentes	95
Trechos acrescentados	5
Trechos omitidos	42
Total das diferenças interpessoais	149

Cinco outras diferenças de significado interpessoal se referem ao sistema de *Envolvimento*: o TC sinaliza uma filiação a determinada comunidade discursiva que seria compartilhada por quem escreve e quem lê, enquanto o TP não o faz. Estas mudanças ocorrem através de:

1) mudança de registro:

§50: “(...) então quando perguntado, "Eu vou poder usar isso?", *seu semblante cai (...)*”
 “(...) then when asked, "Will I be permitted to use it?", *his face falls (...)*”

§ 66: “Imagine o que aconteceria se receitas culinárias fossem *entesouradas* como o software”
 “Imagine what it would be like if recipes were *hoarded* in the same fashion as software”,

§138: “O *entesouramento* de software é uma faceta da nossa disposição geral (...)”
 “Software hoarding is one form of our general willingness (...);

2) uso de um termo inexistente na língua de chegada:

§68: “Estou ocupado com uma comissão para projetar uma nova receita para *o biscoito do navio* para o Departamento da Marinha”
 “I am busy with a commission to design a new recipe for *ship's biscuit* for the Navy Department”, ou

3) não tradução:

§92: “Instituições que pagam programadores não têm que ser *software houses*”
 “Institutions that pay programmers do not have to be *software houses*”.

Mudando o registro, o TC constrói para o receptor uma *persona* para quem expressões como “seu semblante cai”, pertencente ao registro elevado da linguagem bíblica, e “entesouradas”, pertencente ao registro da linguagem da economia, são bem conhecidas. O uso de “o biscoito do navio”, uma expressão inexistente na língua de chegada, antecedida do artigo definido, acrescenta a essa *persona* familiaridade com a realidade histórica por trás do termo criado: o uso de tal alimento como parte importante da dieta dos marinheiros quando em longas viagens. E, por fim, a não tradução de “software houses” acrescenta à *persona* do receptor familiaridade com o termo inglês.

As diferenças de Avaliação por acréscimo e por omissão incluem tanto os casos de inexistência do trecho (simbolizado na análise por Ø), quanto os casos de ‘ausência de Atitude’ (indicados por esta expressão).

5.1.1.1 Diferenças de linguagem avaliativa

Entre as diferenças de Avaliação, foram encontradas diferenças de Comprometimento (37), de Atitude (106) e de Gradação (46) (v. Tabelas 13, 14 e 15). Todas as diferenças de Comprometimento e a maioria das diferenças de Atitude são também diferenças de Gradação, uma vez que este é, como mencionado anteriormente, uma espécie de transistema que atua sobre todo o sistema de Linguagem Avaliativa.

5.1.1.1.1 Diferenças de Comprometimento

Quanto ao subsistema de Comprometimento, foram encontradas mudanças de categoria (Mono/ Heteroglossia e vice-versa), de grau de Abertura (Contração/Expansão), e de Força (Probabilidade/ Pronunciamento). Não houve acréscimos e somente uma omissão foi observada (Tabela 13).

Tabela 13: Diferenças de Comprometimento

Diferenças de Comprometimento em:	número de ocorrências
Trechos correspondentes	36
Mudança de categoria	21
Mono em lugar de Heteroglossia	8
Hetero em lugar de Monoglossia	13
Mudança de grau de Abertura	7
Expansão em lugar de contração	1
Contração em lugar de expansão	3
Expansão em lugar de Expansão ainda maior ('Contração')	3
Mudança de grau de Força	8
de Probabilidade	7
de Pronunciamento	1
Trechos acrescentados	0
Trechos omitidos	1
Total das diferenças de Comprometimento	37

Os números referentes às mudanças de categoria mostraram uma maior incidência de Heteroglossia no TC, visto que em 13 trechos o TC usou uma categoria da Heteroglossia (Probabilidade e Contra-expectativa) onde o TP usa a Monoglossia, por exemplo:

- §36: “(...) um programa que é lucrativo *deveria* prover algum benefício material líquido direto” [Heterogl/Probab]
- §36: “(...) a program that is profitable to sell *must* provide some net direct material benefit” [Monogl]
- §63: “A Xerox não estava interessada em corrigi-los *no entanto* (...)” [Heterogl:Contra-expec]
- §63: “Xerox was uninterested in fixing them (...)” [Monogl]

O contrário isto é, o uso de Monoglossia no TC em contraste com o uso de uma categoria da Heteroglossia no TP (Pronunciamento, Probabilidade e Contra-expectativa) ocorreu em 8 trechos. Por exemplo:

- §24: “Pedágios arrecadam fundos (...)” [Monogl]
“Toll booths *do* raise funds (...)” [Heterogl:Pronunc]

Os resultados referentes à mudança de Abertura mostraram 5 Contrações (considerando-se a mudança de Distanciamento para Probabilidade como ‘Contração’) e 1 expansão. Exemplos:

Contração:

- §8: “Aqueles que se beneficiam do sistema atual (...) oferecem dois argumentos em suporte à (sic) suas *reivindicações* (...)” [Heterogl:Endosso]
 “Those who benefit from the current system (...) offer two arguments in support of their *claims to own programs* (...)” [Heterogl:Distanc]
- §9: “O argumento emocional é *mais ou menos assim*: (...)” [Heterogl:Probab]
 “The emotional argument *goes like this*: (...)” [Heterogl:Distanc]

Expansão:

- §114: “Estas mesmas pessoas normalmente concordam com (...)” [Heterogl:Probab]
 “*Yet* these people usually accept (...)” [Heterogl:Contra-expec]

Quanto à mudança de grau, em 6 dos 8 trechos em que ela ocorre, o grau de Probabilidade/Pronunciamento do TC mostrou-se mais baixo que o do TP. Por exemplo:

- §36: “Se eles *desperdiçassem* quase todo o valor do programa então o programa *causaria* (...) dano (...)” [▼Probab]
 “If they *waste* nearly all the value of the program, then (...) the program *harms* (...)” [▲Probab]
- §142: “(...) faz pouco sentido argumentar que seria bom ter um proprietário porque ele *tornaria* o programa menos disponível” [▼Probab]
 “(...) it makes little sense to argue for having an owner on the grounds that the owner *will make* the program less available” [►Probab]
- §84: “(...) eu *gostaria* de questionar o quanto de incentivo artificial é realmente necessario (sic)” [▼Pronunc]
 “(...) I *want* to question how much artificial encouragement is truly necessary” [►Pronunc]

5.1.1.1.2 Diferenças de Atitude

Quanto ao subsistema de Atitude (Tabela 14), foram encontradas mudanças de categoria (entre as três principais – Afeto, Julgamento e Apreciação), de subcategoria (entre as subcategorias das três principais), de grau (alto, médio e baixo), e de inclinação, isto é, de positiva para negativa e vice-versa, além de mudanças de alvo da avaliação. Não foram encontradas mudanças de Atitude explícita para evocada e vice-versa.

Os resultados referentes às mudanças de categoria (7) mostraram o uso de Apreciação no TC onde o TP usa Julgamento e Afeto (4 ocorrências). Além disso, a maioria dos acréscimos⁵⁰ no TC foram de Apreciação (3 ocorrências):

§28: “O Dano Causado por Software Obstruído” “The Harm done by Obstructing Software”	[Aprec:Valor Social-] [Julg:Conduta-]
§47: “Num <i>concenso</i> (sic) ético com seu colega (...)” “In ethical <i>concern</i> for your neighbour (...)”	[Aprec:Valor Social+] [Afeto:Afeição]
§50: “(...) uma postura cínica <i>elaborada</i> para minimizar (...)” “a cynical stance <i>designed</i> to minimize (...)”	[Aprec:Complex+] [ausência de Atitude]

Porém, não se pode afirmar que o TC faz maior uso de Apreciação que o TP, pois 16 das 25 omissões de Atitude foram de Apreciação, um número superior ao número de Apreciações que foi acrescentado por mudança de categoria ou por acréscimo. Por exemplo:

§20: “(...) o contra-argumento feito às vezes (...)” “(...) the <i>simple</i> counterargument sometimes made (...)”	[Ø] [Aprec:Complex-]
--	-------------------------

As mudanças de grau, apresentaram incidência bem maior que as outras mudanças de Atitude (56), porém mostraram-se muito variadas – ora diminuindo ora aumentando o grau da Força. A fim de se comparar os textos quanto ao grau das atitudes, foram atribuídos valores

⁵⁰ incluindo aí os trechos traduzidos que acrescentam uma categoria de Atitude que não existe no trecho do TP (indicado como ‘ausência de Atitude’).

numéricos a cada grau de cada par de trechos correspondentes: ▲=3, ►=2 e ▼=1, somando-se todos os graus de cada texto e dividindo-se o resultado pelo número de ocorrências. Os resultados foram 1,9 para o TC e 2,1 para o TP, ou seja, o TP estaria, na média, um pouquinho acima do grau médio e o TC estaria um pouquinho abaixo do mesmo grau. Seguem alguns exemplos:

§6: “(...) os resultados são <i>malignos</i> ”	[▲Aprec:Qual-]
“(...) the results are <i>detrimental</i> ”	[►Aprec:Qual-]
§10: “O sentimento de <i>ligação</i> (...)”	[▼Afeto:Afeição]
“The feeling of <i>attachment</i> (...)”	[►Afeto:Afeição]
§11: ““Eu quero ficar rico (que via-de-regra é descrito <i>imprecisamente</i> como "ganhar a vida") (...)”	[►Julg:Honest-]
““I want to get rich (usually described <i>inaccurately</i> as 'making a living') (...)”	[▲Julg:Honest-]
§68: ““Eu faria com <i> muito prazer</i> ; meus honorários são (...)””	[▲ Afeto:Interesse]
““I would be <i>glad</i> to do that; my fee is (...)””	[► Afeto:Interesse]

Em 3 das 4 ocorrências de mudança de inclinação, o TC apresentou valores negativos em contraste com os valores positivos do TC. Por exemplo:

§88: “(...) usuários (...) tinham hábitos <i>baratos</i> ”	[Aprec:Qual-]
“users (...) had <i>hundred-dollar-a-week</i> habits”	[Aprec:Qual+]
§106: “(...) deveria também <i>solicitar</i> aos usuários <i>donativos</i> voluntários”	[Julg:Dest-]
“(...) should also <i>entreat</i> the users <i>for</i> voluntary <i>donations</i> ”	[Julg:Dest+]

Constatou-se que todas as mudanças de alvo - §36: 2, §45:1 e 47: 6 - referem-se ao alvo de uma Apreciação explícita:

§36: “(...) [₂ o programa causaria] ₁ [₃ quase tanto] ₃ [₁ dano] ₁ à sociedade [₃ quanto] ₃ o esforço empregado para escrevê-lo ₂ ”.	[Aprec:Qual-]
“(...) [₂ writing the program harms society] ₁ by [₃ at most] ₃ the effort that went into writing the program ₂ ”.	[Aprec:Qual-]

§45: “Este sistema envolve acomodar discos ou fitas em um [₁ empaco-	[Aprec: V Social-]
--	--------------------

tamento supérfluo]₁, (...)”

“This system involves enclosing physical disks or tapes in
[₁superfluous packaging]₁, (...)”

[Aprec: V Social-]

§47: “(...) [₆a maneira apropriada de lidar com a situação [₇é]₇ permitir
que ambos utilizem o programa]₆”.

[Aprec:Qual+]

“(...) [₆proper handling of the situation [₇will enable]₇ both of
you to use it]₆”.

[Aprec:Qual+]

No parágrafo 45 acima, a mudança de alvo de Apreciação acarreta também a evocação, no TC, de um Julgamento negativo de Conduta. Esta co-ocorrência de uma atitude explícita e uma evocada é prevista pela TLA.

Estas mudanças de alvo, bem como outras - mudança de categoria de Atitude (§59:2) e mudança de subcategoria de Apreciação (§26:5) não envolvem nenhum tipo de gradação e, portanto situam-se fora da tipologia adotada, porém não fora do MLA, uma vez que dizem respeito ao subsistema de Atitude.

§26: “(...) é melhor levantar fundos de um modo menos [₅perturbador]₅”

Aprec:Imp-

“(...)it is better to raise the funds in a less [₅obstructive]₄ fashion”

Aprec: Qual-

§59: “Normalmente o código fonte (sic) de um programa proprietário é mantido em segredo pelo proprietário, [₂evitando que]₂ qualquer pessoa (...)”

Julg:Cond-

§59: “Usually the source code for a proprietary program is kept secret by the owner, [₂lest]₂ anybody (...)”.

Afeto Irr: Medo

Tabela 14: Diferenças de Atitude

Diferenças de Atitude em:	Número de ocorrências
Trechos correspondentes	76
Mudança de categoria	7
Afeto em lugar de Julgamento	1
Julgamento em lugar de Afeto	2
Apreciação em lugar de Julgamento	2
Apreciação em lugar de Afeto	2
Mudança de subcategoria	7
Mudança de Subcategoria de Afeto	2
Mudança de Subcategoria de Julgamento	3
Mudança de Subcategoria de Apreciação	2
Mudanças de grau	55
Afeto	16
Apreciação	23
Julgamento	16
Mudanças de inclinação	4
positiva para negativa	3
negativa para positiva	1
Mudanças de alvo	3
de Apreciação	3
Trechos acrescentados	4
Apreciação	3
Julgamento	1
Trechos omitidos	25
Afeto	5
Julgamento	4
Apreciação	16
Total das diferenças de Atitude	105

5.1.1.1.3 Diferenças de Gradação

Quanto ao subsistema de Gradação, foram encontradas mudanças entre as categorias Força e Foco (1) e entre as subcategorias da Força (8), além de 5 acréscimos e um grande número de omissões (31).

Duas das mudanças entre subcategorias da Força acarretaram uma diminuição do grau, são elas:

- §35: “Estas alterações (...) terão um efeito *posterior* (...)” [▼GRAD:Força/Distância/Tempo → Aprec:Valor Social-]
 “These changes (...) will then have a *further* effect (...)” [►GRAD:Força/Medição → Aprec:Valor Social-]
- §95: “(...) se eles são *profundamente* corruptos (...)” [►GRAD:Força/Medição → Julg:Cond-]
 “(...) if they are *thoroughly* corrupt (...)” [▼GRAD:Força/Medição Extra → Julg:Cond-];

Nas outras 6, o grau (alto) permaneceu o mesmo, mudando apenas o recurso de Gradação. Por exemplo:

- §27: “(...) ter "pedágios" para programas úteis custa *diariamente* à sociedade (...)” [▲GRAD:Força/Realce/Freqüência → Aprec:Valor Social-]
 “(...) having "toll booths" for useful software programs costs society *dearly* (...)” [▲GRAD:Força/Medição → Aprec:Valor Social-]
- §141: “(...) a via de acesso livre *melhora* a velocidade média (...)” [▲GRAD:Força/Gradação → Aprec:Valor Social+]
 “(...) a free-access road *enhances* the average speed (...)” [▲GRAD:Força/Medição → Aprec:Valor Social+]

Em 1 destas 5 mudanças entre subcategorias da Força, ocorreu algo não previsto pelo Modelo da Linguagem Avaliativa: o enunciado do TC usou uma categoria de Atitude (Julgamento:Persistência+) com valor mais alto que a categoria usada no TP, que já é classificada como de grau alto (Intensidade):

- §125: “(...) os equipamentos de cópia eram guardados *hermeticamente* (sic) para evitar cópias ilegais” [▲GRAD:Força/Intensidade Extra → Julg:Persistência+]
 “(...) copying equipment was *closely* guarded to prevent illegal copying” [▲GRAD:Força/Intensidade → Julg:Persistência+]

Para classificar tal recurso, a categoria “Intensidade Extra” foi criada e acrescentada ao MLA (acrescentada à tipologia de sistemas do Anexo D entre asteriscos). Tal categoria assemelha-se à já existente “Medição Extra”. O advérbio ‘hermeticamente’ estaria ao lado de outros, como ‘imaculadamente’ e ‘asépticamente’, que já possuem em si mesmos o sentido de ‘muito’ em termos de *intensidade* (não é necessário se dizer ‘muito hermeticamente’) tal qual adjetivos como ‘gigantesco’ e ‘ínfimo’ já possuem em si mesmos o sentido de ‘muito’

em termos de *medição* (não é necessário se dizer ‘muito ínfimo / gigantesco’). Outros exemplos de Intensidade extra, formados na extensão de exemplos encontrados no corpus (§74) seriam:

“In this spirit (...) (= Com este espírito) [►Intensidade]	“ <i>Imbuídos</i> deste espírito” [▲Intensidade]	<u>Transbordando</u> este espírito [Intensidade Extra] (exemplo criado)
“(...) pedindo que eles tomassem cuidado com aquilo” [►Intensidade]	“(...) asking them to take <i>good care of it</i> ” (= pedindo a eles que tomassem <i>todo o</i> cuidado com aquilo) [▲Intensidade]	“(...) pedindo a eles que tomassem cuidado <u>excessivo/excepcional</u> com aquilo” [Intensidade Extra] (exemplo criado) ⁵¹

Dez das 31⁵² omissões de Atitude se referem ao Realce, isto é, onde o TP usou um termo de maior carga avaliativa, o TC usou um termo neutro ou de menor carga avaliativa ou omitiu o termo. Por exemplo:

§10: “(...) a ligação emocional misteriosamente <i>desaparece</i> ” “(...) the emotional attachment mysteriously <i>vanishes</i> ”	[ausência de Realce] [Realce]
§122: “Os recursos da sociedade são <i>gastos</i> (...)” “Society’s resources are <i>squandered</i> (...)”	[ausência de Realce] [Realce]
§124: “(...) <i>é dito isso aos</i> que defendem um (...)” “(...) <i>it is leveled against</i> the supporters of a (...)”	[ausência de Realce] [Realce]

Entre as outras omissões, algumas ocasionaram uma subtração mínima da ênfase acrescentada no TP, por exemplo:

§16: “A questão é (...)” “The question <i>at hand</i> is (...)”	[Ø] [Grad: Distância/Espaço]
§47: “Suponha que você e seu colega achassem útil rodar um certo programa”	[Ø]

⁵¹ Tanto no caso da Medição extra, quanto no da Intensidade extra, trata-se de pontos extremos previstos no modelo teórico, porém, não há limites para o uso de tais recursos pelos falantes da língua. Prova disso é o seguinte enunciado: “Please take extra special over the top care of yourself”, encontrado na seguinte página Internet: <http://www.diggers.org/forum/topic.asp?ARCHIVE=true&TOPIC_ID=27&which_page=10>

⁵² incluindo aí os trechos traduzidos em que não existe uma categoria de Gradação correspondente àquela existente no TP (indicado como ‘ausência de Realce’ e ‘ausência de Focalização’, além de um trecho em que ocorre a omissão de uma negação intratextual-Comprometimento).

“Suppose that *both* you and your neighbor would find it useful to run a certain program” [Grad:Quantidade]

Outras omissões ocasionaram um impacto maior, como:

- §20: “Esta análise também leva em consideração o contra-argumento feito às vezes que (...)” [Ø]
 “This analysis also addresses the *simple* counterargument sometimes made that (...)” [Grad:Graduação]
- §132: “(...) este documento é irrelevante” [Ø]
 “(...) this paper is *simply* irrelevant” [Grad:Medição extra]
- §142: “Alguém poderia observar que um programa de computador em particular é uma coisa prejudicial e que não deveria estar disponível” [Ø]
 “One might regard a particular computer program as a harmful thing that should not be available *at all*” [Grad:Universalização]
- §86: “Pessoas competem por (...)” [Ø]
 “People compete, *more sadly than bitterly*, for (...)” [Grad:Intensidade]

Tabela 15: Diferenças de Gradação

Diferenças de Gradação em:	Número de ocorrências
Trechos correspondentes	9
Mudança de categoria (Força/Foco)	1
Mudança de subcategoria	8
Trechos acrescentados	6
Força	5
Foco	1
Trechos omitidos	31
Força	26
GRAD:Atitude	25
GRAD:Comprometimento	1
Foco	5
Total das diferenças de Gradação	46

5.2 ANÁLISE DA INTERAÇÃO DOS RECURSOS DE AVALIAÇÃO NA PRODUÇÃO DE SIGNIFICADOS INTERPESSOAIS

Até agora, foram mostrados alguns dos resultados quantitativos da análise feita sobre as diferenças de significado metafuncional e sobre o uso de recursos do sistema de Linguagem Avaliativa. Porém, uma comparação entre os textos do corpus que levasse em consideração apenas a incidência das categorias analisadas, como exposta acima, seria parcial e resultaria numa visão superficial da relação de tradução entre eles, afinal os textos não são meros sacos de palavras. Os números não levam em conta a localização dos recursos nos textos nem as interações entre diferentes escolhas, seja no nível dos sistemas mais gerais (Negociação, Envolvimento e Avaliação), seja no nível mais específico das subcategorias de Linguagem Avaliativa, na produção de significados interpessoais. Portanto, é preciso investigar também como é feita a articulação de tais escolhas no TC e que contribuições são dadas por cada tipo de recurso. Para tanto, a análise a seguir mostra como interagem os recursos de Linguagem Avaliativa empregados no TC em contraste com aqueles empregados no TP.

O parágrafo 86, transcrito abaixo⁵³ mostra diferenças de significado ideacional [1-5] e interpessoal [1,3-5] (v. Anexo F). Entre estes últimos, há omissões Gradação (Intensidade [1] e Medição [3]) e de Atitude (Afeto [1] e Apreciação [3] e [4]), além de mudança de categoria de Comprometimento [5].

⁵³ Os parágrafos transcritos nesta seção de análise e na seguinte mostram todos os trechos que foram classificados segundo o MLA separados por colchetes com índices, ainda que nem todos os trechos sejam referidos no texto da análise destas seções. Para ver todas as classificações e os comentários que as acompanham, consulte o Anexo F

§86: “Existem algumas linhas de trabalho em que poucos irão entrar exceto por dinheiro; construção de rodovias, por exemplo. Existem outras áreas de estudo e arte em que existe pouca chance de se tornar rico, em que pessoas entram pela sua fascinação ou pelo percebido valor para a sociedade. Exemplos incluem a lógica matemática, música clássica, arqueologia e organização política entre trabalhadores. Pessoas competem por [2novas vagas]2, nenhuma das quais é muito bem remunerada. Elas [5chegam]5 até [5a pagar]5 pela chance de trabalhar na área, se elas têm condições para isso”

“There are some lines of work that few will enter except for money; road construction, for example. There are other fields of study and art in which there is little chance to become rich, which people enter for their fascination or their perceived value to society. Examples include mathematical logic, classical music, and archaeology; and political organizing among working people. People compete, [1more sadly than bitterly]1, for [2the]2 [3few]3 [4funded]4 [2positions available]2, none of which is funded very well. They [5may]5 even [5pay]5 for the chance to work in the field, if they can afford to”

A interação das escolhas de significado feitas nesse parágrafo gera argumentações diferentes:

No TP, a voz textual argumenta que em certos campos de trabalho não é necessário se oferecer muito incentivo artificial, isto é, dinheiro, para que as pessoas neles trabalhem. As pessoas lamentam ter que competir por um trabalho pelo qual elas até pagariam. Daí elas sentirem mais ‘tristeza’ (‘sadly’) ao competir pelas vagas mal remuneradas do que ‘determinação, garra’ (bitterly) que seria o esperado.

No TC, a voz textual argumenta que em certos campos de trabalho não é necessário se oferecer muito incentivo artificial, isto é, dinheiro, para que as pessoas neles trabalhem. As pessoas competem entre si por novas vagas (ainda que) mal remuneradas e chegam a pagar para trabalhar em tais áreas.

A circunstância de modo que é usada no TP – “more sadly than bitterly” - dá o colorido especial ao argumento usado, isto é, a argumentação se baseia no sentimento das pessoas. Ao omitir tal circunstância, o TC abre mão por completo de fazer menção ao sentimento de tristeza das pessoas (Atitude/Afeto) e à intensidade (Gradação/Intensidade) de tal sentimento. Esta omissão combina-se com a) a diferença ideacional entre ‘novas’ e ‘available’, b) as omissões de ‘few’ (Grad/Medição e Atitude/Aprec-) e de ‘funded’ (Atitude/Aprec+), e c) a mudança de ‘may even pay’ (Comp:Heterog) para ‘chegam até a’ (Comp:Monogl), transferindo a ênfase da idéia de competição com ‘tristeza, lamento’ para a idéia de competição com ‘determinação, garra’. A evidência de que não é necessário se oferecer muito incentivo para se trabalhar nestas áreas passa a ser, no TC, o fato de que as

peçoas *competem* entre si por ‘novas’ (= outras, adicionais) vagas, chegando a pagar, quando dispõem de recursos, pela chance de trabalhar na área, o que sugere, inclusive, uma competição desleal. A idéia que está sendo defendida, de que ‘as pessoas não precisam ganhar muito para trabalhar em tais áreas, (pois seu fascínio é tal que elas lamentam ter que competir por poucas vagas, ainda que mal remuneradas, quando até pagariam pela chance de trabalhar se tivessem condições financeiras)’, se torna, no TC, ‘as pessoas precisam de muito pouco ou nada para trabalhar em tais áreas, (pois seu fascínio é tal que elas competem por mais vagas, ainda que mal remuneradas, e até pagam pela chance de trabalhar’.

Analogamente, na passagem destacada abaixo, formada pelos parágrafos 8, 9 e parte do 10, ocorre a interação de mudança de Abertura [§8: 1] e [§9: 1], mudança de categoria de Gradação [§10: 1 e 4], mudança de subcategoria de Apreciação [§10: 1], mudanças de grau de Afeto [§10: 2 e 5], além de omissões de Apreciação [§10:3] e de Gradação: Repetição [§10:3] e Realce [§10: 6], na retextualização do TP.

(§8): “Aqueles que se beneficiam do sistema atual onde programas são propriedade oferecem dois argumentos em suporte à (sic) suas [reivindicações]₁: o argumento emocional e o econômico. (§9): O argumento emocional [é mais ou menos assim]₁: "Eu coloquei meu suor, meu coração, minha alma neste programa. Ele veio de mim, é meu!". (§10): Este argumento não requer uma refutação [pesada]₁. O sentimento de [ligação]₂ pode ser cultivado pelos programadores quando lhes convém; não é inevitável. Considere, por exemplo, [quão sinceramente]₄ os mesmos programadores transferem todos os seus direitos à (sic) uma grande empresa em troca de um salário; a [ligação]₅ emocional misteriosamente [desaparece]₆”

(§8): “Those who benefit from the current system where programs are property offer two arguments in support of their [claims to own programs]₁: the emotional argument and the economic argument. (§9): The emotional argument [goes like this]₁: "I put my sweat, my heart, my soul into this program. It comes from me, it's mine!"”

(§10): “This argument does not require [serious]₁ refutation. The feeling of [attachment]₂ [is one that]₃ programmers can cultivate when it suits them; it is not inevitable. Consider, for example, [how willingly]₄ the same programmers usually sign over all rights to a large corporation for a salary; the emotional [attachment]₅ mysteriously [vanishes]₆”

Os dois textos afirmam que os programadores oferecem dois argumentos em apoio às suas exigências, expõem o argumento emocional e o refutam afirmando a falsidade do

sentimento dos programadores e oferecendo como evidência o fato de estes transferirem todos os seus direitos a uma grande empresa em troca de um salário, ocasião em que o sentimento deixa de existir. Porém, eles constroem tal argumentação, usando recursos avaliativos diversos que contribuem em cada caso para configurar diferentes significados interpessoais. Para acompanhar tais contribuições, o resumo feito acima será analisado quanto à textualização de cada parte por cada texto.

1. Os dois textos afirmam que os programadores oferecem dois argumentos em apoio às suas exigências. O TP afirma que os programadores, julgados negativamente através de uma perífrase, oferecem dois argumentos em defesa de suas ‘claims to own programs’. O uso de ‘claim’, termo que apresenta uma saturação avaliativa negativa⁵⁴, implica aí uma orientação atitudinal de reprovação. Também o TC julga os programadores negativamente através de uma perífrase, mas afirma que eles oferecem dois argumentos em defesa de suas ‘reivindicações’. Em contraste com o uso de ‘claim’, o uso de ‘reivindicação’ implica uma orientação atitudinal de aprovação, tendo em vista sua saturação avaliativa positiva.

2. Os dois textos expõem o argumento emocional. O TP expõe o argumento emocional em tom de gracejo, como se fosse um programador falando e repete expressões que denotam egoísmo/propriedade, que por si já intensificam a repetição por se iniciarem pelo mesmo fonema: my, me, mine. O TC expõe o argumento emocional indicando uma incerteza quanto a sua formulação correta. O uso de ‘mais ou menos’ também pode ser interpretado como indicando um

⁵⁴ Essa afirmação se baseia apenas na experiência da autora deste trabalho no uso dos termos e precisaria ser comprovada por uma pesquisa que determinasse o perfil de uso destes dois itens lexicais, isto é, um estudo de suas colocações em um corpus que definisse suas polaridades (negativa/positiva/neutra), como o trabalho feito por Channel (2001) com outros termos do inglês.

menosprezo: o argumento não mereceu nem a atenção suficiente para que pudesse ser reproduzido com precisão.

3. Os dois textos refutam o argumento emocional. No TP, o argumento é apreciado negativamente como ‘obviamente falso’ uma vez que não carece de uma refutação que é apreciada como ‘serious’, isto é, ‘de verdade, p’ra valer’. No TC, o argumento é apreciado negativamente como ‘pouco elaborado, simplório’ uma vez que não carece de uma refutação que é apreciada como ‘pesada’, isto é, ‘veemente, enérgica, forte’.

4. Os dois textos afirmam a falsidade do sentimento dos programadores. Ao nomear o sentimento dos programadores de ‘attachment’ (= apego), o TP posiciona tal sentimento em um nível médio de Intensidade (Força). Já o TC, ao nomear o sentimento de ‘ligação’, posiciona-o em um nível baixo, considerando-se aqui o sentimento de ‘possessividade doentia/paixão’ como estando no nível alto desta escala. Além de escolher um grau de Força mais alto, o TP também lança mão do recurso da Repetição (‘is one that’ = ‘é um (tipo de) sentimento que’), que situa o sentimento como pertencendo ao tipo de sentimento cultivável, isto é, falso, evitável. O TC não usa tal recurso e apenas afirma que tal sentimento ‘pode ser cultivado’, que ‘não é inevitável’.

5. Os dois textos oferecem como evidência da falsidade do sentimento dos programadores o fato de eles transferirem seus direitos para uma grande empresa em troca de um salário, ocasião em que o sentimento deixa de existir. O TP caracteriza o modo pelo qual os programadores ‘transferem todos os seus direitos’ como sendo baseado no sentimento de desejo, mais especificamente de ‘solicitude’ (= interesse e prontidão em colaborar com alguém) e chama a atenção para a intensidade de tal sentimento através do intensificador ‘how’. O TC

caracteriza o modo pelo qual os programadores fazem isso como sendo baseado numa qualidade positiva destes, a ‘sinceridade’, e chama a atenção para a dimensão de tal atitude através do intensificador ‘quão’. Também o modo pelo qual o sentimento dos programadores deixa de existir é representado por cada texto a partir de recursos avaliativos diferentes. O TP lança mão do Realce ao usar o verbo “vanish”, que já traz em si a idéia de grande velocidade: o sentimento desaparece ‘de repente, como num passe de mágica’. E a idéia de um número de prestidigitação é corroborada pelo co-texto: o modo pelo qual o sentimento desaparece é ‘mysteriously’ (= ‘misteriosamente’). O TC deixa de lado este recurso e usa apenas o verbo ‘desaparece’, que não contém em si nenhuma sugestão da velocidade do ato.

Também no parágrafo 36, transcrito abaixo, o TC articula significados ideacionais e interpessoais diferentes dos usados no TP.

§36: “Os três níveis de danos materiais desperdiçam parte do valor que o programa poderia prover, mas eles não podem reduzi-lo a zero. [₁Se eles desperdiçassem quase todo o valor do programa, então [₂o programa causaria]₁ [₃quase tanto]₃ [₁dano]₁ à sociedade [₃quanto]₃ o esforço empregado para escrevê-lo]₂. [₄Pode-se dizer que]₄ um programa que é lucrativo [₅deveria]₅ prover algum benefício material líquido direto”

“The three levels of material harm waste part of the value that the program could contribute, but they cannot reduce it to zero. [₁If they waste nearly all the value of the program, then [₂writing the program harms society]₁ by [₃at most]₃ the effort that went into writing the program]₂. [₄Arguably]₄ a program that is profitable to sell [₅must]₅ provide some net direct material benefit”

Entre as diferenças de significado interpessoal estão: uma mudança de alvo de avaliação [2], três mudanças de Comprometimento: mudança de grau de Probabilidade [1], de Abertura [4] e de categoria [5], e uma mudança de Gradação: grau de Medição [3]. Nos parágrafos que antecedem o 36, são apontados os 3 níveis de danos materiais a que este se refere, que têm origem nas restrições à distribuição e modificação do programa impostas pelo software proprietário. São eles: o fato de menos pessoas usarem o programa, o fato de os

usuários não poderem adaptar ou corrigir o programa, e o fato de outros desenvolvedores não poderem aprender a partir do programa. No TP, o parágrafo 36 argumenta que tais níveis de dano desperdiçam o valor do programa, mas não todo ele. O parágrafo não esclarece qual seria o valor total do programa mas pode-se inferir que tal valor inclui algo além da utilidade do programa para todo e qualquer usuário potencial, de sua flexibilidade de poder ser adaptado a necessidades particulares e sua disponibilidade enquanto objeto de estudo capaz de derivar novos programas. Esse algo, possivelmente, se refere ao benefício material que o programa traz para seu proprietário e a utilidade que ele vai ter para os poucos usuários que pagaram a licença para usá-lo. Daí o parágrafo afirmar que, na hipótese de os 3 níveis de danos desperdiçarem quase todo o valor do programa, ou seja, ‘apenas um número restrito de pessoas o utilizarem, ele não poder ser modificado, e não poder ser estudado’, nesta hipótese, o prejuízo para a sociedade (representada pelo programador/proprietário) é, no máximo, igual ao esforço despendido para escrever o programa – o programador perdeu seu tempo. Este argumento não é dos mais convincentes (o número restrito de pessoas paga ao programador/proprietário uma quantia alta pela licença, de modo que isto significa para ele um tempo muito bem empregado), porém é usado no texto com o propósito de negociar com o leitor a idéia de que os efeitos negativos das restrições impostas pelo software proprietário são muito pouco prejudiciais para a sociedade em termos materiais pois só prejudicam a uma pessoa – o programador. Ou seja, aqui o autor está fazendo pouco caso do caráter nocivo da ideologia oposta, a do software proprietário: as restrições que a caracterizam podem no máximo prejudicar a seus seguidores (programadores), não ao software em si, pois seu valor social potencial permanece apesar das restrições, isto é, ele terá seu valor social multiplicado se seu código-fonte for liberado e se respeitar as liberdades propostas pelo SL.

Para negociar tal idéia, o TP: 1) usa a condição lógica ‘if, then’, correspondente ao ‘present real conditional’, tempo usado para se referir àquilo que acontece/se faz normalmente

em situações do dia-a-dia, ou seja, a hipótese é plausível; 2) aprecia o ‘ato de escrever o programa’ como algo que prejudica a sociedade; 3) gradua tal prejuízo através do recurso de Medição: ‘*at most*’ (+ ‘the effort that went into writing it’), minimizando tal prejuízo e atribuindo-o ao programador; e, por fim, 4) questiona a idéia de que ‘um programa que é lucrativo *deva* gerar um benefício material direto’, isto é, ganho financeiro.

Ao traduzir o parágrafo, o TC termina por negociar uma idéia diferente, da seguinte forma:

1- usa a condição lógica ‘if, then’, correspondente ao ‘present unreal conditional’ do inglês, que se refere ao que se faz em situações imaginárias em geral. No português, trata-se do pretérito imperfeito do subjuntivo seguido do futuro do pretérito. Isto torna a situação considerada mais remota do que a situação hipotética usada no TP;

2- aprecia não o ‘ato de escrever’ mas o ‘programa’ em si como algo que prejudica a sociedade (mudança de alvo de avaliação); 3- gradua tal prejuízo através do recurso da Medição: ‘quase tanto... quanto’ (+ ‘o esforço empregado para escrevê-lo’), estabelecendo uma comparação na qual o programa causa ainda um pouco mais de dano do que o esforço para escrevê-lo, ou seja, aqui, o prejuízo material que um determinado programa (com restrições à sua distribuição e à possibilidade de modificação) causaria à sociedade é quase igual ao prejuízo causado pelo esforço empregado para escrever o programa. E, por fim, 4) aponta para a possibilidade de se afirmar que ‘um programa lucrativo deveria gerar um benefício direto’, isto é, ganho financeiro. A idéia negociada aqui passa a ser então a de que os efeitos negativos das restrições impostas pelo software proprietário são prejudiciais para a sociedade em termos materiais, pois prejudicam tanto através do programa quanto (e mais ainda) através do esforço

empregado para escrevê-lo. O esforço empregado para escrever o programa causa mais dano à sociedade do que o próprio programa depois de escrito. O programador aqui não é alertado para a possibilidade de ‘perder seu tempo’, mas sim mostrado como alguém que prejudica muito a sociedade em seu esforço de escrever um programa proprietário.

A divergência entre as imagens do programador, mostrada acima, aponta para a necessidade de um outro tipo de análise útil na busca pela relação de tradução entre os textos ora estudados – a análise de como termos-chave como ‘programador’ são avaliados ao longo de cada texto.

5.3 ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE *PERSONAE* TEXTUAIS

Para esta análise, são considerados apenas os trechos em que há diferenças de significado metafuncional, a fim de se investigar as diferenças entre certas *personae* construídas em cada texto. As *personae* escolhidas para esta análise possuem um papel fundamental na argumentação feita nos textos, como se pode comprovar através do resumo a seguir.

O TP defende a idéia de que ‘software deveria ser livre’, isto é, *todo* software deveria ser livre. Isto implica avaliar a idéia oposta – a do software proprietário – como ruim, indesejável, desaconselhável e mostrar o SL como bom, desejável, aconselhável. É para o programa de software enquanto produto que a voz textual chama a atenção e para como ele deve/não deve ser. E, para atingir seu objetivo de convencer seu público sobre a idéia de que o software deveria ser livre (isto é, não é, mas pode vir a ser), a voz textual não apenas mostra o

caráter nocivo da prática atual (pois o software é resultado de uma prática, de uma visão, de um comportamento), mas também exorta seu público a adotar um prática/visão/comportamento diferentes. Seu público-alvo é então pré-definido e representado no texto: os defensores/praticantes da ideologia oposta – desenvolvedores, programadores, proprietários de software e usuários; bem como são representadas imagens ideais para tal público, que seriam os defensores/praticantes da ideologia defendida – desenvolvedores, programadores e usuários de SL. Não é à toa que ocorre uma sobreposição entre as imagens do desenvolvedor, do programador e do usuário, por vezes sob a voz do ‘nós’ inclusivo, que sugere um compartilhamento de idéias entre quem fala/escreve e quem ouve/lê. Tal compartilhamento, aliás não é apenas sugerido mas é explicitamente exigido do leitor no parágrafo 132, onde o autor diz: “(...) most of what I have to say is addressed only to those who share the premises I use, or at least are interested in what their consequences are”⁵⁵. O objetivo principal do TP é resgatar tais imagens da ligação com a idéia de propriedade imposta pelo sistema de propriedade intelectual de software, isto é, que tais agentes deixem de ser desenvolvedores, programadores e usuários de software proprietário para serem desenvolvedores, programadores e usuários de SL.

As imagens de cada participante de tal jogo de persuasão são construídas ao longo do texto através de referências e/ou avaliações e relacionadas a um dos pólos – o do proprietário e o do SL. O TC traduz tais referências e/ou avaliações, compondo *personae* que são moeda de troca na negociação interpessoal. Os trechos analisados a seguir mostram as facetas construídas em cada texto para as *personae* do ‘proprietário’/’owner’, que é quem atualmente decide sobre o uso do software, e de ‘quem deveria decidir’, isto é, a comunidade dos usuários⁵⁶ de SL.

⁵⁵ “(...) a maior parte do que eu tenho a dizer se dirige exclusivamente àqueles que compartilham das premissas que eu adoto ou, pelo menos, estão interessadas nas suas conseqüências”.

⁵⁶ o ‘usuário’ pode ser visto como um denominador comum entre todos os participantes do mundo do software: o desenvolvedor e o programador são também ‘usuários’ e um dos ideais da filosofia do software livre é

A *persona* construída para o proprietário no TC é a de alguém que decide como deve ser feito o uso do software, por exemplo, sua distribuição, aconselhando: “Você deve ...” / “Você não deve...”. No TP tal *persona* é a de alguém que decide sobre o uso do software, por exemplo, sobre sua distribuição, dando a palavra final: “Faça” / “Não faça” [§2:1 (≠Ideacional) + 2 (mudança de categoria de Comprometimento)]:

§2: “A existência do software inevitavelmente levanta [1 questões a respeito de como deveria ser feito seu uso]1. Por exemplo, suponha que um indivíduo que tem uma cópia de um programa se encontra com outro que gostaria de ter uma cópia. É possível a eles copiar o programa; quem deveria decidir se isto [2 deve ser feito]2 ou não? Os indivíduos envolvidos? Ou outra parte, chamada de "o proprietário" ?”

§2: “The existence of software inevitably raises [1 the question of how decisions about its use should be made]1. For example, suppose one individual who has a copy of a program meets another who would like a copy. It is possible for them to copy the program; who should decide whether this [2 is done]2? The individuals involved? Or another party, called the "owner" ?”

No TC, a existência de proprietários gera o mal. No TP, sua existência gera prejuízo [§6:1 (mudança de grau de Apreciação)]:

§6: “Neste ensaio, eu irei descrever os efeitos de ter proprietários e mostrarei que os resultados são [1 malignos]1”

“In this essay, I will describe the effects of having owners, and show that the results are [1 detrimental]1”

No TC, os proprietários, referidos como ‘aqueles que se beneficiam do sistema atual onde programas são propriedade’ fazem ‘reivindicações’, enquanto no TP, eles fazem ‘alegações’ [§8:1 (mudança de Abertura)]:

§8: “Aqueles que se beneficiam do sistema atual onde programas são propriedade oferecem dois argumentos em suporte à (sic) suas [1 reivindicações]1: o argumento emocional e o econômico”

“Those who benefit from the current system where programs are property offer two arguments in support of their [1 claims to own programs]1: the emotional argument and the economic argument”

No TC, o proprietário é *citado*, ainda que com insegurança [§9: 1 (mudança de Abertura)]. No TP, ele é não apenas citado mas *ridicularizado*:

exatamente poder igualá-los transformando também os usuários comuns em programadores e desenvolvedores.

§9: “O argumento emocional [₁é mais ou menos assim]₁: "Eu coloquei meu suor, meu coração, minha alma neste programa. Ele veio de mim, é meu!"”

“The emotional argument [₁goes like this]₁: "I put my sweat, my heart, my soul into this program. It comes from me, it's mine!"”

Nos parágrafos 10-12, o TC sugere que os programadores-proprietários são pessoas ‘dissimuladas’ que oferecem um argumento ‘tolo’ (que ‘não requer refutação pesada’) [§10:1 Força/Intensidade → Aprec:Complexidade-], capazes de afetar sentimentos leves como o de ‘ligação’ [§10: 2 e 5 (▼Grad:Afeto)], que descrevem seu desejo de ficar rico, ‘imprecisamente’, como ‘ganhar a vida’ [§11: 2 (►Grad: Julg-)], e que fazem ameaças que são na realidade blefes. No trecho correspondente, O TP sugere que eles são pessoas ‘descaradas’ que oferecem um argumento ‘obviamente falso’ (que ‘não requer uma refutação séria, p’ra valer’) [§10: 1], capazes de afetar sentimentos mais intensos como o de ‘apego’ [§10: 2 e 5 (►Grad:Afeto)], que descrevem seu desejo de ficar rico, ‘erroneamente’, como ‘ganhar a vida’ [§11: 2 (▲Grad: Julg-)] e que fazem ameaças, disfarçadas de conselho de amigo, colocando-se a si mesmos como ‘aqueles que sabem o que dizem’.

§10: “Este argumento não requer uma refutação [₁pesada]₁. O sentimento de [₂ligação]₂ pode ser cultivado pelos programadores quando lhes convém; não é inevitável. Considere, por exemplo, [₄quão sinceramente]₄ os mesmos programadores transferem todos os seus direitos à (sic) uma grande empresa em troca de um salário; a [₅ligação]₅ emocional misteriosamente [₆desaparece]₆”

§10: “This argument does not require [₁serious]₁ refutation. The feeling of [₂attachment]₂ [₃is one that]₃ programmers can cultivate when it suits them; it is not inevitable. Consider, for example, [₄how willingly]₄ the same programmers usually sign over all rights to a large corporation for a salary; the emotional [₅attachment]₅ mysteriously [₆vanishes]₆”

§11: “O argumento econômico [₁se parece com]₁: "Eu quero ficar rico (que via-de-regra é [₂descrito imprecisamente]₂ como "ganhar a vida"), e se você não me permitir ficar rico programando, então eu não vou programar. Todos os outros são como eu, sendo assim ninguém mais vai programar. E então [₃você vai acabar ficando sem programas]₃!". Esta ameaça é normalmente [₆velada, como um conselho de amigo]₆”

§11: “The economic argument [₁goes like this]₁: "I want to get rich (usually [₂described inaccurately]₂ as 'making a living'), and if you don't allow me to get rich by programming, then I won't program. Everyone else is like me, so nobody will ever program. And then [₃you'll be [₄stuck]₄ with no programs]₃ [₅at all!]₅". This threat is usually

[₆veiled as friendly advice [₇from the wise]₇]₆”

§12: “Depois eu irei explicar que esta ameaça é um blefe . Primeiro eu quero [₁focar]₁ numa [₃concepção]₃ que é mais visível em outra formulação do argumento”

§12: “I’ll explain later why this threat is a bluff. First I want to [₁address]₁ an [₂implicit]₂ [₃assumption]₃ that is more visible in another formulation of the argument”

Os parágrafos 12-14 expõem a falácia do argumento econômico como formulado pelos programadores-proprietários. No TC, trata-se de uma ‘concepção’ [§12: 3 (ausência de Realce → Aprec+)], isto é, uma idéia propositalmente usada para enganar [cf., §14: 8, adiante] . No TP, trata-se de um ‘pressuposto’, isto é, uma idéia tomada como verdadeira [§12: 3 (Realce → Aprec-)], usada por ignorância [cf., §14: 8, adiante]. A descrição da formulação feita em cada texto mostra visões diferentes do evento: no TC, ela consiste em comparar dois ‘pontos’ [§13:2 (≠Ideacional)], isto é, assuntos dentro do tema desenvolvimento de software: o programa proprietário e a inexistência deste programa [§13:3 (►Medição)]. No TP, ela consiste em comparar dois ‘resultados’ [§13:2 (≠Ideacional)], isto é, consequências diretas do desenvolvimento de software: programa proprietário e programa nenhum [§13:3 (▲Medição)]. A formulação que é descrita no TC é avaliada como um ‘desvirtuamento da questão’ [§14:8 (Julg:Honestidade-)], isto é, uma deturpação do seu sentido, algo elaborado com a intenção de enganar. A formulação que é descrita no TC é avaliada como sendo um tipo de falácia - “begging the question” [§14:8 (Julg:Capacidade-)], um vício lógico no qual a premissa é consequência da conclusão, ou seja, o proprietário é incapaz de perceber tal vício lógico.

§13: “Esta formulação começa comparando a utilidade social de um programa proprietário versus a da [₁inexistência deste programa]₁, e então conclui que o desenvolvimento de software proprietário é, no todo, benéfico e deveria ser encorajado. A falácia aqui está em comparar apenas dois [₂pontos]₂ – software proprietário versus [₃inexistência do software]₃ - e assumir que não existem outras possibilidades”

“This formulation starts by comparing the social utility of a proprietary program with that of [₁no program]₁, and then concludes that proprietary software development is, on the whole, beneficial, and should be encouraged. The fallacy here is in comparing only two [₂outcomes]₂ - proprietary software vs. [₃no software]₃ –

and assuming there are no other possibilities”

§14: “Dado um sistema de [₁propriedade intelectual]₁, o desenvolvimento de software é comumente ligado à existência de um proprietário que controla o uso do software. [₂Enquanto]₂ existe esta ligação, nós frequentemente [₃nos deparamos com]₃ a opção entre software proprietário ou [₄nada]₄. No entanto, esta ligação não é natural ou inevitável; é uma conseqüência da [₆escolha]₆ da política sócio-legal que nós estamos questionando: a decisão de ter proprietários. Formular a opção como sendo entre software proprietário versus [₇software inexistente]₇ é [₈desvirtuar a questão]₈”

“Given a system of [₁software copyright]₁, software development is usually linked with the existence of an owner who controls the software's use. [₂As long as]₂ this linkage exists, we [₃are]₃ often [₃faced with]₃ the choice of proprietary software or [₄none]₄. However, this linkage is not inherent or inevitable; it is a consequence of the [₅specific]₅ social/legal policy [₆decision]₆ that we are questioning: the decision to have owners. To formulate the choice as between proprietary software vs. [₇no software]₇ is [₈begging the question]₈”

Resumindo, no TP a *persona* do proprietário é avaliada como a de alguém indesejável, pois sua existência traz prejuízos, é alguém que faz imposições (faça/não faça), que faz afirmações sem prova, que oferece argumentos obviamente falsos, que finge sentimentos profundos e que ainda posa de conselheiro bem informado. No TC, os contornos de tal *persona* não são tão claramente delineados, pois, trata-se de alguém alguém cuja existência gera o mal e que, ao mesmo tempo, dá conselhos (deve/não deve), faz reivindicações, oferece argumentos pouco elaborados e finge sentimentos menos intensos. A indesejabilidade de tal *persona* não está tão bem estabelecida no TC quanto no TP.

Como se afirmou no início desta análise, a *persona* construída para o proprietário é a de ‘quem decide’ questões relativas ao software. Parte da argumentação feita nos textos analisados visa convencer o público da idéia de que a ‘pessoa que decide’ deve ser outra que não o proprietário:

§2: “A existência do software inevitavelmente levanta [₁questões a respeito de como deveria ser feito seu uso]₁. Por exemplo, suponha que um indivíduo que tem uma cópia de um programa se encontra com outro que gostaria de ter uma cópia. É possível a eles copiar o programa; quem deveria decidir se isto [₂deve ser feito]₂ ou não? Os indivíduos envolvidos? Ou outra parte, chamada de "o proprietário" ?”

“The existence of software inevitably raises [₁the question of how decisions about its use should be made]₁. For example, suppose one individual who has a copy of a program meets another who would like a copy. It is possible for them to copy the program; who should decide whether this [₂is done]₂? The individuals involved? Or another party, called the "owner" ?”

A pergunta retórica no final do parágrafo acima, que constitui uma Expectativa confirmada, visa obter do leitor a resposta “Claro que os indivíduos envolvidos é que deveriam decidir”. Esta é, então, a primeira característica de um membro da comunidade do SL: concordar com esta resposta. Como já observei antes, com relação ao proprietário, o próprio poder de decisão que está sendo disputado entre ‘proprietário’ e ‘indivíduos envolvidos’ é atenuado no TC como o poder de decidir apenas sobre a propriedade do ato de copiar ‘deve/não deve ser feito’.

No parágrafo 5, a voz textual afirma que:

§5: “(...) A única maneira de julgar é ver quem é beneficiado e quem é prejudicado pelo reconhecimento dos proprietários de software, porque, e quanto. Em outras palavras, nós deveríamos fazer uma análise de custo-benefício [₃tomando por base]₃ a sociedade como um todo, levando em conta a liberdade individual bem como a produção de bens materiais”

“The only way to judge is to see who is helped and who is hurt by recognizing owners of software, why, and how much. In other words, we should perform a cost-benefit analysis [₃on behalf of]₃ society as a whole, taking account of individual freedom as well as production of material goods”

Aí, quem fala usa o ‘nós’ inclusivo, colocando a si mesmo e colocando o leitor, quem quer que ele seja, em um mesmo lado. Aí também, a responsabilidade e o poder de decidir a questão são atribuídos a essa comunidade recém-instaurada. O TC aconselha (o leitor + a comunidade representada pelo autor) a fazer uma análise ‘tomando por base’ [§5:3 (ausência de Realce)] a sociedade como um todo, enquanto que o TP o aconselha a fazê-la ‘em nome da sociedade’, ‘como seu representante’[§5:3 (Realce)] .

No §29 do TC, esse alguém que decide é a ‘sociedade’:

§29: “Considere por um momento que um programa tenha sido desenvolvido, e que qualquer (sic) pagamentos necessários para seu desenvolvimento já tenham sido feitos; agora a sociedade tem que [₁decidir]₁ [₂se deve torná-lo]₂ proprietário ou [₃se deve permitir]₃ seu livre uso e compartilhamento. Assuma que é desejável que o programa exista e que esteja disponível”

“Consider for a moment that a program has been developed, and any necessary payments for its development have been made; now society must [₁choose]₁ either [₂to make it]₂ proprietary or [₃allow]₃ free sharing and use. Assume that the existence of the program and its availability is a desirable thing”

‘Sociedade’, neste contexto é um grupo de pessoas (referidas nos textos por, por exemplo, ‘individuals’/‘indivíduos’, ‘citizens’/‘cidadãos’, ‘neighbors’/‘semelhantes’), que têm interesses comuns, especialmente os de evitar o que traz prejuízos, o que ‘é ruim para a sociedade’, e de buscar aquilo que traz benefícios, o que ‘é bom para a sociedade’. A argumentação do TP, portanto, busca persuadir o leitor de que o sistema de propriedade intelectual de software é algo que só beneficia a alguns em prejuízo da grande maioria das pessoas, e que a solução para isso é usar SL.

O §47 dirige-se ao leitor, ‘você’, como membro de tal sociedade, isto é, como tendo diante de si um ‘semelhante’ que tem os mesmos interesses que ele, e apela para o seu senso de ética:

§47: “Suponha que você e seu [2]colega]2 achassem útil rodar um certo programa. [3]Num concenso (sic) ético com seu [4]colega]4]3, você [5]sente]5 que [6]a maneira apropriada de lidar com a situação [7]é]7 permitir que ambos utilizem o programa]6. [8]Uma proposta que permitisse]8 a somente um dos dois a utilização do programa excluindo o outro [8]causaria]8 desarmonia; nem você nem seu [9]colega]9, achariam aceitável”

“Suppose that [1]both]1 you and your [2]neighbor]2 would find it useful to run a certain program. [3]In ethical concern for your [4]neighbor]4]3, you [5]should feel]5 that [6]proper handling of the situation [7]will enable]7 both of you to use it]6. [8]A proposal to permit]8 only one of you to use the program, while restraining the other, [8]is]8 divisive; neither you nor your [9]neighbor]9, should find it acceptable”

Ao usar o termo ‘colega’ para traduzir ‘neighbor’ [§47:2,4 e 9 (mudança de graduação de Afeto)], o TC circunscreve a situação hipotética em um ambiente de trabalho, abrindo mão do apelo ao ‘cidadão do mundo’, aquele que põe os interesses da humanidade acima de todos, que é feito no TP. O apelo no TC é ao coleguismo, ao espírito de lealdade à empresa, que é oposto ao apelo feito no TP, considerando seu combate ao proprietário que é ‘tipicamente uma empresa associada ao desenvolvimento de software’ (§3).

O termo ‘colega’ também é usado no §49, abaixo. No TC, o usuário é alguém que age como um ‘bom colega’/ ‘bom companheiro’, ignorando as leis (referentes à proibição de se fazer cópias de software proprietário) e compartilhando seus programas. Porém, ele se sente culpado e se vê como alguém de malíssima índole. No TP, o usuário é alguém que age

como um ‘bom vizinho’, ignorando as leis e compartilhando seus programas. Porém, ele se sente culpado, se vê como um anarquista.

§49: “Muitos usuários inconscientemente reconhecem o erro de se recusar a compartilhar, então eles decidem ignorar as licenças e as leis, e compartilham programas de qualquer forma. Mas eles frequentemente se sentem culpados por agirem assim. Eles sabem que devem quebrar as leis para serem bons [1colegas]1, mas ainda assim reconhecem a autoridade das leis, então concluem que ser um bom [2companheiro]2 (que eles são) é [3perverso]3 ou vergonhoso. Isto também é um tipo de dano psico-social, mas [4alguém]4 pode escapar disto decidindo que estas licenças e leis não têm força moral”

“Many users unconsciously recognize the wrong of refusing to share, so they decide to ignore the licenses and laws, and share programs anyway. But they often feel guilty about doing so. They know that they must break the laws in order to be good [1neighbors]1, but they still consider the laws authoritative, and they conclude that being a good [2neighbor]2 (which they are) is [3naughty]3 or shameful. That is also a kind of psychosocial harm, but [4one]4 can escape it by deciding that these licenses and laws have no moral force”

A *persona* do usuário (isto é, do membro individual da comunidade de usuários de SL) é construída de modo não só a mostrar ao leitor o grande benefício de usar SL, mas também a necessidade de apoiar a causa do SL, dando sua contribuição financeira.

É aí que o ‘nós’ se mostra como “Fundação para o Software Livre”, uma entidade sem fins lucrativos, voltada para o desenvolvimento de SL:

§100: “Em virtude da (sic) Fundação ser uma [1entidade]1, programadores frequentemente trabalham pra ela por metade do que eles poderiam ganhar em outro lugar. Eles fazem isto porque **nós** somos livres de burocracia, e porque eles sentem satisfação em saber que seu trabalho não será [2obstruído]2. Acima de tudo, eles fazem isso porque programar é divertido. Fora isso, voluntários têm escrito muitos programas úteis para **nós**. ([3Recentemente]3 mesmo escritores técnicos começaram a se oferecer)”

“Because the Foundation is a [1charity]1, programmers often work for the Foundation for half of what they could make elsewhere. They do this because **we** are free of bureaucracy, and because they feel satisfaction in knowing that their work will not be [2obstructed from use]2. Most of all, they do it because programming is fun. In addition, volunteers have written many useful programs for **us**. (Even technical writers have begun to volunteer)”

No parágrafo 106 do TC defende-se a idéia de o desenvolvedor de SL ‘solicitar’ [§106:1 (ausência de Realce, ausência de Atitude)] dos usuários ‘donativos’ [§106:2, Atit/Evoc → Julg:Destaque-], enquanto no trecho correspondente do TP, defende-se a idéia de ele ‘insistir’ [§106:1 (Realce, Julg:Persistência)] com os usuários para que eles façam ‘doações’ [§106:2, Atit/Evoc → Julg:Destaque+]. Ou seja, no TC, o apelo é feito ao senso de

caridade do leitor, sugerindo que o desenvolvedor é alguém necessitado, enquanto no TP, o apelo é feito ao seu senso de justiça, sugerindo que o desenvolvedor é alguém merecedor.

§106: “Eu acredito que um desenvolvedor ético defrontado com este paradoxo deve agir de modo a merecer a recompensa, mas deveria também [1solicitar]1 aos usuários [2donativos]2 voluntários. No final das contas os usuários irão aprender a [3suportar]3 os desenvolvedores sem coerção, assim como eles aprenderam a [4suportar]4 as estações públicas de rádio e televisão”

“I believe that an ethical developer faced with this paradox must act so as to deserve the reward, but should also [1entreat]1 the users for voluntary [2donations]2. Eventually the users will learn to [3support]3 developers without coercion, just as they have learned to [4support]4 public radio and television stations.

Esta mudança também ocorre no parágrafo 98 (v. o Anexo F), onde a Fundação para o Software Livre recebe ‘donativos consideráveis de fabricantes de computadores’ [§98:2 (Atit/Evoc → Aprec:Qualidade-)], no TC, e ‘sizable donations from computer manufacturers’ (= doações consideráveis de fabricantes de computadores) [§98:2 (Atit/Evoc → Aprec:Qualidade+)], no TP.

Uma outra diferença entre os significados interpessoais gerados no TC e no TP, no parágrafo 106, acima, é o uso do verbo ‘suportar’. No TP, afirma-se que no futuro os usuários vão aprender a ‘contribuir financeiramente’ para a continuidade do desenvolvimento de SL. Ao traduzir ‘support’ por ‘suportar’, o TC gera um outro significado, afirmando que, no futuro, os usuários vão aprender a ‘tolerar’ [§106:3 (≠Ideacional)] os desenvolvedores de software.

Para finalizar o acompanhamento das caracterizações da *persona* de ‘quem deveria decidir’, é tomado abaixo o último parágrafo dos textos analisados, onde a voz textual dá seu conselho final, utilizando o ‘nós’ inclusivo:

§139: “Se nós não queremos viver numa selva, devemos mudar nossas atitudes. Devemos começar enviando a mensagem que um bom cidadão é um que coopera quando apropriado, não um que [1é bem sucedido tirando dos outros]1. Eu espero que o movimento pelo software livre contribua para isto: pelo menos em uma área nós iremos substituir a selva por um sistema mais eficiente que encoraja e [2confia]2 na cooperação voluntária”

“If we don't want to live in a jungle, we must change our attitudes. We must start sending the message that a good citizen is one who cooperates when appropriate, not one who [1is successful at taking from

others]₁. I hope that the free software movement will contribute to this: at least in one area, we will replace the jungle with a more efficient system which encourages and [runs]₂ on voluntary cooperation”

Neste parágrafo, o conselho final é claro no TP: ‘seja um bom cidadão, isto é, coopere com os outros ao invés de tirar o que é deles’. Ao traduzir o trecho, o TC usa significados textual, ideacional e interpessoal diferentes dos usados no TP. A diferença está entre ‘ser bem sucedido’, isto é, ‘próspero’ (≠Ideacional) através de (≠Textual) apropriação indevida (Julg: Destaque-) e ‘ser bem sucedido’, isto é, ‘ter êxito’ no ato de tirar dos outros (Julg:Conduta-).

Resumindo, a *persona* de “quem deveria decidir”, é alguém que acredita que os indivíduos (usuários no sentido amplo do termo) é que deveriam decidir sobre o uso do software. No TP, os indivíduos deveriam decidir dizendo: ‘Faça/não faça’, e no TC, eles deveriam decidir aconselhando: “Deve/não deve fazer”; é alguém que quer o bem da sociedade e age: no TP, ‘em seu nome’, como ‘representante de seus interesses’, no TC, ‘levando em consideração’ a sociedade como um todo; é alguém com senso de ética, que age: no TP, como um ‘bom vizinho’, ‘cidadão do mundo’, para quem o bem da sociedade está acima de tudo, e no TC, como um ‘bom colega’, cooperando no ambiente de trabalho; é alguém que: no TP, para ser um ‘bom vizinho’, desrespeita as leis e compartilha seus programas de software, apesar de se sentir culpado e se ver como um ‘anarquista’; no TC, para ser um “bom colega” desrespeita as leis e compartilha seus programas apesar de se sentir ‘perverso’, isto é, alguém de malíssima índole; é alguém que: no TP, simpatiza com a FSL e está disposto a contribuir para seu suporte financeiro por considerar o seu trabalho ‘merecedor’; no TC, simpatiza com a FSL e é caridoso, portanto está disposto a dar uma ajuda para sua manutenção por considerá-la carente; é alguém que, no futuro: segundo o TP, vai aprender a ‘contribuir financeiramente’ para a continuidade do desenvolvimento de software; segundo o TC, vai aprender a ‘tolerar’ os desenvolvedores de SL.

6 Conclusões

Partindo da motivação de investigar diferenças entre o investimento pessoal/retórico feito no TP e no TC, possivelmente acarretadas por traduções/omissões/acréscimos de certos trechos no TC, a presente pesquisa se propôs fazer uma análise descritiva e contrastiva dos recursos lingüísticos empregados em cada texto, tomando por base o MLA. Assim, o objetivo básico foi o de investigar diferenças no uso que cada texto faz de recursos de linguagem avaliativa (Pergunta 1) e a possível contribuição de tais diferenças para a construção da relação interpessoal em cada texto (Pergunta 2). A pesquisa se propôs também situar tais diferenças dentro da dimensão interpessoal de cada texto, buscando identificar diferenças de significado concernentes às outras opções do sistema de significados interpessoais – Envolvimento e Negociação (Pergunta 3) e investigar se essas diferenças contribuem para a construção da relação interpessoal em cada texto (Pergunta 4).

Quanto à pergunta 1: “Há diferenças relativas às opções do sistema de Avaliação entre os textos do corpus? De que tipos são?”, pode-se afirmar que há diferenças de Avaliação entre os textos, mais precisamente, 162 diferenças, o que representa 95,8% das diferenças interpessoais encontradas. Os tipos e subtipos de tais diferenças encontram-se identificados, classificados, contabilizados e comentados no Anexo F e no capítulo 5 (especialmente no item 5.1). Quanto à tipologia usada para classificar tais diferenças (v. Anexo D, foi atestada sua eficiência, uma vez que foram encontradas diferenças de Avaliação envolvendo a maioria das 28 opções consideradas, excetuando-se apenas 7 delas, a saber: amplificadores - ‘Cor’, na categoria Força/Atitude Explícita/Isolada; amplificação - ‘Metáfora’ e ‘Atitude’, na categoria Força/Atitude Explícita/Fusionada; graduadores - ‘Prosódia’, na categoria Força/Atitude Evocada/Isolada; ‘Medição/Extensão/Alcance /Tempo’, na categoria Força/Atitude

Evocada/Fusionada; bem como ‘Acentuação’ e ‘Suavização’, na categoria Foco/Atitude Explícita. Foram encontradas também diferenças que não envolvem nenhum tipo de gradação: mudança de subcategoria de Apreciação (por exemplo, §26:5), mudança de alvo (por exemplo, §45:1), mudança de categoria de Atitude (por exemplo, §59:2), e que, por isso, situam-se fora da tipologia adotada, porém não fora do MLA, uma vez que dizem respeito ao subsistema de Atitude.

A resposta à pergunta 2: “As diferenças relativas às opções do sistema de Avaliação acarretam diferenças na relação interpessoal construída em cada texto?” é também afirmativa. As diferenças de Avaliação certamente o fazem, ou ao menos contribuem de forma significativa para que haja diferenças na relação interpessoal de cada texto, pois não agem isoladamente mas interagem entre si e com os outros tipos de diferenças (Interpessoais [Negociação e Envolvimento], Ideacionais e Textuais). Tal interação está demonstrada no item 5.2 do capítulo 5, onde é mostrado o modo pelo qual escolhas diversas se combinam derivando diferentes configurações de significado que, por sua vez, caracterizam diferentes tipos de apelo ao leitor. No parágrafo 86, por exemplo, todas as diferenças interpessoais são de Avaliação e, no TC, elas se combinam a uma outra diferença, que é ideacional, gerando uma negociação interpessoal diferente da que é feita no TP: enquanto neste a idéia defendida é a de que ‘as pessoas não precisam ganhar muito para trabalhar em determinadas áreas, (pois seu fascínio é tal que elas lamentam ter que competir por poucas vagas, ainda que mal remuneradas, quando até pagariam pela chance de trabalhar se tivessem condições financeiras)’, no TC, ela passa a ser a de que ‘as pessoas precisam de muito pouco ou nada para trabalhar em tais áreas, (pois seu fascínio é tal que elas competem por mais vagas, ainda que mal remuneradas, e até pagam pela chance de trabalhar’. Considerando que o apelo geral feito neste parágrafo é: “Trabalhe por algo porque é bom e não apenas porque tem chance de sucesso.”” palavras atribuídas a Vaclav Havel e endossadas pela voz textual no parágrafo 82,

pode-se afirmar que neste caso o TC reitera tal apelo, porém exagera nas razões apresentadas de modo que ‘não apenas porque tem chance de sucesso’ passa a ser ‘mesmo quando há pouca ou nenhuma chance de sucesso’.

Também no trecho formado pelos parágrafos 8-10, a combinação de diferenças, que são ao mesmo tempo ideacionais e interpessoais de Avaliação, age no sentido de instaurar relações interpessoais diversas em cada texto. Neste trecho, o TP reúne recursos que constroem uma imagem negativa dos proprietários (v. item 5.3), caricaturando-os e usando uma grande dose de ironia. Ao usar recursos diferentes, o TC não se mostra tão consistente neste trecho, pois não constrói uma imagem tão negativa para os proprietários e, ao invés de os ridicularizar, deixa uma certa dúvida sobre a exatidão de suas palavras ao citá-los. Devido a essa atenuação da negatividade da imagem dos proprietários, a ironia presente no TC também se reduz, apesar de em um certo ponto, (§10:4 ‘how willingly’ → ‘quão sinceramente’), tomado isoladamente, ela poder ser considerada até maior do que no TP. Considerando que o apelo geral deste trecho é “os argumentos oferecidos pelos proprietários são falsos, não se deixe enganar”, pode-se afirmar que o TC reitera tal apelo, porém de um modo muito menos claro: enquanto o TP grita isso aos ouvidos do leitor, o TC disfarça e sussura seu apelo ao leitor. E, finalmente, no parágrafo 36, as diferenças, todas ao mesmo tempo ideacionais e interpessoais de Avaliação, confirmam a relação entre mudanças de significado interpessoal e mudança na relação interpessoal estabelecida em cada texto. Enquanto o TP alerta o programador para a possibilidade de ‘perder seu tempo’, uma vez que os efeitos negativos das restrições impostas pelo software proprietário são muito pouco prejudiciais para a sociedade em termos materiais pois só prejudicam a uma pessoa – o próprio programador, o TC mostra ao programador sua imagem como a de alguém perverso, cujo produto, isto é, o software proprietário contém restrições que são prejudiciais para a sociedade e cujo trabalho é ainda mais prejudicial para a sociedade.

Outro tipo de demonstração da grande contribuição das diferenças de Avaliação para a ocorrência de diferenças na relação interpessoal dos textos é a análise da construção de *personae* textuais. No item 5.3, constata-se a evolução da construção da *persona* do proprietário, que é ‘quem decide’ sobre o uso do software, e da *persona* de quem deveria decidir sobre tal uso, e mostra-se como a negociação que é feita diverge em cada texto, uma vez modificada a moeda de troca constituída pelas *personae*.

A análise das diferenças de significado metafuncional nos parágrafos 2, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14 mostrou que a *persona* do proprietário, no TP, é a de alguém indesejável, pois sua existência traz prejuízos, alguém que faz imposições (faça/não faça), que faz afirmações sem prova, que oferece argumentos obviamente falsos, que finge sentimentos profundos e que ainda posa de conselheiro bem informado; enquanto, no TC, trata-se de alguém cuja existência gera o mal e que, ao mesmo tempo, dá conselhos (deve/não deve), faz ‘reivindicações’, oferece argumentos pouco elaborados e finge sentimentos menos intensos. A indesejabilidade de tal *persona* não está tão bem estabelecida no TC quanto no TP.

A análise das diferenças de significado metafuncional nos parágrafos 2, 5, 29, 47, 49, 100, 106 e 139 mostrou que a *persona* de ‘quem deveria decidir’ é a de alguém que 1- acredita que os indivíduos (usuários no sentido amplo do termo) é que deveriam decidir sobre o uso do software. No TP, tal *persona* acredita que os indivíduos deveriam decidir dizendo: ‘Faça/não faça’, enquanto no TC, eles deveriam decidir aconselhando: “Deve/não deve fazer”; 2- quer o bem da sociedade e age: no TP, ‘em seu nome’, como ‘representante de seus interesses’, no TC, ‘levando em consideração’ a sociedade como um todo; 3- tem senso de ética e que age: no TP, como um ‘bom vizinho’, ‘cidadão do mundo’, para quem o bem da sociedade está acima de tudo, e no TC, como um ‘bom colega’, cooperando no ambiente de trabalho; 4- é alguém que: no TP, para ser um ‘bom vizinho’, desrespeita as leis e compartilha seus programas de software, apesar de se sentir culpado e se ver como um ‘anarquista’; no

TC, para ser um “bom colega” desrespeita as leis e compartilha seus programas apesar de se sentir ‘perverso’, isto é, alguém de malíssima índole; 5- é alguém que: no TP, simpatiza com a FSL e está disposto a contribuir para seu suporte financeiro por considerar o seu trabalho ‘merecedor’; e no TC, é alguém que simpatiza com a FSL e é caridoso, portanto está disposto a dar uma ajuda para sua manutenção por considerá-la carente; 6- é alguém que, no futuro: segundo o TP, vai aprender a ‘contribuir financeiramente’ para a continuidade do desenvolvimento de software; e, segundo o TC, vai aprender a ‘tolerar’ os desenvolvedores de SL.

As análises referidas acima comprovam a grande contribuição das diferenças de Avaliação para a diferença na relação interpessoal construída em cada texto, pois das 60 diferenças existentes nos trechos considerados para a análise da construção das *personae*, 47 se referem a diferenças de Avaliação.

Quanto à pergunta 3: “Há diferenças relativas às outras opções do sistema de significados interpessoais – Envolvimento e Negociação?”, a resposta é afirmativa: foram identificadas 5 diferenças de Envolvimento e 2 de Negociação.

A resposta à pergunta 4: “As diferenças relativas aos sistemas de Envolvimento e Negociação acarretam diferenças na relação interpessoal construída em cada texto?” é também afirmativa. As diferenças de Envolvimento ocorrem por mudança de registro, pelo uso de um termo inexistente na língua de chegada, e pela não tradução. Todos esses modos de diferença de Envolvimento ocasionam mudanças na *persona* que é construída para o leitor, ao exigir dele familiaridade com determinada realidade lingüística: ao usar: 1) o registro elevado da linguagem bíblica em ‘seu semblante cai’ e o registro da linguagem da economia em “entesouradas”/ “entesouramento” onde havia o registro coloquial “his face falls”/ “hoarded” / “hoarding”; 2) uma expressão inexistente na língua de chegada, antecedida do artigo definido - “o biscoito do navio”; e 3) uma expressão não traduzida “software houses”, o TC delinea

um ‘leitor’ diferente daquele delineado no TP, e, desse modo põe interferências, ‘ruídos’ na relação entre quem fala/escreve e quem ouve/lê que não existiam no TP. É bem possível que o receptor do TC franza a testa ao encontrar tais expressões, enquanto é muito pouco provável que isso aconteça com receptores do TP.

Quanto às diferenças de Negociação, em ambos os trechos em que elas ocorrem, o TC faz uma proposição onde o TP faz uma proposta e isso ocasiona mudanças na *persona* que é construída para quem fala. Ao fazer uma afirmação – “nós estaremos pagando” e uma negação – “nós não temos medo” onde o TP usa uma modulação alta – “we must pay” e uma modulação baixa, próxima do imperativo negativo – “we don’t have to fear”, o TC constrói uma voz textual que simplesmente aponta para ‘fatos’: o pagamento futuro e a ausência de medo. Tais fatos não sugerem qualquer sentimento, enquanto que as expressões usadas no TP implicam o sentimento do dever e o sentimento de medo, que está sendo combatido pela voz textual.

Com base nas considerações feitas acima, pode-se afirmar que as diferenças relativas ao sistema de significados interpessoais (Negociação, Envolvimento e Avaliação) trazem consequências para a relação interpessoal construída em cada texto.

Após responder as perguntas 1-4, a pesquisa se propôs responder à pergunta 5: Qual a relação de tradução entre os textos estudados em termos de investimento pessoal/retórico? Ou, em outras palavras: que comparação se pode fazer, em termos de investimento pessoal/retórico, entre os TP e o TC? A resposta é dada a seguir.

Como mostram as análises feitas no capítulo 5 e no Anexo F, comparado com o TP, o TC apresenta um número considerável de diferenças de Avaliação (162), entre as quais: omissões (57), aí incluídas a não tradução total de determinado trecho e a não tradução de determinado recurso de Avaliação presente no TP, acréscimos (10), entre os quais a inserção de um trecho não existente no TP e a inserção de determinado recurso de Avaliação não

presente no TP, além de muitas outras mudanças referentes a trechos traduzidos, isto é, presentes em ambos os textos. Entre estes últimos destacam-se o grande número de mudanças de grau de Atitude (58) e o número considerável de mudanças de categoria de Comprometimento (21). O efeito das mudanças de grau de Atitude parece diluir-se pelo fato de não existir um padrão: elas ora diminuem, ora aumentam o grau de Atitude. Mesmo assim, a atribuição de valores numéricos aos graus usados em cada texto, sua soma e divisão pelo número de ocorrências no texto mostrou, no TC, uma leve redução do grau impresso aos significados atitudinais, o que aponta para uma redução do grau de investimento.

Já o efeito de compensação das mudanças de categoria de Comprometimento, ainda que haja um uso maior de Heteroglossia no TC, é mais sensível, pois em 13 das mudanças de categoria de Comprometimento há substituição de Monoglossia por Heteroglossia e em 8 outras, se dá o inverso: substituição de Heteroglossia por Monoglossia, e, além disso, 6 das 7 mudanças de Abertura são contrações, isto é, o TC substitui uma categoria mais aberta por uma menos aberta. Tomando-se a Monoglossia como posicionada topologicamente em um ponto mais distante que o da categoria máxima da contração (Negação/Contra-expectativa), ainda que a noção da variação expansão/contração só se aplique estritamente às categorias da Heteroglossia, pode-se afirmar que as 13 mudanças de Monoglossia por Heteroglossia, consideradas como movimentos de Abertura, são compensadas pelas 14 outras mudanças que representam o movimento inverso: 8 mudanças de Heteroglossia por Monoglossia + 6 mudanças de uma categoria mais aberta por uma menos aberta.

Há que se considerar também, no TC, a redução do grau de Probabilidade/Pronunciamento, a diminuição do grau da Força, que não é compensada pela Intensidade Extra, e as omissões de Realce, que, em conjunto, apontam na direção de uma redução do investimento feito no TP, além das mudanças de inclinação e das mudanças de alvo, que representam um investimento numa posição diferente de e até contrária àquela

defendida no TP. Tudo isso mostra que o investimento pessoal/retórico, enquanto característica fundamental do TP, não foi retextualizado como característica fundamental do TC. As análises mostraram que a interação de diferentes escolhas de significado, em especial de recursos de Avaliação geram, no TC, relações interpessoais diferentes das estabelecidas no TP, através da construção de diferentes *personae* e de diferentes tipos de apelo ao leitor. Pode-se afirmar, portanto, que o uso particular dos recursos de linguagem avaliativa, feito no TC, constituem uma redução do grau do investimento feito no TP. Entenda-se tal ‘redução’ como um ‘deixar tal característica em segundo plano’ na retextualização do TP, vista a não observância, neste texto, de uma consistência de tal característica que seja comparável à que se observa no TP: as análises mostram que o TC, ainda que em alguns momentos, exagere, isto é, aumente o impacto de determinados recursos sobre o leitor, como, por exemplo na tradução do parágrafo 86, e, em muitos outros, ele diminui/abre mão do impacto de determinados recursos usados no TP, como por exemplo a ironia dos parágrafos 8-10 e 68, além de outras vezes mudar o tipo de apelo feito, como por exemplo na tradução do parágrafo 106. Pode-se então afirmar que a relação de tradução entre TC e TP, quanto ao investimento pessoal/retórico é, em termos gerais, uma de redução do impacto do texto sobre o leitor, vista a inconsistência, no TC, do posicionamento da voz textual com relação à ideologia defendida e negociada com o leitor. Ou seja, o investimento pessoal/retórico voltado para a persuasão do leitor é menor no TC em comparação com o TP. Isto não impossibilita o texto traduzido de atingir seu objetivo, como se pode argumentar que o fez, dado o grande número de citações em páginas da Internet e seu uso pela comunidade do SL no Brasil. O que se está afirmando é que há uma diferença de investimento pessoal/retórico: em geral, o TC reduz o grau e em muitos casos abre mão por completo de estratégias discursivas usadas no TP.

Finalmente, uma vez respondidas afirmativamente as perguntas 1-5, a última pergunta proposta por esta pesquisa, pergunta 6: “O MLA pode ser usado de modo produtivo

na análise de textos traduzidos?” pode ser também respondida. Sim, o MLA pode ser usado de modo muito produtivo na análise de textos traduzidos e espera-se que este trabalho de pesquisa, contribua através de seus resultados e da adaptação do MLA para o português (v. Anexos C e D) para a adoção deste modelo por outros pesquisadores dos Estudos da Tradução.

6.1 IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

O uso de duas linhas teóricas para embasar esta pesquisa, permite que se faça agora um cruzamento da visão de texto e de tradução implícita ou explícita em cada uma a fim de se refletir sobre suas contribuições e implicações para a tarefa do tradutor e o ensino de tradução.

Em primeiro lugar, tais teorias permitem ver a tradução como um “diálogo” entre textos de diferentes línguas/culturas. De um lado está o dialogismo bakhtiniano adotado pela TLA, afirmando que nenhum texto escapa ao “imperativo dialogístico”, isto é, que cada texto é construído a partir de textos anteriores aos quais responde e a partir de projeções de textos futuros que serão construídos em resposta a ele. E, de outro, a visão de Toury de que:

The [prospective] position (...) of a translation within a recipient culture (or a particular section thereof) should be regarded as a strong governing factor of the very make-up of the product, in terms of underlying models, linguistic representation, or both. After all, translations always come into being within a certain cultural environment and are designed to meet certain needs of, and/or occupy certain ‘slots’ in it. Consequently, translators may be said to operate first and foremost in the interest of the culture into which they are translating, however they conceive of that interest.⁵⁷

⁵⁷ A posição [prospectiva] (...) de uma tradução dentro de uma cultura receptora (ou de determinada parte desta) deveria ser vista como um fator decisivo da própria elaboração do produto, com relação a modelos subjacentes, representação lingüística, ou ambos. Afinal, as traduções sempre surgem dentro de um certo contexto cultural e se destinam a suprir certas necessidades deste, e/ou ocupar certos “lugares” dentro dele. Consequentemente, pode-se dizer que os tradutores trabalham, em primeiro lugar e antes de tudo, de acordo com o interesse da cultura para a qual eles traduzem, qualquer que seja sua concepção de tal interesse.

Ou seja, o tradutor é o agente possibilitador do “diálogo” entre culturas. Mas, perceba-se que, ainda que possa ser considerado o possibilitador de tal diálogo, agindo antes de tudo segundo o interesse da cultura de chegada, o tradutor não pode ser visto como um mero transferidor de textos de um lugar da estante da língua/cultura A para um lugar “equivalente” da estante da língua/cultura B. Como diz a citação de Toury, o tradutor “concebe”, isto é, interpreta o interesse da cultura e tem em mente uma “posição na estante” a ser ocupada pelo texto traduzido, concepção/interpretação esta que deriva de “modelos subjacentes” e de determinada “representação lingüística” aprendidos a partir de sua experiência em tal cultura. Caberia então ao tradutor estar ‘sintonizado’ com os interesses da cultura para a qual traduz, porém, por mais sintonizado que esteja, não há garantias plenas de que todas as suas interpretações e projeções se concretizem, isto é, de que sua tradução venha a corresponder de fato aos interesses, ou a suprir as necessidades da comunidade cultural receptora.

Nos termos da TLA, pode-se dizer que, neste papel de ‘representante dos interesses da cultura de chegada’, e de acordo com sua tarefa de tradução, ou sua interpretação de tal tarefa e suas projeções de como alcançar os objetivos de tal tarefa, o tradutor faz sua participação no diálogo entre TP e TC. Por mais que sua presença seja velada ou muda, ele também fará seu “investimento pessoal/retórico”, sobrepondo a sua voz à voz textual, de modo a ajudar a promover ou a desaconselhar os valores postos em questão no texto de partida. Para isso, concorrerá, entre outros, seu conhecimento do uso das línguas envolvidas, a linguagem avaliativa constituindo um importante capítulo de tal uso.

Essa visão de tradução como diálogo tem implicações importantes para a atuação do tradutor e para o ensino de tradução. Em primeiro lugar, ela aponta para o papel fundamental de autor e construtor de significados do tradutor e para os poderes e responsabilidades daí derivados. Através de suas escolhas de significados, particularmente aqueles relativos à linguagem avaliativa, o tradutor pode:

1. Dar continuidade ao diálogo já estabelecido na cultura de partida ou não;
2. Manter o tipo e o grau do investimento pessoal/retórico feito no TP ou não;
3. Promover ou desaconselhar valores que são promovidos no TP;
4. Promover ou desaconselhar valores que são desaconselhados no TP;
5. Promover ou desaconselhar em maior ou menor grau os valores postos em questão no TP.

Se, como foi dito no item 2.1, todo enunciado é opinativo, nenhum texto traduzido escapa à expressão das opiniões de “quem fala”. E, se o tradutor sobrepõe a sua voz, isto é, também ‘fala’ no processo dialogístico da tradução, ele deve estar atento para o tipo e o grau do Comprometimento e da Atitude que está (re)criando, a fim de buscar no TC uma sintonia com a linguagem avaliativa usada no TP, de acordo com a sua tarefa de tradução.

6.2 PESQUISAS FUTURAS

Esta pesquisa pode ser estendida em vários de seus aspectos. Alguns deles são: 1) focalizando a figura do tradutor, pode-se seguir analisando o uso da linguagem avaliativa em cada texto de um ou mais pares TC-TP a fim de se investigar a “presença avaliativa” do tradutor no texto traduzido. Pode-se, por exemplo, partir da hipótese de que no presente estudo a “presença avaliativa” do tradutor foi mais facilmente sentida e identificada devido ao fato de se tratar de um tradutor amador, e tomar outros textos traduzidos por tradutores amadores a fim de se confirmar ou não tal hipótese, ou ainda buscar uma “presença avaliativa” do tradutor em textos traduzidos por tradutores profissionais, utilizando-se o mesmo arcabouço teórico-metodológico. Pode-se também tomar vários tipos de texto (por exemplo, jornalístico, acadêmico, publicitário, etc) e buscar estabelecer uma relação possível

entre grau de “presença avaliativa” do tradutor e tipo textual; 2) focalizando o público-alvo, pode-se, por exemplo, usar traduções/adaptações de campanhas publicitárias de dois conjuntos de textos: a) textos traduzidos referentes a uma campanha de um produto consagrado, isto é, que teve boa aceitação pelo público-alvo, e b) textos traduzidos de uma campanha de um produto novo ou que não tenha tido sucesso no Brasil, usando o mesmo arcabouço teórico-metodológico para compará-los e investigar uma possível relação entre o uso da linguagem avaliativa no TP e no TC e o sucesso ou falha da campanha.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. tradução feita a partir do francês por Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, 421p.

BIBER, D; FINEGAN, E. **Styles of stance in English: lexical and grammatical marking of evidentiality and affect**. Text, n. 9, 1989, p. 93-124.

CHANNELL, J. Corpus-based analysis of evaluative lexis. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (eds), **Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press. 2001, p. 39-55.

CONRAD, S.; BIBER, D. Adverbial Marking of Stance in Speech and Writing. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (eds), **Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press. 2001, p. 56-73.

COSTA, W. C. **The translated text as re-textualisation**. Ilha do Desterro, n. 28, Florianópolis: Editora da UFSC, 1992, p. 132-153, .

COULTHARD, M. Evaluative text analysis. In: STEELE, R.; TREADGOLD, T. (eds) **Language Topics: Essays in Honour of Michael Halliday**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1987, p. 182-190.

_____. **Linguistic constraints on translation**. Ilha do Desterro, n. 28, Florianópolis: Editora da UFSC, 1992, p. 9-23.

_____. On analysing and evaluating written text. In: COULTHARD, M. (ed), **Advances in written text analysis**. London & New York: Routledge, 1994.

DELABATISTA, D. Shifts of Translation. In: SHUTTLEWORTH, M.; COWIE, M. (eds) **Dictionary of Translation Studies**. Manchester: St. Jerome, 1997, p. 226-231.

EVEN-ZOHAR, I. **The Textemic Status of Signs in Translation**. Poetics Today, n. 11:1, 1990, p. 247-251. Disponível em: <<http://itamarez.ifrance.com/ps/textemes.htm>>. Acesso em: 27 jan.2006.

HALLIDAY, M.A.K; McINTOSH, A; STREVEENS, P. D. (eds) **The linguistic science and language teaching**. London & New York: Longman, 1964.

_____. **Language as Social Semiotic: The Social Interpretation of Language and Meaning**. London: Edward Arnold. 1978, 256 p.

_____. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. London: Edward Arnold, 1994.

_____. Towards a theory of good translation. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (eds) **Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Content**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001, p. 13-18.

_____.; MATTHIESSEN, C. M.I.M. **An introduction to functional grammar**. 3 ed. London: Arnold, 2004, 689 p.

HOLMES, J. S. The Name and Nature of Translation Studies. In: **Translated!: Papers on Literary Translation and Translation Studies**. Amsterdam/Atlanta: Rodopi, 1994, p. 1-79.

HOLQUIST, M. **Dialogism: Bakhtin and his world**. London: Routledge, 1990, 204p.

HOOD, S. **Appraising Research: Taking a stance in academic writing**. Sydney, 2004. 303p. Ph.D Dissertation. Faculty of Education. University of Technology. Disponível em: <<http://www.grammatics.com/appraisal/hoodS-phd-links.htm>>. Acesso em: 27 jan.2006.

_____. **Genre, Appraisal and Academic Writing: managing 'objectivity' and persuasion**. workshop, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 23 nov, 2005.

_____.; MARTIN, J. R. **Invocación de actitudes: El juego de la gradación de al valoración en el discurso**. Signos, 38 (58), p. 195-220, 2005.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (eds), **Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press. 2001, 225 p.

IÓRIO, E. **Evaluation in Customer Reviews: A Linguistic Investigation on Appraisal Resources**. Florianópolis, 2002. 68 p. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente. Universidade Federal de Santa Catarina.

KAPLAN, N. **Una aproximación a la teoría de la valoración**. (artigo não publicado).

LABOV, W. **Language in the Inner City**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

_____. **Las estrategias retóricas en el discurso político de Noam Chomsky**. (artigo não publicado).

LEFEVÈRE, A. **Translating Literature: Practice and theory in a comparative literature context**. New York: The Modern Language Association, 1992.

MARTIN, J. R. Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (eds), **Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: Oxford University Press. 2001, p. 142-175.

_____. Appraisal: negotiating attitudes. In: MARTIN, J. R.; ROSE, D. **Working with discourse: meaning beyond the clause**. London: Continuum, 2003.

_____. **Mourning: how we get aligned**. Discourse & Society, v. 15 (2-3), 2004, p. 321-344.

_____. **Appraisal - introduction to the language of evaluation, including attitude, engagement and graduation, with some consideration of attitude and images**. workshop, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 21 nov, 2005.

_____. **Genre - introduction to genre analysis in SFL, with a focus on genre relations from the perspective of typology and topology.** workshop, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC, 22 nov, 2005.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The language of evaluation: appraisal in English.** London: Palgrave MacMillan, 2005, 285 p.

MATTHIESSEN, C. M.I.M. The environments of translation. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (eds) **Exploring Translation and Multilingual Text Production: Beyond Content.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2001, p. 41-124.

McANDREW, P.; MACANDREW, J. **Systemic Functional Linguistics: An Introduction.** Journal of the Faculty of Global Communication. Siebold:University of Nagasaki, n. 3, p. 115-127.

MILLER, D. “...to meet our common challenge”: **ENGAGEMENT strategies of alignment and alienation in current US international discourse.** Textus 17, n.1, 2004, p. 39-62.

NORD, C. **La unidad de traducción en el enfoque funcionalista.** Quaderns, Revista de Traducción, n. 1, 1998, p. 65-77. Disponível em: <<http://www.bib.uab.es/pub/quaderns/11385790n1p65.pdf>>. Acesso em: 27 jan, 2006.

RICHARDS, I. A. **Princípios de Crítica Literária.** Tradução de Rosaura Eichenberg, Flavio Oliveira e Paulo Roberto do Carmo. 2 ed. Porto Alegre:Globo,1971

SARANGI, S. **Editorial: Evaluating Evaluative Language.** Text, Special Issue, Volume 23-2, 2003, p. 165-170.

STALLMAN, R. M. **Why Software Should Be Free.** 1992. Disponível em: <<http://www.gnu.org/philosophy/shouldbefree.html>> . Acesso em: 27 jan, 2006.

_____. **Porque o Software Deveria Ser Livre.** Tradução de J. D. Andrade. Disponível em: <<http://www.gnu.org/philosophy/shouldbefree.pt.html>>. Atualizado em 21 jan, 2001. Acesso em: 27 jan, 2006.

STUBBS, M. **A matter of prolonged fieldwork: towards a modal grammar of English.** Applied Linguistics, n. 7-1, 1986, p. 1-25.

_____. **Text and Corpus Analysis: Computer-Assisted Studies of Language and Culture.** Oxford: Blackwell, 1996.

THOMPSON, G.; ZHOU, J. Evaluation and Organization in Text: The Structuring Role of Evaluative Disjuncts. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (eds), **Evaluation in text: Authorial stance and the construction of discourse.** Oxford: Oxford University Press. 2001, p. 121-141.

TOURY, G. **Descriptive Translation Studies and beyond.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1995, 312 p.

VASCONCELLOS, M. L. **Retextualizing *Dubliners*: A Systemic Functional Approach to Translation Quality Assessment**. Florianópolis, 1997. 273 p. Tese de doutorado. Pós-Graduação em Inglês e Literatura Correspondente. Universidade Federal de Santa Catarina.

VASCONCELLOS, M. L.; PAGANO, A. **explorando interfaces: estudos da tradução, lingüística sistêmico-funcional e lingüística de corpus**. Competência em tradução: cognição e discurso. Belo Horizonte:Editora da UFMG, 2004.

VIANA, V.; SHEPHERD, T. **Dize-me como falas e eu te direi com quem falas: um estudo sobre a linguagem de apreciação**. In: Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, VIII, 2004, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF, Série VIII, n°05. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno05-08.html>>. Acesso em: 27 jan, 2006.

WHITE, P. R. R. The Language of Attitudinal and Intersubjective Stance. Appraisal website. URL. <www.grammatics.com/appraisal>, 2002.

_____. **Beyond modality and hedging: A dialogic view of the language of intersubjective stance**. Text, Special Issue, Volume 23-2, 2003, p. 259-284.

_____. AppraisalAnalysis email list, 14 jan, 2005.

_____. AppraisalAnalysis email list, 8 fev, 2005.

_____. **Telling Media Tales: the News Story As Rhetoric**. Sydney, 1998. 299 p. Ph.D Dissertation, University of Sydney. Disponível em: <http://www.grammatics.com/appraisal/whitepr_phd.html>, Acesso em: 27 jan.2006.

YAMAGUCHI, N. **Introducing Professor Michael Halliday for his Plenary Talk at JASFL 2001 Tohoku University**, Tohoku, 2001. Disponível em: <http://www2.ocn.ne.jp/~yamanobo/JASFL/jasfl_2001_abstracts/introducing_halliday_lec.html>. Acesso em: 27 jan.2006.

DICIONÁRIOS

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, A. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DICTIONARY.COM. Disponível em: <<http://dictionary.reference.com/>>. Acesso em 07 fev, 2006.

HORNBY, A. S. **Oxford advanced learner's dictionary of current English**. 4 ed. Oxford: Oxford University Press, 1991.

MICHAELIS – MODERNO DICIONÁRIO INGLÊS-PORTUGUÊS / PORTUGUÊS-INGLÊS. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

MERRIAM-WEBSTER ONLINE. Disponível em: <<http://www.m-w.com/>>. Acesso em 27 jan, 2006.

THE FREE DICTIONARY BY FARLEX. Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/>>. Acesso em 07 fev, 2006.

ANEXO A – Textos de partida de tabelas e figuras

Tabela 1: As quatro funções primárias do discurso segundo Halliday. (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p.107)

role in exchange	Commodity exchanged	
	(a) goods-&-services	(b) information
(i) giving	‘offer’ would you like this teapot?	‘statement’ he’s giving her the teapot
(ii) demanding	‘command’ give me that teapot!	‘question’ what is he giving her?

Tabela 2: Rede de sistemas de modalidade (cf. HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004, p. 619)

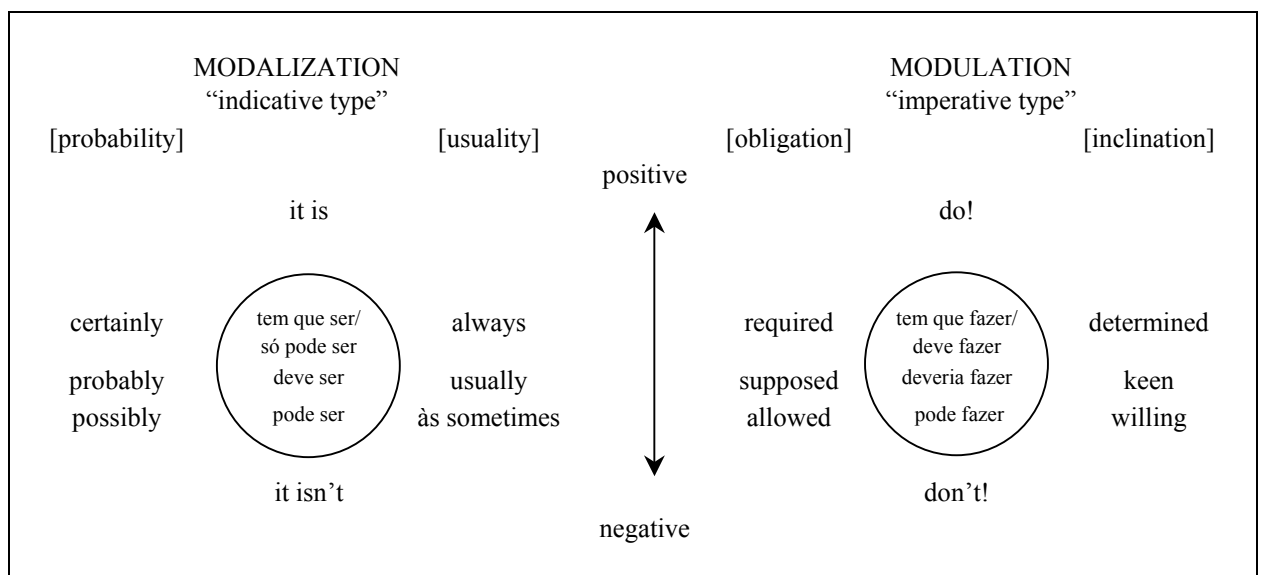


Tabela 4a: Afeto Realis (MARTIN, 2001, p. 151-2)

	SURGE (of behaviour)	Disposition	
UN/HAPPINESS			
<i>unhappiness</i>			
misery (mood: 'in me')	whimper	down	(low)
	cry	sad	(median)
	wail	miserable	(high)
antipathy	rubbish	dislike	
	abuse	hate	
	revile	abhor	
<hr style="border-top: 1px dashed black;"/>			
<i>happiness</i>			
cheer	chuckle	cheerful	
	laugh	buoyant	
	rejoice	jubilant	
affection	shake hands	fond	
	hug	loving	
	embrace	adoring	
<hr style="border-top: 1px dashed black;"/>			
IN/SECURITY			
<i>insecurity</i>			
disquiet	restless	uneasy	
	twitching	anxious	
	shaking	freaked out	
surprise	start	taken aback	
	cry out	surprised	
	faint	astonished	
<hr style="border-top: 1px dashed black;"/>			
<i>security</i>			
confidence	declare	together	
	assert	confident	
	proclaim	assured	
trust	delegate	comfortable with	
	commit	confident in/about	
	entrust	trusting	
<hr style="border-top: 1px dashed black;"/>			
DIS/SATISFACTION			
<i>dissatisfaction</i>			
ennui	fidget	bored	
	yawn	fed up	
	tune out	exasperated	
displeasure	caution	cross	
	scold	angry	
	castigate	furious	<i>continua</i>

Tabela 4a: Afeto Realis (MARTIN, 2001: 151-2) *continuação*

<i>satisfaction</i>		
interest	attentive	curious
	busy	absorbed
	flat out	engrossed
admiration	pat on the back	satisfied
	compliment	impressed
	reward	proud

Tabela 4b: Afeto Irrealis (MARTIN, 2001, p. 150)

DIS/INCLINATION	SURGE (of behaviour)	DISPOSITION
fear	tremble	Wary
	shudder	Fearful
	cower	Terrorized
desire	suggest	Miss
	request	long for
	demand	yearn for

Tabela 5: Atitude/Julgamento (MARTIN, 2001, p. 156)

Social Esteem 'venial'	Positive (admire)	Negative (criticize)
normality (fate) 'is he or she special?'	lucky, fortunate, charmed... normal, average, everyday... in, fashionable, avant-garde...	unfortunate, pitiful, tragic... odd, peculiar, eccentric... dated, daggy, retrograde...
capacity 'is he or she capable?'	powerful, vigorous, robust... insightful, clever, gifted... balanced, together, sane...	mild, weak, wimpy... slow, stupid, thick... flaky, neurotic, insane...
tenacity (resolve) 'is he or she reliable, dependable?'	plucky, brave, heroic... dependable... persevering, resolute...	tireless, rash, cowardly, despondent... unreliable, undependable... weak, distracted, dissolute...
Social Sanction 'mortal'	Positive (praise)	Negative (condemn)
veracity (truth) 'is he or she honest?'	truthful, honest, credible... real, authentic, genuine... frank, direct...	dishonest, deceitful... glitzy, bogus, fake... deceptive, manipulative... <i>continues</i>
propriety (ethics) 'is he or she beyond reproach?'	good, moral, ethical... law-abiding, fair, just... kind, caring...	sensitive, bad, immoral, evil... corrupt, unfair, unjust... insensitive, mean, cruel...

Tabela 6: Atitude/Apreciação (MARTIN, 2001, p. 160)

	Positive	Negative
<i>Reaction: impact</i> 'did it grab me?'	arresting, captivating, engaging... fascinating, exciting, moving...	dull, boring, tedious, staid... dry, ascetic, uninviting...
<i>Reaction: quality</i> 'did I like it?'	lovely, beautiful, splendid... appealing, enchanting, welcome...	plain, ugly... repulsive, revolting...
<i>Composition: balance</i> 'did it hang together?'	balanced, harmonious, unified... symmetrical, proportional...	unbalanced, discordant... contorted, distorted...
<i>Composition: complexity</i> 'was it hard to follow?'	simple, elegant... intricate, rich, detailed, precise...	ornamental, extravagant... monolithic, simplistic...
<i>Valuation</i> 'was it worthwhile?'	challenging, profound, deep... innovative, original, unique...	shallow, insignificant... Conservative, reactionary...

Tabela 7: Gradação nos subsistemas do Modelo de Linguagem Avaliativa (WHITE, 1998, p. 115)

	Low INTENSITY	High INTENSITY
Probability	Perhaps he's a post-modernist	He's definitely a post-modernist
Appearance	He seems to be a post-modernist	It's obvious he's a post-modernist
Proclaim	I'd say he's a post-modernist	I declare he's a post-modernist
Extra-vocalise	She say's he's a post-modernist	She insists he's a post modernist
Affect	He likes post-modernists	He adores post-modernists
Judgement	He's a satisfactory post-modernist	He's a brilliant post-modernist
Appreciation	An attractive post-modernist work.	An exquisite post-modernist work.
	A minor post-modern work	A major post-modern work
Focus	It's a post-modern work, kind'v	It's genuinely post-modern

Tabela 8: Gradação e Comprometimento (MARTIN & WHITE, 2005, p. 136)

Table 3.5 The gradability of engagement values

	lower ←		→ higher
entertain	I suspect she betrayed us possibly she betrayed us she just possibly betrayed us	I believe she betrayed us probably she betrayed us she possibly betrayed us	I am convinced she betrayed us definitely she betrayed us she very possibly betrayed us
attribute	She suggested that I had cheated	She stated that I had cheated	She insisted that I had cheated
pronounce	I'd say he's the man for the job	I contend he's the man for the job	I insist that he's the man for the job
concur	admittedly he's technically proficient (but he doesn't play with feeling)		certainly he's technically proficient (but)
disclaim	I didn't hurt him		I never hurt him

Figura 2: Modos de julgamento (WHITE, 1998, p.106)

Modes of JUDGEMENT

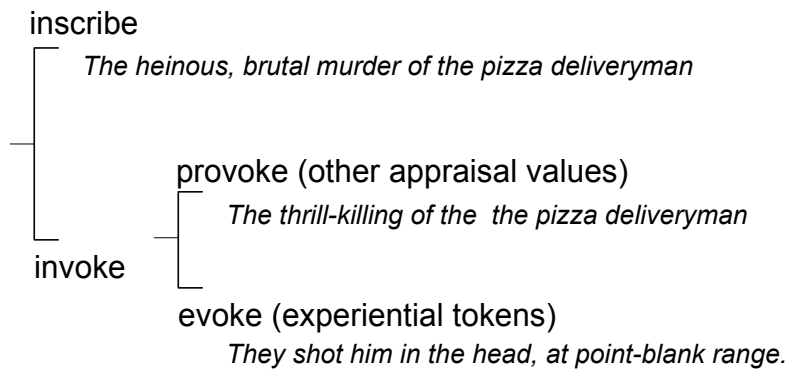


Figura 4: Escala de instanciação (MARTIN & WHITE, 2005, p. 25)

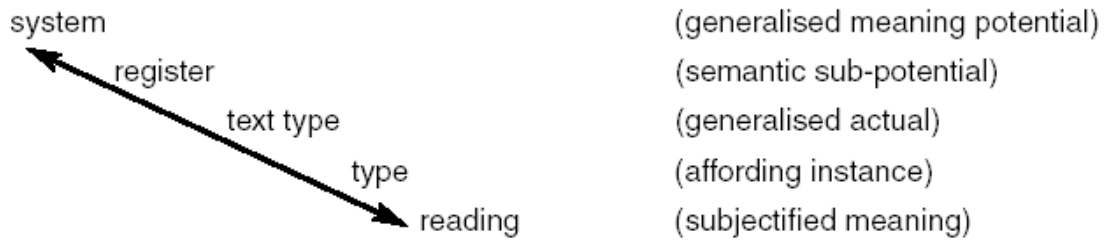


Figure 1.14 Cline of instantiation

Figura 8: esboço do subsistema de Gradação (MARTIN & WHITE, 2005, p. 138)

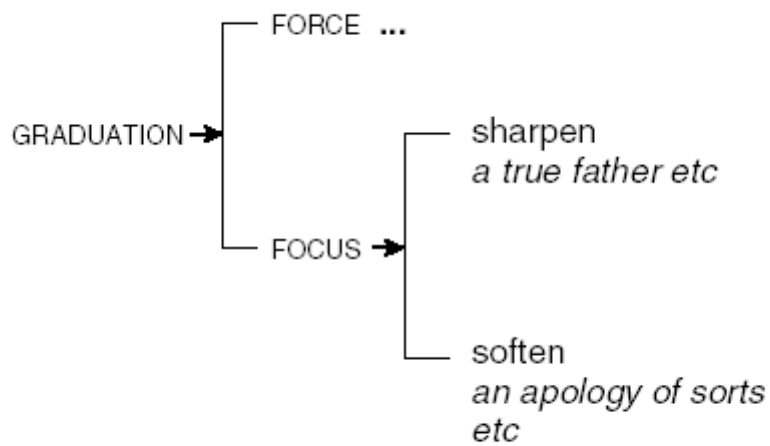


Figure 3.5 A preliminary outline of graduation

ANEXO B – Emails

Para: AppraisalAnalysis@yahoogroups.com
De: "Peter R.R. White" <peter04@textuality.info>
Data: Fri, 14 Jan 2005 11:21:41 +0000
Assunto: Re[2]: [AppraisalAnalysis] the evaluative status of 'mob'

Dear Graham,
hmmmm...? Yes, that problematic distinction between 'content' and 'evaluation' and between the 'explicit' and the 'implicit', and how to map these two dichotomies onto each other. Well, I don't find the 'content' versus 'evaluation' distinction so troublesome, but still have problems with the 'explicitness' versus 'implicitness' distinction. So I'm not sure I have a satisfactory answer to your question, but perhaps it would still be useful if I outlined the issues as I see them. Hopefully others will come to my rescue.

If we take 'content' to mean, in Hallidayian terms, 'ideational/experiential' meaning and equate 'evaluation' with 'interpersonal meaning', then, of course, we would have no analytical problem with locutions which convey both 'content' (experiential meanings) and 'evaluation' (interpersonal meaning.) The combining of 'content' with 'evaluation' is perhaps most obvious with verbs (i.e. 'The government has BETRAYED the people', 'In the past month they have RESCUED 100 swimmers who got into trouble.'). Now for me a term like *betrayed* 'inscribes' a negative attitude (Judgement:-ve Propriety), at least when I'm operating with the notion (as developed in Appraisal theory) that 'inscribed' evaluations are those where the attitudinal meaning is in some way 'fixed' within the linguistic system/across texts - that is, that a term such as *betray* will indicate, with a very high degree of consistency, that the the speaker/writer is passing a negative judgement of propriety. We might also note that it seems possible to unproblematically declare the evaluative meaning conveyed by a term such as *betray* even when that term is taken out of context. In such cases , then, I wouldn't want to say that the evaluative meaning is in any way 'implicit', even though the locution obviously is doing both experiential work (referencing some action in the material world) and evaluative work (passing a judgement). So, yep, for me, the fact that there is evaluative and experiential work going on simultaneously doesn't then lead me to classify the evaluation as implicit.

But of course, it's often not that straightforward, as the instance of *mob* and your example of *traffic jam* illustrate. The evaluative aspect doesn't always seem as clear cut, fixed across contexts or as overt as in the case of a locution such as *betray*. Such terms perhaps compel us to look again at the criteria by which we identify attitudinal 'inscription'. Using a notion which has been developed within linguistic approaches which which haven't been all that interested in evaluative meaning, we might say that such locutions 'connote' evaluative meanings (though I'm wondering whether linguists who operate with such a notion would also want to say that a term such as *betray* 'denotes' an evaluative meanings...I very much doubt it since 'denotation', of course, it typically said to be the 'referential' aspect of the meaning of a term, that is to say in SFL terms, its experiential function.). We might also draw on the notion of 'semantic/discourse prosody' as developed by Sinclair, Stubbs, Louw and Channel, and declare that terms such as *mob* or *jam* (as in traffic jam) are, from the corpus linguistics perspective, associated with a a negative 'prosody'. However, while such notions are no doubt useful in other contexts, I haven't found them adequate for dealing with such terms as *mob*. I don't feel that they provide me with an understanding of what is at stake rhetorically in the choice between, for example, 'crowd', 'mob' and 'rabble' - as in:
1. 'The CROWD forced its way into the debating chamber.'
2. 'The MOB forced its way into the debating chamber.;

3. 'The RABBLE forced its way into the debating chamber.'
I want/need to be able to establish what contribution each of these terms (crowd/mob/rabble) is making to the evaluative meaning being conveyed or activated by the utterance. In the case of *crowd* and *rabble*, I think this is fairly unproblematic. With *crowd* there is no inscribing of any attitude - no sense that by the use of this term the speaker is indicating approval/disapproval. Equally with *rabble* there IS an inscribing of speaker attitude - a clear sense that the speaker is indicating approval/disapproval (obviously disapproval in this case). This presumably follows from the fact that *rabble* is highly consistent across contexts in functioning in this way. But the problem remains with *mob*. Is it useful to try and classify it as either 'overtly' or 'covertly' evaluative; as 'directly' evaluative or only evaluative by 'association'. If we do think this is useful, then by what criteria would we make such an adjudication? This for me is the nub of the problem. Our first reaction to such locutions is that they are in some way less direct evaluatively than more directly evaluative locutions (i.e. *mob* versus *rabble*), and yet such locutions still don't seem to be leaving things entirely up to the reader/listener, nor do they necessarily rely on any co-text - there is some signalling of the speaker/writer's evaluative orientation by the use of such locutions.

My own tentative solution has been to suggest a notion of 'evaluative saturation', noting that locutions seem to be more or less consistent in the attitudinal work they do across contexts. Thus a term such as *rabble* is highly consistent across contexts in indicating speaker disapproval (it is highly 'saturated' evaluatively) while *mob* is somewhat less so - it's often, perhaps typically, negative but not so consistently as *rabble*. This allows for the possibility that there is a sliding scale of 'evaluative saturation' according to the frequency/consistency across texts/contexts with which a locution is used to convey a particular attitudinal orientation. Of course, different speakers' experiences of the use of a given locution may vary and accordingly their sense of the evaluative 'saturation' of that locution will vary. (Hence, possibly, a difference in attitudinal 'saturation' for *mob* in Australasian versus British/North American English.) According to this approach, we can classify locutions which are highly saturated attitudinally as evaluatively 'explicit', and within appraisal analyses as attitudinal 'inscriptions'. However, if it is the case that locutions can be progressively less 'saturated' evaluatively, then we have to allow that there may be no clear-cut boundary between the evaluatively 'overt/direct' and the evaluatively 'covert/indirect' - that is to say, no clear-cut boundary between evaluative 'explicitness' and 'implicitness'. So where would I place *mob* on this sliding scale? Well definitely less evaluatively 'saturated' than *rabble* but obviously much more 'saturated' than *crowd*. Whether I would want to classify it as evaluatively 'explicit' or 'implicit', that I can't decide.

Hope that goes some way to answering your question.

best
Peter

Peter R.R.White
Department of English
University of Birmingham
Birmingham
UK B152TT
phone: 44 (0)121 4145685
email: p.r.white@bham.ac.uk
web pages: www.grammatics.com/appraisal

Data: Tue, 7 Feb 2006 13:38:57 -0300 (ART)
De: "Ladjane Souza" <ladjane_souza@yahoo.com.br>
Assunto: rethorical investment?
Para: AppraisalAnalysis@yahoogroups.com

Hello everyone!

In Martin & White (2005) the term 'investment' is used to mean the degree of personal involvement of the speaker in the proposition both in terms of engagement and attitude and their scaling (did I get it right?) I was wondering what kind of investment this is, I mean, could we call it "personal investment", "rethorical investment", "evaluative investment"? I am currently finishing writing my master thesis in which I use the Appraisal Framework as a basis to compare the use of evaluation resources in a text and its translation, and I found many differences between them. Well, I want to use this term 'investment' in order to compare the investments made by the author and the translator. The problem is that I feel something is missing, that is, what kind of investment did each of them do to negotiate their cause?

Best,
Ladjane

Para: AppraisalAnalysis@yahoogroups.com
De: "Peter R. R. White" <prwhite@yahoo.co.uk>
Data: Wed, 8 Feb 2006 11:58:35 +1030
Assunto: Re: [AppraisalAnalysis] rethorical investment?

Dear Ladjane,

Responding to your question....

We made use of the term 'involvement' which you refer to because we wanted to take a dialogic rather than an 'epistemic' view of modality and related resources. As you will well know, modals (and related) have typically been described as conveying degrees of authorial certainty or degrees of informational reliability - hence the traditional focus (i.e. Palmer, Lyons, and even to some degree Halliday) is, in a sense, on the internal cognitive state of the speaker. Now, while such meanings may be involved, on occasions, we don't seem them as primary, coming as we do from our Bakhtinian perspective. So we wouldn't be so inclined to describe the following as representing a cline of authorial certainty or a cline informational reliability:

1. 'That may be the most important scientific breakthrough of the last decade;
2. 'That may well be the most important scientific...
3. 'That must be the most important scientific ...
4. 'That definitely must be the most important....

Now a key aspect of the Engagement framework as set out in Martin & White 2005, is that all such formulations are seen as dialogically expansive - they all make space for those with alternative viewpoints. Hence it is entirely natural to say both 'That may be the most important scientific discovery of the past decade, don't you think?' and 'That must be the most important scientific discovery of the past decade, don't you think?'

They do differ, however, in degree of 'investment' in the proposition by the speaker, with degree of investment being conveyed via level of Graduation:Force. 'May be...' is less 'invested' than 'Must be'. So to get back to your question, by 'investment' we refer to how strongly the speaker chooses to present him/herself as aligned with the proposition. This investment is (taking up your suggested sub-classifications) a matter of the speaker's personal 'investment' (how strongly they present themselves as committed to, or having a personal stake in the proposition), but it is also rhetorical (in the sense that I understand 'rhetorical' in that it is strategic with

respect to argumentation and addressee positioning. The more strongly the speaker presents him/herself as 'invested', the more interpersonally charged will be any rejections or questionings of that proposition. As a consequence, we end up with analysis which would see all the four formulations above as similar in that they are all dialogically expansive (instances of Entertain) but different in degree of authorial investment (it's possible to be both highly invested and dialogically expansive in the same formulation).

So, yes, I can definitely see value in your terms 'personal investment' and 'rhetorical investment', if these are seen as two sides of the same communicative coin. As to your proposed 'evaluative investment'. Well, investments may involve personal/interpersonal positionings with respect to evaluations (as in the above examples) but this need not be the case - i.e. 'That may be Fred now; That'll be Fred now; That must be Fred now.' - so the term 'evaluative investment' might be appropriate in some cases, but not all.

Best,
Peter

Peter R.R. White
Departments of Linguistics and Media
University of Adelaide
Adelaide, South Australia
e-mail: peter.white@adelaide.edu.au

ANEXO C – Tradução de termos da Teoria da Linguagem Avaliativa (Appraisal Theory)

INGLÊS	PORTUGUÊS	Comentário
Appraisal Theory/ Framework	Teoria/ Modelo de Linguagem Avaliativa	Teoria/modelo voltado para a descrição de como a língua é usada para se fazer avaliações, para se adotar pontos de vista valorativos, para se construir <i>personae</i> textuais e para se negociar posicionamentos e relações interpessoais.
Engagement	Comprometimento	O primeiro dos três subsistemas em que se divide o Modelo da Linguagem Avaliativa. Refere-se aos modos pelos quais os valores são atribuídos a suas fontes e os leitores são posicionados.
Monogloss	Monoglossia	Utilização pelo falante de orações puramente declarativas, na tentativa de desautorizar posições divergentes.
Heterogloss	Heteroglossia	Utilização pelo falante de recursos que abrem o discurso a posições divergentes.
Intra-vocalisation	Intravocalização	Recurso pelo qual o falante (voz textual) assume responsabilidade pelo que diz, e.g.: <i>Acho/Parece-me/Isto provavelmente é...</i>
Extra-vocalisation	Extravocalização	Recurso pelo qual o falante atribui a responsabilidade pelo que diz a uma voz externa, e.g.: <i>O autor/ Fulano diz/afirma que...</i>

Authorially-endorsed	endosso patente	Tipo de atribuição, inserido na categoria Extravocalização, em que o falante compartilha da responsabilidade pela proposição ao endossar claramente a opinião de outrem. Exemplo: <i>A number of leading media analysts have compellingly demonstrated that...</i>
Endorsement neutral	endosso neutro	Tipo de atribuição, inserido na categoria Extravocalização, em que o endosso fica implícito. Exemplo: <i>The writer holds that...</i>
Dis-endorsed attribution	endosso negado	Tipo de atribuição, inserido na categoria Extravocalização, em que o falante explicitamente se distancia do que é proposto por outrem. Exemplo: <i>Some Xs have claimed that...</i>
Disclaim	Contraposição	Recursos pelos quais o falante rejeita um enunciado anterior. Tipos de contraposição: a ‘negação’ e a ‘expectativa frustrada’.
Denial	Negação	Recurso pelo qual o falante rejeita determinado posicionamento anterior, e.g.: <i>There's nothing wrong with meat, bread and potatoes.</i>
Counter-expectation	Contra-expectativa	Recurso pelo qual o falante usa uma proposição caracterizando-a como algo diferente do que é esperado, e.g., <i>Surprisingly, McGuinness is especially scathing about 'the chattering classes', of which he has long been a member.</i>
Proclaim	Pro-posição	Recursos pelos quais o falante caracteriza um enunciado como inquestionável por corresponder ao que é esperado (Expectativa confirmada) ou porque ele/a interpola sua opinião (Pronunciamento), assumindo a reponsabilidade pelo que diz.
Expectation	Expectativa confirmada	Exemplo: <i>Of course McGuinness is always criticising the chattering classes unfairly.</i> Veja “Proclaim” acima.
Pronouncement	Pronunciamento	Exemplo: <i>You'll have to agree with me that McGuinness...</i> Veja “Proclaim” acima.

Endorsement	Endosso	Recurso através do qual o falante traz para o texto uma ‘voz de autoridade’, como reforço para o que diz.
Entertain	Ponderação	Recursos através dos quais o falante caracteriza um posicionamento como apenas uma alternativa possível, indicando as ‘Evidências’ quanto à sua validade, a sua ‘Probabilidade’, ou o fato de se tratar de um ‘Ouvi-dizer’.
Evidence/Appearance	Evidências	Exemplo: <i>It seems that.../ Apparently...</i> Veja “Probabilise” acima.
Likelihood	Probabilidade	Exemplo: <i>I think/ suppose that...</i> Veja “Probabilise” acima.
Hearsay	‘Ouvi dizer’	Exemplo: <i>I hear that.../ It’s said that...</i> Veja “Probabilise” acima.
Attribute	Atribuição	Corresponde aos recursos da categoria Extravocalização (Veja “Extra-vocalization” acima).
Attitude	Atitude	O segundo dos três subsistemas em que se divide o Modelo de Linguagem Avaliativa.
<u>Affect</u>	<u>Afeto</u>	Um dos subtipos do subsistema de Atitude. Compreende os elementos que indicam a <i>disposição emocional</i> do falante para com a pessoa, coisa, acontecimento ou situação avaliada.
<i>Realis</i>	<i>Realis</i>	Classificação dos elementos de avaliação referentes a estados presentes e concretos. Compreende os eixos de variação: In/Felicidade, In/Segurança e In/Satisfação (veja abaixo).
<i>Irrealis</i>	<i>Irrealis</i>	Classificação dos elementos de avaliação referentes a estados futuros ainda não concretizados. Compreende o eixo de

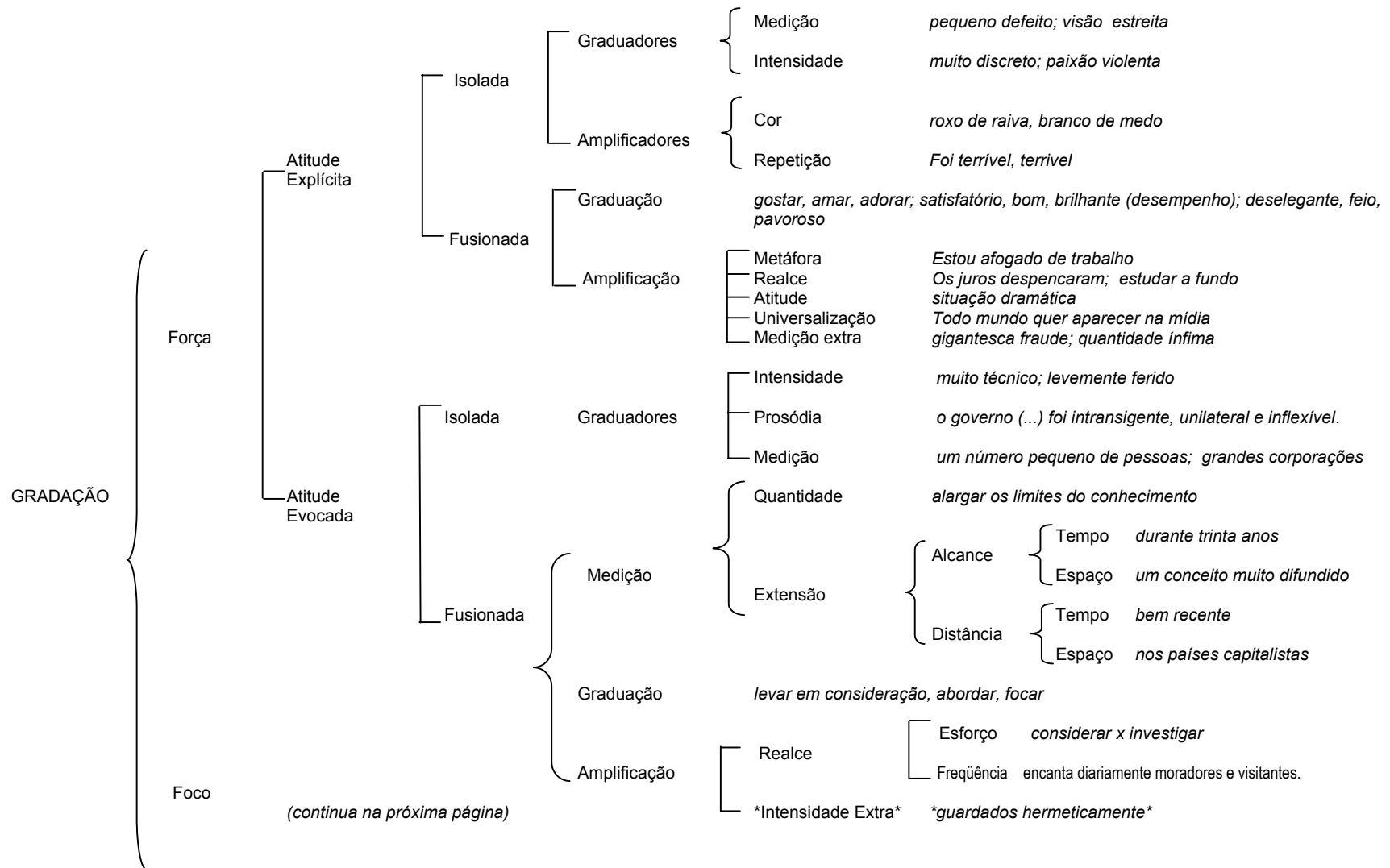
		variação: Inclinação/ Desinclinação, que articula elementos relacionados aos sentimentos de Medo e Desejo (veja abaixo).
Un/Happiness	In/Felicidade	Eixo de variação dentro da categoria Afeto Realis compreendendo 4 grupos de elementos que indicam os valores positivos e negativos das seguintes emoções: Tristeza, Antipatia, Alegria e Afeição.
Misery	Tristeza	Veja “Un/Happiness” acima.
Antipathy	Antipatia	Veja “Un/Happiness” acima.
Cheer	Alegria	Veja “Un/Happiness” acima.
Affection	Afeição	Veja “Un/Happiness” acima.
In/Security	In/Segurança	Eixo de variação dentro da categoria Afeto Realis compreendendo 4 grupos de elementos que indicam os valores positivos e negativos das seguintes emoções: Inquietação, Surpresa, Autoconfiança e Crédito.
Disquiet	Inquietação	Veja “In/Security” acima.
Surprise	Surpresa	Veja “In/Security” acima.
Confidence	Autoconfiança	Veja “In/Security” acima.
Trust	Crédito (confiança no outro)	Veja “In/Security” acima.
Dis/Satisfaction	In/Satisfação	Eixo de variação dentro da categoria Afeto Realis compreendendo 4 grupos de elementos que indicam os valores positivos e negativos das seguintes emoções: Aborrecimento, Desprazer, Interesse e Admiração.
Ennui	Aborrecimento	Veja “Dis/Satisfaction” acima.
Displeasure	Desprazer	Veja “Dis/Satisfaction” acima.
Interest	Interesse	Veja “Dis/Satisfaction” acima.
Admiration	Admiração	Veja “Dis/Satisfaction” acima.
Dis/Inclination	Des/Inclinação	Eixo de variação dentro da categoria Afeto Irrealis.

Fear	Medo	Veja “Irrealis” acima.
Desire	Desejo	Veja “Irrealis” acima.
<u>Judgement</u>	<u>Julgamento</u>	Um dos subtipos do subsistema de Atitude. Compreende os elementos que indicam uma avaliação normativa do <i>comportamento humano</i> geralmente referindo-se a convenções ou normas de conduta. Divide-se em ‘Estima Social’ e ‘Sanção Social’.
Social esteem	Estima Social	Um dos aspectos do subtipo Julgamento, que compreende valores relacionados ao caráter comum ou incomum (destaque), à <i>capacidade</i> e à <i>persistência</i> da pessoa julgada.
Venial	Venial	Os valores negativos da categoria Valor Social são considerados ‘veniais’, ou seja, implicam apenas numa diminuição da estima que a comunidade dedica à pessoa.
Mortal	Mortal	Os valores negativos da categoria Sanção Social são considerados ‘mortais’ isto é, têm implicações legais.
Normality (fate)	Destaque (predestinação)	Nesta categoria estão os valores que indicam o caráter comum ou incomum (Destaque), numa escala que vai de valores como ‘privilegiado’/ ‘sortudo’ (Destaque positivo), passando pelo ‘comum’ (sem Destaques), até chegar ao ‘desgraçado’ (Destaque negativo).
Capacity	Capacidade	Veja ‘Social Esteem’ acima.
Tenacity	Persistência	Veja ‘Social Esteem’ acima.
Social Sanction	Sanção Social	Um dos aspectos do subtipo Julgamento, que compreende valores relacionados à <i>honestidade</i> da pessoa e à sua <i>conduta</i> , isto é, o quão ética é a pessoa julgada.
Veracity (truth)	Honestidade (verdade)	Veja “Social Sanction” acima.
Propriety (ethics)	Conduta (ética)	Veja “Social Sanction” acima.

<u>Appreciation</u>	<u>Apreciação</u>	Um dos subtipos do subsistema de Atitude. Compreende os elementos que indicam a avaliação estética de objetos naturais concretos ou abstratos, considerando a <i>reação</i> do avaliador (o ‘impacto’ do item sobre ele/a, e a ‘qualidade’ do item); a <i>composição</i> do item (o equilíbrio das partes e a complexidade), além do <i>valor social</i> , i.e., a validade da experiência estética em termos gerais. O ser humano também pode ser objeto de apreciação quando a avaliação se referir apenas à estética ou a algum sistema de avaliação social que não se refira ao seu comportamento.
Reaction: impact	Reação: impacto	Veja “Appreciation” acima.
Reaction: quality	Reação: qualidade	Veja “Appreciation” acima.
Composition: balance	Composição: harmonia	Veja “Appreciation” acima.
Composition: complexity	Composição: complexidade	Veja “Appreciation” acima.
Valuation	Valor Social	Veja “Appreciation” acima.
Graduation	Gradação	<i>O terceiro dos três subsistemas em que se divide o Modelo de Linguagem Avaliativa. Nele, são estudados os elementos textuais que indicam, por um lado, o grau do impacto ou ‘Força’ (Force) do caráter interpessoal do enunciado, numa escala de variação que vai de alta a baixa intensidade; e, por outro, a precisão ou a clareza do ‘Foco’ (Focus) das categorizações semânticas do enunciado, as quais podem variar de uma posição central a uma posição periférica dentro de determinada categoria semântica. Este subsistema constitui, na realidade, um espaço semântico de ‘progressão’, que incide sobre todo Modelo de Linguagem Avaliativa, inclusive o Foco, no qual os valores não são graduáveis.</i>

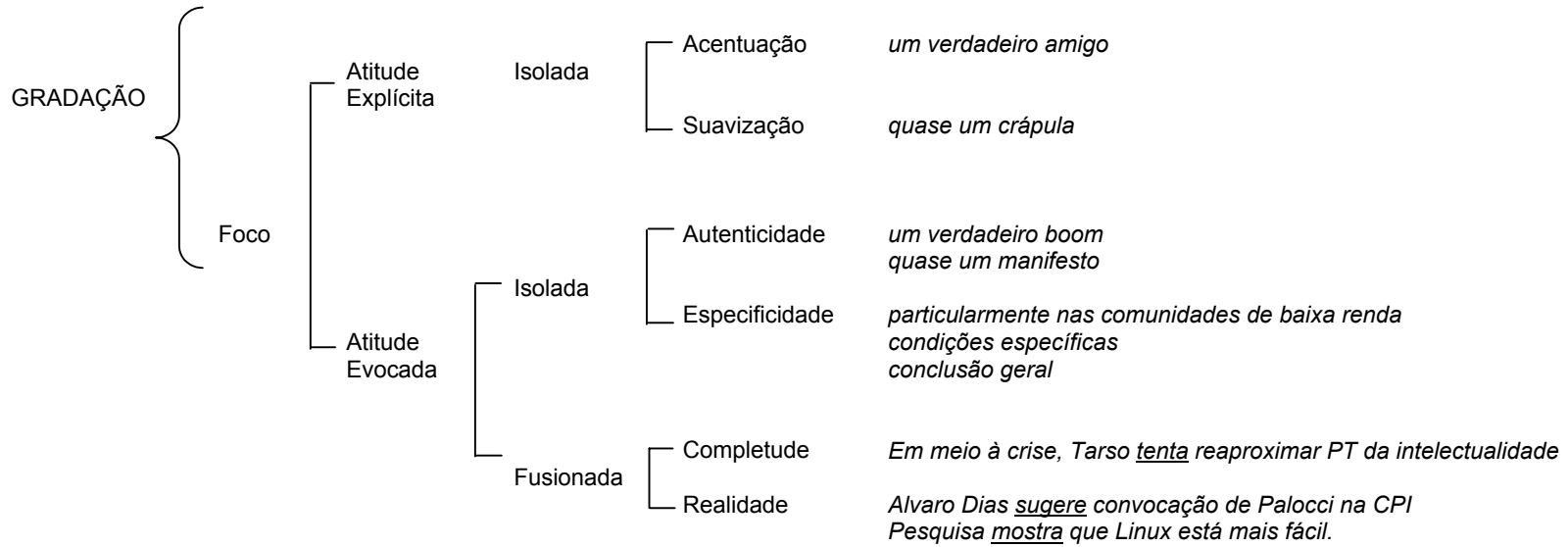
Force	Força	Eixo de variação dentro do sistema de Gradação (veja acima), que compreende valores relacionados ao grau do impacto interpessoal do enunciado. Incluem-se aqui os elementos estudados em outros modelos de análise como ‘intensifiers’, ‘down-toners’, ‘boosters’, ‘emphasisers’, e ‘emphatics’.
Focus	Foco	Eixo de variação dentro do sistema de Gradação (veja acima), no qual a ‘progressão’ ocorre no sentido de o enunciado poder, como na fotografia, ‘acentuar’ a posição central do ítem na categoria semântica (o ítem é ‘focalizado’), ou ‘suavizá-lo’, deixá-lo ‘desfocado’, posicionando-o num segundo ou terceiro plano, afastado do centro. Incluem-se aqui elementos estudados em outros modelos de análise como ‘hedging’ e ‘vague language’, como por exemplo: <i>kind’v, sort’v, effectively, true, pure e literally</i> .
Sharpen (scaled up)	Acentuação (focalizado)	Veja “Focus” acima.
Soften (scaled down)	Suavização (desfocado)	Veja “Focus” acima.

ANEXO D - Tipologia de sistemas baseada na ação do subsistema de Gradação



(continua na próxima página)

(continuação da página anterior)



ANEXO E – Textos do corpus

Porque o Software Deveria Ser Livre

por Richard Stallman

traduzido por Juciê Dias Andrade (desejando, consulte o texto original)

(Versão de 24 de Abril de 1992)

Introdução

A existência do software inevitavelmente levanta questões a respeito de como deveria ser feito seu uso. Por exemplo, suponha que um indivíduo que tem uma cópia de um programa se encontre com outro que gostaria de ter uma cópia. É possível a eles copiar o programa; quem deveria decidir se isto deve ser feito ou não? Os indivíduos envolvidos? Ou outra parte, chamada de "o proprietário"?

Desenvolvedores de software tipicamente consideram estas questões assumindo que o critério para a resposta seja maximizar os lucros dos desenvolvedores. A força política do negócio tem levado à adoção, por parte do governo, tanto deste critério quanto da resposta proposta pelos desenvolvedores: o programa tem um proprietário, tipicamente uma empresa associada ao seu desenvolvimento.

Eu gostaria de considerar a mesma questão usando um critério diferente: a prosperidade e liberdade do público em geral.

Esta resposta não pode ser dada pela lei atual - a lei deveria agir em conformidade com a ética, não o contrário. Nem a prática comum decide esta questão, apesar de sugerir respostas possíveis. A única maneira de julgar é ver quem é beneficiado e quem é prejudicado pelo reconhecimento dos proprietários de software, porque, e quanto. Em outras palavras, nós deveríamos fazer uma análise de custo-benefício tomando por base a sociedade como um todo, levando em conta a liberdade individual bem como a produção de bens materiais.

Neste ensaio, eu irei descrever os efeitos de ter proprietários e mostrarei que os resultados são malignos. Minha conclusão é que programadores têm a responsabilidade de encorajar outros a compartilhar, redistribuir, estudar e melhorar o software que nós escrevemos: em outras palavras, escrever software "livre"(1).

Como os Proprietários Justificam Seu Poder

Aqueles que se beneficiam do sistema atual onde programas são propriedade oferecem dois argumentos em suporte à suas reivindicações: o argumento emocional e o econômico.

O argumento emocional é mais ou menos assim: "Eu coloquei meu suor, meu coração, minha alma neste programa. Ele veio de mim, é meu!".

Este argumento não requer uma refutação pesada. O sentimento de ligação pode ser cultivado pelos programadores quando lhes convém; não é inevitável. Considere, por exemplo, quão sinceramente os mesmos programadores transferem todos os seus direitos à uma grande empresa em troca de um salário; a ligação emocional misteriosamente desaparece. Contrastando, considere os grandes artistas e artesãos dos tempos medievais, que nem mesmo assinavam seus nomes na sua obra. Para eles, o nome do artista não era importante. O que importava era que o trabalho havia sido feito-e o propósito ao qual ele serviria. Esta concepção prevaleceu durante séculos.

O argumento econômico se parece com: "Eu quero ficar rico (que via-de-regra é descrito imprecisamente como "ganhar a vida"), e se você não me permitir ficar rico programando, então eu não vou programar. Todos os outros são como eu, sendo assim ninguém mais vai programar. E então você vai acabar ficando sem programas!". Esta ameaça é normalmente velada, como um conselho de amigo.

Depois eu irei explicar que esta ameaça é um blefe. Primeiro eu quero focar uma concepção que é mais visível em outra formulação do argumento.

Esta formulação começa comparando a utilidade social de um programa proprietário versus a da inexistência deste programa, e então conclui que o desenvolvimento de software proprietário é, no todo, benéfico e deveria ser encorajado. A falácia aqui está em comparar apenas dois pontos-software proprietário versus inexistência do software-e assumir que não existem outras possibilidades.

Dado um sistema de propriedade intelectual, o desenvolvimento de software é comumente ligado à existência de um proprietário que controla o uso do software. Enquanto existe esta ligação, nós frequentemente nos deparamos com a opção entre software proprietário ou nada. No entanto, esta ligação não é natural ou inevitável; é uma consequência da escolha da política sócio-legal que nós estamos questionando: a decisão de ter proprietários. Formular a opção como sendo entre software proprietário versus software inexistente é desvirtuar a questão.

O Argumento Contra Ter Proprietários

A questão é: "O desenvolvimento de software deveria ser ligado a ter proprietários para restringir sua utilização?".

Para que nós possamos escolher, nós temos que julgar o efeito na sociedade de cada uma destas duas atividades independentemente: o efeito de desenvolver software (sem levar em consideração seus termos de distribuição), e o efeito de

restringir sua utilização (assumindo que o software tenha sido desenvolvido). Se uma destas atividades ajuda e a outra atrapalha, nós estaríamos melhor descartando esta ligação e fazendo apenas a atividade que ajuda.

Colocando em outras palavras, se restringir a distribuição de um programa já desenvolvido é prejudicial à sociedade como um todo, então um desenvolvedor ético irá rejeitar a opção de trabalhar deste modo.

Para determinar o efeito de restringir o compartilhamento, nós precisamos comparar o valor para a sociedade de um programa restrito (por exemplo proprietário) com o valor do mesmo programa, disponível para todos. Isto significa comparar dois mundos possíveis.

Esta análise também leva em consideração o o contra-argumento feito às vezes que "o benefício ao próximo de lhe dar uma cópia de um programa é cancelado pelo dano feito ao proprietário." Este contra-argumento assume que o dano e o benefício são de igual grandeza. A análise envolve comparar estas duas grandezas, e mostra que os benefícios são muito maiores.

Para elucidar este argumento, vamos aplicá-lo a outra área: construção de vias públicas.

Seria possível financiar a construção de todas as vias com pedágios. Isto iria exigir que houvesse postos de cobrança de pedágio em todas as esquinas. Tal sistema produziria um grande incentivo para melhorar as estradas. Teria também a virtude de fazer com que os usuários de qualquer estrada pagassem por ela. No entanto, um posto de cobrança de pedágio é um obstáculo artificial à condução suave de um veículo-artificial porque não é uma consequência de como estradas ou carros funcionam.

Comparando a utilidade das estradas gratuitas com a utilidade das estradas onde há cobrança de pedágio, nós concluímos que (sendo igual todo o restante) estradas sem pedágio são mais baratas de construir, mais baratas para se usar, mais seguras e mais eficientes.⁽²⁾ Em uma nação pobre, pedágios podem tornar as estradas proibitivas para muitos cidadãos. As estradas sem pedágio oferecem assim mais benefícios à sociedade a um custo menor; elas são preferíveis para a sociedade. Sendo assim, a sociedade deveria se decidir por financiar as estradas de outra maneira, e não por meio de pedágio. O uso das estradas, uma vez construídas, deveria ser gratuito.

Quando os defensores dos pedágios os propõem meramente como um modo de levantar fundos, eles distorcem a opção que é disponível. Pedágios arrecadam fundos, mas eles fazem algo além disso: em efeito, eles degradam a estrada, no sentido de que a estrada com pedágio não é tão boa quanto a gratuita; nos fornecer estradas em maior quantidade ou tecnicamente superiores pode não ser uma melhoria se isto significa substituir as vias gratuitas pelas vias com pedágio.

É claro que a construção de uma estrada sem pedágio custa dinheiro, que o público deve pagar de algum modo. No entanto, isto não implica necessariamente na existência de postos de pedágio. Nós, que em qualquer dos casos estaremos pagando, faremos melhor negócio adquirindo uma estrada livre de pedágio.

Eu não estou aqui dizendo que uma estrada com pedágio é pior que ficar sem estrada. Isto seria verdade se a tarifa fosse tão alta que dificilmente alguém usasse a estrada-mas isto é uma política pouco provável para um arrecadador de impostos. No entanto, uma vez que os pedágios causem um desperdício e inconveniência significativos, é melhor levantar fundos de um modo menos perturbador.

Para aplicar o mesmo argumento ao desenvolvimento de software, eu irei agora mostrar que ter "pedágios" para programas úteis custa diariamente à sociedade: torna os programas mais caros para construir, mais caros para distribuir, e menos satisfatórios e eficientes para se usar. Segue que a construção de programas deveria ser encorajada de algum outro modo. Então eu irei explicar outros métodos de estímulo e (à medida do realmente necessário) financiamento para o desenvolvimento de software.

O Dano Causado por Software Obstruído

Considere por um momento que um programa tenha sido desenvolvido, e que qualquer pagamentos necessários para seu desenvolvimento já tenham sido feitos; agora a sociedade tem que decidir se deve torná-lo proprietário ou se deve permitir seu livre uso e compartilhamento. Assuma que é desejável que o programa exista e que esteja disponível⁽³⁾.

Restrições na distribuição e modificação do programa não podem facilitar seu uso. Só podem interferir. Sendo assim o efeito só pode ser negativo. Mas quão negativo? E de que modo?

Três níveis diferentes de danos materiais se originam desta obstrução:

Menos pessoas usam o programa.

Nenhum dos usuários pode adaptar ou corrigir o programa.

Outros desenvolvedores não podem aprender a partir do programa, ou basear um novo trabalho nele.

Cada nível de dano material tem uma forma concomitante de dano psico-social. Isto se refere ao efeito que as decisões das pessoas tem nos seus sentimentos, atitudes e predisposições subsequentes. Estas alterações na maneira de pensar das pessoas terão um efeito posterior no seu relacionamento com seus co-cidadãos e podem ter consequências materiais.

Os três níveis de danos materiais desperdiçam parte do valor que o programa poderia prover, mas eles não podem reduzi-lo a zero. Se eles desperdiçassem quase todo o valor do programa, então o programa causaria quase tanto dano à sociedade quanto o esforço empregado para escrevê-lo. Pode-se dizer que um programa que é lucrativo deveria prover algum benefício material líquido direto.

No entanto, levando em consideração o dano psico-social concomitante, não existe limite para os danos que o desenvolvimento de software proprietário pode causar.

Obstruindo O Uso de Programas

O primeiro nível de dano impede o simples uso de um programa. Uma cópia de um programa tem um custo marginal de quase zero (e você pode pagar este custo executando você mesmo a tarefa), sendo assim, num mercado livre, teria um preço de quase zero. Uma taxa de licença é um desincentivo significativo ao uso do programa. Se um programa de ampla utilidade é proprietário, muito menos pessoas irão utilizá-lo.

É fácil mostrar que a contribuição total de um programa para a sociedade é reduzida atribuindo-se um proprietário a ele. Cada usuário potencial do programa, deparado com a necessidade de pagar para utilizá-lo, pode escolher pagar ou pode abrir mão do seu uso. Quando um usuário escolhe pagar, isto é uma transferência de riqueza entre duas partes. Mas cada vez que alguém escolhe abrir mão de usar o programa, isto causa um dano àquela pessoa sem beneficiar ninguém. A soma dos números negativos e zeros deve ser negativa.

Mas isto não reduz o montante de trabalho que é necessário para desenvolver o programa. Como resultado, é reduzida a eficiência do processo como um todo, em termos da satisfação de usuário proporcionada por hora de trabalho.

Isto traz à luz uma diferença crucial entre cópias de programas e carros, cadeiras, ou sanduíches. Não existe máquina copiadora de objetos materiais, a não ser em ficção científica. Mas programas são fáceis de copiar; qualquer um pode produzir tantas cópias quantas quiser, com muito pouco esforço. Isto não é verdade para objetos materiais porque a matéria é conservada: cada nova cópia tem que ser construída de matéria-prima da mesma maneira que a primeira cópia foi.

Com objetos materiais, um desincentivo para utilizá-los faz sentido, porque menos objetos comprados significa menos matéria-prima e trabalho necessários para construí-los. É verdade que normalmente existe um custo inicial, um custo de desenvolvimento, que é distribuído na produção em massa. Mas uma vez que o custo de produção seja significativo, acrescentar uma parcela do custo de desenvolvimento não faz uma diferença qualitativa. E não requer restrições sobre a liberdade dos usuários comuns.

No entanto, impor um preço em algo que de outro modo seria gratuito é uma mudança qualitativa. Uma taxa centralmente imposta para a distribuição do software se torna um desincentivo poderoso.

E tem mais, a produção centralizada como é praticada atualmente é ineficiente mesmo como meio de distribuição de cópias de software. Este sistema envolve acomodar discos ou fitas em um empacotamento supérfluo, enviando um grande número deles ao redor do mundo, e armazenando-os para a venda. Este custo é apresentado como uma despesa de negócio; na verdade, é parte do desperdício causado por ter proprietários.

Prejudicando a União Social

Suponha que você e seu colega achassem útil rodar um certo programa. Num consenso ético com seu colega você sente que a maneira apropriada de lidar com a situação é permitir que ambos utilizem o programa. Uma proposta que permitisse a somente um dos dois a utilização do programa excluindo o outro causaria desarmonia; nem você nem seu colega achariam aceitável.

Aceitar um típico acordo de licença de software significa trair seu colega: "Eu prometo privar meu colega deste programa de modo que eu possa ter uma cópia para mim." As pessoas que fazem opções deste tipo sentem uma pressão psicológica interna para se justificar, desmerecendo a importância da cooperação mútua—assim o espírito público é prejudicado. Este é um dano psico-social associado com o dano material de desencorajar o uso do programa.

Muitos usuários inconscientemente reconhecem o erro de se recusar a compartilhar, então eles decidem ignorar as licenças e as leis, e compartilham programas de qualquer forma. Mas eles freqüentemente se sentem culpados por agirem assim. Eles sabem que devem quebrar as leis para serem bons colegas, mas ainda assim reconhecem a autoridade das leis, então concluem que ser um bom companheiro (que eles são) é perverso ou vergonhoso. Isto também é um tipo de dano psico-social, mas alguém pode escapar disto decidindo que estas licenças e leis não têm força moral.

Os programadores também sofrem dano psico-social por saber que muitos usuários não terão o direito de tirar proveito do seu trabalho. Isto leva a uma atitude de cinismo ou negação. Um programador pode descrever entusiasticamente o trabalho que ele acha tecnologicamente interessante; então quando perguntado, "Eu vou poder usar isso?", seu semblante cai e ele admite que a resposta é não. Para evitar se sentir desestimulado, ele ou ignora isso a maior parte do tempo ou adota uma postura cínica elaborada para minimizar a relevância do fato.

Desde a época do governo Reagan, a maior escassez nos Estados Unidos não é inovação tecnológica e sim a disposição de trabalhar junto para o bem público. Não faz sentido estimular o primeiro às custas do segundo.

Obstruindo a Adaptação Personalizada de Programas

O segundo nível de dano material é a impossibilidade de adaptar programas. A facilidade de modificação do software é uma das suas grandes vantagens em relação às tecnologias mais antigas. Mas a maior parte do software disponível comercialmente não está disponível para modificação, mesmo depois de você comprá-lo. Está disponível para você pegar ou largar, como uma caixa preta—e isto é tudo.

Um programa que você pode rodar consiste numa série de números cujo significado é obscuro. Ninguém, nem mesmo um bom programador, pode facilmente mudar os números para fazer com que o programa aja diferente.

Programadores normalmente trabalham com o "código fonte" do programa, que é escrito numa linguagem de programação como Fortran ou C. Ela usa nomes para designar os dados utilizados e as partes do programa, e representa operações com símbolos como '+' para adição e '-' para subtração. Isto é feito para auxiliar os programadores a ler e alterar programas. Aqui está um exemplo; um programa para calcular a distância entre dois pontos num plano:

```
float distancia (p0, p1).
struct point p0, p1;.
{
float xdist = p1.x - p0.x;.
float ydist = p1.y - p0.y;.
return sqrt (xdist * xdist + ydist * ydist);.
}.
```

Aqui está o mesmo programa na forma executável, no computador que eu uso normalmente:

```
1314258944 -232267772 -231844864 1634862
```

1411907592	-231844736	2159150	1420296208
-234880989	-234879837	-234879966	-232295424
1644167167	-3214848	1090581031	1962942495
572518958	-803143692	1314803317	

Código fonte é útil (no mínimo em potencial) para qualquer usuário de um programa. Mas a maioria dos usuários não tem permissão para ter cópias do código fonte. Normalmente o código fonte de um programa proprietário é mantido em segredo pelo proprietário, evitando que qualquer pessoa possa aprender a partir dele. Usuários recebem apenas os arquivos contendo números incompreensíveis que o computador irá executar. Isto significa que somente o proprietário do programa pode alterá-lo.

Uma amiga me disse uma vez que ela estava trabalhando em um banco durante aproximadamente seis meses, escrevendo um programa similar a algo que estava disponível comercialmente. Ela acreditava que se pudesse ter acesso ao código fonte para aquele programa disponível comercialmente, ele poderia ter sido adaptado facilmente às suas necessidades. O banco estava disposto a pagar por isso, mas não lhe foi permitido-o código fonte era um segredo. Sendo assim ela teve que gastar seis meses nesta tarefa, trabalho este que conta no Produto Interno Bruto mas que na verdade foi desperdício.

O laboratório de Inteligência Artificial do MIT (laboratório de AI) recebeu uma impressora gráfica como presente da Xerox por volta de 1977. Funcionava com software livre ao qual nós adicionamos muitas funcionalidades convenientes. Por exemplo, o software notificava um usuário imediatamente ao término de uma impressão. Sempre que a impressora tinha algum problema, tal como papel preso ou falta de papel, o software imediatamente notificava todos os usuários que tinham impressões na fila. Estas funcionalidades facilitavam a operação tranquila.

Mais tarde a Xerox deu ao laboratório de AI uma impressora mais nova, mais rápida, uma das primeiras impressoras a laser. Ela era controlada por um software proprietário que rodava em um computador dedicado separado, sendo assim nós não poderíamos acrescentar qualquer das nossas funcionalidades favoritas. Nós poderíamos organizar as coisas de modo a enviar uma notificação quando a tarefa de impressão fosse enviada ao computador dedicado, mas não quando a impressão realmente fosse feita (e o atraso era normalmente considerável). Não havia modo de saber quando a impressão era realmente concluída; você poderia somente chutar. E ninguém era informado quando havia um papel enroscado, de modo que a impressora freqüentemente ficava por uma hora parada.

Os programadores de sistema do laboratório de AI eram capazes de corrigir estes problemas, provavelmente tão capazes quanto os autores originais do programa. A Xerox não estava interessada em corrigi-los no entanto, e preferiu nos impedir, de modo que nós fomos forçados a aceitar os problemas. Eles nunca foram corrigidos.

A maioria dos bons programadores já passou por esta frustração. O banco pôde se permitir resolver o problema escrevendo um novo programa do zero, mas um usuário típico, não importa o quão conhecedor, não tem outra alternativa senão desistir.

Desistência causa dano psico-social-ao espírito da auto-confiança. É desmoralizante viver numa casa que você não pode reorganizar para satisfazer as suas necessidades. Isto leva à resignação e desencorajamento, que pode se espalhar e afetar outros aspectos da vida de uma pessoa. Pessoas que se sentem assim são infelizes e não produzem um bom trabalho.

Imagine o que aconteceria se receitas culinárias fossem entesouradas como o software. Você poderia dizer, "Como eu mudo esta receita para tirar o sal?", e o grande chefe de cozinha te responderia, "Como ousa insultar minha receita, o fruto do meu cérebro e do meu paladar, tentando mexer nela? Você não tem conhecimento para alterar minha receita e fazê-la funcionar".

"Mas meu médico disse que eu não posso comer sal! O que eu posso fazer? Você vai tirar o sal pra mim?"

"Eu faria com muito prazer; meus honorários são de apenas \$50.000". Uma vez que o proprietário tem o monopólio nas alterações, os honorários tendem a ser grandes. "No entanto, justamente agora eu não tenho tempo. Estou ocupado com uma comissão para projetar uma nova receita para o biscoito do navio para o Departamento da Marinha. Posso te dar um retorno daqui a dois anos".

Obstruindo Desenvolvimento de Software

O terceiro nível de dano material afeta o desenvolvimento de software. Desenvolvimento de software costumava ser um processo evolucionário, onde uma pessoa pegava um programa existente e reescrevia partes dele para obter uma nova funcionalidade, e então outra pessoa iria reescrever partes para adicionar outra funcionalidade; em alguns casos isso continuava por um período de vinte anos. Neste meio-tempo, partes do programa eram "canibalizadas" para formar o princípio de outros programas.

A existência de proprietários impede este tipo de evolução, tornando necessário começar do zero quando do desenvolvimento de um programa. Também impede novos praticantes de estudar programas existentes para aprender técnicas úteis ou mesmo como grandes programas podem ser estruturados.

Proprietários também obstruem a educação. Eu tenho conhecido estudantes brilhantes em ciência da computação que nunca viram o código fonte de um programa grande. Eles podem ser bons para escrever pequenos programas, mas eles não podem começar a aprender os conhecimentos diferentes que são necessários para a construção de grandes programas se eles não podem ver como outros fizeram isto.

Em qualquer área intelectual, uma pessoa pode alcançar maiores alturas subindo nos ombros de outros. Mas geralmente isto não é mais permitido na área de software-você pode somente subir nos ombros das outras pessoas dentro da sua empresa.

O dano psico-social associado afeta o espírito da cooperação científica, que costumava ser tão forte que cientistas cooperariam mesmo quando suas nações estava em guerra. Embuidos deste espírito, oceanógrafos japoneses abandonando seu laboratório numa ilha do Pacífico cuidadosamente preservaram seu trabalho para os soldados invasores dos Estados Unidos, e deixaram uma nota pedindo que eles tomassem cuidado com aquilo.

Conflitos por lucro têm destruído o que conflitos internacionais pouparam. Hoje em dia cientistas em muitas áreas não publicam o suficiente nos seus ensaios para permitir que outros reproduzam suas experiências. Eles publicam somente o suficiente para permitir aos leitores maravilharem-se do quanto eles foram capazes de fazer. Isto certamente é verdade em ciência da computação, onde o código fonte do programa relatado é normalmente secreto.

Não Importa Como o Compartilhamento Seja Restringido

Eu discuti os efeitos de evitar que as pessoas copiem, alterem e construam um programa. Eu não especifiquei como esta obstrução é feita, porque isto não afeta a conclusão. Não importa se é feita através de proteção contra cópia, copyright, licenças, criptografia, cartões ROM, números seriais de hardware, se é bem sucedido então causa dano.

Usuários consideram alguns destes métodos mais detestáveis que outros. Eu sugiro que os métodos mais odiados são aqueles que atingem seu objetivo.

O Software Deveria ser Livre

Eu mostrei como a propriedade de um programa-o poder de restringir as alterações ou a cópia dele-é obstrutivo. Seus efeitos negativos são amplamente disseminados e importantes. Segue que a sociedade não deveria ter proprietários para programas.

Outra maneira de entender isto é ver que o que a sociedade precisa é de software livre, e software proprietário é um substituto pobre. Encorajar o substituto não é uma maneira racional de obter o que nós precisamos.

Vaclav Havel nos aconselhou: "Trabalhe por algo porque é bom e não apenas porque tem chance de sucesso." Um negócio fazendo software proprietário tem chance de sucesso dentro dos seus próprios termos limitados, mas não é o que é bom para a sociedade.

Porque as Pessoas Irão Desenvolver Software.

Se nós eliminarmos a propriedade intelectual como meio de estimular pessoas a desenvolver software, no início menos software será desenvolvido, mas este software será mais útil. Não está claro se a satisfação geral proporcionada será menor; mas se for, ou se de qualquer jeito nós quisermos aumentá-la, existem outras maneiras de estimular desenvolvimento, assim como existem outras maneiras de levantar fundos para estradas sem usar pedágios. Antes de falar a respeito de como isso pode ser feito, primeiro eu gostaria de questionar o quanto de incentivo artificial é realmente necessário.

Programar é Divertido

Existem algumas linhas de trabalho em que poucos irão entrar exceto por dinheiro; construção de rodovias, por exemplo. Existem outras áreas de estudo e arte em que existe pouca chance de se tornar rico, em que pessoas entram pela sua fascinação ou pelo percebido valor para a sociedade. Exemplos incluem a lógica matemática, música clássica, arqueologia e organização política entre trabalhadores. Pessoas competem por novas vagas, nenhuma das quais é muito bem remunerada. Elas chegam até a pagar pela chance de trabalhar na área, se elas têm condições para isso.

Uma área assim pode se transformar do dia pra noite se começar a oferecer a possibilidade de ficar rico. Quando um trabalhador fica rico, outros querem a mesma oportunidade. Logo todos querem grandes somas em dinheiro para fazer o que eles costumavam fazer por prazer. Quando se passam mais alguns anos, todos ligados àquele campo irão ridicularizar a idéia que trabalho poderia ser executado naquela área sem grandes retornos financeiros. Eles irão aconselhar os planejadores sociais a assegurar que estes retornos sejam possíveis, prescrevendo privilégios especiais, poderes e monopólios à medida do necessário para que isto aconteça.

Esta mudança aconteceu no campo da programação de computadores na década passada. Quinze anos atrás haviam artigos sobre "vício de computador": usuários estavam ficando "on-line" e tinham hábitos baratos. Era geralmente conhecido que pessoas freqüentemente amavam programação o suficiente para romper seus casamentos. Hoje, é geralmente conhecido que ninguém iria programar exceto por uma altos pagamentos. As pessoas se esqueceram do que elas sabiam quinze anos atrás.

Quando é verdade em um determinado momento que a maioria das pessoas irão trabalhar numa certa área por altos pagamentos, isto não precisa continuar sendo verdade. A dinâmica da mudança pode acontecer ao contrário, se a sociedade fornecer o ímpeto. Se nós tirarmos a possibilidade de grande riqueza, então depois de um breve momento, quando as pessoas tiverem reajustado suas atitudes, elas irão mais uma vez ansiar por trabalhar na área pelo prazer da conquista.

A questão "Como nós podemos pagar programadores?" se torna mais fácil quando nós entendemos que não é uma questão de pagá-los uma fortuna. Um mero viver é mais fácil de se conseguir.

Financiando o Software Livre

Instituições que pagam programadores não têm que ser software houses. Muitas outras instituições já existem que podem fazer isto.

Fabricantes de equipamentos acham essencial suportar desenvolvimento de software mesmo que eles não controlem o uso do software. Em 1970, muito do seu software era livre porque eles não consideravam a possibilidade de restringi-lo. Hoje, a sua crescente disposição para combinar consórcios mostra seu entendimento que possuir o software não é o que é realmente importante para eles.

Universidades conduzem muitos projetos de programação. Hoje, elas freqüentemente vendem os resultados, mas nos anos 70, elas não vendiam. Existe alguma dúvida de que as universidades iriam desenvolver software livre se não lhes fosse permitido vender software? Estes projetos poderiam ser suportados pelos mesmos contratos de governo e concessões que agora suportam o desenvolvimento de software proprietário.

É comum hoje para pesquisadores de universidade pegar concessão para desenvolver um sistema, desenvolvê-lo até quase o término e dá-lo por "terminado", e então começar empresas onde eles realmente terminam o projeto e o tornam útil. Às vezes eles declaram as versões inacabadas como "gratuitas"; se eles são profundamente corruptos, eles em vez disso obtêm uma licença exclusiva da universidade. Isto não é nenhum segredo; é abertamente admitido por todos os interessados. Já se os pesquisadores não fossem expostos à tentação de fazer estas coisas, eles ainda assim fariam suas pesquisas.

Programadores que escrevem software livre podem ganhar a vida vendendo serviços relacionados ao software. Eu tenho sido contratado para portar o compilador C GNU para novos equipamentos, e para fazer extensões à interface do usuário no GNU

Emacs. (Eu ofereço estas melhorias ao público uma vez que elas ficam prontas). Eu também ensino em salas-de-aula, pelo que eu sou pago.

Eu não sou o único que trabalha desta forma; existe hoje uma empresa crescente e bem sucedida que não faz outra coisa. Diversas outras empresas também fornecem suporte comercial para software livre do sistema GNU. Isto é o começo de uma indústria de suporte ao software independente-uma indústria que poderia se tornar muito grande se o software livre se tornasse predominante. Ela dá aos usuários uma opção geralmente não disponível para o software proprietário, exceto para os muito ricos.

Novas instituições tais como a Fundação para o Software Livre podem também pagar programadores. A maior parte dos fundos da fundação vem de usuários comprarem fitas através do correio. O software nas fitas é livre, o que significa que todo usuário tem a liberdade de copiá-lo e alterá-lo, mas muitos apesar de tudo pagam para obter cópias. (Lembre-se que "free software" se refere a liberdade e não preço). Alguns usuários adquirem fitas para as quais eles já tem uma cópia, como uma maneira de fazer uma contribuição que eles sentem que nós merecemos. A Fundação também recebe donativos consideráveis de fabricantes de computadores.

A Fundação para o Software Livre é uma entidade, e suas receitas são gastas contratando tantos programadores quanto possível. Se ela tivesse sido feita para ganhos financeiros, distribuindo o mesmo software livre ao público pelos mesmos valores, daria agora uma vida muito boa ao seu fundador.

Em virtude da Fundação ser uma entidade, programadores freqüentemente trabalham pra ela por metade do que eles poderiam ganhar em outro lugar. Eles fazem isto porque nós somos livres de burocracia, e porque eles sentem satisfação em saber que seu trabalho não será obstruído. Acima de tudo, eles fazem isto porque programar é divertido. Fora isso, voluntários têm escrito muitos programas úteis para nós. (Recentemente mesmo escritores técnicos começaram a se oferecer). Isto confirma que programação está entre as áreas mais fascinantes de todas, junto da música e da arte. Nós não temos medo que ninguém queira programar.

O Que os Usuários Devem aos Desenvolvedores?

Existe uma boa razão para os usuários de software sentirem uma obrigação moral de contribuir para seu suporte. Desenvolvedores de software livre estão contribuindo para as atividades dos usuários, e é justo e a longo prazo interessante para os usuários prover os fundos para continuar.

No entanto, isto não se aplica a software proprietário, uma vez que o obstrucionismo merece uma punição em vez de uma recompensa.

Nós temos assim um paradoxo: o desenvolvedor de software útil tem direito ao suporte dos usuários, mas qualquer tentativa de tornar esta obrigação moral numa exigência destrói a base para a obrigação. Um desenvolvedor pode tanto merecer a recompensa quanto exigí-la, mas não ambos.

Eu acredito que um desenvolvedor ético defrontado com este paradoxo deve agir de modo a merecer a recompensa, mas deveria também solicitar aos usuários donativos voluntários. No final das contas os usuários irão aprender a suportar os desenvolvedores sem coerção, assim como eles aprenderam a suportar as estações públicas de rádio e televisão.

O Que É Produtividade De Software?

Se o software fosse livre, ainda assim existiriam programadores, mas talvez um número menor deles. Seria isto ruim para a sociedade?

Não necessariamente. Hoje as nações avançadas têm menos fazendeiros que em 1900, mas nós não achamos que isto seja ruim para a sociedade, porque os em menor número fornecem mais comida aos consumidores do que os em maior número faziam. Nós chamamos isso de produtividade melhorada. Software livre exigiria muito menos programadores para satisfazer a demanda, por causa da produtividade de software aumentada em todos os níveis:

Uso mais amplo de cada programa que é desenvolvido.

A habilidade de adaptar programas para personalização em vez de começar do zero.

Melhor educação de programadores.

A eliminação de esforço de desenvolvimento duplicado.

Aqueles que se opõem à cooperação porque isso resultaria no emprego de menos programadores, estão na verdade se opondo à produtividade melhorada. Estas mesmas pessoas normalmente concordam com a crença largamente aceita que a indústria de software precisa de produtividade melhorada. Pode? "Produtividade de Software" pode significar duas coisas diferentes: a produtividade geral de todo o desenvolvimento de software ou a produtividade de projetos individuais. Produtividade geral é o que a sociedade gostaria de ver melhorada e a maneira mais direta de fazer isto é eliminar os obstáculos artificiais à cooperação que a reduzem. Mas pesquisadores que estudam a área de "produtividade de software" focam somente no segundo, limitado, sentido da frase, onde melhoria requer avanços tecnológicos difíceis.

A Competição É Inevitável?

É inevitável que as pessoas tentem competir, sobrepujando seus rivais em sociedade? Talvez sim. Mas competição por si só não é prejudicial; o que é prejudicial é o combate.

Existem maneiras de competir. Competição pode consistir de tentar alçar cada vez mais, exceder o que outros fizeram. Por exemplo, antigamente, haviam competições entre magos da programação-competição para ver quem poderia fazer o computador executar a coisa mais impressionante, ou fazer o mais curto ou mais rápido programa para uma dada tarefa. Este tipo de competição pode beneficiar a todos, contanto que o espírito esportivo seja mantido.

Competição construtiva é competição suficiente para motivar pessoas a grandes esforços. Algumas pessoas estão competindo para ver quem será o primeiro a ter visitado todos os países da Terra; alguns até mesmo já gastaram fortunas tentando isso. Mas eles não subornam captães de navio para encalhar seus rivais em ilhas desertas. Eles estão satisfeitos em que vença o melhor.

Competição se torna combate quando os competidores começam a tentar impedir um ao outro de avançar-quando o "que vença o melhor" dá lugar ao "que eu vença, sendo ou não o melhor". Software proprietário é prejudicial, não porque seja uma forma de competição, mas porque é uma forma de combate entre cidadãos da nossa sociedade.

Competição em negócios não é necessariamente combate. Por exemplo, quando duas mercearias competem, todo seu esforço é para melhorar as suas próprias operações, não para sabotar a rival. Mas isto não demonstra um compromisso especial com a ética de negócios; em vez disso, há pouco espaço para combate nesta linha de negócio a não ser violência física. Nem todas as áreas de negócio compartilham esta característica: ocultar informação que poderia ajudar o avanço de todos é uma forma de combate.

Ideologia de negócios não prepara pessoas para resistir à tentação de combater na competição. Algumas formas de combate tem sido banidas com leis anti-truste, leis que exigem a verdade em anúncios, e assim por diante, mas em vez de generalizar isto para obter um princípio de rejeição ao combate em geral, executivos inventam outras formas de combate que não são especificamente proibidas. Os recursos da sociedade são gastos no equivalente econômico da guerra civil faccionária.

"Porque Você Não Se Muda Pra Rússia?"

Nos Estados Unidos, qualquer um que defenda outra coisa que não a mais extrema forma de política egoísta de não intervencionismo tem ouvido freqüentemente esta acusação. Por exemplo, é dito isso aos que defendem um sistema de saúde nacional, tal como os encontrado em todas as outras nações industrializadas do mundo livre. Também dizem isso aos que defendem o suporte público para as artes, também universal em nações desenvolvidas. A idéia que cidadãos tenham qualquer obrigação para com o bem público é identificada nos Estados Unidos como Comunismo. Mas quão similar são estas idéias? Comunismo como praticado na União Soviética era um sistema de controle central onde toda atividade era regimentada, supostamente para o bem comum, mas na prática em prol dos membros do partido Comunista. E onde os equipamentos de cópia eram guardados herméticamente para evitar cópias ilegais.

O sistema Americano de propriedade intelectual exerce um controle central sobre a distribuição de um programa, e guarda os equipamentos de cópia com esquemas de proteção contra cópia automáticos para evitar a cópia ilegal.

Em contraste, eu estou trabalhando para construir um sistema onde pessoas são livres para decidir suas próprias ações; em particular, livres para ajudar seus companheiros, e livres para alterar e melhorar as ferramentas que elas usam no seu cotidiano. Um sistema baseado em cooperação voluntária e descentralização.

Assim, se nós temos que julgar pontos de vista pelas suas semelhanças com o Comunismo Russo, são os proprietários de software que são os Comunistas.

A Questão das Premissas

Eu assumo neste documento que um usuário de software não é menos importante que um autor, ou até mesmo que o empregador de um autor. Em outras palavras, seus interesses e necessidades têm igual peso, quando nós decidimos que curso de ação é melhor.

Esta premissa não é universalmente aceita. Muitos mantêm que um empregador de autor é fundamentalmente mais importante que qualquer um. Eles dizem, por exemplo, que o propósito de ter proprietários de software é dar ao empregador do autor a vantagem que ele merece - sem levar em consideração como isto pode afetar o público.

Não é comum tentar provar ou desaprovar estas premissas. Prova requer premissas compartilhadas. Sendo assim a maior parte do que eu disse é somente para aqueles que compartilham as premissas que eu adoto, ou pelo menos estão interessados em quais são suas conseqüências. Para aqueles que acreditam que os proprietários são mais importantes que todos os demais, este documento é irrelevante.

Mas porque um grande número de Americanos iria aceitar uma premissa que eleva certas pessoas em importância acima de todos os outros? Parcialmente por causa do credo que esta premissa é parte das tradições legais da sociedade Americana. Algumas pessoas sentem que duvidar da premissa significa desafiar as bases da sociedade.

É importante para estas pessoas saber que esta premissa não é parte da nossa tradição legal. Nem nunca foi.

Assim, a Constituição diz que o propósito do copyright é "promover o progresso da ciência e das artes úteis". A Suprema Corte foi além disso, afirmando em "Fox Film vs Doyal" que "O único interesse dos Estados Unidos e o principal objetivo em conferir o monopólio [de copyright] reside nos benefícios derivados pelo público a partir do trabalho dos autores".

Nós não temos que concordar com a Constituição ou com a Suprema Corte. (Uma vez, ambas perdoaram a escravidão). Sendo assim suas posições não desaprovam a premissa da supremacia do proprietário. Mas eu espero que o anúncio que isto é uma concepção radical de direito em vez de uma tradicionalmente reconhecida venha enfraquecer seu apelo.

Conclusão

Nós gostamos de pensar que nossa sociedade estimula o auxílio mútuo; mas cada vez que nós recompensamos alguém pelo seu obstrucionismo, ou o admiramos pela riqueza que ele ganhou deste modo, nós estamos enviando a mensagem oposta.

O entesouramento de software é uma faceta da nossa disposição geral de desrespeitar o bem estar social em prol do ganho pessoal. Nós podemos vir acompanhando este desrespeito desde Ronald Reagan a Jim Bakker, desde Ivan Boesky a Exxon, desde a falência dos bancos à falência das escolas. Podemos medir isto pelo tamanho da população sem-teto e da população carcerária. Este espírito anti-social alimenta a si mesmo; porque quanto mais nós vemos que outras pessoas não irão nos ajudar, mais nos parece fútil ajudá-las. Assim a sociedade vai decaindo até se tornar uma selva.

Se nós não queremos viver numa selva, devemos mudar nossas atitudes. Devemos começar enviando a mensagem que um bom cidadão é um que coopera quando apropriado, não um que é bem sucedido tirando dos outros. Eu espero que o movimento pelo software livre contribua para isto: pelo menos em uma área nós iremos substituir a selva por um sistema mais eficiente que encoraja e confia na cooperação voluntária.

Notas de Rodapé.

1-A palavra "free" em "free software" refere-se à liberdade, e não ao preço. O preço pago por uma cópia de um "free software" pode ser zero, ou pequeno, ou (raramente) bem grande.

2-Os problemas da poluição e do congestionamento não alteram esta conclusão. Se nós desejamos tornar o ato de guiar mais caro para desencorajá-lo em geral, é desvantajoso fazer isto usando pedágios, que contribuem tanto para a poluição quanto para o congestionamento. Um imposto sobre a gasolina é muito melhor. Da mesma forma, um desejo de melhorar a segurança limitando a velocidade máxima não é relevante; a via de acesso livre melhora a velocidade média evitando paradas e atrasos, para qualquer limite de velocidade dado.

3-Alguém poderia observar que um programa de computador em particular é uma coisa prejudicial e que não deveria estar disponível, como a base de dados de informações pessoais Lotus Marketplace, que foi retirada de venda devido à desaprovação pública. A maior parte do que eu digo não se aplica a este caso, mas faz pouco sentido argumentar que seria bom ter um proprietário porque ele tornaria o programa menos disponível. O proprietário não o tornaria completamente não disponível, como seria desejável no caso de um programa cujo uso fosse considerado destrutivo.

Why Software Should Be Free

by Richard Stallman

(Version of April 24, 1992)

Introduction

The existence of software inevitably raises the question of how decisions about its use should be made. For example, suppose one individual who has a copy of a program meets another who would like a copy. It is possible for them to copy the program; who should decide whether this is done? The individuals involved? Or another party, called the "owner"?

Software developers typically consider these questions on the assumption that the criterion for the answer is to maximize developers' profits. The political power of business has led to the government adoption of both this criterion and the answer proposed by the developers: that the program has an owner, typically a corporation associated with its development.

I would like to consider the same question using a different criterion: the prosperity and freedom of the public in general.

This answer cannot be decided by current law - the law should conform to ethics, not the other way around. Nor does current practice decide this question, although it may suggest possible answers. The only way to judge is to see who is helped and who is hurt by recognizing owners of software, why, and how much. In other words, we should perform a cost - benefit analysis on behalf of society as a whole, taking account of individual freedom as well as production of material goods.

In this essay, I will describe the effects of having owners, and show that the results are detrimental. My conclusion is that programmers have the duty to encourage others to share, redistribute, study, and improve the software we write: in other words, to write "free" software(1).

How Owners Justify Their Power.

Those who benefit from the current system where programs are property offer two arguments in support of their claims to own programs: the emotional argument and the economic argument.

The emotional argument goes like this: "I put my sweat, my heart, my soul into this program. It comes from me, it's mine!".

This argument does not require serious refutation. The feeling of attachment is one that programmers can cultivate when it suits them; it is not inevitable. Consider, for example, how willingly the same programmers usually sign over all rights to a large corporation for a salary; the emotional attachment mysteriously vanishes. By contrast, consider the great artists and artisans of medieval times, who didn't even sign their names to their work. To them, the name of the artist was not important. What mattered was that the work was done - and the purpose it would serve. This view prevailed for hundreds of years.

The economic argument goes like this: "I want to get rich (usually described inaccurately as 'making a living'), and if you don't allow me to get rich by programming, then I won't program. Everyone else is like me, so nobody will ever program. And then you'll be stuck with no programs at all!". This threat is usually veiled as friendly advice from the wise.

I'll explain later why this threat is a bluff. First I want to address an implicit assumption that is more visible in another formulation of the argument.

This formulation starts by comparing the social utility of a proprietary program with that of no program, and then concludes that proprietary software development is, on the whole, beneficial, and should be encouraged. The fallacy here is in comparing only two outcomes - proprietary software vs. no software - and assuming there are no other possibilities.

Given a system of software copyright, software development is usually linked with the existence of an owner who controls the software's use. As long as this linkage exists, we are often faced with the choice of proprietary software or none. However, this linkage is not inherent or inevitable; it is a consequence of the specific social/legal policy decision that we are questioning: the decision to have owners. To formulate the choice as between proprietary software versus no software is begging the question.

The Argument against Having Owners.

The question at hand is, "Should development of software be linked with having owners to restrict the use of it?"

In order to decide this, we have to judge the effect on society of each of those two activities independently: the effect of developing the software (regardless of its terms of distribution), and the effect of restricting its use (assuming the software has been developed). If one of these activities is helpful and the other is harmful, we would be better off dropping the linkage and doing only the helpful one.

To put it another way, if restricting the distribution of a program already developed is harmful to society overall, then an ethical software developer will reject the option of doing so.

To determine the effect of restricting sharing, we need to compare the value to society of a restricted (i.e., proprietary) program with that of the same program, available to everyone. This means comparing two possible worlds.

This analysis also addresses the simple counterargument sometimes made that "the benefit to the neighbor of giving him or her a copy of a program is cancelled by the harm done to the owner". This counterargument assumes that the harm and the benefit are equal in magnitude. The analysis involves comparing these magnitudes, and shows that the benefit is much greater.

To elucidate this argument, let's apply it in another area: road construction.

It would be possible to fund the construction of all roads with tolls. This would entail having toll booths at all street corners. Such a system would provide a great incentive to improve roads. It would also have the virtue of causing the users of any given road to pay for that road. However, a toll booth is an artificial obstruction to smooth driving - artificial, because it is not a consequence of how roads or cars work.

Comparing free roads and toll roads by their usefulness, we find that (all else being equal) roads without toll booths are cheaper to construct, cheaper to run, safer, and more efficient to use⁽²⁾. In a poor country, tolls may make the roads unavailable to many citizens. The roads without toll booths thus offer more benefit to society at less cost; they are preferable for society. Therefore, society should choose to fund roads in another way, not by means of toll booths. Use of roads, once built, should be free.

When the advocates of toll booths propose them as merely a way of raising funds, they distort the choice that is available. Toll booths do raise funds, but they do something else as well: in effect, they degrade the road. The toll road is not as good as the free road; giving us more or technically superior roads may not be an improvement if this means substituting toll roads for free roads.

Of course, the construction of a free road does cost money, which the public must somehow pay. However, this does not imply the inevitability of toll booths. We who must in either case pay will get more value for our money by buying a free road.

I am not saying that a toll road is worse than no road at all. That would be true if the toll were so great that hardly anyone used the road - but this is an unlikely policy for a toll collector. However, as long as the toll booths cause significant waste and inconvenience, it is better to raise the funds in a less obstructive fashion.

To apply the same argument to software development, I will now show that having "toll booths" for useful software programs costs society dearly: it makes the programs more expensive to construct, more expensive to distribute, and less satisfying and efficient to use. It will follow that program construction should be encouraged in some other way. Then I will go on to explain other methods of encouraging and (to the extent actually necessary) funding software development.

The Harm Done by Obstructing Software.

Consider for a moment that a program has been developed, and any necessary payments for its development have been made; now society must choose either to make it proprietary or allow free sharing and use. Assume that the existence of the program and its availability is a desirable thing⁽³⁾.

Restrictions on the distribution and modification of the program cannot facilitate its use. They can only interfere. So the effect can only be negative. But how much? And what kind?

Three different levels of material harm come from such obstruction:

Fewer people use the program.

None of the users can adapt or fix the program.

Other developers cannot learn from the program, or base new work on it.

Each level of material harm has a concomitant form of psychosocial harm. This refers to the effect that people's decisions have on their subsequent feelings, attitudes, and predispositions. These changes in people's ways of thinking will then have a further effect on their relationships with their fellow citizens, and can have material consequences.

The three levels of material harm waste part of the value that the program could contribute, but they cannot reduce it to zero. If they waste nearly all the value of the program, then writing the program harms society by at most the effort that went into writing the program. Arguably a program that is profitable to sell must provide some net direct material benefit.

However, taking account of the concomitant psychosocial harm, there is no limit to the harm that proprietary software development can do.

Obstructing Use of Programs

The first level of harm impedes the simple use of a program. A copy of a program has nearly zero marginal cost (and you can pay this cost by doing the work yourself), so in a free market, it would have nearly zero price. A license fee is a significant disincentive to use the program. If a widely-useful program is proprietary, far fewer people will use it.

It is easy to show that the total contribution of a program to society is reduced by assigning an owner to it. Each potential user of the program, faced with the need to pay to use it, may choose to pay, or may forego use of the program. When a user

chooses to pay, this is a zero-sum transfer of wealth between two parties. But each time someone chooses to forego use of the program, this harms that person without benefitting anyone. The sum of negative numbers and zeros must be negative.

But this does not reduce the amount of work it takes to develop the program. As a result, the efficiency of the whole process, in delivered user satisfaction per hour of work, is reduced.

This reflects a crucial difference between copies of programs and cars, chairs, or sandwiches. There is no copying machine for material objects outside of science fiction. But programs are easy to copy; anyone can produce as many copies as are wanted, with very little effort. This isn't true for material objects because matter is conserved: each new copy has to be built from raw materials in the same way that the first copy was built.

With material objects, a disincentive to use them makes sense, because fewer objects bought means less raw material and work needed to make them. It's true that there is usually also a startup cost, a development cost, which is spread over the production run. But as long as the marginal cost of production is significant, adding a share of the development cost does not make a qualitative difference. And it does not require restrictions on the freedom of ordinary users.

However, imposing a price on something that would otherwise be free is a qualitative change. A centrally-imposed fee for software distribution becomes a powerful disincentive.

What's more, central production as now practiced is inefficient even as a means of delivering copies of software. This system involves enclosing physical disks or tapes in superfluous packaging, shipping large numbers of them around the world, and storing them for sale. This cost is presented as an expense of doing business; in truth, it is part of the waste caused by having owners.

Damaging Social Cohesion

Suppose that both you and your neighbor would find it useful to run a certain program. In ethical concern for your neighbor, you should feel that proper handling of the situation will enable both of you to use it. A proposal to permit only one of you to use the program, while restraining the other, is divisive; neither you nor your neighbor should find it acceptable.

Signing a typical software license agreement means betraying your neighbor: "I promise to deprive my neighbor of this program so that I can have a copy for myself". People who make such choices feel internal psychological pressure to justify them, by downgrading the importance of helping one's neighbors - thus public spirit suffers. This is psychosocial harm associated with the material harm of discouraging use of the program.

Many users unconsciously recognize the wrong of refusing to share, so they decide to ignore the licenses and laws, and share programs anyway. But they often feel guilty about doing so. They know that they must break the laws in order to be good neighbors, but they still consider the laws authoritative, and they conclude that being a good neighbor (which they are) is naughty or shameful. That is also a kind of psychosocial harm, but one can escape it by deciding that these licenses and laws have no moral force.

Programmers also suffer psychosocial harm knowing that many users will not be allowed to use their work. This leads to an attitude of cynicism or denial. A programmer may describe enthusiastically the work that he finds technically exciting; then when asked, "Will I be permitted to use it?", his face falls, and he admits the answer is no. To avoid feeling discouraged, he either ignores this fact most of the time or adopts a cynical stance designed to minimize the importance of it.

Since the age of Reagan, the greatest scarcity in the United States is not technical innovation, but rather the willingness to work together for the public good. It makes no sense to encourage the former at the expense of the latter.

Obstructing Custom Adaptation of Programs

The second level of material harm is the inability to adapt programs. The ease of modification of software is one of its great advantages over older technology. But most commercially available software isn't available for modification, even after you buy it. It's available for you to take it or leave it, as a black box - that is all.

A program that you can run consists of a series of numbers whose meaning is obscure. No one, not even a good programmer, can easily change the numbers to make the program do something different.

Programmers normally work with the "source code" for a program, which is written in a programming language such as Fortran or C. It uses names to designate the data being used and the parts of the program, and it represents operations with symbols such as '+' for addition and '-' for subtraction. It is designed to help programmers read and change programs. Here is an example; a program to calculate the distance between two points in a plane:

```
float
distance (p0, p1).
struct point p0, p1;
{
float xdist = p1.x - p0.x;
float ydist = p1.y - p0.y;
return sqrt (xdist * xdist + ydist * ydist);
}.
```

Here is the same program in executable form, on the computer I normally use:

```
1314258944 -232267772 -231844864 1634862
1411907592 -231844736 2159150 1420296208
-234880989 -234879837 -234879966 -232295424
1644167167 -3214848 1090581031 1962942495
572518958 -803143692 1314803317
```

Source code is useful (at least potentially) to every user of a program. But most users are not allowed to have copies of the source code. Usually the source code for a proprietary program is kept secret by the owner, lest anybody else learn something

from it. Users receive only the files of incomprehensible numbers that the computer will execute. This means that only the program's owner can change the program.

A friend once told me of working as a programmer in a bank for about six months, writing a program similar to something that was commercially available. She believed that if she could have gotten source code for that commercially available program, it could easily have been adapted to their needs. The bank was willing to pay for this, but was not permitted to - the source code was a secret. So she had to do six months of make-work, work that counts in the GNP but was actually waste.

The MIT Artificial Intelligence Lab (AI Lab) received a graphics printer as a gift from Xerox around 1977. It was run by free software to which we added many convenient features. For example, the software would notify a user immediately on completion of a print job. Whenever the printer had trouble, such as a paper jam or running out of paper, the software would immediately notify all users who had print jobs queued. These features facilitated smooth operation.

Later Xerox gave the AI Lab a newer, faster printer, one of the first laser printers. It was driven by proprietary software that ran in a separate dedicated computer, so we couldn't add any of our favorite features. We could arrange to send a notification when a print job was sent to the dedicated computer, but not when the job was actually printed (and the delay was usually considerable). There was no way to find out when the job was actually printed; you could only guess. And no one was informed when there was a paper jam, so the printer often went for an hour without being fixed.

The system programmers at the AI Lab were capable of fixing such problems, probably as capable as the original authors of the program. Xerox was uninterested in fixing them, and chose to prevent us, so we were forced to accept the problems. They were never fixed.

Most good programmers have experienced this frustration. The bank could afford to solve the problem by writing a new program from scratch, but a typical user, no matter how skilled, can only give up.

Giving up causes psychosocial harm - to the spirit of self-reliance. It is demoralizing to live in a house that you cannot rearrange to suit your needs. It leads to resignation and discouragement, which can spread to affect other aspects of one's life. People who feel this way are unhappy and do not do good work.

Imagine what it would be like if recipes were hoarded in the same fashion as software. You might say, "How do I change this recipe to take out the salt?" and the great chef would respond, "How dare you insult my recipe, the child of my brain and my palate, by trying to tamper with it? You don't have the judgment to change my recipe and make it work right!"

"But my doctor says I'm not supposed to eat salt! What can I do? Will you take out the salt for me?"

"I would be glad to do that; my fee is only \$50,000." Since the owner has a monopoly on changes, the fee tends to be large.

"However, right now I don't have time. I am busy with a commission to design a new recipe for ship's biscuit for the Navy Department. I might get around to you in about two years".

Obstructing Software Development

The third level of material harm affects software development. Software development used to be an evolutionary process, where a person would take an existing program and rewrite parts of it for one new feature, and then another person would rewrite parts to add another feature; in some cases, this continued over a period of twenty years. Meanwhile, parts of the program would be "cannibalized" to form the beginnings of other programs.

The existence of owners prevents this kind of evolution, making it necessary to start from scratch when developing a program. It also prevents new practitioners from studying existing programs to learn useful techniques or even how large programs can be structured.

Owners also obstruct education. I have met bright students in computer science who have never seen the source code of a large program. They may be good at writing small programs, but they can't begin to learn the different skills of writing large ones if they can't see how others have done it.

In any intellectual field, one can reach greater heights by standing on the shoulders of others. But that is no longer generally allowed in the software field - you can only stand on the shoulders of the other people in your own company.

The associated psychosocial harm affects the spirit of scientific cooperation, which used to be so strong that scientists would cooperate even when their countries were at war. In this spirit, Japanese oceanographers abandoning their lab on an island in the Pacific carefully preserved their work for the invading U.S. Marines, and left a note asking them to take good care of it.

Conflict for profit has destroyed what international conflict spared. Nowadays scientists in many fields don't publish enough in their papers to enable others to replicate the experiment. They publish only enough to let readers marvel at how much they were able to do. This is certainly true in computer science, where the source code for the programs reported on is usually secret.

It Does Not Matter How Sharing Is Restricted

I have been discussing the effects of preventing people from copying, changing, and building on a program. I have not specified how this obstruction is carried out, because that doesn't affect the conclusion. Whether it is done by copy protection, or copyright, or licenses, or encryption, or ROM cards, or hardware serial numbers, if it succeeds in preventing use, it does harm.

Users do consider some of these methods more obnoxious than others. I suggest that the methods most hated are those that accomplish their objective.

Software Should be Free

I have shown how ownership of a program - the power to restrict changing or copying it - is obstructive. Its negative effects are widespread and important. It follows that society shouldn't have owners for programs.

Another way to understand this is that what society needs is free software, and proprietary software is a poor substitute. Encouraging the substitute is not a rational way to get what we need.

Vaclav Havel has advised us to "Work for something because it is good, not just because it stands a chance to succeed". A business making proprietary software stands a chance of success in its own narrow terms, but it is not what is good for society.

Why People Will Develop Software.

If we eliminate copyright as a means of encouraging people to develop software, at first less software will be developed, but that software will be more useful. It is not clear whether the overall delivered user satisfaction will be less; but if it is, or if we wish to increase it anyway, there are other ways to encourage development, just as there are ways besides toll booths to raise money for streets. Before I talk about how that can be done, first I want to question how much artificial encouragement is truly necessary.

Programming is Fun

There are some lines of work that few will enter except for money; road construction, for example. There are other fields of study and art in which there is little chance to become rich, which people enter for their fascination or their perceived value to society. Examples include mathematical logic, classical music, and archaeology; and political organizing among working people. People compete, more sadly than bitterly, for the few funded positions available, none of which is funded very well. They may even pay for the chance to work in the field, if they can afford to.

Such a field can transform itself overnight if it begins to offer the possibility of getting rich. When one worker gets rich, others demand the same opportunity. Soon all may demand large sums of money for doing what they used to do for pleasure. When another couple of years go by, everyone connected with the field will deride the idea that work would be done in the field without large financial returns. They will advise social planners to ensure that these returns are possible, prescribing special privileges, powers, and monopolies as necessary to do so.

This change happened in the field of computer programming in the past decade. Fifteen years ago, there were articles on "computer addiction": users were "onlining" and had hundred-dollar-a-week habits. It was generally understood that people frequently loved programming enough to break up their marriages. Today, it is generally understood that no one would program except for a high rate of pay. People have forgotten what they knew fifteen years ago.

When it is true at a given time that most people will work in a certain field only for high pay, it need not remain true. The dynamic of change can run in reverse, if society provides an impetus. If we take away the possibility of great wealth, then after a while, when the people have readjusted their attitudes, they will once again be eager to work in the field for the joy of accomplishment.

The question, "How can we pay programmers?" becomes an easier question when we realize that it's not a matter of paying them a fortune. A mere living is easier to raise.

Funding Free Software

Institutions that pay programmers do not have to be software houses. Many other institutions already exist that can do this.

Hardware manufacturers find it essential to support software development even if they cannot control the use of the software. In 1970, much of their software was free because they did not consider restricting it. Today, their increasing willingness to join consortiums shows their realization that owning the software is not what is really important for them.

Universities conduct many programming projects. Today they often sell the results, but in the 1970s they did not. Is there any doubt that universities would develop free software if they were not allowed to sell software? These projects could be supported by the same government contracts and grants that now support proprietary software development.

It is common today for university researchers to get grants to develop a system, develop it nearly to the point of completion and call that "finished", and then start companies where they really finish the project and make it usable. Sometimes they declare the unfinished version "free"; if they are thoroughly corrupt, they instead get an exclusive license from the university. This is not a secret; it is openly admitted by everyone concerned. Yet if the researchers were not exposed to the temptation to do these things, they would still do their research.

Programmers writing free software can make their living by selling services related to the software. I have been hired to port the GNU C compiler to new hardware, and to make user-interface extensions to GNU Emacs. (I offer these improvements to the public once they are done.) I also teach classes for which I am paid.

I am not alone in working this way; there is now a successful, growing corporation which does no other kind of work. Several other companies also provide commercial support for the free software of the GNU system. This is the beginning of the independent software support industry - an industry that could become quite large if free software becomes prevalent. It provides users with an option generally unavailable for proprietary software, except to the very wealthy.

New institutions such as the Free Software Foundation can also fund programmers. Most of the Foundation's funds come from users buying tapes through the mail. The software on the tapes is free, which means that every user has the freedom to copy it and change it, but many nonetheless pay to get copies. (Recall that "free software" refers to freedom, not to price.) Some users who already have a copy order tapes as a way of making a contribution they feel we deserve. The Foundation also receives sizable donations from computer manufacturers.

The Free Software Foundation is a charity, and its income is spent on hiring as many programmers as possible. If it had been set up as a business, distributing the same free software to the public for the same fee, it would now provide a very good living for its founder.

Because the Foundation is a charity, programmers often work for the Foundation for half of what they could make elsewhere. They do this because we are free of bureaucracy, and because they feel satisfaction in knowing that their work will not be

obstructed from use. Most of all, they do it because programming is fun. In addition, volunteers have written many useful programs for us. (Even technical writers have begun to volunteer).

This confirms that programming is among the most fascinating of all fields, along with music and art. We don't have to fear that no one will want to program.

What Do Users Owe to Developers?

There is a good reason for users of software to feel a moral obligation to contribute to its support. Developers of free software are contributing to the users' activities, and it is both fair and in the long-term interest of the users to give them funds to continue.

However, this does not apply to proprietary software developers, since obstructionism deserves a punishment rather than a reward.

We thus have a paradox: the developer of useful software is entitled to the support of the users, but any attempt to turn this moral obligation into a requirement destroys the basis for the obligation. A developer can either deserve a reward or demand it, but not both.

I believe that an ethical developer faced with this paradox must act so as to deserve the reward, but should also entreat the users for voluntary donations. Eventually the users will learn to support developers without coercion, just as they have learned to support public radio and television stations.

What Is Software Productivity?

If software were free, there would still be programmers, but perhaps fewer of them. Would this be bad for society?

Not necessarily. Today the advanced nations have fewer farmers than in 1900, but we do not think this is bad for society, because the few deliver more food to the consumers than the many used to do. We call this improved productivity. Free software would require far fewer programmers to satisfy the demand, because of increased software productivity at all levels: Wider use of each program that is developed.

The ability to adapt existing programs for customization instead of starting from scratch.

Better education of programmers.

The elimination of duplicate development effort.

Those who object to cooperation claiming it would result in the employment of fewer programmers are actually objecting to increased productivity. Yet these people usually accept the widely-held belief that the software industry needs increased productivity. How is this?

"Software productivity" can mean two different things: the overall productivity of all software development, or the productivity of individual projects. Overall productivity is what society would like to improve, and the most straightforward way to do this is to eliminate the artificial obstacles to cooperation which reduce it. But researchers who study the field of "software productivity" focus only on the second, limited, sense of the term, where improvement requires difficult technological advances.

Is Competition Inevitable?

Is it inevitable that people will try to compete, to surpass their rivals in society? Perhaps it is. But competition itself is not harmful; the harmful thing is combat.

There are many ways to compete. Competition can consist of trying to achieve ever more, to outdo what others have done. For example, in the old days, there was competition among programming wizards - competition for who could make the computer do the most amazing thing, or for who could make the shortest or fastest program for a given task. This kind of competition can benefit everyone, as long as the spirit of good sportsmanship is maintained.

Constructive competition is enough competition to motivate people to great efforts. A number of people are competing to be the first to have visited all the countries on Earth; some even spend fortunes trying to do this. But they do not bribe ship captains to strand their rivals on desert islands. They are content to let the best person win.

Competition becomes combat when the competitors begin trying to impede each other instead of advancing themselves--when "Let the best person win" gives way to "Let me win, best or not". Proprietary software is harmful, not because it is a form of competition, but because it is a form of combat among the citizens of our society.

Competition in business is not necessarily combat. For example, when two grocery stores compete, their entire effort is to improve their own operations, not to sabotage the rival. But this does not demonstrate a special commitment to business ethics; rather, there is little scope for combat in this line of business short of physical violence. Not all areas of business share this characteristic. Withholding information that could help everyone advance is a form of combat.

Business ideology does not prepare people to resist the temptation to combat the competition. Some forms of combat have been banned with anti-trust laws, truth in advertising laws, and so on, but rather than generalizing this to a principled rejection of combat in general, executives invent other forms of combat which are not specifically prohibited. Society's resources are squandered on the economic equivalent of factional civil war.

"Why Don't You Move to Russia?"

In the United States, any advocate of other than the most extreme form of laissez-faire selfishness has often heard this accusation. For example, it is leveled against the supporters of a national health care system, such as is found in all the other industrialized nations of the free world. It is leveled against the advocates of public support for the arts, also universal in

advanced nations. The idea that citizens have any obligation to the public good is identified in America with Communism. But how similar are these ideas?

Communism as was practiced in the Soviet Union was a system of central control where all activity was regimented, supposedly for the common good, but actually for the sake of the members of the Communist party. And where copying equipment was closely guarded to prevent illegal copying.

The American system of software copyright exercises central control over distribution of a program, and guards copying equipment with automatic copying-protection schemes to prevent illegal copying.

By contrast, I am working to build a system where people are free to decide their own actions; in particular, free to help their neighbors, and free to alter and improve the tools which they use in their daily lives. A system based on voluntary cooperation and on decentralization.

Thus, if we are to judge views by their resemblance to Russian Communism, it is the software owners who are the Communists.

The Question of Premises

I make the assumption in this paper that a user of software is no less important than an author, or even an author's employer. In other words, their interests and needs have equal weight, when we decide which course of action is best.

This premise is not universally accepted. Many maintain that an author's employer is fundamentally more important than anyone else. They say, for example, that the purpose of having owners of software is to give the author's employer the advantage he deserves--regardless of how this may affect the public.

It is no use trying to prove or disprove these premises. Proof requires shared premises. So most of what I have to say is addressed only to those who share the premises I use, or at least are interested in what their consequences are. For those who believe that the owners are more important than everyone else, this paper is simply irrelevant.

But why would a large number of Americans accept a premise that elevates certain people in importance above everyone else? Partly because of the belief that this premise is part of the legal traditions of American society. Some people feel that doubting the premise means challenging the basis of society.

It is important for these people to know that this premise is not part of our legal tradition. It never has been.

Thus, the Constitution says that the purpose of copyright is to "promote the progress of science and the useful arts." The Supreme Court has elaborated on this, stating in 'Fox Film vs. Doyal' that "The sole interest of the United States and the primary object in conferring the [copyright] monopoly lie in the general benefits derived by the public from the labors of authors".

We are not required to agree with the Constitution or the Supreme Court. (At one time, they both condoned slavery). So their positions do not disprove the owner supremacy premise. But I hope that the awareness that this is a radical right-wing assumption rather than a traditionally recognized one will weaken its appeal.

Conclusion

We like to think that our society encourages helping your neighbor; but each time we reward someone for obstructionism, or admire them for the wealth they have gained in this way, we are sending the opposite message.

Software hoarding is one form of our general willingness to disregard the welfare of society for personal gain. We can trace this disregard from Ronald Reagan to Jim Bakker, from Ivan Boesky to Exxon, from failing banks to failing schools. We can measure it with the size of the homeless population and the prison population. The antisocial spirit feeds on itself, because the more we see that other people will not help us, the more it seems futile to help them. Thus society decays into a jungle.

If we don't want to live in a jungle, we must change our attitudes. We must start sending the message that a good citizen is one who cooperates when appropriate, not one who is successful at taking from others. I hope that the free software movement will contribute to this: at least in one area, we will replace the jungle with a more efficient system which encourages and runs on voluntary cooperation.

Footnotes

1. The word "free" in "free software" refers to freedom, not to price; the price paid for a copy of a free program may be zero, or small, or (rarely) quite large.

2. The issues of pollution and traffic congestion do not alter this conclusion. If we wish to make driving more expensive to discourage driving in general, it is disadvantageous to do this using toll booths, which contribute to both pollution and congestion. A tax on gasoline is much better. Likewise, a desire to enhance safety by limiting maximum speed is not relevant; a free-access road enhances the average speed by avoiding stops and delays, for any given speed limit.

3. One might regard a particular computer program as a harmful thing that should not be available at all, like the Lotus Marketplace database of personal information, which was withdrawn from sale due to public disapproval. Most of what I say does not apply to this case, but it makes little sense to argue for having an owner on the grounds that the owner will make the program less available. The owner will not make it completely unavailable, as one would wish in the case of a program whose use is considered destructive.

This essay is published in Free Software, Free Society: The Selected Essays of Richard M. Stallman.

Anexo F– Classificação dos recursos de Linguagem Avaliativa dos textos do corpus

Legenda:

1), 2), etc	Parágrafos numerados
[₁] ₁	Trecho analisado numerado
1:, 2:, etc	Classificação do trecho
→ Aprec:Qual+	Tipo de Atitude Explícita/Evocada
itálico negrito	Textualização alternativa sugerida
<i>Itálico</i>	Comentário
∅	Omissão do trecho
⇒	Tipo de atitude evocado por outro tipo de atitude
(sic)	Indicação de inadequação gramatical no texto
{...}	Comentário inserido no texto sobre interpretação do trecho

Texto de chegada: “Porque O Software Deveria Ser Livre”, traduzido por Juciê Dias Andrade	Texto de partida: “Why Software Should Be Free” escrito por Richard M. Stallman
1) Porque (sic) O Software Deveria Ser Livre	1) Why Software Should Be Free

2) A existência do software inevitavelmente levanta [1 questões a respeito de como deveria ser feito seu uso]1. Por exemplo, suponha que um indivíduo que tem uma cópia de um programa se encontra com outro que gostaria de ter uma cópia. É possível a eles copiar o programa; quem deveria decidir se isto [2 deve ser feito]2 ou não? Os indivíduos envolvidos? Ou outra parte, chamada de "o proprietário" ?

A existência de software inevitavelmente levanta a questão de como as decisões sobre o seu uso deveriam ser feitas. (...) É possível a eles copiar o programa; quem deveria decidir sobre fazê-lo ou não?

1: ≠Ide

Aqui a questão é sobre como fazer o uso de SL.

2: •Ide, ≠Int AV ◀▶GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade

“Deve ser feito (por eles)” equivale a “eles devem fazer”. Assim, a pergunta retórica “quem deveria decidir se isto deve ser feito ou não?” (que, juntamente com as seguintes caracteriza uma Expectativa confirmada, i.e., buscam a confirmação do leitor de que quem deve decidir são os indivíduos) equivale a “quem deveria dizer: ‘vocês devem’ ou ‘vocês não devem fazê-lo’?”. A força do enunciado foi reduzida do imperativo para a modulação alta.

2) The existence of software inevitably raises [1 the question of how decisions about its use should be made]1. For example, suppose one individual who has a copy of a program meets another who would like a copy. It is possible for them to copy the program; who should decide whether this [2 is done]2? The individuals involved? Or another party, called the "owner" ?

1: ≠Ide

Aqui a questão é sobre como tomar decisões a respeito do uso de SL.

2: ≠Ide, ≠Int AV ■GRAD:Força/Compr/Monogl

“Is done (by them)” equivale a “they do”. Assim, a pergunta retórica “who should decide whether this is done?” (que, juntamente com as seguintes caracteriza uma Expectativa confirmada) equivale a “quem deveria dizer: ‘façam’ ou ‘não façam’?”.

<p>3) Desenvolvedores de software tipicamente consideram estas questões assumindo que o critério para a resposta [1 seja]1 maximizar os lucros dos desenvolvedores. A força política [2 do negócio]2 [3 tem levado]3 à adoção, por parte do governo, tanto deste critério quanto da resposta proposta pelos desenvolvedores (sic): o programa tem um proprietário, tipicamente uma empresa associada ao seu desenvolvimento.</p> <p><i>Os desenvolvedores de software tipicamente consideram estas questões supondo que o critério para a resposta é maximizar os lucros dos desenvolvedores. A força política do comércio levou à adoção pelo governo (...)</i></p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ► GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p>2: ≠Ide</p> <p><i>Aqui se fala de um negócio em particular – venda de software.</i></p> <p>3: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de aspecto verbal.</i></p>	<p>3) Software developers typically consider these questions on the assumption that the criterion for the answer [1 is]1 to maximize developers' profits. The political power [2 of business]2 [3 has led]3 to the government adoption of both this criterion and the answer proposed by the developers: that the program has an owner, typically a corporation associated with its development.</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p>2: ≠Ide</p> <p><i>Aqui se fala do comércio em geral.</i></p> <p>3: ≠Ide</p>
<p>4) Eu gostaria de considerar a mesma questão usando um critério diferente: a prosperidade e liberdade do público em geral.</p>	<p>4) I would like to consider the same question using a different criterion: the prosperity and freedom of the public in general.</p>

5) Esta resposta não pode ser dada pela lei atual – a lei deveria agir em conformidade com a ética, não o contrário. Nem a prática [₁ comum]₁ decide esta questão, apesar de [₂ sugerir]₂ respostas possíveis. A única maneira de julgar é ver quem é beneficiado e quem é prejudicado pelo reconhecimento dos proprietários de software, porque, e quanto. Em outras palavras, nós deveríamos fazer uma análise de custo-benefício [₃ tomando por base]₃ a sociedade como um todo, levando em conta a liberdade individual bem como a produção de bens materiais.

Esta resposta não pode ser dada pela lei atual - a lei deveria agir de acordo com a ética, não o contrário. Nem a prática atual decide esta questão, embora possa sugerir respostas possíveis. (...)

Em outras palavras, nós deveríamos fazer uma análise de custo-benefício em nome da sociedade como um todo (...)

1: ≠Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Evoc/Alcance/Espaço → Aprec:VS-

A prática comum (difundida) = o que se faz em geral. Aqui não se fez referência ao tempo e pode-se inferir daí: o que sempre se faz ou se tem feito.

2: ≠Ide, ≠Int AV ► GRAD:Foco/Atit Evoc/Realidade → Aprec:Qual+

A gradação aqui é:

▲ dar respostas

► sugerir respostas

▼ poder sugerir respostas

5) This answer cannot be decided by current law - the law should conform to ethics, not the other way around. Nor does [₁ current]₁ practice decide this question, although it [₂ may suggest]₂ possible answers. The only way to judge is to see who is helped and who is hurt by recognizing owners of software, why, and how much. In other words, we should perform a cost-benefit analysis [₃ on behalf of]₃ society as a whole, taking account of individual freedom as well as production of material goods.

1: •Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Evoc/Distância/Tempo → Aprec:VS-

“Current practice” (= a prática atual) = o que se faz agora. Aqui, o recorte de tempo é preciso e restrito: o presente. Não se fez referência explícita ao espaço mas facilmente se deduz que se trata de todos ou quase todos os possíveis agentes de tal prática.

2: ≠Ide, ≠Int AV ▼ GRAD:Foco/Atit Evoc/Realidade → Aprec:Qual+

<p>3: ≠Ide, ≠Int AV ▼ (ausência de Realce) → Afeto:Afeição</p> <p><i>Tomando por base = com relação a.</i></p>	<p>3: ≠Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Evoc/Realce → Afeto:Afeição</p> <p><i>On behalf of = em nome de, no interesse de, como representante de. Aqui, a voz textual conclama a todos nós a agir enquanto parte da sociedade e em nome desta, i.e., no interesse de todos e não apenas analisar a questão imparcialmente, considerando o lado do proprietário, o lado do usuário, o lado do programador, etc.</i></p>
<p>6) Neste ensaio, eu irei descrever os efeitos de ter proprietários e mostrarei que os resultados são [₁malignos]₁. Minha conclusão é que programadores têm a responsabilidade de encorajar outros a compartilhar, redistribuir, estudar e melhorar o software que nós escrevemos: em outras palavras, escrever software "livre" (1).</p> <p><i>(...) e mostrarei que os resultados são prejudiciais.</i></p> <p>1: ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:Qual-</p> <p><i>Aqui a graduação é:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▲ <i>malignos</i> ► <i>detrimental (=prejudiciais, danosos)</i> ▼ <i>desfavoráveis</i> 	<p>6) In this essay, I will describe the effects of having owners, and show that the results are [₁detrimental]₁. My conclusion is that programmers have the duty to encourage others to share, redistribute, study, and improve the software we write: in other words, to write "free" software (1).</p> <p>1: ≠Int AV ► GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:Qual-</p>
<p>7) Como os Proprietários Justificam Seu Poder.</p>	<p>7) How Owners Justify Their Power.</p>

8) Aqueles que se beneficiam do sistema atual onde programas são propriedade oferecem dois argumentos em suporte à (sic) suas [reivindicações]₁: o argumento emocional e o econômico.

Aqueles que se beneficiam do sistema atual (...) oferecem dois argumentos em apoio às suas alegações de propriedade dos programas de software: o argumento social e o econômico.

1: ≠Ide, ≠Int AV ◀▶GRAD:Força/Compr/Heterogl/Endosso

“Reivindicações” = exigências, reclamações. Aqui há não só uma diferença de refinamento: entre ‘reclamação’ e ‘reclamação de posse’, mas também uma diferença gerada pelo uso de termos com saturações avaliativas diferentes¹. No inglês, o termo ‘claim’ implica uma orientação atitudinal de reprovação, enquanto, no português, ‘reivindicação’ implica uma orientação atitudinal de aprovação. É como se o termo ‘claim’ sozinho já tendesse a acumular o sentido de ‘verdade suposta, que ainda precisa ser comprovada’. Daí se acrescentar um adjetivo como ‘legitimate’ para se indicar uma orientação atitudinal de aprovação ao se usar ‘claim’. Do mesmo modo, é como se o termo ‘reivindicação’ sozinho já acumulasse o sentido de ‘reclamação legítima’. Daí se acrescentar um adjetivo como ‘injusta’ para se indicar uma orientação atitudinal de reprovação ao se usar ‘reivindicação’.

8) Those who benefit from the current system where programs are property offer two arguments in support of their [claims to own programs]₁: the emotional argument and the economic argument.

1: ≠Ide, ≠Int AV ◀▶GRAD:Força/Compr/Heterogl/Distanciamento

Diferença de refinamento (delicacy)

“Claims (to own)” = alegação/reclamação de posse.

¹ Essa afirmação se baseia apenas na experiência da autora desta dissertação no uso dos termos e precisaria ser comprovada por uma pesquisa que determinasse o perfil de uso destes dois itens lexicais, i.e., um estudo de suas colocações em um corpus que definisse suas polaridades (negativa/positiva/neutra), como o trabalho feito por Channel com outros termos do inglês (2001).

<p>9) O argumento emocional [₁é mais ou menos assim]₁: "Eu coloquei meu suor, meu coração, minha alma neste programa. Ele veio de mim, é meu!"</p> <p><i>O argumento emocional é (assim): (...)</i></p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ◀▶GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p><i>“Mais ou menos” aqui significa “aproximadamente”. A voz textual indica uma incerteza quanto ao teor exato do argumento.</i></p>	<p>9) The emotional argument [₁goes like this]₁: "I put my sweat, my heart, my soul into this program. It comes from me, it's mine!"</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ◀▶GRAD:Força/Compr/Heterogl/Distanciamento</p> <p><i>A expressão “go like” é usada no inglês em diálogos no presente histórico, especificamente quando o narrador deseja imitar o sotaque ou a intonação do falante citado. Aqui, o distanciamento é expresso pela atitude de zombaria indicada pela expressão ‘go like’ e pela repetição exagerada de expressões que denotam propriedade, i.e., my, me, mine.</i></p>
<p>10) Este argumento não requer uma refutação [₁pesada]₁. O sentimento de [₂ligação]₂ pode ser cultivado pelos programadores quando lhes convém; não é inevitável. Considere, por exemplo, [₄quão sinceramente]₄ os mesmos programadores transferem todos os seus direitos à (sic) uma grande empresa em troca de um salário; a [₅ligação]₅ emocional misteriosamente [₆desaparece]₆. Contrastando, considere os grandes artistas e artesãos dos tempos medievais, que nem mesmo assinavam seus nomes na sua obra. Para eles, o nome do artista não era importante. O que importava era que o trabalho havia sido feito - e o propósito ao qual ele serviria. Esta concepção prevaleceu durante séculos.</p> <p><i>Este argumento nem precisa de uma refutação de verdade. O apego é um sentimento que os programadores podem cultivar quando lhes convém (...)</i> <i>Considere o quão solícitamente os mesmos programadores transferem todos os seus direitos (...) o apego misteriosamente vira fumaça.</i></p> <p>1: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Intensidade → Aprec:Comp- ⇒ Julg:Hon-</p> <p><i>“Pesada” = veemente, enérgica, forte. Ou seja, o argumento é pouco elaborado, é simplório, uma refutação leve, que não exige esforço já é suficiente para destruí-lo.</i></p>	<p>10) This argument does not require [₁serious]₁ refutation. The feeling of [₂attachment]₂ [₃is one that]₃ programmers can cultivate when it suits them; it is not inevitable. Consider, for example, [₄how willingly]₄ the same programmers usually sign over all rights to a large corporation for a salary; the emotional [₅attachment]₅ mysteriously [₆vanishes]₆. By contrast, consider the great artists and artisans of medieval times, who didn't even sign their names to their work. To them, the name of the artist was not important. What mattered was that the work was done – and the purpose it would serve. This view prevailed for hundreds of years.</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Foco/Atit Evoc/Autenticidade → Aprec:Imp- ⇒ Julg:Hon-</p> <p><i>“Serious” = que não é feito por brincadeira. Ou seja, o argumento é explicitamente/obviamente falso e nem precisa de uma refutação p’ra valer. Refutá-lo, só se for de brincadeira.</i></p>

<p>2: •Ide, ≠Int AV ▼GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Afeto:Afeição</p> <p><i>A graduação aqui é</i> ▲ possessividade, paixão ▶ attachment/apego ▼ ligação</p>	<p>2: •Ide, ≠Int AV ▶GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Afeto:Afeição</p>
<p>3: Ø</p> <p>4: ≠Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Julg:Hon+</p> <p><i>Aqui se fala da sinceridade dos programadores. O uso de “quão sinceramente” enfatiza a desonestidade dos programadores. A ironia aqui é maior do que no TP.</i></p> <p>5: ≠Int AV ▼GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Afeto:Afeição</p> <p><i>Veja o item 2 acima.</i></p> <p>6: ≠Int AV ▼(ausência de Realce) Atit Expl → Aprec:VS-</p> <p><i>Aqui, a Apreciação do sentimento de ligação é feita pela combinação do verbo ‘desaparece’ com o advérbio “misteriosamente”: se ele fosse verdadeiro não desapareceria, portanto, é falso. O advérbio acrescenta também o tom de ironia.</i></p>	<p>3: ≠Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Repetição → Aprec:Qual-</p> <p>4: ≠Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Intensidade → Afeto Irr:Desejo</p> <p><i>Aqui se fala do desejo dos programadores. O uso de “how willingly” (solicitamente, entusiasticamente) enfatiza a “inclinação”, i.e., o desejo dos programadores, revelador de seus reais interesses.</i></p> <p>5: ≠Int AV ▶GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Afeto:Afeição</p> <p>6: ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Realce → Aprec:VS-</p> <p><i>Aqui, a Apreciação do sentimento de apego é feita pela combinação do verbo ‘vanishes’ (= deixar de existir/ de ser visto de repente, como num passe-de-mágica), que já tem um realce fusionado. Esta sugestão de ‘passe-de-mágica’ se soma ao advérbio enfatizando o contraste entre a alegação dos programadores e o fato de que seu sentimento deixa de existir, e também o tom de ironia.</i></p>

11) O argumento econômico [₁se parece com]₁: "Eu quero ficar rico (que via-de-regra é [₂descrito imprecisamente]₂ como "ganhar a vida"), e se você não me permitir ficar rico programando, então eu não vou programar. Todos os outros são como eu, sendo assim ninguém mais vai programar. E então [₃você vai acabar ficando sem programas]₃!". Esta ameaça é normalmente [₆velada, como um conselho de amigo]₆.

O argumento econômico é (assim): "Eu quero ficar rico (que via-de-regra é erroneamente descrito como "ganhar a vida" (...)) E então você vai ficar empacado sem programa nenhum!" Esta ameaça é normalmente velada como um conselho de amigo de quem tem bom senso.

1: •Ide, ≠Int AV ◀▶GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade

2: •Ide, ≠▶GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Hon-

A graduação é:

▲ *inaccurately (= erroneamente)*

▶ *imprecisamente*

▼ *inadvertidamente, negligentemente*

3: ≠Ide, ≠Int AV ▶GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto Irr:Desejo

Aqui se fala de algo que supostamente vai acontecer daqui a algum tempo.

A introdução de 'acabar +ndo' atenua a força da ameaça. A graduação é:

▲ *Logo, logo você vai ficar sem programas*

▶ *You'll be stuck with no programs /Você vai ficar sem programas*

▼ *(Mais tarde) Você vai acabar ficando sem programas*

4: ∅

11) The economic argument [₁goes like this]₁: "I want to get rich (usually [₂described inaccurately]₂ as 'making a living'), and if you don't allow me to get rich by programming, then I won't program. Everyone else is like me, so nobody will ever program. And then [₃you'll be [₄stuck]₄ with no programs]₃ [₅at all!]₅". This threat is usually [₆veiled as friendly advice [₇from the wise]₇]₆

1: •Ide, ≠Int AV ◀▶GRAD:Força/Compr/Heterogl/Distanciamento

2: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Hon-

3: ≠Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto Irr:Desejo

Aqui se fala de algo que vai acontecer no futuro, que pode ser próximo ou não.

4: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Realce → Julg:Dest-

Stuck = completamente parado, estagnado, sem poder ir adiante.

<p>5: Ø</p> <p>6: ≠Ide, ≠Tex</p> <p><i>Velada = disfarçada, dissimulada.</i> <i>O uso da vírgula após 'velada' introduz a idéia de que um conselho de amigo é algo dissimulado.</i></p> <p>7: Ø</p>	<p>5: ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Universalização → Afeto Irr:Desejo</p> <p>6: ≠Ide, ≠Tex</p> <p><i>Veiled as = disfarçada de, feita como se fosse.</i></p> <p>7: •Ide, ≠Int AV → Julg:Dest+</p> <p><i>Wise = que tem bom senso, prudente, sensato.</i></p>
<p>12) Depois eu irei explicar que esta ameaça é um blefe. Primeiro eu quero [1 focar]1 numa [3 concepção]3 que é mais visível em outra formulação do argumento.</p> <p><i>Primeiramente, eu quero falar sobre um pressuposto implícito que é mais visível (...)</i></p> <p>1: ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto Irr:Desejo</p> <p><i>A graduação é:</i> ▲ focar ► address (falar/tratar de/abordar) ▼ levar em consideração <i>Veja o § 20.</i></p> <p>2: Ø</p> <p>3: ≠Ide, ≠Int AV (ausência de Realce) Atit Evoc → Aprec:VS+</p> <p><i>Concepção = criação mental, idéia, abstração; noção, conceito.</i></p>	<p>12) I'll explain later why this threat is a bluff. First I want to [1 address]1 an [2 implicit]2 [3 assumption]3 that is more visible in another formulation of the argument.</p> <p>1: ≠Int AV ►GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto Irr:Desejo</p> <p>2: ≠Int AV → Aprec:Comp-</p> <p>3: ≠Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Realce/Esfuerzo → Aprec:VS-</p> <p><i>Assumption = algo que se toma por verdadeiro sem prova; pressuposto; premissa. Ou seja, "assumption" (=pressuposto) pode ser visto como uma concepção/idéia que se toma como verdadeira.</i></p>

<p>13) Esta formulação começa comparando a utilidade social de um programa proprietário versus a da [1 inexistência deste programa]1, e então conclui que o desenvolvimento de software proprietário é, no todo, benéfico e deveria ser encorajado. A falácia aqui está em comparar apenas dois [2 pontos]2 – software proprietário versus [3 inexistência do software]3 - e assumir que não existem outras possibilidades.</p> <p><i>Esta formulação começa comparando a utilidade social de um programa proprietário com a de programa nenhum (...) A falácia aqui está em se comparar apenas dois resultados: software proprietário versus software nenhum (...)</i></p> <p>1: ≠Ide, ≠Int AV ► GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:VS-</p> <p><i>“Inexistência deste programa” = todos os programas – este programa. Aqui, ainda sobra a hipótese da existência de outros tipos de software e isso diminui o impacto do enunciado, pois o objetivo no TP era exatamente ressaltar o exagero e a egocentrismo dos desenvolvedores de software proprietário.</i></p> <p>2: ≠Ide Pontos = tópicos, assuntos dentro do tema desenvolvimento de software.</p> <p>3: ≠Ide, ≠Int AV ► GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:VS-</p>	<p>13) This formulation starts by comparing the social utility of a proprietary program with that of [1 no program]1, and then concludes that proprietary software development is, on the whole, beneficial, and should be encouraged. The fallacy here is in comparing only two [2 outcomes]2 - proprietary software vs. [3 no software]3 – and assuming there are no other possibilities.</p> <p>1: ≠Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:VS-</p> <p><i>“No program” = todos os programas – todos os programas. Aqui não sobra nada. As opções são: software proprietário ou nenhum.</i></p> <p>2: ≠Ide Outcomes = resultados do processo de desenvolver software.</p> <p>3: ≠Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:VS-</p>
<p>14) Dado um sistema de [1 propriedade intelectual]1, o desenvolvimento de software é comumente ligado à existência de um proprietário que controla o uso do software. [2 Enquanto]2 existe esta ligação, nós frequentemente [3 nos deparamos com]3 a opção entre software proprietário ou [4 nada]4. No entanto, esta ligação não é natural ou inevitável; é uma consequência da [6 escolha]6 da política sócio-legal que nós estamos questionando: a decisão de ter proprietários. Formular a opção como sendo entre software proprietário versus [7 software inexistente]7 é [8 desvirtuar a questão]8.</p>	<p>14) Given a system of [1 software copyright]1, software development is usually linked with the existence of an owner who controls the software's use. [2 As long as]2 this linkage exists, we [3 are]3 often [3 faced with]3 the choice of proprietary software or [4 none]4. However, this linkage is not inherent or inevitable; it is a consequence of the [5 specific]5 social/legal policy [6 decision]6 that we are questioning: the decision to have owners. To formulate the choice as between proprietary software vs. [7 no software]7 is [8 begging the question]8.</p>

Dado um sistema de propriedade intelectual de software, o desenvolvimento de software (...)

Porque existe esta ligação, nós (...) somos confrontados com a escolha entre software proprietário ou nenhum. No entanto, esta ligação não é natural (...) é uma consequência da decisão política específica de âmbito social/legal que estamos questionando (...) Formular a questão como uma escolha entre software proprietário ou nenhum é faltar com a lógica/cometer um erro de lógica.

1: ≠Ide

Diferença de refinamento (delicacy)

2: •Tex

No TP, foi usada uma oração subordinada causal, enquanto no TC, foi usada uma subordinada temporal.

3: ≠Ide

Diferença de transitividade.

4: ≠Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:VS-

“Nada” = coisa nenhuma; sem software ou qualquer outra coisa.

5: Ø

6: ≠Ide, ≠Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Julg:Cond-

A graduação aqui é:

▲ julgamento, veredito

► decisão

▼ escolha

1: ≠Ide

2: •Tex

3: ≠Ide

4: ≠Ide, ≠Int AV ► GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:VS-

“No software” = software nenhum.

5: ≠Int AV ▲ GRAD:Foco/Atit Evoc/Especificidade → Aprec:VS-

6: ≠Ide, ≠Int AV ► GRAD: Força/Atit Evoc/Graduação → Julg:Cond-

<p>7: ≠Ide, ≠Int AV ►GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:VS-</p> <p><i>“Software inexistente” = software que não existe, que não foi desenvolvido (ainda?). O Valor Social é negativo porém menos negativo do que “no software”.</i></p> <p>8: ≠Ide, ≠Int AV Atit Expl → Julg:Hon-</p> <p><i>“Desvirtuar a questão” = torcer o sentido da questão. Aqui existe a intenção de enganar.</i></p>	<p>7: ≠Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:VS-</p> <p><i>“No software” = ausência de software.</i></p> <p>8: ≠Ide, ≠Int AV Atit Expl → Julg:Capac-</p> <p><i>“Begging the question” = pressupor o que se afirma estar provando; petição de princípio, raciocínio circular. Aqui existe a incapacidade de perceber o vício lógico.</i></p>
<p>15) O Argumento Contra Ter Proprietários.</p>	<p>15) The Argument against Having Owners.</p>
<p>16) A questão é: "O desenvolvimento de software deveria ser ligado a ter proprietários para restringir sua utilização?"</p> <p><i>A questão iminente é: (...)</i></p> <p>1: Ø</p>	<p>16) The question [at hand]₁ is, "Should development of software be linked with having owners to restrict the use of it?"</p> <p>1: ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Distância/Espaço → Aprec:Qual+</p> <p><i>“At hand” = ao alcance; que está sendo discutida no momento.</i></p>
<p>17) [Para que nós possamos [escolher]₂]₁, nós temos que julgar o efeito na sociedade de cada uma destas duas atividades independentemente: o efeito de desenvolver software (sem levar em consideração seus termos de distribuição), e o efeito de restringir sua utilização (assumindo que o software tenha sido desenvolvido). Se uma destas atividades ajuda e a outra atrapalha, nós estaríamos melhor descartando esta ligação e fazendo apenas a atividade que ajuda.</p> <p><i>Para decidir esta questão, nós temos que (...)</i></p>	<p>17) [In order to [decide]₂ this]₁, we have to judge the effect on society of each of those two activities independently: the effect of developing the software (regardless of its terms of distribution), and the effect of restricting its use (assuming the software has been developed). If one of these activities is helpful and the other is harmful, we would be better off dropping the linkage and doing only the helpful one.</p>

<p>1: •Ide, ≠Int AV ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/ Probalilidade</p> <p>2: •Ide, ≠Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Julg:Capac+</p> <p><i>A graduação aqui é:</i></p> <p>▲ <i>julgar, dar o veredito</i></p> <p>▶ <i>decidir</i></p> <p>▼ <i>escolher</i></p>	<p>1: •Ide, ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl</p> <p>2: •Ide, ≠Int AV ▶ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Julg:Capac+</p>
<p>18) Colocando em outras palavras, se restringir a distribuição de um programa já desenvolvido é prejudicial à sociedade como um todo, então um desenvolvedor ético irá rejeitar a opção de [1trabalhar deste modo]1.</p> <p>(...) irá rejeitar a opção de fazê-lo.</p> <p>1: ≠Ide</p> <p><i>“Trabalhar deste modo” = fazê-lo em seu trabalho.</i></p>	<p>18) To put it another way, if restricting the distribution of a program already developed is harmful to society overall, then an ethical software developer will reject the option of [1doing so]1.</p> <p>1: ≠Ide</p> <p><i>“Doing so” = fazê-lo em geral.</i></p>
<p>19) Para determinar o efeito de restringir o compartilhamento, nós precisamos comparar o valor para a sociedade de [1um programa restrito (por exemplo proprietário)]1 com o valor do mesmo programa, disponível para todos. Isto significa comparar dois mundos possíveis.</p> <p>(...) um programa restrito (isto é, proprietário) (...)</p> <p>1: ≠Tex, ≠Ide</p> <p><i>Aqui o programa restrito é uma classe à qual pertence o programa proprietário.</i></p>	<p>19) To determine the effect of restricting sharing, we need to compare the value to society of [1a restricted (i.e., proprietary) program]1 with that of the same program, available to everyone. This means comparing two possible worlds.</p> <p>1: ≠Tex, ≠Ide</p> <p><i>Aqui o programa restrito é sinônimo de programa proprietário.</i></p>

<p>20) Esta análise também [₁leva em consideração]₁ o contra-argumento feito às vezes que "o benefício ao próximo de lhe dar uma cópia de um programa é cancelado pelo dano feito ao proprietário." Este contra-argumento assume que o dano e o benefício são de igual grandeza. A análise envolve comparar estas duas grandezas, e mostra que [₃os benefícios]₃ são muito maiores.</p> <p><i>Esta análise também aborda o contra-argumento simplório que se faz vez por outra de que (...)</i> <i>(...) e mostra que o benefício é muito maior.</i></p> <p>1: ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Aprec:Comp+ <i>Veja o §12.</i></p> <p>2: Ø</p> <p>3: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Medição → Aprec:VS+</p> <p><i>O uso do plural contribui para o aumento da 'magnitude' do benefício.</i></p>	<p>20) This analysis also [₁addresses]₁ the [₂simple]₂ counterargument sometimes made that "the benefit to the neighbor of giving him or her a copy of a program is cancelled by the harm done to the owner." This counterargument assumes that the harm and the benefit are equal in magnitude]. The analysis involves comparing these magnitudes, and shows that [₃the benefit]₃ is much greater.</p> <p>1: ≠Int AV ►GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Aprec:Comp+</p> <p>2: ≠Int AV ▼GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:Comp-</p> <p><i>A graduação é:</i> ▲ <i>asinino, estúpido</i> ► <i>equivocado</i> ▼ <i>simplório, leigo, tolo</i></p> <p>3: •Ide, ≠Int AV ►GRAD:Força/Atit Evoc/Medição → Aprec:VS+</p>
<p>21) Para elucidar este argumento, vamos aplicá-lo a outra área: [₁construção de vias públicas]₁.</p> <p><i>Para elucidar este argumento, vamos aplicá-lo a outra área: construção de estradas.</i></p>	<p>21) To elucidate this argument, let's apply it in another area: [₁road construction]₁.</p>

<p>1: ≠Ide</p> <p><i>Aqui se fala construção de quaisquer vias que sirvam ao público, como ruas, avenidas, estradas, rodovias, vias expressas, etc.</i></p>	<p>1: ≠Ide</p> <p><i>Aqui se fala da construção específica de estradas, i.e., vias fora da cidade.</i></p>
<p>22) Seria possível financiar a construção de todas as [₁ vias]₁ com pedágios. Isto iria exigir que houvesse postos de cobrança de pedágio em todas as [₂ esquinas]₂. Tal sistema produziria um grande incentivo para melhorar as estradas. Teria também a virtude de fazer com que os usuários de qualquer estrada pagassem por ela. No entanto, um posto de cobrança de pedágio é um obstáculo artificial à condução suave de um veículo – artificial porque não é uma consequência de como estradas ou carros funcionam.</p> <p><i>Seria possível financiar a construção de todas as estradas com pedágios. Isto iria exigir que houvesse postos de cobrança nas esquinas de todas as ruas. (...) Teria também a virtude de fazer com os usuários de qualquer rua específica pagassem por ela.</i></p> <p>1: ≠Ide <i>Veja o §21.</i></p> <p>2: ≠Ide</p> <p><i>Aqui se fala das esquinas de todas as vias públicas.</i></p> <p>3: Ø</p>	<p>22) It would be possible to fund the construction of all [₁ roads]₁ with tolls. This would entail having toll booths at all [₂ street corners]₂. Such a system would provide a great incentive to improve roads. It would also have the virtue of causing the users of any [₃ given]₃ road to pay for that road. However, a toll booth is an artificial obstruction to smooth driving – artificial, because it is not a consequence of how roads or cars work.</p> <p>1: ≠Ide</p> <p>2: ≠Ide</p> <p><i>Aqui se fala apenas das esquinas de todas as ‘ruas’</i></p> <p>3: ≠Int AV ▲GRAD:Foco/Atit Evoc/Especificidade → Aprec:VS-</p> <p><i>Given = específica.</i></p>

23) Comparando a utilidade das estradas gratuitas com a utilidade das estradas onde há cobrança de pedágio, nós concluímos que (sendo igual todo o restante) estradas sem pedágio são mais baratas de construir, [1] mais baratas para se usar[1], mais seguras e [3] mais eficientes[3].(2) Em uma [4]nação[4] pobre, pedágios podem tornar as estradas [5]proibitivas[5] para muitos cidadãos. As estradas sem pedágio oferecem assim mais benefícios à sociedade a um custo menor; elas são preferíveis para a sociedade. Sendo assim, a sociedade deveria [6]se decidir por[6] financiar as estradas de outra maneira, e não por meio de pedágio. O uso das estradas, uma vez contruídas, deveria ser gratuito.

(...) estradas sem pedágio são mais baratas de se construir, mais baratas de se administrar, mais seguras e mais eficientes de se usar. Em um país pobre, pedágios podem tornar as estradas inacessíveis para muitos cidadãos. (...) Sendo assim, a sociedade deveria optar por financiar as estradas de outra maneira, não por meio de pedágio.

1: ≠Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:Qual+

Aqui se fala do baixo custo do uso de uma estrada sem pedágio.

2: Ø

3: •Ide

Aqui se fala do fato de as estradas sem pedágio serem mais eficientes em geral (uso, administração, etc).

4: ≠Ide

23) Comparing free roads and toll roads by their usefulness, we find that (all else being equal) roads without toll booths are cheaper to construct, [2]cheaper to run[2], safer, and [3]more efficient to use[3](2). In a poor [4]country[4], tolls may make the roads [5]unavailable[5] to many citizens. The roads without toll booths thus offer more benefit to society at less cost; they are preferable for society. Therefore, society should [6]choose[6] to fund roads in another way, not by means of toll booths. Use of roads, once built, should be free.

1: Ø

2: ≠Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:Qual+

Aqui se fala do baixo custo da administração/ manutenção de uma estrada sem pedágio.

3: •Ide

Aqui se fala do fato de as estradas sem pedágio serem mais eficientes quanto à sua utilização.

4: ≠Ide

<p><i>Aqui o que é dito é situado com relação a um 'povo' pobre.</i></p> <p>5: •Ide, ≠Int AV ►GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:VS-</p> <p><i>“Proibitivo” = algo que é muito difícil de se ter.</i> <i>A graduação aqui é:</i> ▲ <i>unavailable (=inacessível)</i> ► <i>proibitiva</i> ▼ <i>cara</i></p> <p>6: •Ide, ≠Int AV ►GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Julg:Capac+ <i>Veja o §17.</i></p>	<p><i>Aqui o que é dito é situado com relação a um 'lugar' pobre.</i></p> <p>5: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:VS-</p> <p><i>“Unavailable” = algo que não se pode ter/não se pode contar com.</i></p> <p>6: •Ide, ≠Int AV ▼GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Julg:Capac+</p>
<p>24) Quando os defensores dos pedágios os propõem meramente como um modo de levantar fundos, eles distorcem a opção que é disponível. [₁Pedágios arrecadam fundos]₁, mas eles fazem algo além disso: [₂em efeito]₂, eles degradam a estrada, no sentido de que a estrada com pedágio não é tão boa quanto a gratuita; nos fornecer estradas em maior quantidade ou tecnicamente superiores pode não ser uma melhoria se isto significa substituir as [₃vias]₃ gratuitas pelas [₄vias]₄ com pedágio.</p>	<p>24) When the advocates of toll booths propose them as merely a way of raising funds, they distort the choice that is available. [₁Toll booths <u>do</u> raise funds]₁, but they do something else as well: [₂in effect]₂, they degrade the road. The toll road is not as good as the free road; giving us more or technically superior roads may not be an improvement if this means substituting toll [₄roads]₄ for free [₃roads]₃.</p>

<p><i>De fato, pedágios arrecadam fundos, mas eles fazem algo além disso: na verdade, eles degradam (...)</i> <i>(...) pode não ser uma melhoria se isto significa substituir as estradas gratuitas pelas estradas com pedágio.</i></p> <p>1: ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl</p> <p>2: •Ide, ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl</p> <p><i>“Em efeito (taxas de pedágio)” = tornadas efetivas, em vigor. Aqui, uma circunstância de tempo foi acrescentada: quando em efeito, os pedágios degradam a estrada.</i></p> <p>3: ≠Ide <i>Veja o §21.</i></p> <p>4: ≠Ide <i>Veja o §21.</i></p>	<p>1: ≠Int AV ►◀ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Pronunciamento</p> <p><i>O uso do ‘do’ enfático contitui uma interpolação da voz textual no que é dito.</i></p> <p>2: •Ide, ≠Int AV ►◀ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Contra-expectativa</p> <p><i>“In effect” = com efeito, na verdade. Aqui não se especifica uma circunstância de tempo. O advérbio “in effect” coloca-se no prolongamento da preposição ‘but’ indicando que a idéia de que os pedágios degradam a estrada não é esperada pelo leitor.</i></p> <p>3: ≠Ide</p> <p>4: ≠Ide</p>
<p>25) É claro que [1 a construção de uma estrada sem pedágio custa dinheiro]1, que o público deve pagar de algum modo. No entanto, [2 isto não implica necessariamente na (sic) existência de postos de pedágio]2. Nós, que em qualquer dos casos [3 estaremos pagando]3, [4 faremos melhor negócio]4 adquirindo uma estrada livre de pedágio.</p>	<p>25) Of course, [1 the construction of a free road <u>does</u> cost money]1, which the public must somehow pay. However, [2 this does not imply the <u>inevitability</u> of toll booths]2. We who [3 must]3 in either case [3 pay]3 [4 will get more value for our money]4 by buying a free road.</p>

<p><i>É claro que a construção de uma estrada sem pedágio realmente custa dinheiro (...) No entanto, isto não implica a inevitabilidade dos postos de pedágio. Nós, que em qualquer dos casos temos que pagar, empregaremos melhor o nosso dinheiro adquirindo uma estrada livre de pedágio.</i></p> <p>1: ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl</p> <p>2: ≠Ide</p> <p><i>Aqui, a necessidade de arcar com o custo de uma estrada não implica que os pedágios têm que <u>existir</u>. A textualização alternativa, eliminando a dupla negativa estaria adequada se não fosse o uso de 'existência'. Se 'recurso a/uso de' tivesse sido usado, os dois trechos não apresentariam diferença de significado ideacional.</i></p> <p>3: ≠Int Neg</p> <p><i>Aqui a diferença se localiza no sistema de Negociação, i.e., no TP, o trecho constitui uma <u>proposta</u>, enquanto no TC, o trecho constitui uma <u>proposição</u>.</i></p> <p>4: ≠Ide</p> <p><i>Diferença de refinamento (delicacy)</i> <i>Aqui, se fala de uma transação que pode ou não envolver dinheiro.</i></p>	<p>1: ≠Int AV ►◀ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Pronunciamento</p> <p><i>Veja o §24.</i></p> <p>2: ≠Ide</p> <p><i>Aqui, a necessidade de arcar com o custo de uma estrada não implica que os pedágios são inevitáveis.</i></p> <p>3: ≠Int Neg</p> <p>4: ≠Ide</p> <p><i>Aqui se fala de uma transação que envolve dinheiro.</i></p>
<p>26) Eu não estou aqui dizendo que uma estrada com pedágio é pior que ficar sem estrada. Isto seria verdade se a tarifa fosse tão alta que dificilmente alguém usasse a estrada - mas isto é uma política [2pouco provável]2 para um [3arrecador de impostos]3. No entanto, [4uma vez que os pedágios causem]4 um desperdício e inconveniência significativos, é melhor levantar fundos de um modo menos [5perturbador]5.</p>	<p>26) I am not saying that a toll road is worse than no road [1at all]1. That would be true if the toll were so great that hardly anyone used the road - but this is an [2unlikely]2 policy for a [3toll collector]3. However, [4as long as the toll booths cause]4 significant waste and inconvenience, it is better to raise the funds in a less [5obstructive]4 fashion.</p>

<p><i>Eu não estou dizendo que uma estrada com pedágio é pior do que ficar sem estrada nenhuma/a total inexistência de estradas. (...) mas esta é uma política improvável para quem cobra pedágio. No entanto, visto que os pedágios causam desperdício e inconveniência significativos, é melhor levantar fundos de um modo menos obstrutivo.</i></p> <p>1: Ø</p> <p>2: •Ide, ≠Int AV ▼GRAD:Força/Atit Evoc/Medição → Aprec:VS-</p> <p>3: ≠Ide <i>Diferença de refinamento (delicacy)</i></p> <p><i>Um arrecadador de impostos cobra não só taxas de pedágio mas também outros tipos de imposto.</i></p> <p>4: •Ide, ≠Int AV ◀▶GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p><i>“Uma vez que os pedágios causem” = se/quando eles causarem.</i></p> <p>5: ≠Ide, ≠Int AV → Aprec:Impacto-</p> <p><i>Perturbador = que causa perturbação (= transtorno, embaraço, atordoamento).</i> <i>Aqui se fala dos pedágios como um meio de levantar fundos que causa perturbação (ao usuário).</i></p>	<p>1: ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Universalização → Aprec:VS-</p> <p>2: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Medição → Aprec:VS-</p> <p>3: ≠Ide</p> <p>4: •Ide, ≠Int AV ■GRAD:Força/Compr/Monogl</p> <p><i>“As long as the toll booths cause” = como/visto que eles causam.</i></p> <p>5: ≠Ide, ≠Int AV → Aprec:Qual-</p> <p><i>Obstructive = que impede o movimento.</i> <i>Aqui se fala dos pedágios como um meio que impõe obstáculos (ao usuário).</i></p>
<p>27) Para aplicar o mesmo argumento ao desenvolvimento de software, eu irei agora mostrar que ter "pedágios" para programas úteis custa [₁diariamente]₁ à sociedade: torna os programas mais caros para construir, mais caros para distribuir, e menos satisfatórios e eficientes para se usar. Segue que a construção de programas deveria ser encorajada de algum outro modo. Então eu irei explicar outros métodos de estímulo e (à medida do realmente necessário) financiamento para o desenvolvimento de software.</p>	<p>27) To apply the same argument to software development, I will now show that having "toll booths" for useful software programs costs society [₁dearly]₁; it makes the programs more expensive to construct, more expensive to distribute, and less satisfying and efficient to use. It will follow that program construction should be encouraged in some other way. Then I will go on to explain other methods of encouraging and (to the extent actually necessary) funding software development.</p>

<p><i>(...) eu irei agora mostrar que ter “pedágios” para programas úteis custa muito caro para a sociedade (...)</i></p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Realce/Frequência → Aprec:VS-</p>	<p>1: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:VS-</p>
<p>28) O Dano Causado por Software [₁Obstruído]₁.</p> <p><i>O dano causado pela obstrução de software.</i></p> <p>1: ≠Ide, ≠Int AV → Aprec:VS-</p> <p><i>Aqui se fala do dano causado pelo software obstruído.</i></p>	<p>28) The Harm Done by [₁Obstructing]₁ Software.</p> <p>1: ≠Ide, ≠Int AV → Julg:Cond-</p> <p><i>Aqui se fala do dano causado pela obstrução de software.</i></p>
<p>29) Considere por um momento que um programa tenha sido desenvolvido, e que qualquer (sic) pagamentos necessários para seu desenvolvimento já tenham sido feitos; agora a sociedade tem que [₁decidir]₁ [₂se deve torná-lo]₂ proprietário ou [₃se deve permitir]₃ seu livre uso e compartilhamento. Assuma que é desejável que o programa exista e que esteja disponível(3).</p> <p><i>(...) agora a sociedade tem que escolher entre torná-lo proprietário ou permitir seu livre uso e compartilhamento.</i></p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ►GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Julg:Capac+</p> <p><i>Veja os §§ 17 e 23.</i></p> <p>2: •Ide, ≠Int AV ◀►GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p>3: ≠Ide, ≠Int AV ◀►GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p>	<p>29) Consider for a moment that a program has been developed, and any necessary payments for its development have been made; now society must [₁choose]₁ either [₂to make it]₂ proprietary or [₃allow]₃ free sharing and use. Assume that the existence of the program and its availability is a desirable thing(3).</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▼GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Julg:Capac+</p> <p>2: •Ide, ≠Int AV ■GRAD:Força/Compr/Monogl</p> <p>3: ≠Ide, Int≠ AV ■GRAD:Força/Compr/Monogl</p>

<p>30) Restrições na distribuição e modificação do programa não podem facilitar seu uso. Só podem interferir. Sendo assim o efeito só pode ser negativo. Mas quão negativo? E de que [modo]₂?</p> <p><i>(...) Mas quão negativo? E de que tipo é tal efeito?</i></p> <p>1: ≠Ide</p> <p><i>Interrogação onde se busca informação para definir de que modo o efeito é negativo.</i></p>	<p>30) Restrictions on the distribution and modification of the program cannot facilitate its use. They can only interfere. So the effect can only be negative. But how much? And what [kind]₂?</p> <p>1: ≠Ide</p> <p><i>Interrogação onde se busca informação para especificar o 'effect'.</i></p>
<p>31) Três níveis diferentes de danos materiais se originam desta obstrução:</p>	<p>31) Three different levels of material harm come from such obstruction:</p>
<p>32) Menos pessoas usam o programa.</p>	<p>32) Fewer people use the program.</p>
<p>33) Nenhum dos usuários pode adaptar ou corrigir o programa.</p>	<p>33) None of the users can adapt or fix the program.</p>
<p>34) Outros desenvolvedores não podem aprender a partir do programa, ou basear um novo trabalho nele.</p>	<p>34) Other developers cannot learn from the program, or base new work on it.</p>
<p>35) Cada nível de dano material tem uma forma concomitante de dano psicossocial. Isto se refere ao efeito que as decisões das pessoas tem nos seus sentimentos, atitudes e predisposições subseqüentes. Estas alterações na maneira de pensar das pessoas terão um efeito [posterior]₁ no seu relacionamento com seus co-cidadãos (sic) e podem ter conseqüências materiais.</p>	<p>35) Each level of material harm has a concomitant form of psychosocial harm. This refers to the effect that people's decisions have on their subsequent feelings, attitudes, and predispositions. These changes in people's ways of thinking will then have a [further]₁ effect on their relationships with their fellow citizens, and can have material consequences.</p>

<p>(...) <i>terão um efeito adicional no seu relacionamento com seus concidadãos</i> (...)</p> <p>1: •Ide, ≠ ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Distância/ Tempo → Aprec:VS-</p> <p><i>Posterior = que vem depois deste.</i></p>	<p>1: •Ide, ≠Int AV ► GRAD:Força/Atit Evoc/Medição → Aprec:VS-</p> <p><i>Further = adicional, a mais, além deste.</i></p>
<p>36) Os três níveis de danos materiais desperdiçam parte do valor que o programa poderia prover, mas eles não podem reduzi-lo a zero. [₁Se eles desperdiçassem quase todo o valor do programa, então [₂o programa causaria]₁ [₃quase tanto]₃ [₁dano]₁ à sociedade [₃quanto]₃ o esforço empregado para escrevê-lo]₂. [₄Pode-se dizer que]₄ um programa que é lucrativo [₅deveria]₅ prover algum benefício material líquido direto.</p> <p><i>Se eles desperdiçam quase todo o valor do programa, então o ato de escrever tal programa representa para a sociedade um prejuízo no máximo igual ao esforço que foi despendido para escrevê-lo. (...) É questionável a idéia de que um programa lucrativo deve prover algum benefício material líquido direto.</i></p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▼ ◀ ► GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p><i>Aqui, a força investida em cada trecho varia, sendo a do TC menor devido ao fato de a hipótese ser mais remota. A tradução usa o pretérito imperfeito do subjuntivo “se eles <u>desperdiçassem</u>”, e o futuro do pretérito “o programa <u>causaria</u>”, o que corresponde ao chamado “present unreal conditional”, que se refere ao que acontece/se faz em situações imaginárias em geral.</i></p> <p>2: •Ide, •Int AV (mudança de alvo) → Aprec:Qual-</p> <p><i>No nível ideacional, o agente deixa de ser ‘writing the program’ (escrever o programa) para ser ‘o programa’. No nível interpessoal, o alvo da avaliação passa de ‘writing the program’ para ‘o programa’.</i></p>	<p>36) The three levels of material harm waste part of the value that the program could contribute, but they cannot reduce it to zero. [₁If they waste nearly all the value of the program, then [₂writing the program harms society]₁]₂ by [₃at most]₃ the effort that went into writing the program]₂. [₄Arguably]₄ a program that is profitable to sell [₅must]₅ provide some net direct material benefit.</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▲ ◀ ► GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p><i>Aqui a força é maior pois, o presente em “if they <u>waste</u>” e em “then writing the program <u>harms</u>” caracteriza o chamado “present real conditional” que, no inglês, se refere ao que acontece/se faz normalmente nas situações do dia-a-dia.</i></p> <p>2: •Ide, •Int AV (mudança de alvo) → Aprec:Qual-</p>

<p>3: •Ide, •Int AV ► GRAD:Força/Atit Evoc/Medição → Aprec:Qual-</p> <p><i>Aqui, o prejuízo material que um determinado programa (com restrições à sua distribuição e possibilidade de modificação) causaria à sociedade é quase igual ao prejuízo causado pelo esforço empregado para escrever o programa. Ou, mais resumidamente, os efeitos negativos das restrições impostas pelo software proprietário são <u>prejudiciais</u> para a sociedade em termos materiais pois prejudicam tanto através do programa quanto (e mais ainda) através do esforço empregado para escrevê-lo. Ou seja, aqui, o esforço empregado para escrever o programa causa mais dano à sociedade do que o próprio programa depois de escrito. Se o esforço de alguém para realizar determinado ato é prejudicial à sociedade, tal esforço está sendo avaliado desfavoravelmente, juntamente com o produto de tal esforço.</i></p> <p>4: •Ide, ≠Int AV ◀ ► GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p>5: ≠Ide, ≠Int AV ◀ ► GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p>	<p>3: •Ide, •Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Medição → Aprec:Qual-</p> <p><i>Aqui, o prejuízo material máximo que o ato de escrever um programa (com restrições à sua distribuição e possibilidade de modificação) causa à sociedade não é maior do que o esforço (inútil) de quem o escreveu. Ou, mais sucintamente, os efeitos negativos das restrições impostas pelo software proprietário são <u>muito pouco prejudiciais</u> para a sociedade em termos materiais pois só prejudicam a uma pessoa – o desenvolvedor. Ou seja, aqui o autor está fazendo pouco caso do poder de ‘destruição’ da ideologia oposta, a do software proprietário: as restrições que a caracterizam podem no máximo prejudicar a seus seguidores (programadores), não ao software em si, pois seu valor social (potencial) permanece apesar das restrições.</i></p> <p>4: •Ide, ≠Int AV ◀ ► GRAD:Força/Compr/Heterogl/Distanciamento</p> <p>5: ≠Ide, ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl</p>
<p>37) No entanto, levando em consideração o dano pico-social (sic) concomitante, não existe limite para os danos que o desenvolvimento de software proprietário pode causar.</p>	<p>37) However, taking account of the concomitant psychosocial harm, there is no limit to the harm that proprietary software development can do.</p>
<p>38) Obstruindo O Uso de Programas.</p>	<p>38) Obstructing Use of Programs.</p>
<p>39) O primeiro nível de dano impede o simples uso de um programa. Uma cópia de um programa tem um custo marginal de quase zero (e você pode pagar este custo executando você mesmo a tarefa), sendo assim, num mercado livre, teria um preço de quase zero. Uma taxa de licença é um desincentivo significativo ao uso do programa. Se um programa de ampla utilidade é proprietário, muito menos pessoas irão utilizá-lo.</p>	<p>39) The first level of harm impedes the simple use of a program. A copy of a program has nearly zero marginal cost (and you can pay this cost by doing the work yourself), so in a free market, it would have nearly zero price. A license fee is a significant disincentive to use the program. If a widely-useful program is proprietary, far fewer people will use it.</p>

<p>40) É fácil mostrar que a contribuição total de um programa para a sociedade é reduzida atribuindo-se um proprietário a ele. Cada usuário potencial do programa, deparado {<i>entendido como defrontado, confrontado</i>} com a necessidade de pagar para utilizá-lo, pode escolher pagar ou pode abrir mão do seu uso. Quando um usuário escolhe pagar, isto é uma [transferência]₁ de riqueza entre duas partes. Mas cada vez que alguém escolhe abrir mão de usar o programa, isto causa um dano àquela pessoa sem beneficiar ninguém. A soma dos números negativos e zeros deve ser negativa.</p> <p>(...) Quando um usuário escolhe pagar, isto é uma transferência de riqueza de soma zero entre duas partes.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Diferença de refinamento (delicacy)</i></p>	<p>40) It is easy to show that the total contribution of a program to society is reduced by assigning an owner to it. Each potential user of the program, faced with the need to pay to use it, may choose to pay, or may forego use of the program. When a user chooses to pay, this is a [zero-sum transfer]₁ of wealth between two parties. But each time someone chooses to forego use of the program, this harms that person without benefitting anyone. The sum of negative numbers and zeros must be negative.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Zero-sum: refere-se a uma situação em que um ganho é compensado por uma perda equivalente.</i></p>
<p>41) Mas isto não reduz o montante de trabalho que é necessário para desenvolver o programa. Como resultado, é reduzida a eficiência do processo como um todo, em termos da satisfação de usuário proporcionada por hora de trabalho.</p>	<p>41) But this does not reduce the amount of work it takes to develop the program. As a result, the efficiency of the whole process, in delivered user satisfaction per hour of work, is reduced.</p>
<p>42) Isto traz à luz uma diferença crucial entre cópias de programas e carros, cadeiras, ou sanduíches. Não existe máquina copiadora de objetos materiais, a não ser em ficção científica. Mas programas são fáceis de copiar; qualquer um pode produzir tantas cópias quantas quizer (sic), com muito pouco esforço. Isto não é verdade para objetos materiais porque a matéria é conservada: cada nova cópia tem que ser construída de matéria-prima da mesma maneira que a primeira cópia foi.</p>	<p>42) This reflects a crucial difference between copies of programs and cars, chairs, or sandwiches. There is no copying machine for material objects outside of science fiction. But programs are easy to copy; anyone can produce as many copies as are wanted, with very little effort. This isn't true for material objects because matter is conserved: each new copy has to be built from raw materials in the same way that the first copy was built.</p>

<p>43) Com objetos materiais, um desincentivo para utilizá-los faz sentido, porque menos objetos comprados significa menos matéria-prima e trabalho necessários para construí-los. É verdade que normalmente existe um custo inicial, um custo de desenvolvimento, que é distribuído na (sic) [1]produção em massa[1]. Mas uma vez que o custo de produção [3]seja[3] significativo, acrescentar uma parcela do custo de desenvolvimento não faz uma diferença qualitativa. E não requer restrições sobre a liberdade dos usuários comuns.</p> <p><i>(...) É verdade que normalmente existe um custo inicial, um custo de desenvolvimento, que é distribuído pelas etapas do ciclo de produção. Mas, visto que o custo marginal de produção é significativo, acrescentar uma parcela do custo de desenvolvimento não faz uma diferença qualitativa.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Diferença de refinamento (delicacy)</i></p> <p><i>“Produção em massa” = produção em quantidade. Aqui o tipo de produção é especificado.</i></p> <p>2: Ø</p> <p>3: •Ide, ≠Int AV ◀▶GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p>	<p>43) With material objects, a disincentive to use them makes sense, because fewer objects bought means less raw material and work needed to make them. It's true that there is usually also a startup cost, a development cost, which is spread over the [2][1]production[1] run[2]. But as long as the marginal cost of production [3]is[3] significant, adding a share of the development cost does not make a qualitative difference. And it does not require restrictions on the freedom of ordinary users.</p> <p>1: •Ide</p> <p>2: •Ide</p> <p>3: •Ide, ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl</p>
<p>44) No entanto, impor um preço em (sic) algo que de outro modo seria gratuito é uma mudança qualitativa. Uma taxa centralmente imposta para a distribuição do software se torna um desincentivo poderoso.</p>	<p>44) However, imposing a price on something that would otherwise be free is a qualitative change. A centrally-imposed fee for software distribution becomes a powerful disincentive.</p>

<p>45) E tem mais, a produção centralizada como é praticada atualmente é ineficiente mesmo como meio de distribuição de cópias de software. Este sistema envolve acomodar discos ou fitas em um [empacotamento supérfluo]₁, [enviando]₂ um grande número deles ao redor do mundo, [e armazenando-os]₂ para a venda. Este custo é apresentado como uma despesa de negócio; na verdade, é parte do desperdício causado por ter proprietários.</p> <p>(...) Este sistema envolve empacotar discos ou fitas em embalagens supérfluas, enviar um grande número deles ao redor do mundo e armazená-los para a venda.</p> <p>1: •Ide, •Int AV (mudança de alvo) Atit Expl → Aprec:VS- ⇒ Julg:Cond-</p> <p><i>Aqui se fala de um processo de empacotar (empacotamento) que é supérfluo. No nível interpessoal, a apreciação negativa do ato de empacotar evoca por sua vez um julgamento negativo.</i></p> <p>2: •Tex</p> <p><i>O uso do gerúndio no TC acarreta uma quebra no grupo verbal: envolve acomodar, enviar e armazenar. Ao invés de uma lista de operações envolvidas no sistema de produção de software, tem-se uma única operação, ‘acomodar’, que ocorre ao mesmo tempo que outras duas ações: enviar e armazenar. Como isso é impossível, entende-se um ‘depois’ (enviando, depois) implícito, a oração reduzida fica equivalendo a uma coordenada sindética e não há mudança no significado interpessoal.</i></p>	<p>45) What's more, central production as now practiced is inefficient even as a means of delivering copies of software. This system involves enclosing physical disks or tapes in [superfluous packaging]₁, [shipping]₂ large numbers of them around the world, and storing them for sale. This cost is presented as an expense of doing business; in truth, it is part of the waste caused by having owners.</p> <p>1: •Ide, •Int AV (mudança de alvo) Atit Expl → Aprec:VS-</p> <p><i>“Superfluous packaging” = o material usado para empacotar é supérfluo. Aqui se fala de um material (packaging) que é supérfluo.</i></p> <p>2: •Tex</p>
<p>46) Prejudicando a [União Social]₁.</p> <p>Prejudicando a Coesão Social.</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▼ (ausência de Realce) Atit Evoc → Julg:Cond-</p> <p><i>“União” = ligação entre as partes formando um todo.</i></p>	<p>46) Damaging [Social Cohesion]₁.</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Evoc/Realce/Esfuerzo → Julg:Cond-</p> <p><i>“Cohesion” = ligação íntima entre as partes que resistem a separação; coesão</i></p>

47) Suponha que você e seu [2]colega[2] achassem útil rodar um certo programa. [3]Num concenso (sic) ético com seu [4]colega[4]3, você [5]sente[5] que [6]a maneira apropriada de lidar com a situação [7]é[7]7 permitir que ambos utilizem o programa [6]. [8]Uma proposta que permitisse[8] a somente um dos dois a utilização do programa excluindo o outro [8]causaria[8]8 desarmonia; nem você nem seu [9]colega[9]9 achariam aceitável.

Suponha que ambos, você e outra pessoa achassem útil rodar um certo programa. Numa justa consideração pelo seu parceiro, você perceberia que o gerenciamento adequado da situação permite a ambos utilizarem o programa. Uma proposta para permitir que apenas um de vocês utilize o programa excluindo o outro é polêmica. Nem você nem o seu parceiro a considerariam aceitável.

1: Ø

2: •Ide, •Int AV ►GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição

Aqui se fala de um relacionamento entre colegas de trabalho.

A graduação é (graus de intimidade):

▲ *amigo, irmão, companheiro (laço de amizade/de sangue, de convivência amigável)*

► *colega (relação de trabalho/estudo)*

▼ *conhecido, parceiro (alguém com um objetivo comum), neighbour/vizinho (proximidade geográfica), próximo (natureza semelhante)*

47) Suppose that [1]both[1]1 you and your [2]neighbor[2]2 would find it useful to run a certain program. [3]In ethical concern for your [4]neighbor[4]43, you [5]should feel[5]5 that [6]proper handling of the situation [7]will enable[7]7 both of you to use it[6]. [8]A proposal to permit[8] only one of you to use the program, while restraining the other, [8]is[8]8 divisive; neither you nor your [9]neighbor[9]9 should find it acceptable.

1: •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Quantidade → Afeto Irr:Desejo

O uso de “both” reforça a idéia de que o estado ou ação indicada pelo verbo se aplica a cada uma das duas entidades individualmente.

2: •Ide, •Int AV ▼GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição

Aqui se fala de um relacionamento entre pessoas que moram/encontram-se próximas ou do relacionamento entre seres humanos.

3: •Ide, •Int AV Atit Expl → Aprec:VS+ ⇒ Julg:Cond+

Aqui se fala de um acordo ou concordância de idéias entre duas pessoas, que corresponde ao que se considera o procedimento correto.

A fronteira entre Apreciação e Julgamento aqui se torna permeável. Um ato – acordo evoca um julgamento (é um ato ‘ético’)

4: •Ide, •Int AV ► GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição

Compare com o item 2 acima.

5: ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monoglossia

6: •Ide, •Int AV (mudança de alvo) Atit Expl → Aprec:Qual+

Há uma diferença de transitividade entre os trechos: no TP, o agente é “proper handling of the situation” (o gerenciamento adequado da situação), enquanto no TC, o agente (‘identified’) é “permitir que ambos utilizem o programa”. O processo no TP é material, enquanto no Tc o processo é relacional.

Tal diferença acarreta diferenças na avaliação feita nos trechos analisados. No TP, é o ato de gerenciar a situação que é apreciado como adequado. No TC, é o ato de permitir que ambos utilizem o programa que é apreciado como ‘a maneira adequada de lidar com a situação’.

7: •Ide, ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl

3: •Ide, •Int AV Atit Expl → Afeto:Afeição ⇒ Julg:Conduta+

Aqui se fala de um sentimento de interesse/ preocupação/consideração pelo próximo que corresponde ao que se considera a atitude correta.

A fronteira entre Afeto e Julgamento aqui torna-se permeável. Um sentimento – preocupação (reforçado pelo co-texto: ‘you should feel’/‘você sente’) evoca um julgamento (é um sentimento ‘ético’).

4: •Ide, •Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição

5: ≠Int AV ◀ ► GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade

6: •Ide, •Int AV (mudança de alvo) Atit Expl → Aprec:Qual+

7: •Ide, ≠Int AV ◀ ► GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade

Aqui, o uso de “will” traz para o enunciado a idéia de uma grande probabilidade, de uma certeza. No português, essa modalização se expressa pelo uso de um advérbio como ‘certamente’ ou pelo uso do presente do indicativo.

<p>8: ≠Ide, ≠Int AV ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p>9: •Ide, •Int AV ▶ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição</p> <p><i>Compare com o item 2 acima.</i></p>	<p>8: ≠Ide, ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monoglossia</p> <p>9: •Ide, •Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição</p>
<p>48) [₁Aceitar]₁ um típico acordo de licença de software significa trair seu [₂colega]₂: "Eu prometo privar meu [₃colega]₃ deste programa de modo que eu possa ter uma cópia para mim." As pessoas que fazem opções deste tipo sentem uma pressão psicológica interna para se justificar, desmerecendo a importância da [₄cooperação mútua]₄ - assim o espírito público [₅é prejudicado]₅. Este é um dano psico-social associado com o dano material de desencorajar o uso do programa.</p> <p><i>Assinar um contrato típico de licença de software significa trair o seu parceiro: "Eu prometo privar o meu parceiro deste programa (...) As pessoas (...) sentem uma pressão psicológica interna para se justificar, desmerecendo a importância de se ajudar ao próximo e assim o espírito público sofre.</i></p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▼ (ausência de Realce) Atit Evoc → Julg:Cond-</p> <p>2: •Ide, •Int AV ▶ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição <i>Confira o §47.</i></p> <p>3: •Ide, •Int AV ▶ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição <i>Confira o §47.</i></p> <p>4: • Ide</p> <p><i>Aqui se fala da importância da simultaneidade da ajuda (co-operação) entre as pessoas (mútua).</i></p>	<p>48) [₁Signing]₁ a typical software license agreement means betraying your [₂neighbor]₂: "I promise to deprive my [₃neighbor]₃ of this program so that I can have a copy for myself". People who make such choices feel internal psychological pressure to justify them, by downgrading the importance of [₄helping one's neighbors]₄ - thus public spirit [₅suffers]₅. This is psychosocial harm associated with the material harm of discouraging use of the program.</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Evoc/Realce/Força → Julg:Cond-</p> <p><i>Sign = aceitar/aprovar (um documento) oficialmente subscrevendo o próprio sinal ou nome.</i></p> <p>2: •Ide, •Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição</p> <p>3: •Ide, •Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição</p> <p>4: • Ide</p> <p><i>Aqui se fala da importância da ajuda que alguém dá a seu próximo.</i></p>

<p>5: •Ide <i>Diferença de transitividade.</i></p>	<p>5: •Ide</p>
<p>49) Muitos usuários inconscientemente reconhecem o erro de se recusar a compartilhar, então eles decidem ignorar as licenças e as leis, e compartilham programas de qualquer forma. Mas eles freqüentemente se sentem culpados por agirem assim. Eles sabem que devem quebrar as leis para serem bons [1colegas]₁, mas ainda assim reconhecem a autoridade das leis, então concluem que ser um bom [2companheiro]₂ (que eles são) é [3perverso]₃ ou vergonhoso. Isto também é um tipo de dano psico-social, mas [4alguém]₄ pode escapar disto decidindo que estas licenças e leis não têm força moral.</p> <p><i>(...) Eles sabem que devem quebrar as leis para serem parceiros leais, mas (...) então concluem que ser um parceiro leal (que eles são) é um comportamento rebelde ou vergonhoso. Isto também é um tipo de dano psicossocial, mas pode-se escapar dele decidindo que estas licenças e leis não têm força moral.</i></p> <p>1: •Ide, •Int AV ► GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição</p> <p><i>Confira o §47. “Good”/ “Bom” neste contexto é melhor traduzido por “leal”, que especifica o aspecto da justiça, da ética.</i></p> <p>2: •Ide, •Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição <i>Confira o §47.</i></p> <p>3: •Ide, •Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Realce → Julg:Conduta-</p> <p><i>Aqui se fala do estado de “ser um bom companheiro” como sendo algo muito mau, coisa de quem tem ‘malíssima índole’ (perverso).</i></p>	<p>49) Many users unconsciously recognize the wrong of refusing to share, so they decide to ignore the licenses and laws, and share programs anyway. But they often feel guilty about doing so. They know that they must break the laws in order to be good [1neighbors]₁, but they still consider the laws authoritative, and they conclude that being a good [2neighbor]₂ (which they are) is [3naughty]₃ or shameful. That is also a kind of psychosocial harm, but [4one]₄ can escape it by deciding that these licenses and laws have no moral force.</p> <p>1: •Ide, •Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição</p> <p>2: •Ide, •Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Graduação → Afeto:Afeição</p> <p>3: •Ide, ≠Int AV ▼ (ausência de Realce) Atit Expl → Julg:Conduta-</p> <p><i>Aqui se fala do estado de “being a good neighbor” como sendo algo anárquico, coisa de quem não se submete a regras prestabelecidas (naughty).</i></p>
<p>4: •Ide</p> <p><i>Alguém = alguma pessoa, i.e., pessoa de identidade indefinida. Ou seja, “não sei quem mas uma certa pessoa pode escapar...”</i></p>	<p>4: •Ide</p> <p><i>One: anyone; “qualquer um pode escapar”.</i></p>

50) Os programadores também sofrem dano psico-social (sic) por saber que muitos usuários [1 não terão o direito de]1 [2 tirar proveito do]2 seu trabalho. Isto leva a uma atitude de cinismo ou negação. Um programador pode descrever entusiasticamente o trabalho que ele acha tecnologicamente [3 interessante]3; então quando perguntado, "[4 Eu vou poder usar]4 isso?", [5 seu semblante cai]5 e ele admite que a resposta é não. Para evitar se sentir desestimulado, ele ou ignora isso a maior parte do tempo ou adota uma postura cínica [6 elaborada para minimizar a relevância do fato]6.

Os programadores também sofrem dano psicossocial por saber que muitos usuários não serão autorizados a usar o seu trabalho. (...) Um programador pode descrever com entusiasmo o trabalho que ele considera sensacional quanto à técnica, mas quando alguém lhe pergunta: "Eu vou ter permissão para usá-lo?", ele assume um ar de tristeza e admite que a resposta é não. (...) Para evitar se sentir desestimulado, ele (...) adota uma postura cínica com a intenção de minimizar a importância da questão.

1: •Ide

Diferença de transitividade.

2: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Realce/Força → Aprec:VS+

Tirar proveito de = usar com vantagem (avail oneself of), derivar vantagem de. Aqui se fala de derivar um benefício a partir de algo.

50) Programmers also suffer psychosocial harm knowing that many users [1 will not be allowed to]1 [2 use]2 their work. This leads to an attitude of cynicism or denial. A programmer may describe enthusiastically the work that he finds technically [3 exciting]3; then when asked, "[4 Will I be permitted to use]4 it?", [5 his face falls]5, and he admits the answer is no. To avoid feeling discouraged, he either ignores this fact most of the time or adopts a cynical stance [6 designed to minimize the importance of it]6.

1: •Ide

2: •Ide, •Int AV ▼(ausência de Realce) Atit Evoc → Aprec:VS+

Aqui se fala de usar determinada coisa.

<p>3: ≠Ide, ≠Int AV ► GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:Imp+</p> <p><i>A graduação é:</i> ▲ exciting (empolgante, excitante, sensacional) ► interessante ▼ satisfatório, aceitável</p> <p>4: •Ide</p> <p><i>Diferença de transitividade.</i></p> <p>5: •Int Env</p> <p><i>“Seu semblante cai” - aqui há uma mudança de registro: da linguagem coloquial para uma linguagem formal e até mesmo arcaica (bíblica). O trecho distoa do restante do texto e isso pode levar a uma perda de impacto sobre o leitor.</i></p> <p>6: •Ide, •Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Evoc/Realce/Força → Aprec:Comp+</p> <p><i>Elaborada para: preparada gradualmente e com trabalho para. Aqui, a avaliação está na fronteira entre Apreciação e Julgamento: é a atitude cínica que é ‘elaborada’, mas, ao mesmo tempo, se alguém ‘elabora’ uma atitude cínica, é alguém capaz de calcular um embuste, i.e., alguém “muito cínico”.</i></p>	<p>3: ≠Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:Imp+</p> <p>4: •Ide</p> <p>5: ausência de sinalização de Env</p> <p>6: •Ide, ▼(ausência de Realce)(ausência de Atitude)</p> <p><i>Designed to: destinada a; a fim de.</i></p>
<p>51) Desde a época do governo Reagan, a maior escassez nos Estados Unidos não é inovação tecnológica e sim a disposição de trabalhar junto para o bem público. Não faz sentido estimular o primeiro às custas do segundo.</p>	<p>51) Since the age of Reagan, the greatest scarcity in the United States is not technical innovation, but rather the willingness to work together for the public good. It makes no sense to encourage the former at the expense of the latter.</p>
<p>52) Obstruindo a Adaptação Personalizada de Programas.</p>	<p>52) Obstructing Custom Adaptation of Programs.</p>

<p>53) O segundo nível de dano material é a impossibilidade de adaptar programas. A [1 facilidade]1 de modificação do software é uma das suas grandes vantagens em relação às tecnologias mais antigas. Mas a maior parte do software disponível comercialmente não está disponível para modificação, mesmo depois de você comprá-lo. Está disponível para você pegar ou largar, como uma caixa preta - e isto é tudo.</p> <p><i>A comodidade de se poder modificar o software é uma das suas grandes vantagens (...)</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>“facilidade” = Qualidade do que é fácil.</i></p>	<p>53) The second level of material harm is the inability to adapt programs. The [1 ease]1 of modification of software is one of its great advantages over older technology. But most commercially available software isn't available for modification, even after you buy it. It's available for you to take it or leave it, as a black box - that is all.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>“ease” = tranqüilidade, conforto, comodidade.</i></p>
<p>54) Um programa que você pode rodar consiste numa série de números cujo significado é obscuro. Ninguém, nem mesmo um bom programador, pode facilmente mudar os números para [1 fazer com que o programa aja diferente]1.</p> <p><i>(...) Ninguém (...) pode facilmente mudar os números para conseguir que o programa faça algo diferente.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Agir = ter determinada ação, proceder, comportar-se, ter determinada atitude, fazer determinado efeito.</i></p> <p><i>Aqui se fala em fazer com que o programa aja diferente(mente) = fazer o programa comportar-se de modo diferente, mudar o seu processo, seu procedimento.</i></p>	<p>54) A program that you can run consists of a series of numbers whose meaning is obscure. No one, not even a good programmer, can easily change the numbers to [1 make the program do something different]1.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Do = produce / make the program do something different = fazer o programa produzir um resultado diferente, mudar o seu objetivo.</i></p>

<p>55) Programadores normalmente trabalham com o "código fonte" do programa, que é escrito numa linguagem de programação como Fortran ou C. Ela usa nomes para designar os dados utilizados e as partes do programa, e representa operações com símbolos como '+' para adição e '-' para subtração. Isto é feito para auxiliar os programadores a ler e alterar programas. Aqui está um exemplo; um programa para calcular a distância entre dois pontos num plano:</p>	<p>55) Programmers normally work with the "source code" for a program, which is written in a programming language such as Fortran or C. It uses names to designate the data being used and the parts of the program, and it represents operations with symbols such as '+' for addition and '-' for subtraction. It is designed to help programmers read and change programs. Here is an example; a program to calculate the distance between two points in a plane:</p>
<pre>56) float distancia (sic) (p0, p1) struct point p0, p1; { float xdist = p1.x - p0.x; float ydist = p1.y - p0.y; return sqrt (xdist * xdist + ydist * ydist); }</pre>	<pre>56) float distance (p0, p1) struct point p0, p1; { float xdist = p1.x - p0.x; float ydist = p1.y - p0.y; return sqrt (xdist * xdist + ydist * ydist); }</pre>
<p>57) Aqui está o mesmo programa na forma executável, no computador que eu uso normalmente:</p>	<p>57) Here is the same program in executable form, on the computer I normally use:</p>
<pre>58) 1314258944 -232267772 -231844864 1634862 1411907592 -231844736 2159150 1420296208 -234880989 -234879837 -234879966 -232295424 1644167167 -3214848 1090581031 1962942495 572518958 -803143692 1314803317.</pre>	<pre>58) 1314258944 -232267772 -231844864 1634862 1411907592 -231844736 2159150 1420296208 -234880989 -234879837 -234879966 -232295424 1644167167 -3214848 1090581031 1962942495 572518958 -803143692 1314803317</pre>

59) Código fonte (sic) é útil (no mínimo em potencial) para qualquer usuário de um programa. Mas a maioria dos usuários [₁ não tem permissão]₁ para ter cópias do código fonte (sic). Normalmente o código fonte (sic) de um programa proprietário é mantido em segredo pelo proprietário, [₂ evitando que]₂ qualquer pessoa [₄ possa aprender]₄ a partir dele. Usuários recebem apenas os arquivos contendo números incompreensíveis que o computador irá executar. Isto significa que somente o proprietário do programa pode alterá-lo.

(...) Mas a maioria dos usuários não está autorizada a ter cópias do código-fonte. Normalmente o código-fonte é mantido em segredo pelo proprietário, por receio de que qualquer outra pessoa aprenda algo a partir dele.

1: •Ide

Diferença de transitividade.

2: ≠Tex, ≠Ide, ≠ Int AV Atit Evoc → Julg:Cond-

Aqui foi mudada a relação lógica entre as orações. No TP, é usada a conjunção 'lest', que sozinha contém o sentido de 'por receio de que', equivalendo a uma conjunção subordinativa causal. No TC, esta subordinação foi substituída por uma oração reduzida de gerúndio equivalente a uma coordenada aditiva: "eles mantém o código em segredo e evitam que qualquer pessoa (...)".

59) Source code is useful (at least potentially) to every user of a program. But most users [₁ are not allowed]₁ to have copies of the source code. Usually the source code for a proprietary program is kept secret by the owner, [₂ lest]₂ anybody [₃ else]₃ [₄ learn]₄ something from it. Users receive only the files of incomprehensible numbers that the computer will execute. This means that only the program's owner can change the program.

1: •Ide

2: ≠Tex, ≠Ide, ≠Int AV Atit Evoc → Afeto Irr:Medo

<p><i>Tal mudança implica uma mudança de significado ideacional: no TP, se explica porque o código é mantido em segredo, enquanto que no TC, se acrescenta a idéia de que tal ato efetivamente impede que outras pessoas aprendam a partir do código-fonte.</i></p> <p><i>Quanto ao interpessoal, no TP, o proprietário é alguém com o desejo de não compartilhar, enquanto no TC, ele é alguém que de fato não compartilha, que priva os outros de um bem.</i></p> <p>3: Ø</p> <p>4: ≠Ide, ≠Int AV ▼ ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p>	<p>3: •Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Evoc/Quantidade → Afeto Irr:Medo</p> <p>4: ≠Ide, ≠Int AV ▲ ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p>
<p>60) Uma amiga me disse uma vez [₁que ela estava trabalhando]₁ em um banco durante aproximadamente seis meses, escrevendo um programa similar a algo que estava disponível comercialmente. Ela acreditava que [₃se pudesse ter]₃ acesso ao código fonte para aquele programa disponível comercialmente, ele poderia ter sido adaptado facilmente às suas necessidades. O banco estava disposto a pagar por isso, mas não lhe foi permitido - o código fonte era um segredo. Sendo assim ela teve que [₄gastar seis meses nesta [₅tarefa]₅]₄, trabalho este que conta no Produto Interno Bruto mas que na verdade foi desperdício.</p> <p>Uma amiga me contou uma vez que tinha trabalhado como programadora em um banco, por aproximadamente seis meses, escrevendo um programa semelhante a outro que estava comercialmente disponível. Ela acreditava que se pudesse ter tido acesso ao código-fonte do programa comercialmente disponível, ele poderia ter sido facilmente adaptado às necessidades deles.(...) Assim, ela teve que passar seis meses fazendo um trabalho inócuo, trabalho esse que (...) foi desperdício.</p> <p>1: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de aspecto verbal.</i></p> <p>2: Ø</p>	<p>60) A friend once told me [₁of working]₁ [₂as a programmer]₂ in a bank for about six months, writing a program similar to something that was commercially available. She believed that [₃if she could have gotten]₃ source code for that commercially available program, it could easily have been adapted to their needs. The bank was willing to pay for this, but was not permitted to - the source code was a secret. So she had to [₄do six months of [₅make-work]₅]₄, work that counts in the GNP but was actually waste.</p> <p>1: ≠Ide</p> <p>2: ≠Ide</p>

<p>3: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de tempo verbal.</i></p> <p>4: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Realce/Força → Aprec:VS-</p> <p><i>Gastar seis meses fazendo x = passar seis meses fazendo x inutilmente, desperdiçar, jogar fora, perder seis meses fazendo x.</i></p> <p>5: ≠Ide, ►(ausência de focalização) (ausência de atitude)</p>	<p>3: ≠Ide</p> <p>4: ≠Ide, ▼(ausência de Realce)(ausência de Atitude)</p> <p><i>Do six months of x= passar seis meses fazendo x.</i></p> <p>5: ≠Ide, ≠Int AV ▼GRAD:Foco/Atit Evoc/Autenticidade → Aprec:VS-</p> <p><i>Make-work = trabalho de pouco valor que se atribui a alguém a penas para mantê-lo ocupado.</i></p>
<p>61) O laboratório de Inteligência Artificial do MIT (laboratório de AI) recebeu uma impressora gráfica como presente da Xerox por volta de 1977. [1 Funcionava]1 com software livre ao qual nós adicionamos muitas funcionalidades convenientes. Por exemplo, o software notificava um usuário imediatamente ao término de uma impressão. Sempre que a impressora tinha algum problema, tal como papel preso ou falta de papel, o software imediatamente notificava todos os usuários que tinham impressões na fila. Estas funcionalidades [2 facilitavam]2 [3 a operação tranqüila]3.</p> <p>(...) Era operada por um software livre ao qual nós adicionamos muitas funcionalidades(...) Estas funcionalidades contribuíam para que o trabalho transcorresse sem problemas/contratempos.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Diferença de transitividade.</i></p> <p>2: ≠Ide</p>	<p>61) The MIT Artificial Intelligence Lab (AI Lab) received a graphics printer as a gift from Xerox around 1977. [1 It was run by]1 free software to which we added many convenient features. For example, the software would notify a user immediately on completion of a print job. Whenever the printer had trouble, such as a paper jam or running out of paper, the software would immediately notify all users who had print jobs queued. These features [2 facilitated]2 [3 smooth operation]3.</p> <p>1: •Ide</p> <p>2: •Ide</p>

<p><i>Facilitar = tornar mais fácil.</i></p> <p>3: •Ide</p> <p><i>Aqui se fala da operação (funcionamento) da impressora.</i></p>	<p><i>Facilitate = contribuir para que algo aconteça.</i></p> <p>3: •Ide</p> <p><i>Smooth operation = operação/funcionamento/trabalho sem interrupções ou problemas.</i></p> <p><i>Aqui se fala da operação do laboratório, isto é o conjunto das ações desempenhadas por cada funcionário para alcançar determinado objetivo.</i></p>
<p>62) Mais tarde a Xerox deu ao laboratório de AI uma impressora mais nova, mais rápida, uma das primeiras impressoras a laser. Ela era controlada por um software proprietário que rodava em um computador dedicado separado, sendo assim nós [1 não poderíamos]1 acrescentar qualquer das nossas funcionalidades favoritas. Nós [2 poderíamos]2 organizar as coisas de modo a enviar uma notificação quando a tarefa de impressão fosse enviada ao computador dedicado, mas não quando a impressão realmente fosse feita (e o atraso era normalmente considerável). Não havia modo de saber quando a impressão era realmente concluída; você [3 poderia]3 somente chutar. E ninguém era informado quando havia um papel enroscado, de modo que a impressora freqüentemente ficava por uma hora [4 parada]4.</p> <p><i>(...) Ela era controlada por um software proprietário que rodava em um computador dedicado separado, e, desse modo, nós não conseguimos acrescentar nenhuma das nossas funcionalidades preferidas. Nós conseguimos programá-la para enviar uma notificação quando a tarefa de impressão fosse enviada ao computador dedicado (...) Não havia modo de saber quando a impressão era realmente concluída; você só podia chutar. E ninguém era informado quanto havia um papel enroscado, de modo que a impressora freqüentemente passava uma hora sem que alguém a consertasse.</i></p>	<p>62) Later Xerox gave the AI Lab a newer, faster printer, one of the first laser printers. It was driven by proprietary software that ran in a separate dedicated computer, so we [1 couldn't]1 add any of our favorite features. We [2 could]2 arrange to send a notification when a print job was sent to the dedicated computer, but not when the job was actually printed (and the delay was usually considerable). There was no way to find out when the job was actually printed; you [3 could]3 only guess. And no one was informed when there was a paper jam, so the printer often went for an hour [4 without being fixed]4.</p>

<p>1: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de tempo verbal.</i></p> <p>2: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de tempo verbal.</i></p> <p>3: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de tempo verbal.</i></p> <p>4: •Ide</p> <p><i>Aqui, se fala que a máquina ficava sem funcionar durante uma hora.</i></p>	<p>1: ≠Ide</p> <p>2: ≠Ide</p> <p>3: ≠Ide</p> <p>4: •Ide</p> <p><i>Aqui se fala que a máquina ficava 'quebrada' durante uma hora, i.e., durante esse tempo, os funcionários ficavam sem saber do problema (que eles poderiam resolver facilmente).</i></p>
<p>63) Os programadores de sistema do laboratório de AI eram capazes de corrigir estes problemas, provavelmente tão capazes quanto os autores originais do programa. [₁A Xerox não estava interessada em corrigí-los <u>no entanto</u>]₁, e preferiu nos impedir, de modo que nós fomos forçados a aceitar os problemas. Eles nunca foram corrigidos.</p> <p><i>(...) A Xerox não estava interessada em corrigí-los e preferiu (...)</i></p> <p>1: •Tex, ≠Int AV ►◄ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Contra-expectativa</p>	<p>63) The system programmers at the AI Lab were capable of fixing such problems, probably as capable as the original authors of the program. [₁Xerox was uninterested in fixing them]₁, and chose to prevent us, so we were forced to accept the problems. They were never fixed.</p> <p>1: Ø, ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl</p>
<p>64) A maioria dos bons programadores já passou por esta frustração. O banco [₁pôde se permitir]₁ resolver o problema escrevendo um novo programa do zero, mas um usuário típico, não importa o quão [₂conhecedor]₂, não tem outra alternativa senão desistir.</p>	<p>64) Most good programmers have experienced this frustration. The bank [₁could afford]₁ to solve the problem by writing a new program from scratch, but a typical user, no matter how [₂skilled]₂, can only give up.</p>

<p><i>(...) O banco teve condições financeiras para resolver o problema escrevendo um novo programa do zero, mas um usuário típico, não importa o quão experiente, não tem outra alternativa senão desistir.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Pôde se permitir = tomou a liberdade de.</i></p> <p>2: ≠Int AV ▼GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Capac+</p> <p><i>A graduação é:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▲ <i>expert, perito, mestre no assunto</i> ▶ <i>skilled (experiente, prático, hábil), proficiente</i> ▼ <i>conhecedor, entendido</i> 	<p>1: •Ide</p> <p><i>Could afford = teve condições financeiras para.</i></p> <p>2: ≠Int AV ►GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Capac+</p>
<p>65) Desistência causa dano psico-social (sic) - ao espírito da auto-confiança. É desmoralizante viver numa casa que você não pode reorganizar para satisfazer as suas necessidades. Isto leva à resignação e desencorajamento, que pode se espalhar e afetar outros aspectos da vida de uma pessoa. Pessoas que se sentem assim são infelizes e não produzem um bom trabalho.</p>	<p>65) Giving up causes psychosocial harm - to the spirit of self-reliance. It is demoralizing to live in a house that you cannot rearrange to suit your needs. It leads to resignation and discouragement, which can spread to affect other aspects of one's life. People who feel this way are unhappy and do not do good work.</p>
<p>66) Imagine o que aconteceria se [1]receitas culinárias[1] fossem [2]entesouradas[2] como o software. Você poderia dizer, "Como eu mudo esta receita para tirar o sal?", e o grande chefe de cozinha te responderia, "Como ousa insultar minha receita, o fruto do meu cérebro e do meu paladar, tentando [3]mexer[3] nela? [4]Você não tem conhecimento[4] para alterar minha receita e fazê-la [5]funcionar[5]".</p>	<p>66) Imagine what it would be like if [1]recipes[1] were [2]hoarded[2] in the same fashion as software. You might say, "How do I change this recipe to take out the salt?" and the great chef would respond, "How dare you insult my recipe, the child of my brain and my palate, by trying to [3]tamper[3] with it? [4]You don't have the judgment[4] to change my recipe and make it [5]work right[5]!".</p>

<p><i>Imagine como seria se as receitas fossem monopolizadas como os programas de software. (...) E o grande chefe de cozinha te responderia: “Como ousa insultar minha receita (...) tentando adulterá-la? Você não tem discernimento para alterar minha receita e fazê-la funcionar direito”.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Diferença de refinamento (delicacy)</i></p> <p>2: •Int Env <i>Aqui ocorre uma mudança de registro. “Entesourar” pertence ao vocabulário da Economia. “Monopolizar” é um termo referível para traduzir “hoard”, pois, como este, pertence à linguagem coloquial.</i></p> <p>3: •Ide, •Int AV ▼(ausência de realce) Atit Expl → Julg:Cond-</p> <p><i>Mexer = alterar, modificar.</i></p>	<p>1: •Ide</p> <p>2: ausência de sinalização de Env</p> <p>3: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Realce → Julg:Cond-</p> <p><i>Tamper = mexer indevidamente.</i></p>
<p>4: •Ide, •Int AV ▼(ausência de realce) Atit Expl → Julg:Capac-</p> <p><i>Você não tem conhecimento para = aqui se está dizendo: você ainda não tem as informações específicas necessárias para, i.e., “Você é leigo”.</i></p> <p>5: •Ide, ▼(ausência de Realce)(ausência de Atitude)</p>	<p>4: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Realce → Julg:Capac-</p> <p><i>You don't have the judgement to = você não tem o discernimento (i.e., a capacidade de perceber claramente o que é bom/verdadeiro e o que é ruim/falso) para. Ou seja, aqui se está dizendo: você não tem capacidade nem para aprender, “Você é burro”.</i></p> <p>5: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Realce → Aprec:VS+</p>

<p>67) "Mas meu médico [₁disse que]₁ [₂eu não posso]₂ comer sal! O que eu posso fazer? Você vai tirar o sal pra mim?".</p> <p>Mas meu médico diz que eu não deveria comer sal! (...)</p> <p>1: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de tempo verbal.</i></p> <p>2: ≠Int AV ▲ ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p>	<p>67) "But my doctor [₁says]₁ [₂I'm not supposed to]₂ eat salt! What can I do? Will you take out the salt for me?".</p> <p>1: ≠Ide</p> <p>2: ≠Int AV ▼ ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p>
<p>68) "Eu faria com [₁muito prazer]₁; meus honorários são de apenas \$50.000". Uma vez que o proprietário tem o monopólio nas alterações, os honorários tendem a ser grandes. "No entanto, justamente agora eu não tenho tempo. Estou ocupado com uma [₂comissão]₂ para [₃projetar uma nova receita]₃ para [₄o biscoito do navio]₄ para o Departamento da Marinha. [₅Posso]₅ te dar um retorno [₆daqui a dois anos]₆".</p> <p>Eu o faria com prazer (...) "No entanto, justamente agora eu não tenho tempo. Estou ocupado com uma encomenda do Ministério da Marinha: criar uma nova receita de biscoito para marinheiros. Talvez eu tenha tempo para você daqui a mais ou menos dois anos.</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Intensidade → Afeto:Interesse</p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Comissão = grupo de pessoas incumbidas de tratar de determinado assunto; comitê.</i></p>	<p>68) "I would be [₁glad]₁ to do that; my fee is only \$50,000." Since the owner has a monopoly on changes, the fee tends to be large. "However, right now I don't have time. I am busy with a [₂commission]₂ to [₃design a new recipe]₃ for [₄ship's biscuit]₄ for the Navy Department. [₅I might]₅ get around to you [₆in about two years]₆".</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▶ GRAD:Força/Atit Expl/Intensidade → Afeto:Interesse</p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Commission = encomenda.</i></p>

<p>3: •Ide</p> <p><i>Projetar = fazer projeto de; projeto = esboço, risco ou redação provisória de obra a se realizar.</i></p> <p>4: •Int Env</p> <p><i>O biscoito do navio = tradução literal não encontrada na língua portuguesa. Existe a expressão “biscoito para marinheiros”. O artigo definido sugere que o leitor conhece este tipo de biscoito.</i></p> <p>5: •Ide, ≠Int AV ► ◀ ►GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p>6: •Ide, (ausência de focalização) (ausência de atitude)</p>	<p>3: •Ide</p> <p><i>Design = create, invent.</i></p> <p>4: ausência de sinalização de Env</p> <p><i>Ship’s biscuit = um tipo de biscoito ou pão de consistência dura, feito apenas com água e farinha de trigo. Também chamado ‘hard tack’, ‘sea bread’ e ‘sea biscuit’.</i></p> <p>5: ≠Ide, ≠Int AV ▼ ◀ ►GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p>6: •Ide, •Int AV ▼GRAD:Foco/Atit Evoc/Autenticidade → Afeto:Inquietação</p>
<p>69) Obstruindo Desenvolvimento de Software.</p>	<p>69) Obstructing Software Development.</p>
<p>70) O terceiro nível de dano material afeta o desenvolvimento de software. Desenvolvimento de software costumava ser um processo evolucionário, onde uma pessoa pegava um programa existente e reescrevia partes dele para obter uma nova funcionalidade, e então outra pessoa iria reescrever partes para adicionar outra funcionalidade; em alguns casos isso continuava por um período de vinte anos. Neste meio-tempo, partes do programa eram "canibalizadas" para formar o princípio de outros programas.</p>	<p>70) The third level of material harm affects software development. Software development used to be an evolutionary process, where a person would take an existing program and rewrite parts of it for one new feature, and then another person would rewrite parts to add another feature; in some cases, this continued over a period of twenty years. Meanwhile, parts of the program would be "cannibalized" to form the beginnings of other programs.</p>
<p>71) A existência de proprietários impede este tipo de evolução, tornando necessário começar do zero quando do desenvolvimento de um programa. Também impede novos praticantes de estudar programas existentes para aprender técnicas úteis ou mesmo como grandes programas podem ser estruturados.</p>	<p>71) The existence of owners prevents this kind of evolution, making it necessary to start from scratch when developing a program. It also prevents new practitioners from studying existing programs to learn useful techniques or even how large programs can be structured.</p>

<p>72) Proprietários também obstruem a educação. Eu tenho conhecido estudantes brilhantes em ciência da computação que nunca viram o código fonte (sic) de um programa grande. Eles podem ser bons para escrever pequenos programas, mas eles não podem começar a aprender os [conhecimentos]₁ diferentes que são necessários para a construção de grandes programas se eles não podem ver como outros fizeram isto.</p> <p><i>(...) mas eles não podem começar a aprender as habilidades práticas para o desenvolvimento de grandes programas se (...)</i></p> <p>1: ≠Ide</p> <p><i>Conhecimento = informação que se adquire.</i></p>	<p>72) Owners also obstruct education. I have met bright students in computer science who have never seen the source code of a large program. They may be good at writing small programs, but they can't begin to learn the different [skills]₁ of writing large ones if they can't see how others have done it.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Skill = capacidade mental ou física que se adquire/desenvolve através de experiência.</i></p>
<p>73) Em qualquer área intelectual, uma pessoa pode alcançar maiores alturas subindo nos ombros de outros. Mas geralmente isto não é mais permitido na área de software - você pode somente subir nos ombros das outras pessoas dentro da sua empresa.</p>	<p>73) In any intellectual field, one can reach greater heights by standing on the shoulders of others. But that is no longer generally allowed in the software field - you can only stand on the shoulders of the other people in your own company.</p>
<p>74) O dano psico-social (sic) associado afeta [o espírito da cooperação científica]₁, que costumava ser tão forte que cientistas [cooperariam]₂ mesmo quando suas [nações]₃ estava em guerra. [Embuidos (sic) deste espírito]₄, oceanógrafos japoneses abandonando seu laboratório numa ilha do Pacífico cuidadosamente preservaram seu trabalho para os soldados invasores dos Estados Unidos, e deixaram uma nota pedindo que eles tomassem [cuidado]₅ com aquilo.</p>	<p>74) The associated psychosocial harm affects [the spirit of scientific cooperation]₁, which used to be so strong that scientists [would cooperate]₂ even when their [countries]₃ were at war. [In this spirit]₄, Japanese oceanographers abandoning their lab on an island in the Pacific carefully preserved their work for the invading U.S. Marines, and left a note asking them to take [good care]₅ of it.</p>

<p><i>O dano psicossocial associado afeta o espírito de cooperação científica, que costumava ser tão forte que os cientistas cooperavam mesmo quando seus países estavam em guerra. (...) e deixaram uma nota pedindo que eles tomassem todo o cuidado com aquilo.</i></p> <p>1: ≠Ide</p> <p><i>Aqui, o uso do artigo definido particulariza a entidade referida: 'a cooperação científica'. Trata-se do espírito desta entidade.</i></p> <p>2: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de tempo verbal.</i></p> <p>3: •Ide</p> <p><i>Nação = povo</i></p> <p>4: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Intensidade → Afeto:Interesse</p> <p><i>Imbuído = impregnado, completamente tomado de.</i></p> <p>5: •Int AV ►GRAD:Força/Atit Expl/Intensidade → Afeto:Interesse</p>	<p>1: ≠Ide</p> <p><i>Aqui, trata-se de um tipo de espírito: o de cooperação científica, entre outros como por exemplo o de cooperação política, o de caridade, etc.</i></p> <p>2: ≠Ide</p> <p>3: •Ide</p> <p><i>País = terra de origem.</i></p> <p>4: ≠Ide, ≠Int AV ►GRAD:Força/Atit Expl/Intensidade → Afeto:Interesse</p> <p>5: ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Intensidade → Afeto:Interesse</p> <p><i>Good care = todo o cuidado.</i></p>
<p>75) Conflitos por lucro têm destruído o que conflitos internacionais pouparam. Hoje em dia cientistas em muitas áreas não publicam o suficiente nos seus [1 ensaios]1 para permitir que outros reproduzam suas experiências. Eles publicam somente o suficiente para permitir aos leitores maravilharem-se do quanto eles foram capazes de fazer. Isto certamente é verdade em ciência da computação, onde o código fonte (sic) do programa relatado é normalmente secreto.</p>	<p>75) Conflict for profit has destroyed what international conflict spared. Nowadays scientists in many fields don't publish enough in their [1 papers]1 to enable others to replicate the experiment. They publish only enough to let readers marvel at how much they were able to do. This is certainly true in computer science, where the source code for the programs reported on is usually secret.</p>

<p><i>Hoje em dia, os cientistas (...) não publicam em seus trabalhos o suficiente para permitir que (...)</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Ensaio = estudo sobre determinado assunto que é menos aprofundado que um tratado formal.</i></p>	<p>1: •Ide</p> <p><i>Paper = artigo, trabalho científico.</i></p>
<p>76) Não Importa Como o Compartilhamento [₁Seja]₁ Restringido</p> <p><i>Não importa como o compartilhamento é restringido.</i></p> <p>1: ≠Int AV ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p>	<p>76) It Does Not Matter How Sharing [₁Is]₁ Restricted.</p> <p>1: ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl</p>
<p>77) Eu [₁discuti]₁ os efeitos de evitar que as pessoas copiem, alterem e [₂construam um programa]₂. Eu não especifiquei como esta obstrução é feita, porque isto não afeta a conclusão. Não importa se é feita através de proteção contra cópia, copyright, licenças, criptografia, cartões ROM, números seriais de hardware, [₃se é bem sucedido (sic)]₃ então causa dano.</p> <p><i>Eu venho discutindo os efeitos de se impedir que as pessoas copiem, alterem e construam novos programas a partir de um programa existente. (...) se ela é bem sucedida em evitar o uso de um programa, então causa dano.</i></p> <p>1: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de aspecto verbal.</i></p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Construir um programa = escrever, criar um programa.</i></p>	<p>77) I [₁have been discussing]₁ the effects of preventing people from copying, changing, and [₂building on a program]₂. I have not specified how this obstruction is carried out, because that doesn't affect the conclusion. Whether it is done by copy protection, or copyright, or licenses, or encryption, or ROM cards, or hardware serial numbers, [₃if it succeeds in preventing use]₃, it does harm.</p> <p>1: ≠Ide</p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Build on a program = construir um programa a partir de outro existente.</i></p>

<p>3: •Ide</p> <p><i>Diferença de refinamento (delicacy)</i></p>	<p>3: •Ide</p>
<p>78) [1Usuários consideram]1 alguns destes métodos mais detestáveis que outros. Eu sugiro que os métodos mais odiados são aqueles que atingem seu objetivo.</p> <p><i>Os usuários consideram sim alguns destes métodos mais detestáveis que outros (...)</i></p> <p>1: ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl</p>	<p>78) [1Users <u>do</u> consider]1 some of these methods more obnoxious than others. I suggest that the methods most hated are those that accomplish their objective.</p> <p>1: ≠Int AV ►◀ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Pronunciamento <i>Compare com os §§ 24 e 25.</i></p>
<p>79) O Software Deveria ser Livre.</p>	<p>79) Software Should be Free.</p>
<p>80) Eu mostrei como a propriedade de um programa - o poder de restringir as alterações ou a cópia dele - é obstrutivo (sic). Seus efeitos negativos são amplamente disseminados e importantes. Segue que a sociedade não deveria ter proprietários para programas.</p>	<p>80) I have shown how ownership of a program - the power to restrict changing or copying it - is obstructive. Its negative effects are widespread and important. It follows that society shouldn't have owners for programs.</p>
<p>81) Outra maneira de entender isto é ver que o que a sociedade precisa é de software livre, e software proprietário é um substituto pobre. Encorajar o substituto não é uma maneira racional de obter o que nós precisamos.</p>	<p>81) Another way to understand this is that what society needs is free software, and proprietary software is a poor substitute. Encouraging the substitute is not a rational way to get what we need.</p>
<p>82) Vaclav Havel nos aconselhou: "Trabalhe por algo porque é bom e não apenas porque tem chance de sucesso." Um [1negócio]1 [2fazendo]2 software proprietário tem chance de sucesso dentro dos seus próprios termos limitados, mas não é o que é bom para a sociedade.</p> <p><i>(...) Uma empresa que produz/Um fabricante de software proprietário tem chance de (...)</i></p>	<p>82) Vaclav Havel has advised us to "Work for something because it is good, not just because it stands a chance to succeed". A [1business]1 [2making]2 proprietary software stands a chance of success in its own narrow terms, but it is not what is good for society.</p>

<p>1: •Ide</p> <p><i>Negócio = empresa/estabelecimento comercial.</i></p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Mudança de aspecto verbal</i></p>	<p>1: •Ide</p> <p><i>Business = empresa/estabelecimento comercial, financeiro ou industrial. Aqui, empresa que produz/fabrica software.</i></p> <p>2: •Ide</p>
<p>83) Porque as Pessoas Irão Desenvolver Software.</p>	<p>83) Why People Will Develop Software.</p>
<p>84) Se nós eliminarmos a propriedade intelectual como meio de estimular pessoas a desenvolver software, no início menos software será desenvolvido, mas este software será mais útil. Não está claro se a [₁satisfação geral proporcionada]₁ será menor; mas se for, ou se de qualquer jeito nós quisermos aumentá-la, existem outras maneiras de estimular desenvolvimento, assim como existem outras maneiras de levantar fundos para estradas sem usar pedágios. Antes de falar a respeito de como isso pode ser feito, primeiro eu [₂gostaria]₂ de questionar o quanto de incentivo artificial é realmente necessário.</p> <p><i>(...) Não está claro se a satisfação geral proporcionada ao usuário será menor</i> <i>(...) primeiro eu quero questionar (...)</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Diferença de refinamento (delicacy)</i></p> <p>2: •Ide, ≠Int AV ▼ ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Pronunciamento</p> <p><i>Aqui é como se a voz textual estivesse dizendo: 'a idéia de questionar me agrada, faz sentido para mim, e eu vou apresentá-la como um ponto-de-vista possível'.</i></p>	<p>84) If we eliminate copyright as a means of encouraging people to develop software, at first less software will be developed, but that software will be more useful. It is not clear whether the [₁overall delivered user satisfaction]₁ will be less; but if it is, or if we wish to increase it anyway, there are other ways to encourage development, just as there are ways besides toll booths to raise money for streets. Before I talk about how that can be done, first I [₂want]₂ to question how much artificial encouragement is truly necessary.</p> <p>1: •Ide</p> <p>2: •Ide, ≠Int AV ▶▶◀ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Pronunciamento</p> <p><i>Ainda que se trate de um processo mental, aqui, dizer 'eu quero questionar' equivale a dizer 'eu questiono'.</i></p>
<p>85) Programar é Divertido.</p>	<p>85) Programming is Fun.</p>

86) Existem algumas linhas de trabalho em que poucos irão entrar exceto por dinheiro; construção de rodovias, por exemplo. Existem outras áreas de estudo e arte em que existe pouca chance de se tornar rico, em que pessoas entram pela sua fascinação ou pelo percebido valor para a sociedade. Exemplos incluem a lógica matemática, música clássica, arqueologia e organização política entre trabalhadores. Pessoas competem por [2 novas vagas]2, nenhuma das quais é muito bem remunerada. Elas [5 chegam]5 até [5 a pagar]5 pela chance de trabalhar na área, se elas têm condições para isso.

As pessoas competem, mais tristes do que determinadas, pelas poucas vagas remuneradas, nenhuma das quais é muito bem remunerada. É possível até que elas paguem pela chance de trabalhar na área, se elas tiverem condições financeiras para isso.

1: Ø

2: •Ide

Um dos sentidos sugeridos pela anteposição do adjetivo 'novo' ao substantivo é o de 'outro, adicional'. Assim, o sentido de 'competem por novas vagas' seria o de 'disputam entre si por vagas ainda não disponíveis'. Este sentido é corroborado pela ausência do artigo definido depois de 'por'.

3: Ø

4: Ø

5: •Ide, ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl

86) There are some lines of work that few will enter except for money; road construction, for example. There are other fields of study and art in which there is little chance to become rich, which people enter for their fascination or their perceived value to society. Examples include mathematical logic, classical music, and archaeology; and political organizing among working people. People compete, [1 more sadly than bitterly]1, for [2 the]2 [3 few]3 [4 funded]4 [2 positions available]2, none of which is funded very well. They [5 may]5 even [5 pay]5 for the chance to work in the field, if they can afford to.

1: •Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Intensidade → Afeto:Tristeza

A circunstância de modo foi omitida no TC.

2: •Ide

Aqui, o uso do artigo e o adjetivo 'available' combinam-se para indicar que as vagas pelas quais as pessoas disputam já existem.

3: •Ide, •Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Medição → Aprec:VS-

4: •Ide, •Int AV → Aprec:VS+

5: •Ide, ≠Int AV ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade

87) Uma área assim pode se transformar do dia pra noite se começar a oferecer a possibilidade de ficar rico. Quando um trabalhador fica rico, outros [1,querem]1 a mesma oportunidade. Logo todos [2,[3,querem]3]2 grandes somas em dinheiro para fazer o que eles costumavam fazer por prazer. Quando se passam mais alguns anos, todos ligados àquele campo irão ridicularizar a idéia que trabalho poderia ser executado naquela área sem grandes retornos financeiros. Eles irão aconselhar os planejadores sociais a assegurar que estes retornos sejam possíveis, prescrevendo privilégios especiais, poderes e monopólios [4,à medida do necessário]4 para que isto aconteça.

Quando um trabalhador fica rico, outros exigem a mesma oportunidade. É possível que logo todos estejam exigindo grandes somas de dinheiro para fazer (...)

prescrevendo privilégios especiais, poderes e monopólios como algo necessário para que isto aconteça.

1: •Ide, ≠Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Afeto Irr:Desejo (disposição de ânimo)

Aqui, o TP usa um termo indicativo de uma variação do comportamento, enquanto o TC usa um termo que indica uma disposição de ânimo. A diferença se torna mais sensível pela diferença de grau.

2: •Ide, ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl

3: ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Afeto Irr:Desejo (disposição de ânimo)

4: •Ide, ≠Int AV ◀▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade

À medida do necessário: quando for necessário.

87) Such a field can transform itself overnight if it begins to offer the possibility of getting rich. When one worker gets rich, others [1,demand]1 the same opportunity. Soon all [2,may [3,demand]3]2 large sums of money for doing what they used to do for pleasure. When another couple of years go by, everyone connected with the field will deride the idea that work would be done in the field without large financial returns. They will advise social planners to ensure that these returns are possible, [4,prescribing special privileges, powers, and monopolies as necessary to do so]4.

1: •Ide, ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Afeto Irr:Desejo (variação do comportamento)

2: •Ide, ≠Int AV ◀▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade

3: ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Afeto Irr:Desejo (variação do comportamento)

4: •Ide, ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl

As necessary: como sendo algo necessário para se assegurar os grandes retornos financeiros.

<p>88) Esta mudança aconteceu no campo da programação de computadores na década passada. Quinze anos atrás haviam (sic) artigos sobre "vício de computador": usuários estavam ficando "on-line" e tinham hábitos [1baratos]1. [2Era geralmente conhecido]2 que pessoas freqüentemente amavam programação o suficiente para romper seus casamentos. Hoje, é geralmente conhecido que ninguém iria programar exceto por uma altos pagamentos. As pessoas se esqueceram do que elas sabiam quinze anos atrás.</p> <p>(...) Quinze anos atrás havia artigos sobre “vício de computador”: os usuários estavam ficando “on-line” e tinham hábitos caros. Em geral se aceitava o fato de que frequentemente as pessoas gostavam tanto de programar que chegavam a romper o casamento.</p> <p>1: •Ide, •Int AV ▼GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:Qual- <i>Barato = de baixo custo.</i></p> <p>2: •Ide <i>Conhecido = que se conhece, de que se tem informação.</i></p>	<p>88) This change happened in the field of computer programming in the past decade. Fifteen years ago, there were articles on "computer addiction": users were "onlining" and had [1hundred-dollar-a-week]1 habits. [2It was generally understood]2 that people frequently loved programming enough to break up their marriages. Today, it is generally understood that no one would program except for a high rate of pay. People have forgotten what they knew fifteen years ago.</p> <p>1: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:Qual+ <i>Hundred-dollar-a-week = de custo considerável.</i></p> <p>2: •Ide <i>Understand = aceitar algo como fato, como ponto pacífico.</i></p>
<p>89) Quando é verdade em um determinado momento que [1a maioria das pessoas irão trabalhar numa certa área por altos pagamentos]1, isto não precisa continuar sendo verdade. A dinâmica da mudança pode acontecer ao contrário, se a sociedade [2fornecer o ímpeto]2. Se nós tirarmos a possibilidade de grande riqueza, então depois de [3um breve momento]3, quando as pessoas tiverem reajustado suas atitudes, elas irão mais uma vez ansiar por trabalhar na área pelo prazer da conquista.</p>	<p>89) When it is true at a given time that [1most people will work in a certain field <u>only</u> for high pay]1, it need not remain true. The dynamic of change can run in reverse, if society [2provides an impetus]2. If we take away the possibility of great wealth, then after [3a while]3, when the people have readjusted their attitudes, they will once again be eager to work in the field for the joy of accomplishment.</p>

<p><i>Quando é verdade em um dado momento que a maioria das pessoas só trabalharão em uma certa área por um salário alto, isto não precisa continuar sendo verdade. A dinâmica da mudança pode se reverter se a sociedade der um incentivo. Se npos tirarmos a possibilidade de grande riqueza, então depois de um certo tempo, (...) elas vão mais uma vez ansiar por trabalhar na área pelo grande prazer da conquista.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Aqui se fala de um fato: a maioria das pessoas vai trabalhar (...) por altos salários = a maioria trabalha por altos salários e a minoria por baixos salários.</i></p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Ímpeto = arrebatamento, manifestação súbita e violenta, precipitação, fúria.</i></p> <p>3: •Ide, •Int AV ▼ GRAD:Força/Atit Evoc/Medição → Aprec:Qual+</p>	<p>1: •Ide</p> <p><i>Aqui se fala de uma exigência, uma condição sine qua non da maioria das pessoas: elas exigem altos salários para trabalhar.</i></p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Impetus = algo que incita a, estímulo, incentivo.</i></p> <p>3: •Ide, •Int AV ► GRAD:Força/Atit Evoc/Medição → Aprec:Qual+</p>
<p>90) A questão "Como nós podemos pagar programadores?" se torna mais fácil quando nós entendemos que não é uma questão de pagá-los (sic) uma fortuna. Um mero [1viver]1 é mais fácil de se conseguir.</p> <p><i>(...) quando nós entendemos que não é uma questão de pagar-lhes uma fortuna. Um mero meio de subsistência é mais fácil de se conseguir.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Viver = estar/continuar vivo, não morrer.</i></p>	<p>90) The question, "How can we pay programmers?" becomes an easier question when we realize that it's not a matter of paying them a fortune. A mere [1living]1 is easier to raise.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Living = meio de se manter vivo; 'salário'.</i></p>
<p>91) Financiando o Software Livre.</p>	<p>91) Funding Free Software.</p>

<p>92) Instituições que pagam programadores não têm que ser [1software houses]1. Muitas outras instituições já existem que podem fazer isto.</p> <p>As instituições que pagam os programadores não têm que ser empresas de software. Já existem muitas outras instituições capazes de fazê-lo.</p> <p>1: ≠Int Env</p> <p><i>Aqui a não tradução caracteriza uma diferença do TC com relação ao TP. Lá não se trata de um termo técnico ou algo que indique o compartilhamento de uma filiação a determinada comunidade discursiva. Se o texto (TP/TC) se dirige não só a programadores mas a usuários e a usuários em potencial do SL, a não tradução pode representar uma perda de impacto sobre o leitor, uma vez que o sentido não ficará claro.</i></p>	<p>92) Institutions that pay programmers do not have to be [1software houses]1. Many other institutions already exist that can do this.</p> <p>1: ausência de sinalização de Env</p>
<p>93) Fabricantes de equipamentos acham essencial [1suportar]1 desenvolvimento de software mesmo que eles não controlem o uso do software. Em 1970, muito do seu software era livre porque eles não consideravam a possibilidade de restringi-lo (sic). Hoje, a sua crescente disposição para [2combinar]2 consórcios mostra seu entendimento que possuir o software não é o que é realmente importante para eles.</p> <p>Os fabricantes de equipamentos acham essencial dar contribuir para o desenvolvimento de software (...) Hoje, a sua crescente disposição de participar de consórcios de empresas mostra seu entendimento de que (...)</p> <p>1: •Ide, •Int AV Atit Evoc → Afeto:Desprazer</p> <p><i>Suportar = sustentar (o peso de); estar debaixo de; sofrer, tolerar, admitir, agüentar, transigir, condescender ou contemporizar (???)!!)</i> <i>Tem sido frequente o uso de “suportar” em lugar de “apoiar”, já que “suporte” é sinônimo de “apoio”. Porém é inadequado esse uso já que a</i></p>	<p>93) Hardware manufacturers find it essential to [1support]1 software development even if they cannot control the use of the software. In 1970, much of their software was free because they did not consider restricting it. Today, their increasing willingness to [2join]2 consortiums shows their realization that owning the software is not what is really important for them.</p> <p>1: •Ide, •Int AV Atit Evoc → Julg:Cond+</p> <p><i>Support = ajudar algo ou alguém prestando solidariedade, apoiando com trabalho ou contribuição em dinheiro.</i></p>

<p>acepção “tolerar, agüentar” (provavelmente a mais usada) se sobrepõe a essa possibilidade, resultando na mensagem oposta ao que se quer dizer. Como aqui: ao invés de se dizer que os fabricantes apoiam o desenvolvimento de software (avaliação positiva), se diz que eles toleram o desenvolvimento (avaliação negativa).</p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Combinar = unir, ligar.</i></p>	<p>2: •Ide</p> <p><i>Join = Unir-se a algo/alguém para formar um grupo ou entidade.</i></p>
<p>94) Universidades conduzem muitos projetos de programação. Hoje, elas freqüentemente vendem os resultados, mas nos anos 70, elas não vendiam. Existe alguma dúvida de que as universidades iriam desenvolver software livre se não lhes fosse permitido vender software? Estes projetos poderiam ser [1 suportados]1 pelos mesmos contratos de governo e [2 concessões]2 que agora [3 suportam]3 o desenvolvimento de software proprietário.</p> <p>(...) Estes projetos poderiam ser custeados/ financiados pelos mesmos contratos públicos e subvenções que agora custeiam/financiam o desenvolvimento de software proprietário.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Compare com o §93.</i></p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Concessão = privilégio que o governo concede a uma empresa para que explore, em regime de monopólio, um serviço de utilidade pública.</i></p> <p>3: •Ide</p> <p><i>Compare com o §93.</i></p>	<p>94) Universities conduct many programming projects. Today they often sell the results, but in the 1970s they did not. Is there any doubt that universities would develop free software if they were not allowed to sell software? These projects could be [1 supported]1 by the same government contracts and [2 grants]2 that now [3 support]3 proprietary software development.</p> <p>1: •Ide</p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Grant = auxílio financeiro para um propósito específico.</i></p> <p>3: •Ide</p>

95) É comum hoje para pesquisadores de universidade pegar [1 concessão]1 para desenvolver um sistema, desenvolvê-lo até quase o término e dá-lo por "terminado", e então começar empresas onde eles realmente terminam o projeto e o tornam [2 útil]2. Às vezes eles declaram as versões inacabadas como [3 "gratuitas"]3; se eles são [4 profundamente corruptos]4, eles em vez disso obtêm uma licença exclusiva da universidade. Isto não é nenhum segredo; é abertamente admitido por todos os [5 interessados]5. Já se os pesquisadores não fossem expostos à tentação de fazer estas coisas, eles ainda assim fariam suas pesquisas.

É comum hoje os pesquisadores de universidades conseguirem subvenções/bolsas para desenvolver um sistema, desenvolverem-no até quase o término e darem-no por "terminado" e então abrirem empresas onde eles de fato terminam o projeto e o tornam utilizável. às vezes, eles declaram a versão incompleta como "de domínio público"; se eles forem completamente corruptos, (...) No entanto, se os pesquisadores não fossem expostos à tentação de fazer tais coisas, ainda assim eles fariam suas pesquisas.

1: •Ide

Compare com os §§ 93 e 94.

2: •Ide, •Int AV ►GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:Qual+

A graduação aqui é:

▲ *de grande utilidade*

► *útil*

▼ *de uso viável, que se pode ser usado*

3: •Ide

Gratuito = sem custo.

95) It is common today for university researchers to get [1 grants]1 to develop a system, develop it nearly to the point of completion and call that "finished", and then start companies where they really finish the project and make it [2 usable]2. Sometimes they declare the unfinished version [3 "free"]3; if they are [4 thoroughly corrupt]4, they instead get an exclusive license from the university. This is not a secret; it is openly admitted by everyone [5 concerned]5. Yet if the researchers were not exposed to the temptation to do these things, they would still do their research.

1: •Ide

2: •Ide, •Int AV ▼GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:Qual+

3: •Ide

Free = de domínio público, i.e., pertencente à herança cultural da humanidade, podendo ser utilizados sem restrição.

<p>4: •Ide, •Int AV ► GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Julg:Cond-</p> <p><i>Profundamente corrupto = a quem se atribui corrupção profunda, i.e, corrupção que atinge os níveis mais íntimos do caráter de alguém; alguém com forte tendência à corrupção em qualquer situação.</i></p> <p>5: •Ide</p> <p><i>Interessado = que tem interesse.</i></p>	<p>4: •Ide, •Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Medição Extra → Julg:Cond-</p> <p><i>Thoroughly = completamente, absolutamente corrupto; corrupto em todas as situações.</i></p> <p>5: •Ide</p> <p><i>Concerned = envolvido</i></p>
<p>96) Programadores que escrevem software livre podem ganhar a vida vendendo serviços relacionados ao software. Eu [₁tenho sido contratado]₁ para portar o compilador C GNU para novos equipamentos, e para fazer extensões à interface do usuário no GNU Emacs. (Eu ofereço estas melhorias ao público uma vez que elas ficam prontas). Eu também ensino [₂em salas-de-aula]₂, pelo que eu sou pago.</p> <p><i>(...) Eu fui contratado para portar o compilador C GNU para novos equipamentos (de hardware) e para fazer extensões de interface de usuário para o GNU Emacs. (Eu disponibilizo estes melhoramentos ao público uma vez que elas fiquem prontas). Eu também ensino/dou aulas pelo que/pelas quais sou pago.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Mudança de tempo verbal.</i></p> <p>2: •Ide</p> <p><i>A circunstância 'em salas-de-aula' foi acrescentada.</i></p>	<p>96) Programmers writing free software can make their living by selling services related to the software. I [₁have been hired]₁ to port the GNU C compiler to new hardware, and to make user-interface extensions to GNU Emacs. (I offer these improvements to the public once they are done.) I also teach classes for which I am paid.</p> <p>1: •Ide</p> <p>2: Ø</p>

<p>97) Eu não sou o único que trabalha desta forma; existe hoje uma empresa crescente e bem sucedida que não faz outra coisa. Diversas outras empresas também fornecem suporte comercial para software livre do sistema GNU. Isto é o começo [1de uma]1 indústria de suporte ao software independente - uma indústria que poderia se tornar muito grande se o software livre se tornasse predominante. Ela dá aos usuários uma opção geralmente não disponível para o software proprietário, exceto para os muito ricos.</p> <p><i>(...) Isto é o começo da indústria independente de apoio ao software, uma indústria que poderia se tornar muito grande se o software livre se tornar predominante.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>o uso do artigo indefinido implica na existência de várias indústrias de suporte ao software independente.</i></p>	<p>97) I am not alone in working this way; there is now a successful, growing corporation which does no other kind of work. Several other companies also provide commercial support for the free software of the GNU system. This is the beginning [1of the]1 independent software support industry - an industry that could become quite large if free software becomes prevalent. It provides users with an option generally unavailable for proprietary software, except to the very wealthy.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>o uso do artigo definido implica na existência de apenas uma indústria de suporte ao software independente.</i></p>
<p>98) Novas instituições tais como a Fundação (sic) para o Software Livre podem também pagar programadores. A maior parte dos fundos da fundação vem de usuários comprarem fitas através do correio. O software nas fitas é livre, o que significa que todo usuário tem a liberdade de copiá-lo e alterá-lo, mas muitos apesar de tudo pagam para obter cópias. (Lembre-se que "free software" se refere a liberdade e não preço). Alguns usuários adquirem fitas para as quais eles já tem uma cópia, como uma maneira de fazer uma contribuição que eles sentem que nós merecemos. [2A Fundação também recebe [1donativos]1 consideráveis de fabricantes de computadores]2.</p> <p><i>(...) A Fundação também recebe doações consideráveis de fabricantes de computadores.</i></p> <p>1: •Ide</p>	<p>98) New institutions such as the Free Software Foundation can also fund programmers. Most of the Foundation's funds come from users buying tapes through the mail. The software on the tapes is free, which means that every user has the freedom to copy it and change it, but many nonetheless pay to get copies. (Recall that "free software" refers to freedom, not to price.) Some users who already have a copy order tapes as a way of making a contribution they feel we deserve. [2The Foundation also receives sizable [1donations]1 from computer manufacturers]2.</p> <p>1: •Ide</p>

<p><i>Donativo = esmola, oferta. Aqui se trata de dar algo pela necessidade de quem recebe, dar como caridade.</i></p> <p>2: •Int AV Atit Evoc → Aprec:Qual-</p> <p><i>Se algo/alguém recebe donativo é carente de recursos.</i></p>	<p><i>Donation = Contribuição voluntária (de dinheiro, serviços ou idéias) dada a uma causa merecedora. Aqui se trata de dar pelo merecimento da causa.</i></p> <p>2: •Int AV Atit Evoc → Aprec:Qual+</p> <p><i>Se algo/alguém recebe doação é porque é merecedor.</i></p>
<p>99) A Fundação para o Software Livre é uma [₁entidade]₁, e suas receitas são gastas contratando tantos programadores quanto possível. Se ela tivesse sido feita para ganhos financeiros, distribuindo o mesmo software livre ao público pelos mesmos valores, daria agora uma [₂vida muito boa]₂ ao seu fundador.</p> <p><i>A Fundação para o Software Livre é uma entidade beneficente e suas receitas (...) Se ela tivesse sido Proporcionaria agora um ótimo salário/meio de vida ao seu fundador.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p>diferença de refinamento (delicacy)</p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Vida (muito) boa = vida de quem não precisa trabalhar para ter (muito) dinheiro.</i></p>	<p>99) The Free Software Foundation is a [₁charity]₁, and its income is spent on hiring as many programmers as possible. If it had been set up as a business, distributing the same free software to the public for the same fee, it would now provide a [₂very good living]₂ for its founder.</p> <p>1: •Ide</p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Very good Living = salário muito maior do que o necessário para sobreviver.</i></p>

<p>100) Em virtude da (sic) Fundação ser uma [1 entidade]1, programadores freqüentemente trabalham pra ela por metade do que eles poderiam ganhar em outro lugar. Eles fazem isto porque nós somos livres de burocracia, e porque eles sentem satisfação em saber que seu trabalho não será [2 obstruído]2. Acima de tudo, eles fazem isso porque programar é divertido. Fora isso, voluntários têm escrito muitos programas úteis para nós. ([3 Recentemente]3 mesmo escritores técnicos começaram a se oferecer).</p> <p><i>Em virtude de a Fundação ser uma entidade beneficente, os programadores (...) sentem satisfação em saber que o que eles produzirem não terá seu uso obstruído. (...) Além disso, voluntários têm escrito muitos programas úteis para nós. (Até mesmo redatores técnicos começaram a se oferecer como voluntários).</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>diferença de refinamento (delicacy)</i></p> <p>2: •Ide</p> <p><i>diferença de refinamento (delicacy)</i></p> <p>3: •Ide</p> <p><i>A circunstância de tempo foi acrescentada.</i></p>	<p>100) Because the Foundation is a [1 charity]1, programmers often work for the Foundation for half of what they could make elsewhere. They do this because we are free of bureaucracy, and because they feel satisfaction in knowing that their work will not be [2 obstructed from use]2. Most of all, they do it because programming is fun. In addition, volunteers have written many useful programs for us. (Even technical writers have begun to volunteer).</p> <p>1: •Ide</p> <p>2: •Ide</p> <p>3: •Ide</p>
<p>101) Isto confirma que programação está entre as áreas mais fascinantes de todas, junto da música e da arte. [1 Nós não temos medo]1 que ninguém queira programar.</p> <p><i>(...) Nós não precisamos ter medo de que ninguém queira programar.</i></p> <p>1: •Ide, •Int Neg (proposição)</p>	<p>101) This confirms that programming is among the most fascinating of all fields, along with music and art. [1 We don't have to fear]1 that no one will want to program.</p> <p>1: •Ide, •Int Neg (proposta)</p>

<i>Aqui se faz uma afirmação do fato de que alguém não tem medo de algo.</i>	<i>Aqui se dá um conselho.</i>
102) O Que os Usuários Devem aos Desenvolvedores?	102) What Do Users Owe to Developers?
<p>103) Existe uma boa razão para os usuários de software sentirem uma obrigação moral de contribuir para seu [1 suporte]1. Desenvolvedores de software livre estão contribuindo para as atividades dos usuários, e é justo e a longo prazo interessante para os usuários prover os fundos para continuar.</p> <p><i>Existe uma boa razão para os usuários de software sentirem uma obrigação moral de contribuir para o seu financiamento. Os desenvolvedores de software estão contribuindo para as atividades dos usuários, e é tanto algo justo quanto de interesse, a longo prazo, para os usuários proverem os fundos para que continuem.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Suporte = sustento, amparo, base. O uso de “suporte” aqui sugere a idéia geral de contribuir para a sustentação do software, i.e., para que ele tenha uma base sólida que lhe permita continuar a existir. Porém, esta contribuição poderia ser material ou não.</i></p> <p>2: Ø</p>	<p>103) There is a good reason for users of software to feel a moral obligation to contribute to its [1 support]1. Developers of free software are contributing to the users' activities, and it is [2 both]2 fair and in the long-term interest of the users to give them funds to continue.</p> <p>1: ≠Ide</p> <p><i>Support = apoio financeiro que visa tornar possível a realização de um determinado projeto; financiamento.</i></p> <p>2: •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Quantidade → Aprec:VS+</p> <p><i>O uso de ‘both’ enfatiza a idéia de que a contribuição dos usuários é ao mesmo tempo e equitativamente algo justo e do interesse do usuário.</i></p>
104) No entanto, isto não se aplica a software proprietário, uma vez que o obstructionismo merece uma punição em vez de uma recompensa.	104) However, this does not apply to proprietary software developers, since obstructionism deserves a punishment rather than a reward.

<p>105) Nós temos assim um paradoxo: o desenvolvedore (sic) de software útil tem direito ao [1 suporte]1 dos usuários, mas qualquer tentativa de tornar esta obrigação moral numa exigência destrói a base para a obrigação. Um desenvolvedor (sic) [2 pode tanto]2 merecer a recompensa quanto exigi-la (sic), mas não ambos]2.</p> <p><i>Nós temos assim um paradoxo: o desenvolvedor de software útil tem direito à contribuição financeira dos usuários, (...) Um desenvolvedor pode merecer uma recompensa ou exigi-la, mas não ambos.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Veja o §103.</i></p> <p>2: •Tex, •Ide</p> <p><i>Enquanto o TP usa 'either ... or' indicando uma relação de exclusão, o TC usa 'tanto... quanto', indicando uma relação de inclusão.</i></p> <p><i>No TP, há uma modalização de probabilidade: "can deserve" e uma modulação de obrigação (permissão): "(can) demand". A primeira abre duas possibilidades: merece ou não merece; e, a segunda também: pode exigir ou não pode exigir. No TP, se uma das possibilidades é positiva, a outra deve ser negativa. Já no TC, as duas possibilidades positivas são eleitas como válidas e logo depois rejeitadas. Assim, a idéia de paradoxo é reforçada, com prejuízo do leitor para quem é passada a idéia: o desenvolvedor pode x e y mas não pode x e y.</i></p>	<p>105) We thus have a paradox: the developer of useful software is entitled to the [1 support]1 of the users, but any attempt to turn this moral obligation into a requirement destroys the basis for the obligation. A developer [2 can either]2 deserves a reward or demand it, but not both]2.</p> <p>1: •Ide</p> <p>2: •Tex, •Ide</p> <p><i>Aqui o uso do pronome 'both' (significa um e outro) antecedido da negativa reforça a relação indicada por 'either ... or'.</i></p>
<p>106) Eu acredito que um desenvolvedor ético defrontado com este paradoxo deve agir de modo a merecer a recompensa, mas deveria também [1 solicitar]1 aos usuários [2 donativos]2 voluntários. No final das contas os usuários irão aprender a [3 suportar]3 os desenvolvedores sem coerção, assim como eles aprenderam a [4 suportar]4 as estações públicas de rádio e televisão.</p>	<p>106) I believe that an ethical developer faced with this paradox must act so as to deserve the reward, but should also [1 entreat]1 the users for voluntary [2 donations]2. Eventually the users will learn to [3 support]3 developers without coercion, just as they have learned to [4 support]4 public radio and television stations.</p>

<p><i>(...) mas deveria também insistir para os usuários fazerem doações voluntárias. No final das contas, os usuários vão aprender a dar apoio financeiro aos desenvolvedores sem coerção assim como eles aprenderam a apoiar as estações públicas de rádio e televisão.</i></p> <p>1: •Ide, ▼ (ausência de Realce) (ausência de Atitude)</p> <p><i>Solicitar = pedir.</i></p> <p>2: •Ide, •Int AV Atit Evoc → Julg:Dest- <i>Aqui se trata de um pedido de esmola e de um apelo à caridade.</i></p> <p>3: •Ide <i>Veja o §103.</i></p> <p>4: •Ide <i>Veja o §103.</i></p>	<p>1: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Realce → Julg:Pers+</p> <p><i>Entreat = pedir/solicitar com insistência, instar.</i></p> <p>2: •Ide, •Int AV Atit Evoc → Julg:Dest+ <i>Aqui se trata de um pedido de crédito e de um apelo ao bom senso.</i></p> <p>3: •Ide</p> <p>4: •Ide</p>
<p>107) O Que É Produtividade De Software?</p>	<p>107) What Is Software Productivity?</p>
<p>108) Se o software fosse livre, ainda assim existiriam programadores, mas talvez um número menor deles. Seria isto ruim para a sociedade?</p>	<p>108) If software were free, there would still be programmers, but perhaps fewer of them. Would this be bad for society?</p>
<p>109) Não necessariamente. Hoje as nações avançadas têm menos fazendeiros que em 1900, mas nós não achamos que isto seja ruim para a sociedade, porque os em menor número fornecem mais comida aos consumidores do que os em maior número faziam. Nós chamamos isso de produtividade melhorada. Software livre exigiria muito menos programadores para satisfazer a demanda, por causa da produtividade de software aumentada em todos os níveis:</p>	<p>109) Not necessarily. Today the advanced nations have fewer farmers than in 1900, but we do not think this is bad for society, because the few deliver more food to the consumers than the many used to do. We call this improved productivity. Free software would require far fewer programmers to satisfy the demand, because of increased software productivity at all levels:</p>
<p>110) Uso mais amplo de cada programa que é desenvolvido.</p>	<p>110) Wider use of each program that is developed.</p>

<p>111) A habilidade de adaptar programas para personalização em vez de começar do zero.</p>	<p>111) The ability to adapt existing programs for customization instead of starting from scratch.</p>
<p>112) Melhor [educação]₁ de programadores.</p> <p>Melhor capacitação dos programadores</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Educação = conhecimento e prática dos usos de sociedade; civilidade; polidez.</i></p>	<p>112) Better [education]₁ of programmers.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Education = conjunto de atividades pelas quais se transmite conhecimento ou habilidade a alguém; escolaridade; capacitação; treinamento.</i></p>
<p>113) A eliminação [de esforço de desenvolvimento duplicado]₁.</p> <p>A eliminação do esforço duplicado de desenvolvimento.</p> <p>1: •Tex, •Ide</p> <p><i>O sequenciamento adotado aqui ocasionou a ativação de um significado ideacional diferente daquele do TP. Aqui se fala da eliminação de um tipo de <u>esforço</u>: o de desenvolvimento duplicado, enquanto no TP se fala da eliminação da <u>duplicação</u> do esforço de desenvolvimento.</i></p>	<p>113) The elimination of [duplicate development effort]₁.</p> <p>1: •Tex, •Ide</p> <p><i>Development effort = quantidade de trabalho (de uma ou mais equipes de profissionais) necessária para realizar um determinado projeto de desenvolvimento de software, medida por hora.</i></p> <p><i>Aqui se fala da eliminação da duplicação do esforço de desenvolvimento, i.e., da eliminação da possibilidade de haver dois profissionais ou duas equipes realizando a mesma tarefa.</i></p>

<p>114) Aqueles que se opõem à cooperação [₁porque]₁ isso resultaria no emprego de menos programadores, estão na verdade se opondo à produtividade melhorada. [₂Estas mesmas pessoas normalmente concordam]₂ com a crença largamente aceita que a indústria de software precisa de produtividade melhorada. [₃Pode?]₃.</p> <p><i>Aqueles que se opõem à cooperação alegando que ela resultaria no emprego de menos programadores, (...) Como é que se explica isso?</i></p> <p>1: ≠Int AV ► ◀ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Expectativa confirmada (intratextual)</p> <p><i>Aqui, o uso de 'porque' caracteriza uma Expectativa confirmada intratextual, que estaria mais próxima de um Endosso do que de um Distanciamento.</i></p> <p>2: Ø, •Int AV ◀ ► GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p><i>O TC omite a conjunção advesativa e, desse modo não usa o marcador de contraste. A única indicação de uma contradição é a pergunta retórica do final.</i></p> <p>3: •Ide, •Int AV ► ◀ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Expectativa confirmada</p> <p><i>A pergunta aqui equivale a: é possível alguém se opor e ao mesmo tempo concordar com algo? Trata-se de uma pergunta retórica que visa obter do leitor a resposta: 'é claro que não'.</i></p>	<p>114) Those who object to cooperation [₁claiming]₁ it would result in the employment of fewer programmers are actually objecting to increased productivity. [₂<u>Yet</u> these people usually accept]₂ the widely-held belief that the software industry needs increased productivity. [₃How is this?]₃.</p> <p>1: ≠Int AV ◀ ► GRAD:Força/Compr/Heterogl/Distanciamento</p> <p>2: •Tex, ≠Int AV ► ◀ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Contra-expectativa</p> <p><i>Usando a conjunção 'yet', a voz textual indica o contraste entre as idéias expressas nas duas orações.</i></p> <p>3: •Ide, ≠Int AV ◀ ► GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade</p> <p><i>A pergunta aqui equivale a: como é (que se explica) isso? Trata-se de uma pergunta retórica que busca do leitor uma das respostas possíveis.</i></p>
<p>115) "Produtividade de Software" pode significar duas coisas diferentes: a produtividade geral de todo o desenvolvimento de software ou a produtividade de projetos individuais. Produtividade geral é o que a sociedade gostaria [₁de ver melhorada]₁ e a maneira mais direta de fazer isto é eliminar os obstáculos artificiais à cooperação que a reduzem. Mas pesquisadores que estudam a área de "produtividade de software" focam somente no [₂segundo, limitado, sentido]₂</p>	<p>115) "Software productivity" can mean two different things: the overall productivity of all software development, or the productivity of individual projects. Overall productivity is what society would like [₁to improve]₁, and the most straightforward way to do this is to eliminate the artificial obstacles to cooperation which reduce it. But researchers who study the field of "software productivity" focus only on the [₂second, limited, sense]₂ of the term, where</p>

<p>da frase, onde melhoria requer avanços tecnológicos difíceis.</p> <p><i>(...) Produtividade geral é o que a sociedade gostaria de melhorar. (...) focam somente no segundo sentido da frase, que é limitado e onde melhoria (...)</i></p> <p>1: •Ide</p> <p>2: •Tex</p> <p><i>Enquanto o TP apresenta um fluxo de informação regular, usando um sequenciamento conhecido pelo leitor, o TC apresenta um fluxo que se interrompe, ainda que por um instante, devido à necessidade de o leitor calcular o significado do que é dito, uma vez que a sequência não corresponde ao esperado.</i></p>	<p>improvement requires difficult technological advances.</p> <p>1: •Ide</p> <p>2: •Tex</p>
<p>116) A Competição É Inevitável?</p>	<p>116) Is Competition Inevitable?</p>
<p>117) É inevitável [₁ que as pessoas tentem competir, sobrepujando seus rivais em sociedade]₁? Talvez sim. Mas competição por si só não é prejudicial; o que é prejudicial é o combate.</p> <p><i>É inevitável que as pessoas tentem competir, superar seus rivais na sociedade?</i></p> <p>1: •Tex, •Ide</p> <p><i>No TC, o uso do gerúndio caracteriza uma oração subordinada adverbial final: '(...) que as pessoas tentem competir <u>para</u> sobrepujar seus rivais' que integra a subordinada completiva nominal 'que as pessoas tentem...'. Já no TP, não existe a adverbial final, mas somente a completiva nominal, onde ocorre uma explicação do que quer dizer 'compete'.</i></p> <p><i>A diferença em termos ideacionais é bem sutil.</i></p>	<p>117) Is it inevitable [₁ that people will try to <u>compete</u>, to <u>surpass</u> their rivals in society]₁? Perhaps it is. But competition itself is not harmful; the harmful thing is combat.</p> <p>1: •Tex, •Ide</p>

<p>118) Existem maneiras de competir. Competição pode consistir de tentar alcançar (sic) cada vez mais, exceder o que outros fizeram. Por exemplo, antigamente, haviam (sic) competições entre magos da programação - competição para ver quem poderia fazer o computador (sic) executar a coisa mais impressionante, ou fazer o mais curto ou mais rápido programa para uma dada tarefa. Este tipo de competição pode beneficiar a todos, contanto que o espírito esportivo seja mantido.</p> <p><i>Existem muitas maneiras de se competir.</i></p> <p>1: Ø</p>	<p>118) There are [₁ many]₁ ways to compete. Competition can consist of trying to achieve ever more, to outdo what others have done. For example, in the old days, there was competition among programming wizards - competition for who could make the computer do the most amazing thing, or for who could make the shortest or fastest program for a given task. This kind of competition can benefit everyone, as long as the spirit of good sportsmanship is maintained.</p> <p>1: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Medição → Aprec:VS+</p>
<p>119) Competição construtiva é competição suficiente para motivar pessoas a grandes esforços. [₁ Algumas pessoas]₁ estão competindo para ver quem será o primeiro a ter visitado todos os países da Terra; alguns até mesmo [₂ já gastaram]₂ fortunas tentando isso. Mas eles não subornam captães (sic) de navio para encalhar seus rivais em ilhas desertas. Eles estão satisfeitos em que vença o melhor.</p> <p><i>Várias pessoas estão competindo para ver quem será o primeiro a ter visitado todos os países da Terra; alguns chegam a gastar fortunas tentando fazê-lo. (...) Deixar que vença o melhor é para eles motivo de satisfação.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Mudança de tempo verbal.</i></p>	<p>119) Constructive competition is enough competition to motivate people to great efforts. [₁ A number of people]₁ are competing to be the first to have visited all the countries on Earth; some even [₂ spend]₂ fortunes trying to do this. But they do not bribe ship captains to strand their rivals on desert islands. They are content to let the best person win.</p> <p>1: •Ide</p> <p>2: •Ide</p>
<p>120) Competição se torna combate quando os competidores começam a tentar [₁ impedir um ao outro de avançar]₁ - quando o "que vença o melhor" dá lugar ao "que eu vença, sendo ou não o melhor". Software proprietário é prejudicial, não porque seja uma forma de competição, mas porque é uma forma de combate entre cidadãos da nossa sociedade.</p>	<p>120) Competition becomes combat when the competitors begin trying to [₁ impede each other]₁ [₂ instead of advancing themselves]₂ - when "Let the best person win" gives way to "Let me win, best or not". Proprietary software is harmful, not because it is a form of competition, but because it is a form of combat among the citizens of our society.</p>

<p>Competição se torna combate quando os competidores começam a tentar retardar um ao outro ao invés de acelerarem o próprio passo (...)</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Diferença de refinamento (delicacy)</i></p> <p>2: Ø</p>	<p>1: •Ide</p> <p>2: •Ide, ≠Int AV ►◀ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Negação (intratextual)</p>
<p>121) Competição [1 em negócios]1 não é necessariamente combate. Por exemplo, quando duas mercearias competem, todo seu esforço é para melhorar as suas próprias operações, não para sabotar a rival. Mas isto não demonstra um compromisso especial com a [2 ética de negócios]2; em vez disso, há pouco espaço para combate nesta linha de negócio a não ser violência física. Nem todas as [3 áreas de negócio]3 compartilham esta característica[4: ocultar informação que poderia ajudar o avanço de todos é uma forma de combate]4.</p> <p>Competição nos negócios/no comércio não é necessariamente combate. (...) Mas isso não demonstra um compromisso especial com a ética dos negócios. (...) Nem todas as áreas do comércio compartilham esta característica. Ocultar informação que poderia ajudar o avanço de todos é uma forma de combate.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>“Competição em negócios” sugere “competição em um negócio qualquer”. Aqui a competição se insere em um campo não muito bem definido.</i></p> <p>2: •Ide</p> <p><i>“Ética de negócios” sugere um tipo de ética. Sugere que o que se quer dizer é: não há um compromisso especial com qualquer ética que seja do tipo “de negócios”.</i></p>	<p>121) Competition [1 in business]1 is not necessarily combat. For example, when two grocery stores compete, their entire effort is to improve their own operations, not to sabotage the rival. But this does not demonstrate a special commitment to [2 business ethics]2; rather, there is little scope for combat in this line of business short of physical violence. Not all [3 areas of business]3 share this characteristic[4. Withholding information that could help everyone advance is a form of combat]4.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>“Competition in business” indica a competição que acontece no campo definido do comércio, dos negócios enquanto elementos componentes do conjunto “comércio”.</i></p> <p>2: •Ide</p> <p><i>“Business ethics” particulariza uma determinada ética: a que diz respeito aos negócios/ao comércio. Em português, se faz necessário usar o artigo para indicar que tal ética se inscreve em um campo bem delimitado: o dos “dos negócios/do comércio”.</i></p>

<p>3: •Ide</p> <p><i>“Áreas de negócio” são um tipo de área: aquele que se refere a “negócio”. O que se está dizendo é: “nem todas as áreas do tipo “de negócio” compartilham essa característica”.</i></p> <p>4: •Ide, •Tex</p> <p><i>Aqui o uso de dois pontos transforma dois períodos num só e sugere que o que vem depois dos dois pontos explica o que vem antes, o que não é o caso no TP.</i></p>	<p>3: •Ide</p> <p><i>“Areas of business” são áreas que compõem o conjunto “comércio”. Partes e todo estão bem definidos.</i></p> <p>4: •Ide, •Tex</p>
<p>122) [₁Ideologia de negócios]₁ não prepara pessoas para resistir à tentação de [₂combater na competição]₂. Algumas formas de combate [₃tem sido]₃ banidas com leis anti-truste, leis que exigem a verdade em anúncios, e assim por diante, mas em vez de generalizar isto para obter um princípio de rejeição ao combate em geral, executivos inventam outras formas de combate que não são especificamente proibidas. Os recursos da sociedade são [₄gastos]₄ no equivalente econômico da guerra civil faccionária.</p> <p><i>A ideologia do comércio não prepara as pessoas para resistir à tentação de lutar contra a competição. Algumas formas de combate foram proibidas (...) Os recursos da sociedade são dilapidados no equivalente a uma guerra civil separatista/guerra civil entre facções no meio econômico.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>“Ideologia de negócios” sugere um tipo de ideologia. É como se estivesse dizendo: Qualquer ideologia que seja do tipo “de negócios” é incapaz de preparar as pessoas (...)</i></p>	<p>122) [₁Business ideology]₁ does not prepare people to resist the temptation to [₂combat the competition]₂. Some forms of combat [₃have been]₃ banned with anti-trust laws, truth in advertising laws, and so on, but rather than generalizing this to a principled rejection of combat in general, executives invent other forms of combat which are not specifically prohibited. Society's resources are [₄squandered]₄ on the economic equivalent of factional civil war.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>“Business ideology” particulariza uma determinada ideologia: a que diz respeito aos negócios/ao comércio. Em português, se faz necessário usar o artigo, tanto para definir que se está falando de uma entidade e não de uma classe: “a ideologia”, e que tal entidade se refere a uma outra entidade definida: “dos negócios/do comércio”.</i></p>

<p>2: •Ide</p> <p><i>Combater na competição: combater ao competir, i.e., transformar uma competição num combate. Aqui, combater = sabotar, prejudicar o concorrente. Eles não são preparados pela ideologia do comércio para resistir ao impulso de se voltar uns contra os outros, tentando atrapalhar o concorrente.</i></p> <p>3: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de aspecto verbal.</i></p> <p><i>No português, o tempo composto indica uma ação que se prolonga do passado até o presente, sem ter sido concluída.</i></p> <p>4: •Ide, •Int AV ► (ausência de Realce) Atit Evoc → Julg:Cond-</p> <p><i>Gastar = consumir, esgotar, exaurir.</i></p>	<p>2: •Ide</p> <p><i>Combater a competição: lutar contra, se opor a. Aqui, combater = contestar, questionar. A ideologia não os prepara para resistir ao impulso de se voltar contra a prática da competição (saudável).</i></p> <p>3: ≠Ide</p> <p><i>O present perfect indica uma ação concluída sem mencionar quando exatamente foi concluída.</i></p> <p>4: •Ide, •Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Evoc/Realce → Julg:Cond-</p> <p><i>Squander = gastar inutilmente, desperdiçar, dissipar.</i></p>
<p>123) "Porque Você Não Se Muda Pra Rússia?".</p>	<p>123) "Why Don't You Move to Russia?".</p>
<p>124) Nos Estados Unidos, qualquer um que defenda outra coisa que não a mais extrema [1 forma de política egoísta de não intervencionismo]1 [2 tem ouvido frequentemente]2 esta acusação. Por exemplo, [3 é dito isso]3 aos que defendem um sistema de saúde nacional, tal como os (sic) encontrado em todas as outras nações industrializadas do mundo livre. [4 Também]4 [5 dizem isso]5 aos que defendem o [6 suporte público]6 para as artes, também universal em nações desenvolvidas. A idéia que cidadãos tenham qualquer obrigação para com o bem público é identificada nos Estados Unidos como Comunismo. Mas quão similar são estas idéias?</p>	<p>124) In the United States, any advocate of other than the most extreme [1 form of laissez-faire selfishness]1 [2 has often heard]2 this accusation. For example, [3 it is leveled against]3 the supporters of a national health care system, such as is found in all the other industrialized nations of the free world. [5 It is leveled against]5 the advocates of [6 public support]6 for the arts, also universal in advanced nations. The idea that citizens have any obligation to the public good is identified in America with Communism. But how similar are these ideas?</p>

Nos Estados Unidos, qualquer um que defenda outra coisa que não a mais extrema forma de egoísmo liberalista ouviu repetidas vezes esta acusação. Por exemplo, esta acusação é lançada aos que defendem um sistema de saúde nacional (...) Ela é lançada aos que defendem subvenção pública para as artes (...)

1: •Ide

Aqui, o agente defende outro tipo de coisa, e, portanto torna-se diferente.

2: ≠Ide

Mudança de aspecto verbal.

3: •Ide, ▼ (ausência de Realce)(ausência de Atitude)

4: •Tex

5: •Ide, ▼ (ausência de Realce) (ausência de Atitude)

Veja o item 3 acima.

6: •Ide

Veja o §103.

1: •Ide

2: •Ide

3: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Realce → Julg:Cond-

To level against = dirigir uma acusação a alguém de modo enfático ou enérgico.

4: Ø

5: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Evoc/Realce → Julg:Cond-

6: •Ide

<p>125) Comunismo como praticado na União Soviética era um sistema de controle central onde toda atividade era regimentada, supostamente para o bem comum, mas na prática em prol dos membros do partido Comunista. E onde os equipamentos de cópia eram [1guardados herméticamente (sic)]1 para evitar cópias ilegais.</p> <p><i>O comunismo como era praticado na União Soviética era um sistema de controle central onde toda atividade era regimentada, supostamente (...) E onde os equipamentos de cópia eram vigiados de perto para se evitar a cópia ilegal.</i></p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Intensidade Extra → Julg:Pers+</p> <p><i>Guardado hermeticamente = mantido em lugar inteiramente fechado, de maneira que não deixe penetrar o ar. Em sentido figurado, guardado de modo a não permitir que nada/ninguém saia ou entre.</i></p>	<p>125) Communism as was practiced in the Soviet Union was a system of central control where all activity was regimented, supposedly for the common good, but actually for the sake of the members of the Communist party. And where copying equipment was [1closely guarded]1 to prevent illegal copying.</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Intensidade → Julg:Pers+</p> <p><i>Closely guarded = guardado de modo rigoroso, completo.</i></p>
<p>126) O sistema Americano de [1propriedade intelectual]1 exerce um controle central sobre a distribuição de um programa, e guarda os equipamentos de cópia com esquemas de proteção contra cópia automáticos para evitar a cópia ilegal.</p> <p><i>O sistema americano de propriedade intelectual de software exerce (...)</i></p> <p>1: ≠Ide</p> <p><i>Diferença de refinamento (delicacy)</i></p>	<p>126) The American system of [1software copyright]1 exercises central control over distribution of a program, and guards copying equipment with automatic copying-protection schemes to prevent illegal copying.</p> <p>1: ≠Ide</p>
<p>127) Em contraste, eu estou trabalhando para construir um sistema onde pessoas são livres para decidir suas próprias ações; em particular, livres para ajudar seus companheiros, e livres para alterar e melhorar as ferramentas que elas usam no seu cotidiano. Um sistema baseado em cooperação voluntária e descentralização.</p>	<p>127) By contrast, I am working to build a system where people are free to decide their own actions; in particular, free to help their neighbors, and free to alter and improve the tools which they use in their daily lives. A system based on voluntary cooperation and on decentralization.</p>

<p>128) Assim, se nós temos que julgar pontos de vista pelas suas semelhanças com o Comunismo Russo, são os proprietários de software que são os Comunistas.</p>	<p>128) Thus, if we are to judge views by their resemblance to Russian Communism, it is the software owners who are the Communists.</p>
<p>129) A Questão das Premissas.</p>	<p>129) The Question of Premises.</p>
<p>130) Eu assumo neste documento que um usuário de software não é menos importante que um autor, ou até mesmo que o empregador de um autor. Em outras palavras, seus interesses e necessidades têm igual peso, quando nós decidimos que [1 curso de ação]1 é melhor.</p> <p><i>(...) quando nós decidimos qual o melhor modo de agir.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Curso de ação = ??</i></p>	<p>130) I make the assumption in this paper that a user of software is no less important than an author, or even an author's employer. In other words, their interests and needs have equal weight, when we decide which [1 course of action]1 is best.</p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Course of action = modo de agir.</i></p>
<p>131) Esta premissa não é universalmente aceita. Muitos mantêm que um empregador de autor é fundamentalmente mais importante que qualquer um. Eles dizem, por exemplo, que o propósito de ter proprietários de software é dar ao empregador do autor a vantagem que ele merece - sem levar em consideração como isto pode afetar o público.</p>	<p>131) This premise is not universally accepted. Many maintain that an author's employer is fundamentally more important than anyone else. They say, for example, that the purpose of having owners of software is to give the author's employer the advantage he deserves - regardless of how this may affect the public.</p>
<p>132) [1 Não é comum]1 tentar provar ou [2 desaprovar]2 estas premissas. Prova requer premissas compartilhadas. Sendo assim a maior parte [3 do que eu disse]3 é somente para aqueles que compartilham as premissas que eu adoto, ou pelo menos estão interessados em quais são suas conseqüências. Para aqueles que acreditam que os proprietários são mais importantes que todos os demais, este [4 documento]4 é irrelevante.</p>	<p>132) [1 It is no use]1 trying to prove or [2 disprove]2 these premises. Proof requires shared premises. So most [2 of what I have to say]2 is addressed only to those who share the premises I use, or at least are interested in what their consequences are. For those who believe that the owners are more important than everyone else, this [4 paper]4 is [5 simply]5 irrelevant.</p>

<p><i>Não adianta tentar provar ou refutar estas premissas. (...) a maior parte do que eu tenho a dizer se dirige exclusivamente àqueles que compartilham das premissas que eu adoto (...) Para aqueles que acreditam que os proprietários são mais importantes que qualquer outra pessoa, este artigo é totalmente irrelevante.</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Não é comum = não é habitual, normal, usual.</i></p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Desaprovar = não aprovar, não considerar bom, censurar, reprovar.</i></p> <p>3: ≠Ide</p> <p>4: •Ide</p> <p><i>Documento = qualquer base de conhecimento, fixada materialmente e disposta de maneira que se possa utilizar para consulta.</i></p> <p>5: Ø</p>	<p>1: ≠Ide</p> <p><i>It is no use = não adianta, não vale a pena.</i></p> <p>2: •Ide</p> <p><i>Disprove = provar ser falso, refutar.</i></p> <p>3: •Ide</p> <p>4: •Ide</p> <p><i>Paper = artigo.</i></p> <p>5: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Medição Extra → Aprec:Qual-</p> <p><i>Simply = absolutamente, completamente.</i></p>
<p>133) Mas porque um grande número de Americanos iria aceitar uma premissa que eleva certas pessoas em importância acima de todos os outros? Parcialmente por causa do [₁credo]₁ que esta premissa é parte das tradições legais da sociedade Americana. Algumas pessoas sentem que duvidar da premissa significa desafiar as bases da sociedade.</p>	<p>133) But why would a large number of Americans accept a premise that elevates certain people in importance above everyone else? Partly because of the [₁belief]₁ that this premise is part of the legal traditions of American society. Some people feel that doubting the premise means challenging the basis of society.</p>

<p><i>Parcialmente por causa da crença de que esta premissa é parte (...)</i></p> <p>1: •Ide</p> <p><i>Credo = preceitos ou normas por que se rege uma pessoa, um partido, uma seita, etc.</i></p>	<p>1: •Ide</p> <p><i>Belief = aceitação/convicção da verdade/validade de algo.</i></p>
<p>134) É importante para estas pessoas saber que esta premissa não é parte da nossa tradição legal. Nem nunca foi.</p>	<p>134) It is important for these people to know that this premise is not part of our legal tradition. It never has been.</p>
<p>135) Assim, a Constituição diz que o propósito do copyright é "promover o progresso da ciência e das artes úteis". A Suprema Corte foi além disso, afirmando em "Fox Film vs Doyal" que "O único interesse dos Estados Unidos e o principal objetivo em conferir o monopólio de copyright reside nos benefícios derivados pelo público a partir do trabalho dos autores".</p> <p><i>(...) o principal objetivo ao se conferir o monopólio de copyright reside nos benefícios gerais derivados pelo público (...)</i></p> <p>1: Ø</p>	<p>135) Thus, the Constitution says that the purpose of copyright is to "promote the progress of science and the useful arts." The Supreme Court has elaborated on this, stating in 'Fox Film vs. Doyal' that "The sole interest of the United States and the primary object in conferring the copyright monopoly lie in the [1general]1 benefits derived by the public from the labors of authors".</p> <p>1: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Foco/Atit Evoc/Especificidade → Aprec:VS+</p> <p><i>General = não restritos a ou relativos a um único tipo de coisa; diversificado.</i></p>
<p>136) Nós não temos que concordar com a Constituição ou com a Suprema Corte. (Uma vez, ambas [1perdoaram]1 a escravidão). Sendo assim suas posições não [2desaprovam]2 a premissa da supremacia do proprietário. Mas eu espero que o [3anúncio]3 que isto é uma [4concepção]4 radical direitista em vez de uma tradicionalmente reconhecida venha enfraquecer seu apelo.</p>	<p>136) We are not required to agree with the Constitution or the Supreme Court. (At one time, they both [1condoned]1 slavery). So their positions do not [2disprove]2 the owner supremacy premise. But I hope that the [3awareness]3 that this is a radical right-wing [4assumption]4 rather than a traditionally recognized one will weaken its appeal.</p>

(...) (Uma vez, ambas fizeram vista grossa para a escravidão). Sendo assim suas posturas não invalidam a premissa da supremacia do proprietário. Mas eu espero que a consciência de que esse é um pressuposto da extrema direita/conservador radical ao invés de um pressuposto tradicionalmente aceito venha a enfraquecer o seu apelo.

1: •Ide, •Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Cond-

A graduação é:

▲ *perdoar (aceitação total); anistiar, absolver*

► *“condone” = fazer vista grossa, deixar passar, fechar os olhos para uma ofensa séria (perdão implícito)*

▼ *tolerar, transigir (não existe perdão mas o mal é visto como necessário)*

2: •Ide

Veja o §132.

3: •Ide

Anúncio = notícia ou aviso pelo qual se dá qualquer coisa ao conhecimento público.

4: ≠Ide, ≠Int AV ▼ (ausência de realce) Atit Evoc → Aprec:VS-
Veja o §12.

1: •Ide, •Int AV ► GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Cond-

2: •Ide

3: •Ide

Awareness = consciência.

4: ≠Ide, •Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Evoc/Realce → Aprec:VS-

<p>137) Conclusão</p> <p>Nós gostamos de pensar que nossa sociedade estimula o [auxílio mútuo]₁; mas cada vez que nós recompensamos alguém pelo seu obstrucionismo, ou o admiramos pela riqueza que ele ganhou deste modo, nós estamos enviando a mensagem oposta.</p> <p><i>Nós gostamos de pensar que nossa sociedade estimula o ato de ajudar ao próximo. (...)</i></p> <p>1: • Ide</p> <p><i>Aqui se fala do possível estímulo da sociedade à ajuda simultânea entre as pessoas (mútua), i.e., ao “dar e receber”.</i></p>	<p>137) Conclusion</p> <p>We like to think that our society encourages [helping your neighbor]₁; but each time we reward someone for obstructionism, or admire them for the wealth they have gained in this way, we are sending the opposite message.</p> <p>1: • Ide</p> <p><i>Aqui se fala do possível estímulo da sociedade à ajuda que alguém dá a seu próximo.</i></p>
<p>138) O [entesouramento]₁ de software é uma faceta da nossa disposição geral de [desrespeitar]₂ o bem estar social em prol do ganho pessoal. Nós podemos [vir acompanhando]₃ este [desrespeito]₄ desde Ronald Reagan a Jim Bakker, desde Ivan Boesky a Exxon, desde [a falência dos bancos]₅ [à falência das escolas]₆. Podemos medir isto pelo tamanho da população sem-teto e da população carcerária. Este espírito anti-social alimenta a si mesmo; porque quanto mais nós vemos que outras pessoas não irão nos ajudar, mais nos parece fútil ajudá-las. Assim a sociedade [vai decaindo até se tornar uma selva]₇.</p> <p><i>A monopolização de software é uma faceta da nossa disposição geral de deixar de lado o bem-estar social em prol do ganho pessoal. Nós podemos traçar o curso desta indiferença de Ronald Reagan a Jim Bakker, de Ivan Boesky a Exxon, dos bancos em estado de falência às escolas em estado de falência. Podemos medi-lo (...)</i> O espírito anti-social alimenta a si mesmo (...) <i>Assim, a sociedade se degenera em selva.</i></p>	<p>138) Software [hoarding]₁ is one form of our general willingness to [disregard]₂ the welfare of society for personal gain. We can [trace]₃ this [disregard]₄ from Ronald Reagan to Jim Bakker, from Ivan Boesky to Exxon, from [failing banks]₅ to [failing schools]₆. We can measure it with the size of the homeless population and the prison population. The antisocial spirit feeds on itself, because the more we see that other people will not help us, the more it seems futile to help them. Thus society [decays into a jungle]₇.</p>

<p>1: •Int Env <i>Veja o §66.</i></p> <p>2: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Cond-</p> <p><i>O uso de “desrespeitar” sugere a ocorrência de uma ação negativa: faltar com o respeito/ com a devida atenção.</i> <i>A graduação é:</i> ▲ <i>desrespeitar, desacatar, afrontar, profanar</i> ▶ <i>desaprovar</i> ▼ <i>disregard = ignorar</i></p> <p>3: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de aspecto verbal.</i></p> <p>4: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Cond- <i>Veja o item 2 acima.</i></p> <p>5: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Foco/Atit Evoc/Compleitude → Aprec:VS-</p> <p><i>Falência = ato ou efeito de falir, quebra. No TC, portanto, os bancos estão falidos.</i></p> <p>6: •Ide, ≠Int AV ▲GRAD:Foco/Atit Evoc/Compleitude → Aprec:VS-</p> <p>7: ≠Ide</p> <p><i>Mudança de aspecto verbal.</i></p>	<p>1: ausência de sinalização de Env</p> <p>2: •Ide, •Int AV ▼GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Cond-</p> <p><i>O uso de “disregard” sugere a ausência de uma ação positiva, i.e., “regard” = prestar atenção, considerar.</i></p> <p>3: ≠Ide</p> <p>4: •Ide, •Int AV ▼GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Cond-</p> <p>5: •Ide, ≠Int AV ▼GRAD:Foco/Atit Evoc/Compleitude → Aprec:VS-</p> <p><i>Failing = em processo de falência. No TP, portanto, os bancos ainda não faliram totalmente.</i></p> <p>6: •Ide, ≠Int AV ▼GRAD:Foco/Atit Evoc/Compleitude → Aprec:VS-</p> <p>7: ≠Ide</p>
---	---

<p>139) Se nós não queremos viver numa selva, devemos mudar nossas atitudes. Devemos começar enviando a mensagem que um bom cidadão é um que coopera quando apropriado, não um que [1 é bem sucedido tirando dos outros]1. Eu espero que o movimento pelo software livre contribua para isto: pelo menos em uma área nós iremos substituir a selva por um sistema mais eficiente que encoraja e [2 confia]2 na cooperação voluntária.</p> <p>(...) Devemos começar enviando a mensagem de que um bom cidadão é alguém que coopera quando apropriado e não alguém que tira dos outros com sucesso. (...) pelo menos em uma área nós vamos substituir a selva por um sistema mais eficiente que encoraja e que se mantém através de cooperação voluntária.</p> <p>1: •Tex, •Ide, •Int AV ►GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Dest-</p> <p><i>Bem-sucedido = próspero, vitorioso, homem/mulher de sucesso.</i></p> <p><i>O uso do gerúndio indica que 'tirar dos outros' é o modo pelo qual se é bem-sucedido (=próspero).</i></p> <p><i>A graduação é:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> ▲ milionário, nadando em dinheiro ► successful, bem sucedido, próspero ▼ bem de vida <p>2: •Ide</p> <p><i>Confiar = ter fé/acreditar em.</i></p>	<p>139) If we don't want to live in a jungle, we must change our attitudes. We must start sending the message that a good citizen is one who cooperates when appropriate, not one who [1 is successful at taking from others]1. I hope that the free software movement will contribute to this: at least in one area, we will replace the jungle with a more efficient system which encourages and [2 runs on]2 voluntary cooperation.</p> <p>1: •Tex, •Ide, •Int AV ►GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Julg:Cond- <i>Successful at x= que teve bom sucesso na atividade x.</i></p> <p>2: ≠Ide</p> <p><i>Run = continuar, prosseguir.</i></p>
<p>140) Notas de Rodapé. 1-A palavra "free" em "free software" refere-se à liberdade, e não ao preço. O preço pago por uma cópia de um "free software" pode ser zero, ou pequeno, ou (raramente) bem grande.</p>	<p>140) Footnotes. 1.The word "free" in "free software" refers to freedom, not to price; the price paid for a copy of a free program may be zero, or small, or (rarely) quite large.</p>

141) 2-Os problemas da poluição e do congestionamento não alteram esta conclusão. Se nós desejamos tornar o ato de guiar mais caro para desencorajá-lo em geral, é desvantajoso fazer isto usando pedágios, que contribuem tanto para a poluição quanto para o congestionamento. Um imposto sobre a gasolina é muito melhor. Da mesma forma, um desejo de [1melhorar]1 a segurança limitando a velocidade máxima não é relevante; a [2via]2 de acesso livre [3melhora]3 a velocidade média evitando paradas e atrasos, para qualquer limite de velocidade dado.

(...) Da mesma forma, um desejo de aumentar a segurança limitando a velocidade máxima não vem ao caso; uma estrada de acesso livre aumenta a velocidade média ao evitar paradas e atrasos, para qualquer limite de velocidade estabelecido.

1: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec: VS+

Melhorar = tornar melhor (= mais bom). O que seriam uma segurança e uma velocidade melhores? Depende do ponto de vista: pode ser mais ou menos.

A graduação é:

▲ *aperfeiçoar*

► *melhorar*

▼ *favorecer, ajudar*

2: •Ide

Veja o §21.

3: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Graduação → Aprec:VS+

Veja o item 1 acima.

141) 2.The issues of pollution and traffic congestion do not alter this conclusion. If we wish to make driving more expensive to discourage driving in general, it is disadvantageous to do this using toll booths, which contribute to both pollution and congestion. A tax on gasoline is much better. Likewise, a desire to [1enhance]1 safety by limiting maximum speed is not relevant; a free-access [2road]2 [3enhances]3 the average speed by avoiding stops and delays, for any given speed limit.

1: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec: VS+

Enhance = tornar maior (= mais grande), aumentar.

2: •Ide

3: •Ide, •Int AV ▲GRAD:Força/Atit Expl/Medição → Aprec:VS+

142) 3-Alguém poderia [1_observar]1 que um programa de computador em particular é uma coisa prejudicial e que não deveria estar disponível, como a base de dados de informações pessoais Lotus Marketplace, que foi retirada de venda devido à desaprovação pública. A maior parte do que eu digo não se aplica a este caso, mas faz pouco sentido argumentar que seria bom ter um proprietário porque ele [3_tornaria]3 o programa menos disponível. O proprietário [4_não o tornaria]4 completamente não disponível, como seria desejável no caso de um programa cujo uso [5_fosse]5 considerado destrutivo.

Alguém poderia considerar um programa de computador em particular uma coisa prejudicial que não deveria estar disponível de maneira nenhuma, (...) mas faz pouco sentido argumentar que seria bom ter um proprietário porque ele torna o programa menos disponível. O proprietário não torna o programa totalmente indisponível, como seria desejável no caso de um programa cujo uso é considerado catastrófico.

1: •Ide

Observar que = notar, atentar para o fato de que.

2: Ø

3: •Ide, ≠Int AV ▼ ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade

4: •Ide, ≠Int AV ▶ ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade (negativa)

5: •Ide, ≠Int AV ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/ Probabilidade

142) 3.One might [1_regard]1 a particular computer program as a harmful thing that should not be available [2_at all]2, like the Lotus Marketplace database of personal information, which was withdrawn from sale due to public disapproval. Most of what I say does not apply to this case, but it makes little sense to argue for having an owner on the grounds that the owner [3_will make]3 the program less available. The owner [4_will not make]4 it completely unavailable, as one would wish in the case of a program whose use [5_is]5 considered destructive.

1: •Ide

Regard = considerar.

2: ≠Int AV ▲ GRAD:Força/Atit Expl/Universalização → Aprec:VS-

3: •Ide, ≠Int AV ▶ ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heterogl/Probabilidade

4: •Ide, ≠Int AV ▲ ◀ ▶ GRAD:Força/Compr/Heteroglossia/Probabilidade (negativa)

5: •Ide, ≠Int AV ■ GRAD:Força/Compr/Monogl

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)